Instituto Sedes Sapientiae

Conselho de Direção do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae – gestão 2021/2023
Danielle Melanie Breyton (Relações Externas), Elcio Gonçalves de Oliveira Filho (Comissão de Admissão), Maria Cristina Petry Barros Martinha (Relações Internas), Maria de Fátima Vicente (Eventos), Paula Patricia S.N. Francisquetti (Cursos), Paulina Scmidthauer B. Rocha (Clínica e Instituições), Silvia Maria de Moraes Gonçalves (Transmissão, Pesquisa e Intervenções Externas), Silvia Nogueira de Carvalho (Publicação e Comunicação), Solange Maria Santos Oliveira (Administração e Finanças), Tide Setubal Souza (Formação Contínua)

Percurso
REVISTA DE PSICANÁLISE : ANO XXXV: DEZEMBRO DE 2022

Conselho Editorial
Cleusa Pavan, Eugenio Canesin Dal Molin, Luciana Cartocci, Marcia R. Bozon de Campos, Maria Aparecida Kfouri Aidar, Maria de Lourdes Caleiro Costa, Maria do Carmo Vidigal M. Dittmar (Lila) e Marina Bialer.

Grupo de Entrevistas
Ana Claudia Patitucci, Bela M. Sister, Cristina Parada Franch, Danielle Melanie Breyton, Deborah Joan de Cardoso, Silvio Hotimsky, Tatiana Inglez Mazzarella

Grupo de Debates
Cristiane Curi Abud, Gisela Haddad, Ivy Semiguem, Thiago Majolo, Vera Blondina Zimmermann.

Grupo de Debates Clínicos
Beatriz Mendes Coroa, Paula Peron, Sérgio Telles (coordenador)

Conselho Editorial de Resenhas
Camila Salles Gonçalves (coordenadora), Janaina Namba, Lia Novaes Serra, Sérgio Telles, Susan Markuszwover

Tesouraria
Elcio Gonçalves de Oliveira Filho

Conselho Científico, Consultores *ad hoc*
Abrão Slavutzky (*Porto Alegre*), Ana Cecília Carvalho (*Universidade Federal de Minas Gerais*), Ana Helena de Staal (*Paris*), Arthur Nestrovsky (*São Paulo*), Benny Lafer (*Universidade de São Paulo*), Daniel Orlievsky (*Universidade de Buenos Aires*), David Levisky (*Sociedade de Psicanálise de São Paulo*), Dominique Fingermann (*Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano*), Elias M. da Rocha Barros (*Sociedade de Psicanálise de São Paulo*), Gilda Sobral Pinto (*Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro*), Heitor O'Dwyer de Macedo (*Quatrième Groupe*), Inês Marques (*Société Psychanalytique de Paris*), João A. Frayze-Pereira (*Universidade de São Paulo*), Joel Birman (*Universidade Estadual do Rio de Janeiro*), Luís Celes (*Universidade de Brasília*), Luis Cláudio Figueiredo (*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*), Luiz Eduardo Prado de Oliveira (*Quatrième Groupe*), Marcelo Marques (*Association Psychanalytique de France*), Marcia Neder Bacha (*Universidade Federal do Mato Grosso do Sul*), Maria Helena Fernandes (*Instituto Sedes Sapientiae*), Maria Rita Kehl (*Associação Psicanalítica de Porto Alegre*), Marlise Bassani (*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*), Nélson Coelho Jr. (*Universidade de São Paulo*), Purificación Barcia Gomes (*Instituto Sedes Sapientiae*), Rosine Perelberg (*British Psychoanalytic Society*), Urania Tourinho Peres (*Colégio de Psicanálise da Bahia*)

Linha editorial
Percurso é publicada pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. É uma revista científica dedicada ao avanço dos conhecimentos psicanalíticos em suas vertentes clínica, teórica, metodológica e epistemológica. Visando a estimular o debate entre as várias correntes da Psicanálise, aceitamos trabalhos de todas as orientações, tanto de membros do Departamento quanto de colegas de outras instituições brasileiras e estrangeiras. Pautamo-nos por um ideal exigente de qualidade científica, literária e estética, pela abertura às inovações consistentes, pelo respeito à complexidade da vida psíquica e dos fenômenos socioculturais, pela recusa do dogmatismo, da intolerância e dos reducionismos, pelo diálogo com as áreas conexas. Acreditamos que o pensamento crítico contribui para libertar o espírito das amarras que o prendem à ignorância e ao sofrimento. Como disse Freud, "a voz da razão é suave, mas termina por se fazer ouvir".

Revisão
Gae Breyton • Tel.: (11) 9 9909-8733 • gae.breyton@gmail.com

Projeto e produção gráfica
Sergio Kon • A Máquina de Ideias • Tel.: (11) 3062-6086 • amaquina@aclnet.com.br

Assinaturas
Angela Maria Vitorio • Tel./Fax: (11) 3081-4851 • percurso@uol.com.br

Capa
Fernando Correia. *Porta*. Acrílica sobre tela, 1,20 x 1,10 m, 2013 • fecorreia2016@bol.com.br

Coordenação editorial
Renato Mezan • Rua Amália de Noronha, 198 • 05410-010 São Paulo • Tel./Fax: (11) 3081-4851

Recepção de originais para publicação
Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (Claudia Dametta) • Rua Ministro Godoy, 1484 • 05015-900 São Paulo SP Brasil

Grafia atualizada segundo o Novo Acordo Ortográfico.
Site na Internet: http//revistapercurso.uol.com.br • e-mail: percurso@uol.com.br
Percurso é indexada na base de dados BIVIPSI.

Instituto Sedes Sapientiae
R. Ministro de Godoy, 1484
05015-900 São Paulo SP
Tel.: (11) 3866-2730
Secretária do Departamento:
Claudia Dametta
deptodepsicanalise@sedes.org.br

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 1 01/06/2023 08:34:35

Psicanálise,
o futuro de uma des-ilusão

Percurso 69
REVISTA DE PSICANÁLISE : ANO XXXV : DEZEMBRO DE 2000

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 2 01/06/2023 08:34:35

Sumário
Table of contents

7 Editorial
Letter from the editors

TEXTOS
PAPERS

9 Psicopatologia psicanalítica e clínica contemporânea: histórias e perspectivas
Psychoanalytic psychopathology and contemporary clinic: stories and perspectives
Mario Pablo Fuks

17 Psicanálise, o futuro de uma des-ilusão
Psychoanalysis, the future of a dis-illusion
Mario Pablo Fuks

25 Minto, logo existo
I lie, therefore I am
Radmila Zygouris

35 "F for fake": verdades, mentiras, ficções
"F for fake": truths, lies, fictions
Silvia Nogueira de Carvalho

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 3 01/06/2023 08:34:35

43 Da droga à palavra: as letras da sexualidade em um caso de toxicomania
From drugs to the words: the letters of sexuality in a case of toxicomania
Alencar Venâncio Silva Tognon • Elcio Gonçalves

ENTREVISTA
INTERVIEW 53 A distância necessária
The necessary distance
Roosevelt Cassorla

DEBATE
DEBATE 69 A potência da psicanálise como dispositivo para o (fazer) político
The power of psychoanalysis as a device for (doing) politics
Emília Estivalet Broide e Jorge Broide • ClínicAberta de Psicanálise de Santos • Mayarê Baldini • Tales Ab´Sáber

DEBATE CLÍNICO
CLINICAL DEBATE 81 Um ninho para um segredo
A nest for a secret
Maria Helena Fernandes • Ruth Blay Levisky • Fábio Belo

LEITURAS
BOOK REVIEWS 97 A Claridade do Sol e os Brotos da Batata [Hegel e Lacan: Cinco Conferências em Filosofia da Psicanálise]
Sunshine and potato sprouts
João José R. L. de Almeida

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 4 01/06/2023 08:34:35

101 O Caso Hermes [O caso Hermes: a dimensão política de uma intervenção psicológica em creche: um estudo em psicologia institucional]
The Hermes Case
Marina Bialer

104 Lou Andreas-Salomé: síntese, totalidade, unidade [Sobre o tipo feminino e outros textos]
Lou Andreas-Salomé: synthesis, totality, unity
Munique Gaio Filla

109 Começar do princípio, para o bebê, e voltar ao princípio, para seus pais, interrompendo o mortífero do transgeracional [Fronteiras da parentalidade e recursos auxiliares]
Starting at the beginning, for the baby, and going back to the beginning, for his parents, interrupting the deathly in transgenerational
Eloisa Tavares de Lacerda

113 Do indizível [Pai, você vai chorar se eu morrer?]
Of the unspeakable
Denise Maria Cardoso Cardellini

116 A segunda espada, de Peter Handke [A Segunda Espada]
The Second Sword by Peter Hanke
Sérgio Telles

119 Ovo de serpente e novelo de Ariadne: o sertão é o Brasil [Entre integralistas e nazistas – racismo, educação e autoritarismo no Sertão de São Paulo]
Serpent's egg and Ariadne's ball: the sertão is Brazil
Tânia Corghi Veríssimo

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 5 01/06/2023 08:34:35

125 A vida quer viver [Ressonâncias da clínica e da cultura]
Life wants to live
Renata Cromberg

131 Colaboradores deste número
Contributors to this issue

133 Normas para envio de artigos e resenhas
Rules for contributors

143 Para assinar *Percurso*
How to subscribe to Percurso

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 6 01/06/2023 08:34:35

Editorial

Falar de Mário Fuks é falar da história do Departamento de Psicanálise, do legado que nos deixou. Mario faleceu em 05 de dezembro de 2022 e queremos manter viva sua memória, seu compromisso com a psicanálise implicada, política, aberta ao seu tempo, sempre em movimento. Mário foi um dos fundadores do Departamento e de dois de nossos cursos, sempre ativo em seu trabalho de transmissão.

Neste número de Percurso, Mario fala.

Dedicamo-nos a uma saudosa homenagem através da publicação de dois artigos que, em tempos diferentes, ressaltam a posição que ele defendeu ao longo de toda sua trajetória, a do engajamento clínico-ético-político no campo psicanalítico. Em se tratando de sofrimentos, são indissociáveis as abordagens psicanalítica, política e institucional capazes de gerar a abertura de espaços democráticos.

O texto "Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea: Histórias e Perspectivas" (2022) traz um pouco da história de Mario como psicanalista, uma retomada em que entrelaça a história do Curso de mesmo nome, do Departamento de Psicanálise do Sedes e das teorias psicanalíticas em mutação, com a história do engajamento dos psicanalistas de nosso Departamento na Saúde Pública e nos acontecimentos sociais e políticos nos últimos 25 anos.

Em "Psicanálise: o futuro de uma des-ilusão", escrito muitos anos antes, o autor constata a dificuldade do movimento psicanalítico em incorporar um "pensamento de mudança", enfrentar a idealização da Psicanálise e os obstáculos para um

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 7 01/06/2023 08:34:35

caminhar mais livre, criativo e menos isolado socialmente. Mario faz uma rica costura entre três textos do Freud, "Futuro de uma ilusão", "Psicologia das Massas e análise do Eu", e "O Humor", para ressaltar os temas do poder, do coletivo e do prazer – articulação singular e prenhe de metapsicologia – que conduz ao jogo entre "ilusão", "desilusão" e "des-ilusão". Daí emerge a força da operação de des-ilusão e do trabalho do desassujeitamento. Acompanhamos todo um caminho para chegar em movimentos sócio políticos de nosso campo, posteriores a Freud, que incluem Hanna Segal e Analistas Latinoamericanos, ações de denúncia das omissões, recusas e isolamentos que, supostamente, garantiriam a ilusão de eternidade à psicanálise. Trabalho "em continuidade com o espírito freudiano de intervenção e combate no campo político, cultural e social".

As questões do Coletivo e do Grupal sobressaem em seu texto, que desemboca numa espécie de programa político para que a psicanálise e os psicanalistas respondam às exigências, sempre atuais, de pensamento e transformação.

Outros textos desse número dão sequência à discussão sobre a ilusão, investigando suas raízes profundamente humanas e sua proximidade com mentiras e falsificações, mas também com a arte e a ficção. Ao mesmo tempo que indicam seus possíveis efeitos de aprisionamento, abordam sua relação com a incessante busca de verdade pelos sujeitos. O conjunto dos textos aponta na direção da importância de pensar nos processos de desassujeitamento – noção já mencionada, destacada do texto de Mario – suas dificuldades e delicadezas nos campos clínico e social.

Deixamos aqui também uma homenagem à nossa colega Rubia Mara do Nascimento Zecchin, falecida em 22 de dezembro de 2022. Sempre atuante no Departamento de Psicanálise, participou da equipe da revista *Percurso* entre 1992 e 1997.

Boa Leitura!

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 8 01/06/2023 08:34:35

Psicopatologia psicanalítica e clínica contemporânea

Histórias e perspectivas[1]

Mario Pablo Fuks

Resumo Nesta sua última fala, proferida por Mario Fuks pouco antes de seu falecimento, o leitor encontrará uma reflexão em que se entrelaçam as histórias relativas aos 25 anos do curso "Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea", ministrado no Departamento de Psicanálise e coordenado por ele, com as novas conceitualizações em psicanálise, efeito das novas psicopatologias que se manifestam frente às alterações do campo social e às novas configurações dos laços sociais. A posição ético-política do autor atravessa não só as análises destes fenômenos, aqui apresentadas, que condensam o pensamento de uma vida, bem como pode ser vista no relato da própria construção do curso, no encontro democrático entre professores e alunos.

Palavras-chave laço social, recusa da realidade, sociedade de rendimento, compulsão consumista, narcisismo.

Mario Pablo Fuks foi médico psiquiatra e psicanalista argentino formado na Universidade Nacional de Buenos Aires, e se estabeleceu em São Paulo, Brasil, em 1977. Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Professor do curso de psicanálise, coordenador do curso de Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea, membro da equipe editorial do Boletim Online, membro do Grupo de Psicanálise e Contemporaneidade do Departamento de Psicanálise e supervisor do Projeto de Pesquisa e Intervenção em Anorexia e Bulimia. Delegado da Flappsip no Congresso de Porto Alegre. Na Argentina, foi médico-chefe do Departamento de Adultos do Serviço de Psicopatologia do Policlínico de Lanús, professor adjunto da Cátedra de Psicologia Médica da Faculdade de Medicina da UNBA. Coordenador do plano piloto de formação do Centro de Docência e Investigação da Coordenadoria de Trabalhadores de Saúde Mental de Buenos Aires e professor adjunto ao Departamento de Investigação da Faculdade de Psicologia da UNBA. Faleceu em 05 de dezembro de 2022.

Quero começar agradecendo à presença de todos vocês em resposta à formidável iniciativa que tiveram meus colegas do Curso de Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea, de promover este evento rememorando os 25 anos de sua fundação. É mais uma evidência do estilo de fazer as coisas que soubemos construir todos juntos, com a valorização de um modo antiautoritário, informal e até divertido de sonhar o curso e levá-lo adiante.

Meus colegas perguntam por que me engajei na criação do curso, lá em 1988. Não é uma motivação simples, e sim bastante complexa, difícil de responder. Envolve, de partida, aspectos que poderíamos definir como estritamente psicanalíticos, pela preocupação de renovação que existe permanentemente no movimento psicanalítico e que está muito associada às demandas clínicas, levando também a demandas formativas.

Desde o início, tínhamos a percepção de que os profissionais da rede pública, psicólogos, médicos, precisavam aprender a usar o instrumental psicanalítico para entender os pacientes que os procuravam. Precisavam compreendê-los como indivíduos, claro, mas também como parte de um conjunto social. Eis a complexidade que a situação assumia, se pensávamos em patologias: cabia entender que, por vezes, os sofrimentos requeriam uma abordagem psicanalítica e, a um só tempo, uma abordagem política, que gerasse a abertura de espaços democráticos.

Foi isso o que fizemos, por exemplo, quando começamos a trabalhar com a rede pública, quando acolhemos a aproximação de um grupo da Coordenadoria de Saúde Mental, que procurava psicanalistas que fornecessem formação para os profissionais dos ambulatórios.

1 Apresentação proferida no evento "25 anos do curso de Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea: Histórias e Perspectivas", realizado em 05/11/2022, no Instituto Sedes Sapientiae. Publicado no Boletim online do Depto. de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, n.65, nov., com o mesmo título do evento.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 9 01/06/2023 08:34:35

lembro da empolgação que tomou conta do grupo quando definimos nosso projeto

Até esse momento, eles trabalhavam restritos a uma perspectiva totalmente hospitalocêntrica, sendo os ambulatórios uma porta de entrada para os manicômios. Os profissionais tinham apenas que receber seus pacientes, diagnosticá-los psiquiatricamente e então enviá-los às instituições manicomiais. Não podiam discutir entre si, comentar cada caso, examinar com cuidado o que se passava com cada paciente, porque se impedia a interação entre os próprios trabalhadores de saúde mental por uma recusa a aberturas democráticas. Foi nisso que sentimos a máxima pertinência da nossa intervenção, pela forte motivação de romper com esse modelo. Em lugar dele, propúnhamos uma abordagem diferente, que aliasse o trabalho político-democrático com o trabalho psicanalítico de compreensão.

Era possível construir nossa forma de atuação a partir dos modelos da antipsiquiatria surgidos no final da Segunda Guerra Mundial – como as comunidades terapêuticas criadas por Maxwell Jones na Inglaterra, a psiquiatria democrática de Basaglia, e a psicoterapia institucional francesa. Seguindo essas experiências prévias, parecia imprescindível estabelecer entre nós um grupo, para que nos lançássemos num projeto de tamanha significação.

Foi a partir dessa visão que fomos definindo nosso funcionamento coletivo, com uma reunião semanal que contemplava tanto questões organizacionais quanto debates plenos. Era o que cabia fazer numa gestão que se pretendia democrática, mas principalmente elaborativa. Por isso o grupo de professores se reunia regularmente nas quartas-feiras, na manhã seguinte às atividades programadas com os alunos, para falar sobre os acontecimentos do dia anterior, sintomais ou não. Nos lançávamos, por vezes, a realizar uma supervisão coletiva da supervisão, ou do trabalho com os alunos em seminário, apostando em pensar o que se passava como operações defensivas de diferentes modelos metapsicológicos.

A psicopatologia se mostrava potente para pensar psicanaliticamente a partir da clínica, tanto nas experiências clínicas propriamente ditas, quanto naquelas que traziam uma forte implicação social, afetiva e política. Nos entusiasmava muito a possibilidade de uma abertura e de um aprofundamento da psicanálise em espaços variados do departamento, e para isso promovemos diversos eventos – a começar por "Central do Brasil: vicissitudes da subjetivação"[2]. Lembro da empolgação que tomou conta do grupo quando definimos nosso projeto como um espaço destinado a estudar e debater os problemas da subjetividade de nosso tempo, a partir de seus reflexos nas criações artísticas, nas manifestações culturais, nas psicopatologias atuais da vida cotidiana, e nas demandas da clínica.

Toda essa história, é claro, tem os seus antecedentes. Foi em torno de 1985 que um grupo grande de psicanalistas do Sedes ligados ao Curso de Psicanálise nos engajamos nas práticas institucionais públicas da Saúde Mental. Apoiamos a Reforma Psiquiátrica e encontramos aliados nos movimentos antimanicomiais que floresceram nos anos 80 e 90, acompanhando o processo de democratização do país. A época coincidiu com a criação do Departamento, que incluía entre seus objetivos a des-elitização da psicanálise através da criação de espaços e modalidades de transmissão diferentes do modelo vigente desde o final dos anos 30. Me ocupei desse tema num trabalho sobre psicanálise e política, sobre a exclusão de Reich: "Reich e a psicologia de massas do fascismo"[3].

Em 1991, iniciou-se um período de grande mobilização a partir das propostas inovadoras de uma nova gestão municipal, a de Luiza

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 10 01/06/2023 08:34:35

Erundina. Principalmente a implantação de um número significativo de hospitais-dia e de centros de convivência comunitários, como equipamentos terapêuticos alternativos ao modelo hospitalocêntrico. Foi só dois anos depois disso que iniciamos um curso sobre *Psicoses: Concepções teóricas e estratégias institucionais* que teve muito boa acolhida num momento de mobilização e trabalho com esses novos equipamentos de Saúde Mental.

O trabalho com as instituições nos levou a abrir um dos nossos principais eixos teóricos, centrado na *recusa*. Temos concebido esse conceito como um processo defensivo que se põe em ação quando alguma percepção angustiante ameaça socavar as crenças e ilusões que dão suporte ao narcisismo de indivíduos, grupos ou coletivos maiores. A recusa produz efeitos dissociativos favoráveis à produção de sintomas diferentes do sintoma neurótico.

Trata-se de um bloqueio no processo de subjetivação, presente na história *pouco historizada* dos pacientes tratados nas instituições. Isso nos levava a investigar quais acontecimentos e processos intrafamiliares o produziam, o intensificavam na adolescência, e o reproduziam, no presente, no contexto institucional. Investigávamos também quais dispositivos podiam ser montados para superar a recusa e iniciar um processo de re-subjetivação.

Estudamos também as *relações des-subjetivantes* presentes nas práticas predominantes na instituição psiquiátrica, a evaporação das histórias singulares e a ausência de interlocução. E defendemos enfaticamente a possibilidade de uma recuperação da elaboração psíquica através do trabalho das equipes nos hospitais-dia. Nosso modelo foram as experiências relatadas por Bernard Penot em *Figuras da recusa*[4], sobre seu trabalho com adolescentes, reconstruindo a história do paciente em entrevistas de toda a equipe com a família e através da detecção de repetições de papéis.

estudamos também as relações des-subjetivantes presentes nas práticas predominantes na instituição psiquiátrica

Nisso tudo, foi importante nossa afirmação do valor da clínica psicanalítica como dispositivo promotor da elaboração psíquica e sua importância como interlocução, construção de narrativas e possibilidade de elaboração de situações traumáticas.

Então chegamos de volta ao curso de Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea, celebrando hoje os 25 anos desde seu surgimento, em 1998. Vimos naquele momento, e ainda vemos, a necessidade de conceber um curso que permitisse a formulação de hipóteses a respeito do funcionamento psíquico nas chamadas "patologias contemporâneas", recolocando a importância do pensamento psicopatológico psicanalítico. Isso requeria um trabalho de releitura dos conceitos já existentes e a criação das articulações teóricas a que estes novos tempos nos remetem.

Desde o início, foi importante que definíssemos nos grupos de trabalho uma paridade entre alunos e professores. Foi importante contar com certa elasticidade organizativa. Vários de nós já vínhamos trabalhando juntos, no Curso de Psicanálise, nos ambulatórios, ou dando supervisões em diversos âmbitos. Mas aqui o que se constituiu foi um trabalho de pesquisa compartilhado, um trabalho em que as interrogações nunca se esgotavam. Coordenar o curso, como fiz ao longo desses 25 anos, ou apenas participar dele, era me perguntar o tempo todo sobre o que estávamos

2 Evento realizado em 23 de junho de 1998, coordenado por M.P. Fuks. A apresentação inicial deste evento encontra-se publicada na revista Percurso n.21, 20 semestre/1998, pp 67-69.

3 Originalmente publicado no Congresso FLAPPSIP – Configurações atuais da violência; desafios à psicanálise latino-americana – realizado em Montevidéu em maio de 2019, através de gravação em vídeo. E no Boletim online do Depto. de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, n. 65, nov. 2022.

4 B. Penot, *Figuras da recusa: aquém do negativo*.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 11 01/06/2023 08:34:35

os colegas com quem trabalhei sempre desejaram romper com uma perspectiva única e fechada

falando, o que devíamos analisar, e o que cabia concluir diante de tantas visões e possibilidades.

Havia algo de interessante nessa indefinição programática, nessa flutuação do rumo do pensamento. Estávamos no limiar entre a psicanálise, a psicopatologia e a clínica contemporânea. E o curso era ameaçado pelas tradicionais distinções hierárquicas da instituição psicanalítica, por exemplo entre a nobre psicanálise e a bastarda psicoterapia de orientação psicanalítica. Os colegas com quem trabalhei, assim como os que continuam trabalhando no curso, sempre desejaram romper com uma perspectiva única e fechada, sempre quiseram uma psicanálise viva, ativa, aberta, inquiridora, criativa, uma psicanálise diferente que é uma das marcas do curso desde o começo.

É claro que essas são marcas de vários trabalhos que fazemos aqui no Sedes, de uma forma de pensar que surgiu desde a fundação do Curso de Psicanálise. Mas sinto que essa forma de pensar e agir tem especificidades em cada curso, e que aqui soubemos construir um ambiente bastante singular.

Pensemos, por exemplo, no enfoque que temos dado às patologias da alteração do eu. O eu não se divide, não se parte: ele se distorce, se deforma, mas não se quebra. Não se trata de psicose, e sim de algo que talvez se aproxime mais do que seria o modelo da perversão, ou do fetichismo. Ou seja, são alterações que, pela deformação, poupam o eu do sofrimento e não deixam que se torne um eu psicótico, um eu fragmentado, um eu antissocial. Esse é o tipo de abordagem que estamos fazendo nos últimos tempos a partir da releitura de "Neurose e psicose", de Freud, um aprofundamento na estrutura das patologias contemporâneas. É esse tipo de pensamento que tentamos construir e transmitir aos alunos.

Somos um coletivo coeso, mas não perdemos nossas singularidades e nossos aportes pessoais. Alguns trouxeram suas experiências ligadas ao trabalho com psicose em instituições, outros sua atuação em saúde pública, outros com psiquiatria. Por essa diversidade inicial, fomos nos tornando capazes de abordar as mais variadas questões, como os novos transtornos do dormir e do sonhar na contemporaneidade, ou a complexidade dos transtornos alimentares. Vou falando e lembrando um pouco da contribuição específica das pessoas, sempre tão especiais, tão próprias. Cada lembrança vem carregada de afeto e admiração, além da certeza de que temos feito um trabalho importante.

Mas deixo meu pensamento vagar e tomo um novo rumo, passo do local ao mundo mais amplo, como temos feito em nosso trabalho. Foi em 1993 que apareceu o livro *As novas doenças da alma*[5], de Julia Kristeva, e pouco depois o livro *Entre dos siglos*[6], das psicanalistas argentinas Maria Cristina Rojas e Susana Sternbach. Neste último se visualizava como, através do debate *modernidade – pós-modernidade*, o tema do sujeito voltava a se revestir do social-histórico. A crise iniciada nos anos 70 era vista como crise dos ideais e dos valores da modernidade face às mudanças subjetivas derivadas da queda das grandes utopias coletivas – o chamado fim da história, de Fukuyama –, da ruptura de laços sociais e da produção de um novo tipo de subjetividade, narcisista e viciante, decorrente das lógicas induzidas pelas novas modalidades de produção e práticas de consumo.

Julia Kristeva afirmava que a experiência cotidiana demonstra uma redução da vida interior, perguntando-se se temos hoje o tempo e o espaço necessários para arranjarmos uma alma, ou se, "pressionados pelo estresse, impacientes por ganhar e gastar, por desfrutar e morrer, os homens e mulheres de hoje economizam essa representação

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 12 01/06/2023 08:34:35

de sua experiência a que chamamos vida psíquica."[7] Como ela diz mais adiante, "o psíquico pode ser o lugar onde se elaboram, e portanto se liquidam, tanto o sintoma somático quanto a projeção delirante: o psíquico é nossa proteção, desde que a pessoa não se feche nele, mas sim o transfira pelo ato da linguagem para uma sublimação, um ato de pensamento, de interpretação, de transformação relacional", o que supõe a abertura para um outro.

Há, entretanto, dois adversários que a psicanálise deve enfrentar: 1) o psicofármaco que toma o lugar da palavra, e 2) o desejo de não saber. Tornava-se necessário desenvolver uma política de saúde mental e uma transmissão contraposta aos modelos organicistas, que tendiam a naturalizar sintomas e síndromes, eram objetivistas e pragmáticos, desprezavam a processualidade, e adoravam a quantificação.

Kristeva sustentava que há um agravamento da doença psicológica que caracteriza o mundo atual, que viria a ser a outra face da *sociedade do rendimento* e do *stress*, e pensava que o desassossego que se instala renova um chamado à psicanálise para dar um sentido a esse desastre interior.

Não podíamos deixar de prestar atenção àquilo que se furtava à realidade nesse modo de pensar as psicopatologias. Era preciso relacioná-las com o funcionamento das pessoas e da vida cotidiana nas cidades, que apontavam para mudanças no laço social. Essas interrogações eram fundamentais para nos posicionarmos na contramão do objetivismo pragmático -que esvaziava e ainda esvazia- na tendência médica dominante, o pensamento psicopatológico tão caro à psicanálise. Também significava incluir em nossa reflexão o impacto do desenvolvimento tecnológico, do capitalismo avançado e dos novos laços sociais presentes na sociedade de consumo e do espetáculo.

Nunca essas palavras foram mais válidas do que no tempo que estamos vivendo, em que o

a partir da grande virada neoliberal dos anos 80 e 90, começou a ser fabricado um novo sujeito que pode ser chamado de sujeito empresarial

negacionismo e o repúdio ao saber científico ganham uma dimensão coletiva e são promovidos e liderados pelo presidente do país – que felizmente já se vai de seu posto. Na onda pandêmica infernal que nos assolou esse repúdio ao saber ganhou as feições de uma doença demencial, irresponsável e genocida.

Voltemos ao homem moderno, que está perdendo sua alma e não o sabe. A partir da grande virada neoliberal dos anos 80 e 90, iniciada e protagonizada por Thatcher e Reagan, começou a ser fabricado um novo sujeito que pode ser chamado de *sujeito empresarial, empresário de si mesmo, sujeito neoliberal* ou *neossujeito*. Um ser cuja subjetividade deve estar inteiramente envolvida na atividade que cumpra, em toda sua motivação, sua vontade de realização pessoal, no projeto que se propõe a desenvolver. É o *desejo* desse sujeito, "com todos os nomes que se queira dar a ele", que se torna "o alvo do novo poder."[8]

Há tempos, a ideia de construir uma subjetividade neoliberal é clara e explícita. Há uma frase famosa de Margareth Thatcher que revela muito sobre esse princípio: "A economia é o método, mas o objetivo é a alma". É essa frase que, de uma maneira insolitamente precisa, dá fundamento ao sinal de alarme de Kristeva.

No contexto do curso, sentimos que tudo isso precisava ser estudado e debatido em uma interlocução entre pares. Foi a partir de uma convocatória dos professores que se criou um grupo de trabalho e pesquisa no Departamento, que continua até hoje com o nome de *Psicanálise e*

5 J. Kristeva. *As novas doenças da alma*.
6 M. C. Rojas; S. Sternbach, S. *Entre dos siglos: una lectura psicoanalítica de la posmodernidad.*
7 J. Kristeva, *op.cit.*, p.14
8 J. Kristeva, *op.cit.*

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 13 01/06/2023 08:34:35

nas situações de crise,
é capaz de se instaurar
uma cultura narcísica da violência
e do ódio dirigido
contra bodes expiatórios

Contemporaneidade, com coordenação rotativa – incluindo inicialmente os membros do grupo de professores e, posteriormente, aberto a todos os membros. Nele debatemos uma infinidade de assuntos e trabalhamos os textos de muitos autores. Compartilhar nossas experiências e estudar juntos entre pares, paralelamente ao trabalho com os alunos do curso, foi uma tarefa gratificante e criativa.

A tarefa comum e a solidariedade, essa possibilidade de contar uns com os outros, é a única que temos para enfrentar não só o desamparo frente às forças regressivas e anticivilizatórias, mas também frente ao poder destrutivo do superego, que aumenta quando ficamos isolados.

Um colega argentino de outros tempos, Emiliano Galende, comentando *Psicologia das Massas*, escreveu: "O homem tem duas alternativas frente ao outro: ou se liga libidinalmente, identificando-se com ele para constituir alguma forma de laço social, abolindo o domínio do amo (pai primevo), ou, desgarrado dos membros da fratria, fica entregue ao poder absoluto desse outro interior que é o supereu".

A qualidade da união amorosa entre os "irmãos", o fluir dos reconhecimentos, o tipo de identificações que estabeleçam, o modo de processar as tensões intragrupo e as formas de agir sobre a realidade exterior serão determinantes para seu destino ou sua história. São as vicissitudes da construção do *comum*, simultaneamente essenciais para o desenvolvimento de qualquer pensamento pessoal e de qualquer atuação em conjunto.

Não cabe dúvida de que estamos imersos em tempos sombrios, tendo que sofrer por uma enorme quantidade de mortos, tendo que assistir a processos de destruição material e moral de grande parte do que foi construído em nossa história democrática, isso somado aos fatores conjunturais como o próprio coronavírus, que não conhecíamos, e ao governo desastroso, negacionista, violento e fascista, que podíamos ter previsto, mas que não quisemos ver. Muitos fecharam os olhos para essa realidade, a recusaram, elegeram o presidente mais lamentável e, mesmo agora, tendo ele sido derrotados nas urnas, querem preservá-lo a qualquer custo no poder.

Freud postulava que a subjetividade própria de sua época estava sustentada por um laço social que reunia três elementos: a ilusão religiosa, a lealdade política ao monarca e a proibição de pensar a sexualidade. Esse laço envolve a produção de um *Eu conflituado*, o qual, impulsionado pela angústia, tende a se defender através da operação do recalque. Corresponde ao que é conhecido, em termos de produção de subjetividade, como o *sujeito disciplinado* dos primeiros tempos da modernidade.

Aqui talvez caiba considerar a hipótese de que na contemporaneidade tenha emergido um tipo novo de laço social caracterizado pela articulação entre a *compulsão consumista* (sujeito do consumo), a *fascinação imagética pela mídia* (sujeito do espetáculo) e a ilusão de suprimir tecno-magicamente a dor e o sofrimento através dos fármacos (hoje poderíamos denominá-lo, caricaturalmente, sujeito da cloroquina).

Nas situações de crise, é capaz de se instaurar uma cultura narcísica da violência e do ódio dirigido contra bodes expiatórios. Trata-se aqui de um sujeito narcisista e violento, tendencialmente paranoico. Esta cultura, que é uma anti-cultura, já existiu nas crises anteriores da era industrial, no começo do século XX. Esse presidente que se vai e sua base política, seus Robertos Jeffersons, suas Carlas Zambellis e seus milicianos, são exemplos de sujeitos desse tipo. Os milhares de neonazistas que vão surgindo em outras partes do mundo,

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 14 01/06/2023 08:34:35

e também aqui, para o nosso choque, são sujeitos desse tipo. E é claro que no Brasil temos agravantes porque temos uma cultura da desigualdade, do racismo e da violência, que vêm da escravidão, frente à qual tem ganhado expressão política crescente um movimento de resistência e de revolta.

Durante a pandemia, esse sujeito se fez explícito como poucas vezes, e produziu efeitos nefastos. Para realizar adequadamente uma prevenção do crescente contágio massivo se requeria um reconhecimento do perigo, uma aceitação do conhecimento transmitido pela OMS, uma coordenação de iniciativas e recursos pelas instâncias sanitárias do Estado e uma disciplina coletiva dos cidadãos, confiantes nessas instâncias e respeitosos da lei. Para que possamos pensar que o que cada um faz afeta os outros, é preciso que as instâncias do público, de governo e de coordenação se sustentem. Trata-se de um pacto de civilidade, que em certas circunstâncias se torna pacto civilizatório, como quando se promulgou a constituição de 1988, e como pode voltar a acontecer agora, nas novas circunstâncias políticas que conseguimos alcançar. Não é algo tão utópico.

O que quero enfatizar é que a *recusa da realidade*, que vem operando atualmente na subjetividade individual e coletiva, é *tanto de origem estrutural*, baseada na lógica neoliberal que trazemos desde os anos 80 sobre um fundo secular de escravidão, *como de origem conjuntural*, associada à ascensão dos governos de ultradireita e fascistas, *sendo induzida* (por exemplo, através do medo) *pela cultura narcísica da violência* que eles impõem. O resultado dessa soma, além da catástrofe sanitária, é um *empobrecimento crescente da subjetividade individual e coletiva*.

Entretanto, e em sentido contrário, como resistência e contra-efetuação, emergem experiências e processos que recriam o coletivo e inventam novas formas de convívio e auto-organização. Essas experiências podem ser desencadeadas por vivências

não tenho dúvida de que neste curso que hoje celebramos se vivencia essa mesma refundação do coletivo, tão proveitosa a cada indivíduo

compartilhadas de desamparo que suscitam reações de solidariedade e investimentos libidinais recíprocos. Elas contribuem na criação do *comum*, configurando um laço social vivo baseado em iniciativas de cooperação solidária e na sua capacidade de driblar a captura pelo individualismo e a rivalidade concorrencial promovidos permanentemente pelo modelo neoliberal. Unidos libidinalmente é possível lutar juntos contra o perigo, é possível esperar juntos apesar do isolamento, quando percebemos que *esperar é saber*. Unidos libidinalmente, através do trabalho do pensamento, da arte, da criação cultural em geral e da mobilização política, poderemos enfrentar com sucesso a cultura do ódio que procura nos dominar e nos empobrecer.

Não tenho dúvida de que neste curso que hoje celebramos, e nesta instituição em que nos encontramos, de corpo inteiro ou de pensamento inteiro, se vivencia essa mesma refundação do coletivo, tão proveitosa a cada indivíduo. Para mim, é motivo de orgulho ter feito parte desse grupo, ter constituído com vocês um laço social pensante e criativo. E espero ter sido capaz de dar, ao longo dessas décadas, uma contribuição à altura dos valores e dos afetos que pude obter nesse prazeroso convívio. Muito obrigado a todos e a todas por essa companhia tão estimada, essa fratria que soubemos construir, abrigo valioso contra o desamparo e os desenganos do eu.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 15 01/06/2023 08:34:35

Referências

Freud S. (1925-1926). *Obras Completas Sigmund Freud*. Volumen 20. Buenos Aires: Amorrortu editores.

Galende E. (2000). Transformación en lo social. *Zona Erógena*, Revista abierta de Psicoanálisis, 45, p. 20.

Galende E. (1992). *Historia y Repetición : temporalidad subjetiva y actual modernidad*. Buenos Aires: Paidos.

Kristeva J. (2002). *As novas doenças da alma*. Rio de janeiro: Ed. Rocco.

Penot B. (1992). *Figuras da recusa: aquém do negativo*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Rojas M. C.; Sternbach, S. (1994). *Entre dos siglos: una lectura psicoanalítica de la posmodernidad*. Buenos Aires: Lugar editorial.

Psychoanalytic psychopathology and contemporary clinic: stories and perspectives

Abstract In this last speech, given by Mario Fuks shortly before his death, the reader will find a reflection in which the stories related to the 25 years of the course "Psychoanalytic psychopathology and contemporary clinic", taught at the Department of Psychoanalysis and coordinated by him, are intertwined with new conceptualizations in psychoanalysis, effects of the new psychopathologies that manifest themselves in the face of changes in the social field and new configurations of the social bond. The author's ethical-political position crosses not only the analysis of this phenomena presented here, which condense the thought of a lifetime, but can also be seen in the account of the construction of the course itself, in the democratic encounter between professors and students.

Keywords social bond, refusal of reality, income society, consumerist compulsion, narcissism

Texto recebido: 11/2022
Aprovado: 12/2022

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 16 01/06/2023 08:34:35

Psicanálise, o futuro de uma des-ilusão[1]

Mario Pablo Fuks

Resumo Colocar a psicanálise em análise, eis um dos objetos deste texto. A difícil tarefa de enfrentar a idealização da psicanálise e produzir deslocamentos frente aos desafios emergentes. Os obstáculos para um desenvolvimento mais livre, criativo e menos isolado socialmente, do movimento psicanalítico. A insistência no desvendamento do processo de desassujeitamento e da des-ilusão. Uma costura entre o "O Futuro de uma ilusão", "Psicologia das Massas e análise do Eu", e "O Humor", ressaltando os temas do poder, do coletivo e do prazer, que desemboca no jogo entre "desilusão" e "des-ilusão", no qual a operação de des-ilusão se coloca como capaz de preservar-nos da desilusão, ou de superá-la.

Palavras-chave des-ilusão, desassujeitamento, poder, coletivo, prazer, grupo, ato-poder, campo psicanalítico.

Mario Pablo Fuks foi médico psiquiatra e psicanalista argentino formado na Universidade Nacional de Buenos Aires, e se estabeleceu em São Paulo, Brasil, em 1977. Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Professor do Curso de Psicanálise, coordenador do Curso de Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea, membro da equipe editorial do Boletim Online, membro do Grupo de Psicanálise e Contemporaneidade do Departamento de Psicanálise e supervisor do Projeto de Pesquisa e Intervenção em Anorexia e Bulimia. Delegado da Flappsip no Congresso de Porto Alegre. Na Argentina, foi médico-chefe do Departamento de Adultos do Serviço de Psicopatologia do Policlínico de Lanús, professor adjunto da Cátedra de Psicologia Médica da Faculdade de Medicina da UNBA. Coordenador do plano piloto de formação do Centro de Docência e Investigação da Coordenadoria de Trabalhadores de Saúde Mental de Buenos Aires e professor adjunto ao Departamento de Investigação da Faculdade de Psicologia da UNBA. Faleceu em 05 12 2022.

1 Originalmente apresentado aos Estados Gerais da Psicanálise. Disponível em: http://egp.dreamhosters.com/EGP/132-psicanalise.shtml

2 M. P. Fuks "Psicanálise: o futuro de uma des-ilusão" in *Anuário Brasileiro de Psicanálise, nº 3*.

A partir de um debate promovido, faz algum tempo, por uma revista de psicanálise com o título disparador (e provocativo) de "Psicanálise, o futuro de um (des)ilusão?", que parafraseia o título do trabalho de Freud "O futuro de uma ilusão", elaborei algumas ideias, partindo deste último texto. O que segue é uma versão com algumas correções, recortes e acréscimos, do que foi apresentado naquela oportunidade.[2]

Podemos partir da seguinte pergunta: até que ponto a psicanálise e o movimento psicanalítico (tal como outros movimentos, práticas, sistemas de pensamento e instituições) podem estar atravessados por "ilusões" equivalentes às estudadas por Freud no texto de 1927 que se refere, principalmente, à ilusão religiosa?. Estas têm por efeito o mal-estar ou sofrimento, caracterizado por uma vivência de "desilusão", a chamada "crise da psicanálise", toda vez que ela se vê obrigada a defrontar-se com a questão da sua atualidade, seu passado ou seu futuro. Cabe suscitar aqui o debate acerca da ausência ou insuficiência de um certo processamento específico desta conjunção.

Apoiados no modelo fornecido pelo processo psicanalítico, podemos perguntar-nos se este processamento específico, que aqui se proporia como um "trabalho de des-ilusão", consistiria em mudanças subjetivas operadas através de diversos recursos, tais como a historização. A respeito dos obstáculos e resistências que este trabalho comporta, um historiador da psicanálise comenta que a "perspectiva histórica se lhe apresenta como portadora da quarta das feridas narcísicas infligidas ao homem e às suas ideologias: o homem não é imortal, e tampouco o são

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 17 01/06/2023 08:34:35

como sair da ilusão narcisista que nos induz a ensimesmamentos solipsistas ou guerras de diferenças, pequenas ou grandes?

o psicanalista e a 'Psicanálise'. Para muitos, a recusa radical do caráter efêmero (objeto da história que fixa a memória) de toda a criação humana… está relacionada a uma das mais perigosas atitudes dos psicanalistas a respeito da sua disciplina: sua idealização, sua inscrição dentre os sistemas religiosos de pensamento".

Acabar com a idealização. Mas como? Através de um apelo à sensatez?

São muitos os que, de dentro e de fora da psicanálise, têm exposto sua reflexão e sua crítica nesses termos. Entretanto, em geral, tende-se a ver a "ilusão" no "olho do outro". Isto, por sua vez, dá início a um novo episódio dentro da contenda, a qual Mijolla[3] sintetiza da seguinte maneira: "Pode-se perceber tudo o que isto traduz sobre as lutas, que não deixam de se manifestar, entre os partidários de uma 'Psicanálise' pura e dura (freudiana, kleiniana, lacaniana etc.), tal como se fosse portadora de uma verdade intrínseca, a qual os maus atacam e deformam, e aqueles que denunciam a petrificação de uma psicanálise dogmática e administrativa para justificar, em nome de sua liberação, os desmantelamentos teóricos e práticos que lhe infligem".

Tudo isto é reconhecível. Entretanto, como sair da ilusão narcisista que nos induz a ensimesmamentos solipsistas ou guerras de diferenças, pequenas ou grandes, de forma a poder encarar novas realidades? Encarar, por exemplo, um mundo que mudou, que se vê atravessado por crises de diversas ordens, pela instabilidade econômica e com remanejamentos massivos na inserção laboral e profissional. Esta instabilidade acaba por afetar a todos, especialmente às classes que sustentam a demanda de atendimento psicanalítico nos consultórios particulares. Um mundo, também, no qual se recuperam, ofensivamente, os "rivais" organicistas.

Talvez o difícil de incorporar à psicanálise, ou a qualquer sistema de pensamento instituído, seja justamente um "pensamento da mudança" sem o qual a própria mudança, já em andamento, acaba por ser vivenciada como morte, dispersão, perda de especificidade, descaracterização.

Tratei de responder a estas questões buscando as referências iniciais nos próprios textos freudianos.

"O futuro de uma ilusão" é a crítica contundente de um cientista engajado na tradição racionalista e iluminista em defesa da liberdade de pensamento e contra a sufocante presença da religião na educação e na cultura em geral. As representações religiosas são analisadas, neste texto, como ilusões determinadas por desejos inconscientes infantis e universais. Cumprem uma função de compensação, consolo e reconciliação para os seres humanos diante das limitações impostas pela natureza, pelo caráter inexorável da morte e pela própria cultura.

O caminho aberto por Freud nesse texto segue o delineamento de um fantasma e sua remissão a algo verdadeiro na história: a deificação do pai da infância, objeto de nostalgia.

Se pensado hoje, nos termos de uma análise individual, o trabalho de des-construção, reconstrução e historização operaria no sentido de liberar o peso das "reminiscências" e traumas, dissolvendo ou remanejando os sintomas e oferecendo uma disponibilidade para a abertura da subjetividade, para a criação de novos sentidos da existência. Isso corresponde àquilo que conhecemos do processo analítico, tal como o concebemos hoje.

O problema que surge, porém, é que, no texto de 1927, não aparecem claramente o processo e o mecanismo possíveis do dessujeitamento, da "des-ilusão". É descrito sim, com toda a nitidez, aquilo que temos conceitualizado como desilusão. Uma combinação de fatores tais como: a perda da coerência da instituição religiosa, a decepção

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 18 01/06/2023 08:34:35

com os resultados (o mundo não responde nem corresponde à vontade de Deus) e a crise da credibilidade (as classes altas já não acreditam) induzem à vivência do perigo do caos moral e social, da violência desenfreada, do descontrole pulsional.

É imperativo, portanto, mudar as relações entre a cultura e a religião. Cumpre educar para a realidade – educação esta que significaria a aceitação de um lugar mais modesto no cosmos, uma resignação com a vulnerabilidade humana frente às dificuldades da existência e, enfim, uma confiança na ciência, na esperança de que, ao aumentar o seu poder, ela tornará possível suportar a vida.

Estamos esquematizando o texto, de uma forma quase caricatural, com a finalidade de poder perfilar as dificuldades que acreditamos haver detectado. Cabe aqui, portanto, questionar se não predominaria, em boa parte da argumentação, racionalismo, realismo ou mesmo resignação em excesso. O ideal iluminista que sustenta a intervenção acabaria, ao mesmo tempo, constituindo um obstáculo para a análise e para seu desenvolvimento.

A interpretação do significado da cultura e o inventário dos diversos componentes que configuram o "patrimônio cultural da humanidade" e suas diferentes funções, por mais polêmicos que possam ser em um ou outro aspecto, transformam esse extraordinário texto em peça indispensável para toda e qualquer tentativa de elaboração psicanalítica sobre tais questões.

Não obstante, o próprio autor ficou insatisfeito com seu trabalho. Comentava que era pouco psicanalítico e pouco penetrante. Peter Gay, autor de uma conhecida biografia, fala extensamente do mal-estar de Freud, oferecendo detalhes que ilustram a complexidade do seu momento histórico, a ambição da sua obra e sua conjuntura pessoal.

Tratarei de discutir alguns aspectos do texto, sinalizando alguns elementos que podem aportar alguma resposta à questão suscitada (sobre o processo de des-ilusão). Seguirei um ordenamento que passa pelos temas do poder, do coletivo e do prazer.

3 A. Mijolla, *Pensamentos de Freud*.

"permanecer criança" significa abrir mão não só da onipotência, mas também do poder pessoal que nasce de suas iniciativas

Freud, ao referir-se à reedição da impotência e desamparo infantis como efeito da "quebra" narcísica resultante do confronto do sujeito com a força das limitações apontadas (natureza, inexorabilidade da morte, cultura), não delimita, pelo menos nesse ponto, o caráter diferencial e específico das determinações culturais e sociais: "A impressão terrificante do desamparo da infância despertou a necessidade de proteção – da proteção através do amor –, a qual foi proporcionada pelo pai; e o conhecimento de que esse desamparo duraria a vida toda…" foi a causa da crença. Sobre a mesma questão, Freud dizia pouco antes:

"Quando o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer criança para sempre, que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores, empresta a esses poderes as características pertencentes à figura do pai…".

"Permanecer criança" significa abrir mão não só da onipotência, mas também do poder pessoal que nasce de suas iniciativas, de seus atos e do sentido emergente dos mesmos. Desta maneira, o parágrafo de Freud receberia um complemento: Quando o adolescente se encontra em condições de perceber que não poderá aceder ao exercício do grande poder que idealizava, desde a sua infância, como sendo o do pai, e que tampouco poderá exercer aquele mais limitado, mas que por justiça lhe corresponde, o poder de se tornar ativo na produção das suas condições de existência, então "o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer criança para sempre…".

Torna-se necessário, portanto, incluir uma hipótese referida a um poder de ação – um "ato-poder", tal como define Gérard Mendel – que

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 19 01/06/2023 08:34:35

em "O futuro de uma ilusão", problematiza-se a oposição infantil-adulto. Em "Psicologia das massas e a análise do eu", a oposição indivíduo-massa

possibilite a saída do imaginário infantilizante "psicofamiliar". Esta questão está claramente colocada em outros textos, principalmente "Totem e tabu" e "Psicologia das massas e a análise do eu", nos quais a "saída" da horda primitiva se faz através de um ato que inicia uma ruptura, que envolve tanto o domínio quanto uma sujeição. Entrando já no ponto seguinte, notemos que esta saída tem um momento definitivamente coletivo.

Surpreendente como, mesmo no texto "O futuro de uma ilusão", quando começa a falar das limitações e perigos que afetam o homem e, ao referir-se à natureza, Freud acaba por incluir uma observação, diga-se, incidental, sobre o valor do coletivo:

"Uma das poucas impressões gratificantes e exaltantes que a humanidade pode oferecer ocorre quando ela, face a uma catástrofe elementar, esquece as discordâncias da sua civilização, todas as dificuldades e animosidades internas, e *lembra-se* da grande tarefa comum que é preservar-se contra o poder superior da natureza." (grifo nosso)

Mas qual será a metapsicologia desse "lembrar-se" que temos grifado? Por que Freud não pode conceber uma gratificação e exaltação equivalentes em outras circunstâncias? Por que a passividade dos homens com relação ao trabalho é considerada, neste texto, como um dado primário e essencial?

E, principalmente, que papel poderia corresponder às "empresas comuns", ao desenvolvimento da cooperação e da solidariedade, na superação desse terror paralisante, dentro do processo de "desassujeitamento" que estamos procurando delimitar?

Todos esses elementos abrem a questão do coletivo, donde também se perfila o "grupal". Em "O futuro de uma ilusão", problematiza-se a oposição infantil-adulto. Em "Psicologia das massas e a análise do eu", a oposição indivíduo-massa. Ambas supõem processos cruciais de passagem, de transformação de "psicologias" e de modos de subjetivação: por um lado, identificamos a saída da "psicologia de massas"; por outro, a superação da neurose infantil da humanidade. São ambas partes de um mesmo processo trabalhando em vetores diferentes que apontam, um, para um passado mítico; o outro, para um futuro utópico. Nos dois casos, delineia-se a figura de um "grupo" que inicia e sustenta o processo: um, mais nítido, de guerreiros parricidas que inventam poemas épicos; outro, mais incidental, constituído por "companheiros de descrença" que cultivam, como veremos, o humor.

Finalmente, o prazer.

Poder-se-ia acrescentar ao confronto entre a atitude religiosa "ilusionista" e a atitude científico-racional "realista", uma terceira alternativa, que seria a atitude "humorística".

Freud escreve "O humor" no mesmo ano em que publica "O futuro uma ilusão". Como os chistes e o cômico, o humor tem algo de libertador, mas possui também qualquer coisa de grandeza e exaltação… O humor é o triunfo do narcisismo na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. "O ego se recusa a ser ofendido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer." Os traumas do mundo externo não o afetam, "não passam de ocasiões para ele obter prazer. Esse último aspecto constitui um elemento inteiramente essencial do humor."

"O humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do ego, mas também o princípio do prazer, que pode aqui afirmar-se contra a crueldade das circunstâncias reais. Como consegue este desígnio", pergunta-se Freud, "sem abandonar a saúde psíquica, tal como na neurose, a loucura, a intoxicação, a autoabsorção e o êxtase?' O mestre está, neste momento, antecipando as "técnicas" que desenvolverá em "O mal-estar na civilização".

O humorista comporta-se como um adulto frente a uma criança, ao sorrir diante da

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 20 01/06/2023 08:34:35

trivialidade dos interesses e sofrimentos que parecem tão grandes a esta. E "[…]ao identificar-se, de certo modo, com o pai, reduz os demais ao papel de crianças". Esta situação intersubjetiva tem uma configuração que evoca uma "reunião" parecida entre os descendentes da "aliança fraterna", que Freud imagina em "Psicologia das massas e análise do eu", no momento da passagem da psicologia de massas para a psicologia individual. O primeiro poeta épico, através da criação do mito, consegue desligar-se da massa, mas encontra o caminho de regresso a ela; apresenta-se e relata a esta massa as façanhas do herói inventado por ele, que é ele próprio. "Assim desce até a realidade e faz elevar-se a massa até a fantasia."

Freud também mostra, em "O humor", certas situações que correspondem a um tipo, talvez mais primário e importante, de atitude humorística que a pessoa adota para consigo mesma a fim de manter afastados possíveis sofrimentos. "O humorista tem transposto a ênfase psíquica do seu ego para o seu superego, herdado da instância paterna, e consegue assim, com essa nova distribuição de energia, conter as possíveis reações do ego." Esta explicação em termos de deslocamentos e redistribuições constitui, naquele momento, hipóteses *ad hoc*, para uma nova forma de "representação metapsicológica do acontecer psíquico", uma segunda tópica ampliada e enriquecida, que explica o acontecimento da eclosão de um delírio, por exemplo, a partir do investimento de ideias preexistentes. "Também a cura de tais crises paranoicas residiria não tanto numa resolução e correção das ideias delirantes, quanto numa retirada delas da catexia que lhes foi emprestada".

Observamos aqui uma aproximação com a questão suscitada a partir de "O futuro de uma ilusão". Ao mesmo tempo, e preservadas as distâncias, essa frase de Freud faz evocar uma colocação de Jurandir Freire Costa, em 1991, em entrevista na publicação mencionada no início: "Acho que com os problemas humanos, assim como com os problemas psicanalíticos, acontece o que Wittgenstein dizia sobre os problemas filosóficos: não são resolvidos, são abandonados."

vislumbra-se aqui o processo que possibilita o "desassujeitamento" da ilusão religiosa, ou de qualquer outra equivalente

A intenção do superego é, através do humor, continua o texto, dizer-nos: "Olhem, aqui está o mundo, que parecia tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de levá-lo na brincadeira".

Vislumbra-se aqui o processo que possibilita o "desassujeitamento" da ilusão religiosa, ou de qualquer outra equivalente. A questão é operar a "des-ilusão", uma vez que podemos preservar-nos da "desilusão", ou superá-la, pela via de um processo em que as instâncias ideais parecem desempenhar importante papel. Visualizam-se dinâmicas e economias possíveis desta operação. Ela é liberadora e exaltante porque permite recuperar tanto um mundo não-sinistro quanto a inteligência lúdica da criança, dos quais o adulto médio ficou expropriado ao submeter-se ao domínio consolidado "da inibição para pensar a sexualidade, a inibição religiosa e a lealdade política (monárquica)". ("O futuro de uma ilusão", cap. IX). É um "jogo de crianças" porque possibilita a elaboração psíquica através da criação, recriação e proliferação do sentido próprias do chiste, do sonho, da fantasia, da construção de "romances" de tipos diversos, da criação artística, do humor, da invenção, recursos todos estes equivalentes ao brincar das crianças.

Através dos diferentes eixos traçados, fica melhor situado tanto aquilo que no caminho percorrido pela psicanálise lhe dá origem e a associa ao grande projeto liberador, quanto o que a torna específica e singular, abordando igualmente o ideal que a impulsiona assim como aquilo que, no seu processo de produzir e produzir-se, vai se instituindo.

Há certas questões, ainda relativas ao tema, que mereceriam um esclarecimento através de

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 21 01/06/2023 08:34:36

a partir de 1980, uma série de analistas latino-americanos produziram trabalhos referentes ao efeito na subjetividade de situações sociais de alto impacto traumático

articulações conceituais propostas neste trabalho. O uso excessivamente extenso da noção de "desilusão" teve a intenção de fazê-la jogar com "ilusão" e com "des-ilusão". Limitando-a ao seu uso habitual, a "desilusão", enquanto vivência, tende a expressar o resultado de uma perda, que pode se dar no nível do objeto, no nível do ego ou no nível do próprio ideal. Ou nos três simultaneamente, tal como na canção de Chico Buarque: "Se lembra do futuro que a gente combinou? Eu era tão criança e ainda sou! Querendo acreditar que o dia vai raiar só porque uma cantiga anunciou…"[4] A perda está sendo processada por meio de uma combinação das diferentes instâncias, incluindo um companheiro de elaboração, a "Maninha". É o trabalho de luto, fundamental para a preservação do equilíbrio psíquico e para a possibilidade de mudança individual e coletiva, que faz parte do "trabalho" mais amplo que estamos considerando.

Existem perdas que assumem intensidade e força patológicas, como quadros melancólicos, vivências de fim-de-mundo, despersonalizações, pânicos. Estas perdas se confundem ou se combinam, frequentemente, com experiências de perigo, desorientação e perda de referências exteriores. Em termos de vivência, mal se pode falar aqui em "desilusão". Trata-se de situações "traumáticas" coletivas, nas quais o ego se encontra no estado de paralisia e inermidade que Freud imagina para uma situação de ameaça do descontrole pulsional, frente a uma realidade sinistra. O ego, nestas circunstâncias, tenderia a funcionar sob um regime que está "para além do próprio prazer", submetido à compulsão de repetição e a uma tendência ao esvaziamento de todo o sentido. Delineia-se aqui um estado limite no que se refere à existência ou à experiência de uma subjetividade. A atividade do ideal do ego possibilita a ativação dos sistemas de fantasmatização e simbolização, os quais permitem a elaboração psíquica. Reinstala-se o processo de subjetivação. Com esta discussão, acabamos por nos aproximar de alguns desenvolvimentos posteriores a Freud.

Há alguns anos, Hanna Segal[5] apresentou um trabalho muito importante num congresso internacional de psicanalistas – no qual impediu-se que sua leitura fosse feita em sessão oficial – intitulado "O silêncio é o crime verdadeiro", em que denunciava e analisava, com extensão e profundidade, o mortífero jogo de ilusões coletivas que envolvia os governos e complexos militar-industriais, implicados na corrida armamentista nuclear. O "silêncio" do título referia-se também à atitude assumida pelos analistas na América diante da perseguição antissemita na Alemanha nazista. A ilusão de eternidade, ao que parece, é conseguida por meio de omissões, recusas e isolamentos que acabam por ter um custo que já resulta difícil negar.

A partir de 1980, uma série de analistas latino-americanos (em geral brasileiros, uruguaios e argentinos) produziram trabalhos referentes ao efeito na subjetividade de situações sociais de alto impacto traumático. Marcelo Viñar, Jurandir Freire Costa, Gilou García Reinoso e Hélio Pellegrino, entre outros, demonstraram como a perda de vínculos, a deterioração e a quebra do sistema de ideais, bem como o fim de projetos coletivos impõem uma subjetividade fragilizada, quadros de verdadeira "demolição" da identidade e uma cultura de violência, entre outros efeitos.

Esta linha de trabalhos apresenta uma evidente continuidade do espírito da intervenção e combate no campo político, cultural e social que caracterizou o trabalho de Freud. Há um empenho para construir elementos conceituais que esclareçam e ampliem, ao mesmo tempo, a totalidade do campo psicanalítico.

O sistema de ilusões contemporâneas, tal como se configura, parece bem diferente do sistema estudado por Freud em "O futuro de uma ilusão". A solda entre a proibição de pensar o

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 22 01/06/2023 08:34:36

sexual, a ilusão religiosa e a lealdade político-monárquica não mais existe. O que se impõe à possibilidade de pensar parece ser a ilusão-compulsão de consumir, e a lealdade se estabelece para com os meios de comunicação de massa, as pesquisas de mercado e o "fascínio tecnológico".

Grandes poderes impessoais e distantes decidem sobre as possibilidades de sobrevivência, destino econômico e valor da qualificação do trabalho. Planos de ajuste, remanejamentos dos empregos e demissões apresentam-se como movimentos telúricos ou imposições de uma "natureza", apenas explicáveis pelos cientistas e manipuláveis pelos tecnocratas, que atuam mais sobre populações do que sobre comunidades. O que não comporta, suporta ou resiste é marginalizado e passará a ser objeto de um gerenciamento diferencial e igualmente homogeneizante. Em suma, a margem do poder possível na gestão autônoma da própria existência viu-se violentamente reduzida.

A significação social dos fatos, das causas e dos efeitos tende a se eclipsar totalmente. Ante o impacto dessubjetivante desse tipo de controle-gestão, a adesão a seitas religiosas, práticas esotéricas ou tendências fundamentalistas procura cobrir o vazio de sentido, conseguindo algum domínio mágico sobre estas "naturezas" ou encontrando, através delas, fontes de certeza.

No campo da saúde mental, o objetivismo médico, revitalizado, por um lado, pela genética e pela química dos neurotransmissores e, por outro, pela estratégia da gestão dos riscos, parece reforçado na renúncia à qualquer necessidade de interlocução.

Trata-se de delinear, a partir de tudo isso, um modelo, no qual o modo de operar psicanalítico possa levar ao desenvolvimento de experiências que sirvam para contra-efetuar um trabalho de re-subjetivação que devolva ao indivíduo a sua relação com o coletivo, que recupere a dimensão temporal, um ideal a ser sustentado e a ética a ser instituída numa ação que será desenvolvida. Em muitos desses casos, podem operar pela simples possibilidade de um espaço de expressão daquilo que fervilha espontaneamente nas margens e fendas dessas novas demarcações.

o movimento psicanalítico tem, atualmente, uma constituição heterogênea e de grande diversidade que o diferencia de outros momentos

O movimento psicanalítico tem, atualmente, uma constituição heterogênea e de grande diversidade que o diferencia de outros momentos. Seus agrupamentos têm diferentes graus de organicidade. A possibilidade efetiva de desvinculação da análise do analista de uma regulamentação institucional, promovida em espaços chamados "alternativos" nos anos 70, já existe há décadas, e tem contribuído para oxigenar uma parte considerável do ambiente. Entretanto, as necessidades de reconhecimento e autorização intensificadas, dentro da psicanálise, pelos efeitos dessas tendências mercadológico-individualistas descritas, simultaneamente massificantes, acentuadas pela crise econômico-ocupacional das camadas médias, leva a uma luta competitiva pela ocupação de espaços e ao desenvolvimento de carreiras multi-institucionais. As posições dogmáticas, burocrático-administrativas ou monopolizadoras, atravessadas ou sustentadas pelas ilusões consideradas, criam obstáculos para um desenvolvimento mais livre, criativo e menos isolado socialmente.

As possibilidades de desassujeitamento dependem do processamento coletivo que intencionou-se delinear. Nele, este processo se desenvolve e a clínica, a teoria, a investigação e os projetos adquirem nova vida.

4 Chico Buarque, "Maninha", 1977.

5 H. Segal. "O silêncio é o verdadeiro crime" in *Psicanálise, Literatura e Guerra: artigos 1972-1995*.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 23 01/06/2023 08:34:36

Referências

Freud S. (1925-1926). *Obras Completas Sigmund Freud*. Volumen 20. Buenos Aires: Amorrortu editores.

Fuks M. P. (1995). "Psicanálise: o futuro de uma des-ilusão" in *Anuário Brasileiro de Psicanálise*, nº 3, Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Mijolla A. (1985). *Pensamentos de Freud*. Trad. Rita Braga. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira.

Segal H. (1985/1998). "O silêncio é o verdadeiro crime" in *Psicanálise, Literatura e Guerra: artigos 1972-1995*. Rio de Janeiro: Imago, p. 153-166.

Psychoanalysis, the future of a dis-illusion

Abstract Placing psychoanalysis under analysis is one of the objects of this text.The difficult task of facing the idealization of psychoanalysis and producing displacements in the face of emerging challenges. Obstacles to a freer, more creative and less socially isolated development of the psychoanalytic movement. The insistence on unraveling the process of non-subjectivity and dis-illusionment. A seam between "The Futures of an illusion", "Group Psychology and the Analysis of the Ego", and "The Humor", emphasizing the themes of power, of the collective and pleasure, wich leads to the game between "disillusionment" e dis-illusionment", in which the operation of dis-illusion is seen as capable of preserving us from disillsionment, or of overcoming it.

Keywords dis-illusion, non-subjection, power, collective, pleasure, group, act-power, psychoanalytic field.

Texto recebido: 11/2022
Aprovado: 12/2022

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 24 01/06/2023 08:34:36

Minto, logo existo[1]

Radmila Zygouris

Nota Agradecemos a Beatriz Martinho Azevedo e Adriana Barbosa Pereira pela sugestão do artigo. Este texto foi originalmente publicado em Epistolettre nº 25, 2002 Atualmente, está disponível em https://www.radmila-zygouris.com/je-mens-donc-je-suis/. E também no site da autora (radmila-zygouris.com), a partir das seguintes seções: "Conférences et textes", "L'Imparfait – Epistolettres – 1983-2007". Todos os textos são acessíveis gratuitamente.

Resumo Neste texto, originalmente escrito em 2002, a psicanalista francesa Radmila Zygouris situa a mentira como um recurso psíquico que protege o sujeito frente à indocilidade do objeto e da realidade. Retirando-a de uma lógica moralizante, traz distinções entre a mentira ordinária, a do mitômano e a do psicótico. Traça, sobretudo, uma diferença fundamental entre a mentira da criança e a do adulto, localizando-as em planos distintos e propondo uma outra leitura sobre a inocência da criança, destituindo-a do ideal de pureza que por vezes lhe é atribuído no discurso social. Por fim, Radmila aponta semelhanças no recurso psíquico à mentira com o ato de criação e a capacidade de fantasiar uma outra realidade.

Palavras-chave mentira, criança, psicanálise, princípio de concepção, criação.

Radmila Zygouris é psicanalista francesa de origem iugoslava. Foi membro da Escola Freudiana de Paris até sua dissolução por Lacan, em 1980. Durante esse período, foi co-fundadora da revista de psicanálise *L'Ordinaire du Psychanalyste*, publicada em Paris entre 1973 e 1978. Escreveu vários livros, entre os quais *Ah! As belas lições!*, *Pulsões de vida*, *Nem todos os caminhos levam a Roma* e *Psicanálise e psicoterapia*, traduzidos para o português. Foi entrevistada pela *Percurso* em 1996 e 2010; ambas as entrevistas figuram no livro *Psicanálise Entrevista*. Atualmente, vive e trabalha em Paris.

Tradução Beatriz Martinho Azevedo e Renato Mezan

Nossos pensamentos nos protegem. Como um tecido imaterial, nossos pensamentos fazem uma interface entre a vida nua e a crueldade do mundo. Igualmente, nossos pensamentos nos fazem sofrer. Basta evocar as autorrecriminações do melancólico ou as lembranças traumáticas para se convencer disso, mas em última instância nós temos apenas nossos pensamentos como proteção última, tanto contra os ataques vindos do exterior como os do interior. Nossos pensamentos protetores são de todos os tipos; dentre eles, alguns estão a serviço da mentira. A mentira é uma produção do pensamento. Todo mundo sabe mentir com mais ou menos talento, e isto desde a infância. Alguns dizem que os psicóticos não sabem mentir. É falso: suas mentiras são simplesmente de uma natureza menos adaptada à realidade comum. Do ponto de vista da moral, é errado mentir, e às vezes até criminoso.

Mas uma criança que não sabe mentir é preocupante. Pois é uma criança que não sabe se proteger. A mentira é a invenção por um sujeito de uma realidade que não existe, seja por fabulação pura e simples, seja pela negação de uma realidade existente. Mentir protege o sujeito. Do ponto de vista da metapsicologia freudiana, trata-se de proteger o Eu (*Moi*). Para usar a linguagem dos anglo-saxões, pode-se dizer que se trata de uma atividade do Si (*Soi*)[2] para proteger o Eu de uma dependência perigosa. Deste ponto de vista, não estamos na lógica do recalque, mas sim na esfera do íntimo. Pode-se bem frequentemente encontrar razões inconscientes que levam alguém a mentir. Se a própria atividade de mentir é consciente, as razões que levam a mentir são frequentemente de ordem inconsciente.

Com exceção de mentira necessária para proteger a sobrevivência em situações de perigo real, o mais comum é nos depararmos com

1 N. T.: Revisão técnica de Adriana Barbosa Pereira.

2 N. T.: Embora a autora mencione os anglo-saxões, fazendo referência ao termo "*self*", em nenhum momento do texto usa a palavra em inglês. Motivo pelo qual optou-se aqui por traduzir "*Soi*" para "*Si*".

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 25 01/06/2023 08:34:36

a mentira mais ordinária emerge da construção consciente de uma ficção, e nisto se distingue radicalmente do delírio

alguma fragilidade narcísica. O que se chama de mentira inconsciente se parece com o desconhecimento.

A mentira mais ordinária emerge da construção consciente de uma ficção, e nisto se distingue radicalmente do delírio. O sujeito não acredita nela. Entretanto, encontra-se uma zona de incerteza na mitomania. Acontece de o mitômano acabar acreditando em suas próprias fabulações, e sua fragilidade narcísica é patente. Nele a mentira é literalmente adorno e prótese do Eu, graças à qual ele se torna – a seus próprios olhos – amável para o outro. O mitômano recorre à mentira sem ser levado a ela por qualquer necessidade externa; suas mentiras são aparentemente gratuitas, e é isto que o distingue do mentiroso ordinário. Este último mente por uma razão visivelmente útil. Como a criança que fez uma besteira e conta uma lorota para escapar da punição.

Se a mentira simples é a roupa que protege do frio, a narrativa mitomaníaca é o adorno que fará brilhar uma roupa às vezes inexistente. O mentiroso sabe por que mente. Ainda que a verdadeira razão possa lhe escapar e ser inconsciente, o mitômano não sabe o que o leva a fabular. "É mais forte do que eu", diz ele, e também: "Saiu sozinho". "Eu quis me fazer de interessante" é a explicação corrente e superficial. O mitômano é fabulador por uma necessidade que lhe escapa e que o faz tomar riscos contrários a seus interesses. A fabulação "espontânea" do mitômano, que por vezes surpreende a ele mesmo, é uma forma de pensamento criador, como o do romancista que escreve histórias sem saber de onde elas lhe vêm, de certa forma prontas para serem escritas, vindas de um lugar onde "isso pensa" nele. Resta então a escrita propriamente dita, ou seja, todo um trabalho do qual o mitômano escapa.

Muitas mentiras bastante simples, utilitárias, saem também desta maneira rápida, não premeditadas, a partir de um "isso pensa". Contudo, elas têm um objetivo evidente: salvar a própria pele, ou pelo menos parte dela. Ao contrário da mentira premeditada, preparada, a mentira espontânea – seja a do pequeno mentiroso ou a do mitômano – emerge do pensamento alucinatório, como toda ficção, como toda narrativa que inventa uma realidade que não existe.

Em análise, temos o hábito de procurar causas naquilo que ocorreu antes do atual. É preciso ter nascido na mentira para se comprazer com ela? Não necessariamente, mas acontece, pois há transmissões de mentiras. Mas há um detalhe: podemos chamar de mentiroso aquele que repete sem saber disso?

Certas crianças nascem em uma mentira, e desde o início têm de lidar com uma história truncada, uma realidade que as condena – estejam elas conscientes disto ou não – a se tornar verdadeiras escravas da decifração. Muitos sofrimentos, patologias graves, têm sua origem na não-fiabilidade do entorno[3], que transmite uma mentira por vezes de geração em geração. Frequentemente, temos que lidar na clínica com os danos da mentira, com as múltiplas feridas da memória das quais sofrem alguns pacientes. Cabe ao analista se transformar em detetive em relação aos antepassados, cuja reputação ele precisará às vezes manchar para salvar o prejudicado de uma linhagem de "mal ditos".

Se uma descendência pode padecer de uma mentira transmitida consciente ou inconsciente, o primeiro mentiroso, aquele que está na origem da mentira, não deve por isso ser condenado. É preciso entender o que leva alguém a mentir.

Às vezes, mentir é a única maneira de sobreviver. À vergonha, ao opróbrio, ao medo de perder o amor do outro. Há famílias em que se vê bem como pode nascer e desabrochar uma aptidão para mentir além do razoável. Mas não é sempre o caso, e não é verdade para todas as mentiras.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 26 01/06/2023 08:34:36

E a mentira da criança? Ela é a mesma e é diferente, porque a criança é dependente do adulto, e suas mentiras se inscrevem, na maior parte dos casos, em relação a esta dependência. Não que suas motivações sejam necessariamente diferentes; ou também ela mente para não perder o amor do outro, sua dignidade, ou por medo, e também ela mente para salvar seus prazeres proibidos. Uma das mais belas mentiras de criança está no filme de Truffaut, "Os Incompreendidos"[4], onde o pequeno Doinel chega atrasado na sala de aula, e sem saber o que dizer como desculpa, lança: "Minha mãe morreu". Esta mentira é perigosa, ultrapassa a zona do plausível, e protege muito mal seu protagonista.

A criança também pode ser pega em uma repetição infernal e familiar, na qual apenas a mentira parece constituir uma arma de luta conhecida. Mas a questão permanece: como nasce a possibilidade da mentira?

Onde se origina a competência de mentir?

Eu gostaria de separar a atividade de mentir de qualquer consideração moral. Abordar a mentira como uma criação da mente fora de qualquer julgamento quanto ao seu valor e aos seus usos.

Mentir é a atividade mental mais próxima da invenção e do "*fantasieren*". A mentira é prima-irmã da brincadeira, de todas as brincadeiras que começam por: "Faz de conta que…"[5]

Toda mentira tem uma função. Uma das mais comuns é a função utilitária: mente-se para se encobrir… O bebê não mente porque não fala. Ele pode ter artimanhas, mas a artimanha não é a mentira. Uma vez adquirida a fala, mesmo

a mentira tem como fonte a invenção de uma outra realidade, a serviço do Princípio do Prazer mais do que a serviço do Princípio de Realidade

de forma rudimentar, a criança é capaz de mentir. Ele não precisa aprender. Mentir faz parte de suas descobertas pessoais, como o brincar. Salvo que a mentira, mesmo para o pequenino que quer esconder uma besteira que fez, envolve um risco: o risco de ser desvendado. Mesmo muito pequena, a criança que mente sabe que seu parceiro pode se tornar um inimigo para o que pretende fazer, o que não é o caso no brincar.

A mentira é fabricação de uma narrativa, de uma outra narrativa. E mesmo a mentira minimalista, como a que consiste em responder "não" no lugar de "sim" à pergunta: "foi você que comeu o chocolate?". Esse simples "não" mentiroso supõe como pano de fundo uma narrativa possível, uma narrativa que justifica esta negação da realidade "verdadeira".

Em alemão, duas palavras distintas enunciam a realidade: a "*Wirklichkeit*", mais próxima da verdade, diferente da "*Realität*", que designa a realidade, e em Freud a realidade psíquica.

A mentira tem como fonte a invenção de uma outra realidade, a serviço do Princípio do Prazer mais do que a serviço do Princípio de Realidade. (*Realitätsprinzip*: para quando a invenção de um *Wirklichkeitsprinzip*?).

Desde bem pequeno, o humano começa sua vida na Terra inventando uma outra realidade. Por mais satisfatória que seja a capacidade de adaptação materna às necessidades da criança, haverá sempre um intervalo no qual virá se alojar a insatisfação, origem de toda fabulação posterior.

Ao falar do Princípio do Prazer, Freud nos familiarizou com a noção de objeto alucinado. O objeto alucinado seria em suma o primeiro objeto criado pelo pensamento. A mentira articulada

3 N. T.: Em Frances, "*entourage*" designa também o meio, o círculo do convívio de alguém, seus familiares e pessoas próximas.

4 N. T.: Título original: "Les 400 Coups".

5 N. T.: No original, "On dirait que…". Em tradução literal, "diria-se que" ou "diríamos que". A expressão é usada tanto para dizer de algo que aparenta outra coisa, que "parece que", quanto para dar início a uma situação de faz de conta.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 27 01/06/2023 08:34:36

o objeto alucinado, objeto de espera, vem duplicar o real do objeto da satisfação. É um duplo melhorado

tem sua fonte no saber a diferença entre o real, o possível e o plausível. A mentira é a invenção do possível, de um real plausível para um outro. Estas diferenças não são evidentes, e, na psicogênese, se constituem progressivamente através da separação entre o objeto alucinado e o objeto da realidade. Entre o mundo interior e o mundo exterior, entre devaneio (*rêverie*), percepção e consciência. A mentira, como toda criação, é ultrapassagem ou evitamento do Princípio de Realidade, a serviço do Princípio do Prazer. Para ser mais complexo, seria necessário fazer intervir um terceiro princípio, que eu havia chamado de Princípio de Concepção, além do Princípio de Realidade, princípio que regeria a criação, e – por que não – a aptidão a mentir, a fabricar ficções, sem, no entanto voltar ao único Princípio de Prazer.

O objeto dócil

O objeto alucinado, objeto de espera, vem duplicar o real do objeto da satisfação. É um duplo melhorado, e é no processo de melhoria do objeto alucinado em relação ao objeto real da satisfação que se situa a primeira verdadeira produção mental do pequeno ser humano[6]. Ela está na invenção da diferença, entre o objeto alucinado melhorado e o objeto real. De alguma forma, o objeto alucinado é constituído pelos traços mnêmicos deixados pelo objeto da satisfação (teoricamente perdido para sempre) e pela melhoria atribuída ao traço do objeto real.

Parto da hipótese de que a mentira tem sua origem na competência alucinatória do sujeito, portanto, na fabricação do objeto alucinado desde os primeiros meses de vida. Esta capacidade alucinatória é desde o início ligada ao Princípio de Prazer, frente à rudeza do Princípio de Realidade. É justamente esta primeira ancoragem no sistema prazer-desprazer que mais tarde estará em ação no recurso à mentira como meio de proteção subjetiva. A mentira está essencialmente a serviço do Princípio de Prazer, mas abre caminho, está relacionada com a competência conceitual, a competência para criar o que ainda não existe (Princípio de Concepção). É em parte por causa da sua ancoragem no Princípio do Prazer que ela é tão severamente julgada, para além de qualquer consideração moral. Ela diz: "Quero gozar sem entraves. E sobretudo sem o entrave da sua realidade". Outros dirão que é uma recusa de castração. Mas seria pular etapas rápido demais, recorrer rápido demais a lugares comuns. Trata-se sempre de melhorar o objeto alucinado em relação ao objeto real.

De que natureza é a melhoria? De todos os tipos, sem dúvida, e do tipo mais íntimo que jamais conhecemos. Mas podemos pelo menos supor um: que o objeto alucinado terá uma qualidade que o objeto da realidade não terá: a docilidade. O objeto alucinado é dócil em relação aos desejos de seu criador, enquanto o objeto da realidade, mesmo o mais satisfatório, é sempre, em um momento ou outro, insuficientemente dócil. É, aliás, essa falta de docilidade que leva a recorrer à alucinação.

Em análise, vemos isto quando o paciente chega e diz: "Fiz minha sessão antes de chegar, na minha cabeça. Falo com você mais facilmente, lhe conto um monte de coisas que não encontro na sua presença". Isso se junta aos devaneios amorosos, onde se diz e se faz ao outro o que se quer. É nisso que a mentira e a alucinação estão próximas dos devaneios e das fantasias, salvo pelo fato de que enfrentam um destinatário real, e devem levar em consideração o que é plausível – o que já é uma grande limitação e exige todo tipo de competências conceituais e sociais.

Levanto também a hipótese de que em algumas crianças (mais do que em outras) uma realidade atual faz surgir em alguns momentos a nostalgia do objeto dócil. O fato de serem mimados

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 28 01/06/2023 08:34:36

ou não, não é um critério distintivo, coisa que os pais, mesmo os melhor analisados, parecem ignorar. "Ele tem tudo o que quer", dizem como qualquer pai tolo. A mentira, assim como o furto da criança, está no cruzamento do social e do íntimo.

a criança pode assim mentir e permanecer "inocente"; ela perde sua inocência quando vê o adulto mentir.

Um si escondido[7]

No que antecede a mentira e a mitomania, existem razões diversas, e dentre elas o fato de que alguns sujeitos – e isto está presente desde a infância – só podem sobreviver graças a um "si escondido". Este si escondido é a condição para a sua sobrevivência psíquica, que não poderão confiar a ninguém, pois eles mesmos nem sempre têm consciência disso. Masud Khan escreveu sobre isso coisas muito interessantes. São assim processos inconscientes, anteriores à mentira, que é consciente. Estes processos inconscientes e a existência de um si escondido não devem ser confundidos com as causas da própria mentira.

A inocência da criança

Atualmente há um grande retorno à crença na inocência da criança. Estamos no grande território da estupidez. Querem lavar a criança de qualquer sexualidade, de qualquer obscenidade. O que se entende por "inocência" da criança? A criança tem pulsões muito fortes, quer gozar com o mínimo possível de entraves. Não é, portanto, inocente, deste ponto de vista. Tampouco pelo fato de que não poderia mentir. A criança mente, e não precisa aprender a mentir. Mente espontaneamente quando seu sistema de prazer é ameaçado. Não precisa se identificar com nenhum pai mentiroso. Ela sabe mentir por si mesma, não precisa de um mestre para isso. Nasce com a competência para falar, mesmo que sejam necessárias condições que atualizem essa competência inata; mas são condições muito gerais do ambiente humano. O mesmo vale para a mentira. A criança nasce com a habilidade de mentir, desde que tenha adquirido um certo grau de maturação. E, no entanto, não é errado invocar uma inocência da criança. Então, no quê ela é inocente? A maioria das crianças mente em um momento ou outro. Esta capacidade é aliás o sinal de que sabem se proteger, se abrigar, para obter algo que desejam ardentemente.

Mas há uma inocência particular na infância: não é, porém, a ausência de mentira – é a sua credulidade. As crianças acreditam no que lhe é dito. Não supõem que o adulto seja mentiroso. Elas mesmas podem mentir, sabem que estão em desvantagem pela relação de forças entre elas e os adultos. Uma criança pode assim ser tanto mentirosa quanto crédula. Porque a credulidade e a capacidade de mentir não surgem das mesmas funções psíquicas. A mentira se enraíza na tentativa de tornar o objeto dócil, a credulidade se baseia na crença de que o adulto, sendo mais forte, está à altura dos seus próprios desejos.

A criança pode assim mentir e permanecer "inocente"; ela perde sua inocência quando vê o adulto mentir. Aí o mundo da infância desmorona. E muitas crianças sabem, inconsciente e conscientemente, que não devem acreditar em certos adultos, que o adulto mente; mas aqui são condições particulares, como as que podem ser encontradas nas famílias "com segredos". Descobrindo o adulto que mente, a infância desmorona, porque a criança não é a guardiã de lei. Frente à lei, a mentira da criança não tem o mesmo estatuto que a do adulto. É o adulto que é o guardião e o garantidor da lei.

6 N. T.: No original, "petit d'homme", expressão francesa que designa a criança enquanto uma versão pequena do humano, dando ênfase ao aspecto geral próprio à espécie humana.

7 N. T.: No original, "*Um soi caché*", como na obra de Masud Khan intitulada "*Hidden Salves*".

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 29 01/06/2023 08:34:36

a confissão arrancada pela ameaça ou chantagem afetiva é a violação deste espaço íntimo, do qual a criança não tem necessariamente consciência

Se ele mente, se mente gravemente e a criança toma consciência disso, a lei vacila. A criança não pode nunca ser considerada como transgressora, mesmo se faz coisas transgressivas. Só o adulto pode ser culpado de transgressão.

O que levará a criança à mentira é a nostalgia do objeto dócil, que lhe garante um espaço próprio, inviolável (acredita ela) e secreto, uma morada íntima. Isso não significa que ela viva apartada em um devaneio perpétuo. O recurso à mentira é assunto de um instante, um momento revelador deste caminho secreto e inconsciente que faz sinal àquele que pode ouvir. Significa que há um processo em curso contra a invasão de uma realidade que deve ser mantida à distância. O recurso à mentira em crianças, sem excluir as mentiras utilitárias mais banais, é um equivalente à barreira protetora contra a intrusão do outro em seu mundo interior.

O duelo da mentira

Na mentira há um duelo entre os dois protagonistas: o que mente e o destinatário da mentira. Lembro de uma criança muito pequena, não mais de três anos, que tinha feito xixi no chão, e – negando a evidência – dizia à sua mãe, com um ar malicioso: "É água". Em segundo plano, há um discurso que ela não sabe manter, e que diria mais ou menos: "Não, você está enganada. Esta poça de água aos meus pés, não fui eu quem fez xixi, você sabe que eu estou limpa…", etc. Ela mal sabe falar, não sabe dizer tudo isso, porém já sabe mentir. "É água …" Já sabe, de forma confusa, que sua pequena mentira implica em um mundo à parte. O mundo onde a mãe acredita que a criança fez xixi no chão não é o mesmo no qual acredita que alguém derramou água no chão. Um mundo exclui o outro. Toda mentira implica uma relação de forças. O meu mundo contra o seu. O mundo da sua realidade, e o meu mundo povoado de objetos dóceis.

Mais tarde, na adolescência, muitos outros interditos entram em cena, o sexual entre outros, e a relação de força pode se tornar violenta, ou mesmo insustentável. Um dos dois deve se curvar, e não é bom para ninguém se curvar. Alguns não se recuperam de terem sido forçados à confissão.

Um paciente me dizia: "Para mim, o inferno tem duas figuras: a exigência de transparência e um mundo feito exclusivamente de artistas". Era um artista!

A confissão

A confissão arrancada pela ameaça ou chantagem afetiva é a violação deste espaço íntimo, do qual a criança não tem necessariamente consciência. A confissão pode aliviá-la, permitindo-lhe recuperar a benevolência do adulto (pois não é fácil manter o segredo da mentira), mas fica o rastro consciente da humilhação de ter cedido, de ter abdicado, e o rastro inconsciente do abandono do domínio imaginário do objeto, a perda do objeto dócil. Algumas lembranças de confissão são literalmente traumáticas, e me pergunto se, além da humilhação consciente que elas representam, não é a renúncia à onipotência infantil e à faculdade alucinatória que constitui a ferida, ferida de reviver a descoberta da perda do objeto dócil. E essa perda não será tão grave quanto a de um ser amado? Porque na verdade é disso mesmo que se trata.

Se a confissão é extorquida, se as ameaças forem pesadas demais e a necessidade de manter um si escondido for demasiado importante, então restará para a criança ou para o adolescente apenas o último refúgio: seu corpo, o orgânico. No inventário dos silêncios do corpo, tudo pode servir como biombo. As afecções da pele, a falta de ar nos pulmões, o vazio ou o cheio demais do

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 30 01/06/2023 08:34:36

estômago, que não devem ser analisados como somatizações histéricas, e sim como o último refúgio, o último recurso quando a mentira falha em sua função protetora, de manter o traço[8] de um objeto dócil, significando a renúncia a uma atividade em suma criadora. Só o corpo ainda é capaz de funcionar como barreira quando o pensamento já não atua mais como proteção, quando a mentira é inoperante para dar lugar a outra realidade, a fim de que haja dois mundos, e não mais um único, o do inferno da transparência. Onde corpos e almas são entregues à curiosidade sexual infantil sobre os pais, ao seu medo social, ou à raiva de suas próprias mentiras escondidas.

O arrancamento pela confissão nada tem a ver com a busca durante uma análise, à qual analista e paciente se dedicam para encontrar um motivo secreto, cujo lugar e cujo destino tentarão explorar juntos.

Para terminar, aqui estão duas histórias de mentiras analisadas por Freud.

"Duas mentiras infantis"

Vocês conhecem, sem dúvida, essas duas mentiras de criança relatadas por Freud. Trata-se das lembranças de infância de duas pacientes adultas. Nos dois casos, Freud chega – mas será surpreendente de sua parte? – a uma significação edípica.

Recordo alguns elementos. No primeiro caso: "Uma garota de sete anos de idade (no segundo ano escolar) pediu algum dinheiro ao pai, a fim de comprar tintas para pintar ovos de Páscoa. O pai se recusou a dar-lhe dinheiro, argumentando que não o tinha. [Ressalto desde já que Freud não assinala esta mentira do pai, porque é evidente que ele mente à criança dizendo-lhe que não tem dinheiro para essa pequena compra]. Pouco depois ela lhe solicita dinheiro

estudando as lembranças de infância de duas pacientes adultas, Freud chega – mas será surpreendente de sua parte? – a uma significação edípica

para colaborar na aquisição de uma coroa de flores para o funeral da princesa reinante, que vem a falecer. Cada criança da escola deve contribuir com cinquenta *pfennig*. O pai lhe dá dez marcos; ela faz sua contribuição e deixa nove marcos na escrivaninha do pai, tendo usado o restante cinquenta *pfennig* na compra das tintas, que esconde no seu armário de brinquedos."[9]

O pai desconfia da farsa, faz a pergunta. A filha mente, e nega ter subtraído o dinheiro. É traída pelo irmão, que a denuncia; ela recebe um castigo enérgico, confiado à mãe. Depois de tê-la punido, a mãe fica abalada pelo desespero da criança, que é enorme. A paciente de Freud considera esta experiência uma "virada" em sua juventude. A partir deste momento, ela se torna uma criança tímida e temerosa, quando antes era turbulenta e alegre. Relata outras lembranças de entrar em conflito com a mãe ou com o marido, por histórias de dinheiro e de autonomia.

Durante seu tratamento com Freud, ela se encontra em certo momento com falta de dinheiro, pois as somas que seu marido lhe envia chegam com atraso. Freud conta: "Depois que certa vez me contou isso, fiz-lhe prometer que me tomaria emprestada a pequena soma de que necessitasse, caso se repetisse a situação."[10] Ela dá sua palavra a Freud, mas a situação se repete e ela penhora suas joias em vez de pedir-lhe o dinheiro emprestado.

A história continua, pois a paciente, como uma boa paciente, produz uma associação com uma lembrança mais antiga: aos três anos tinha tido como babá uma moça à qual era muito apegada. Esta moça tinha relações eróticas com um médico, e a menina a acompanhava em suas

8 N. T.: No original, "*creux*", que neste caso pode ser traduzido por marca, pegada, impressão, aquilo que carrega um formato impresso, tal qual um molde.

9 S. Freud, "Duas mentiras infantis", p. 318

10 S. Freud, *op. cit*. p. 319.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 31 01/06/2023 08:34:36

será que, por acaso, os teóricos da psicanálise não se tornariam fabuladores sem querer quando se trata de provar a consistência da sua teoria?

consultas[11]. Freud supõe que a garota tinha sem dúvida sido testemunha de certas cenas sexuais. Depois desses encontros galantes, a jovem dava à menina algumas moedinhas para se assegurar de seu silêncio. A pequena, tendo brincado ostensivamente na frente da mãe com o dinheiro recebido, e sido interrogada a este respeito por ela, havia confessado a proveniência das moedas, traindo assim o segredo da sua amada babá. Esta foi imediatamente despedida. Freud não faz nenhum comentário sobre a ferocidade da conduta dos pais, que arrancam brutalmente a moça da criança que era tão apegada a ela. Deduz que na cabeça dela se estabeleceu uma equação entre pedir dinheiro e ter uma relação sexual, necessariamente com pai.

Ele diz: "Ela não podia confessar que se apropriara do dinheiro, tinha de negar, porque o motivo do ato, para ela mesma inconsciente, não era confessável"[12]. O desmoronamento da criança se explica para Freud assim, pelo fato de que ao puni-la seu pai teria recusado a ternura que lhe era oferecida. Será que o desejo de obter o que queria, apesar da recusa do pai – recusa baseada ela mesma em uma mentira – e o temor diante da ferocidade do pai, não são suficientes para fazer perder a confiança de uma criança? Para lhe dar vontade de se proteger diante de um mundo tão contrário aos seus próprios desejos? Tenho uma grande admiração por Freud, mas muitas vezes, quando se trata de pais[13] e meninas, não posso segui-lo como gostaria de fazer.

O segundo exemplo conta a história de uma paciente que está deprimida e que se deprecia. Como prova, ela conta que já em criança era mentirosa e presunçosa. Um dia, na aula, a professora tinha pedido às alunas que desenhassem uma cereja à mão livre. Ela havia trapaceado, e desenhado um círculo perfeito usando secretamente um compasso. Foi descoberta e humilhada. Mais uma vez, Freud chega a uma conclusão semelhante: ela havia se gabado e mentido para estar à altura de um pai idealizado, pai que desenhava muito bem, mas que por outro lado não estava à altura da admiração que sua filha lhe dedicava. Sua trapaça e sua mentira, explica Freud, estariam relacionadas ao desejo de seduzir o pai. Sem procurar causas edípicas e desejos de agradar ao pai, pode-se supor que uma criança queira brilhar aos olhos de sua professora por razões que lhe são próprias. Como Freud também é brilhante (!) quando quer demonstrar alguma coisa, sua coisa, sua causa, sua construção é eficaz, é quase convincente, mas não me convence!

Será que, por acaso, os teóricos da psicanálise não se tornariam fabuladores sem querer quando se trata de provar a consistência da sua teoria?

Se tivessem recorrido a Melanie Klein, ela teria encontrado outras causas, sem falar de Lacan, que teria sem dúvida encontrado um significante voando de uma sequência à outra, representando a falha de uma castração simbólica. E Maria Torok nos teria talvez encontrado algum ancestral mentiroso, cujo tesouro seria necessário preservar a todo custo. Outros ainda teriam encontrado uma depressão materna desconhecida para explicar a gabolice, etc, etc…

Quando se trata de encontrar uma explicação, as teorias se precipitam rapidamente, e todas têm uma palavra a dizer.

É por isto que preferi falar sobre a função da mentira em vez de dar explicações quanto ao conteúdo de uma mentira particular, que pode sempre se justificar. É preciso diferenciar o conteúdo de uma mentira, conteúdo latente ao qual Freud se apega e analisa como um sonho, da sua função de barreira psíquica contra a violência do outro que ameaça o Princípio de Prazer. Os anglo-saxões, distinguindo o Si do Eu (*le Soi du Moi*) (que não se estrutura com o recalque, mas que é o lugar do íntimo), diriam que o Si protege o Eu

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 32 01/06/2023 08:34:36

de uma dependência insuportável, até mesmo da regressão a uma rendição.

Todo pensamento já é afetado tão logo se efetua. A mentira é um pensamento afetado endereçado a alguém. Onde há uma mentira, há um afeto cuja significação pode ser importante descobrir, mas que exige, antes de mais nada, que seja compreendido o seu momento psíquico enquanto processo dinâmico de construção de uma barreira de proteção. A mentira nos interessa em psicanálise porque revela um processo em curso num dado momento.

A mentira é a explicação plausível para o outro a fim de manter em segredo uma dobra interior.

Uma outra realidade

Assim, desde o início, a mentira pressupõe um destinatário.

A mentira, como qualquer obra, tem a cara do seu tempo. Pois o outro não é somente um pai isolado, mas todo um campo de crenças, um campo social. Isto vale sobretudo para o adolescente ou o adulto, mas a criança pequena também é atravessada pelo fluxo dos desejos e dos discursos dominantes. Um provérbio árabe diz: "O filho se parece mais com a sua época que com o seu pai". A explicação é sempre da época. Procurem a nossa!

A mentira oferece o que o outro deseja ouvir, e o que a época exige.

A idade da adolescência ilustra da melhor forma tanto a produção da ficção feita sob medida quanto a necessidade de proteger um espaço do íntimo. É um momento difícil para todo mundo, mas é preciso dizer logo: são os pais, os adultos, que entram em pânico. Quando chega o momento

11 N. T.: No original, "*rendez-vous*", palavra usada tanto para consultas médicas quanto para encontros, sejam eles amorosos, profissionais, pessoais, etc.

12 S. Freud, *op. cit*. p. 320

13 N. T.: No original, a autora usa a palavra "*pères*", especificando "os pais" (figura paterna/masculina). No texto, este é um dos poucos momentos em que a autora se refere a eles especificamente. Em geral, nos demais, em que se optou por traduzir "pais", foi usado o termo "parents", que abrange tanto pais quanto mães.

14 Aqui, "*Le parent*", genérico para pais e mães.

através da mentira, a criança acusa o pai ou a mãe de não compreender, e ao mesmo tempo os agride, agride por esta incompetência

da adolescência, o casal parental frequentemente já está mais desgastado; ao menos no que diz respeito ao desejo sexual: se está um pouco sem fôlego. Permanecendo intacta a curiosidade sexual, como em todo mundo. Eles recebem no meio da cara aquilo em que tentam não pensar muito. O adolescente, na eclosão de seus ardores e com o modo desajeitado de suas escolhas, obriga-os a isso. As mentiras dele muitas vezes podem ser lidas como a interpretação da realidade imaginária na qual vivem seus pais. E então ocorrem surpresas, pois se revelam zonas de turbulência parentais em seu enredamento com as da época.

Se tantos pais desmoronam ao descobrir as mentiras dos filhos, é porque além da gravidade da mentira eles percebem (conscientemente ou não) o abismo que se abre entre a imagem sonhada que têm de seu filho e a imagem que a criança real lhes mostra deles mesmos, por intermédio da mentira. Toda mentira acusa seu destinatário.

Através da mentira, a criança acusa o pai ou a mãe[14] de não compreender, e ao mesmo tempo os agride, agride por esta incompetência. Não sou a favor de deixar mentir sem limites; os pais não podem se fazer de idiotas e fingir que engolem todas as mentiras.

Isso não impede que a mentira possa ser o último recurso para dizer: "você não passará". O muro da mentira preserva a criança das angústias parentais que a verdade provocaria, e das suas próprias angústias, se tivesse escolhido ceder frente às exigências deles. Então "você não passará" no mundo que é o meu, onde eu crio o que quero, onde preservo o Princípio de Prazer.

Se nos abstemos de julgar, a mentira junta-se à brincadeira, à criatividade do "Faz de conta

que…", e inventa para as necessidades da causa, as necessidades da sua causa. Às vezes a mentira é miserável, outras vezes rica em invenções, em reviravoltas. Ela se associa à capacidade de criar uma ficção.

"Minto, logo penso" é válido para qualquer mentiroso, mas ainda mais para a criança, porque ela é realmente dependente dos adultos. É preciso uma enorme dose de inteligência para criar uma boa mentira bem adaptada à realidade do outro. Através da mentira, a criança experimenta sua capacidade de pensar por conta própria, e isto de forma tanto real quanto ilusória. Simula um ato de liberdade. Como dizia Lacan, "A criança não tem o gozo do seu ato". Como se diz o gozo de uma propriedade. "Minto, logo penso; logo existo por conta própria, um mundo surgido da minha onipotência, da minha capacidade de imaginar. Mas existo também no mundo do outro, graças a essa mentira fabricada sob medida, que me liga ao outro justamente me separando dele".

O preço a pagar por tais acrobacias revela-se por vezes desproporcional ao prazer que ele preserva.

Freud dizia que o Princípio de Prazer era garantidor da vida, e não apenas da vida psíquica, e que ele permanece ativo durante toda a vida. O Princípio de Realidade é no entanto necessário e inexorável, exceto para os artistas, que segundo Freud podiam ignorá-lo mais do que outros, porque com sua arte criam uma outra realidade (que tem suas próprias restrições que obedecem ao Princípio de Concepção).

Infelizmente, o ato criador não está sempre à altura do desejo de uma "outra realidade". A mentira se torna então a única invenção possível face a uma realidade recusada. É a arte do pobre. Ou a arte pobre, "Arte povera", na falta de um saber do bem dizer. E, sem esquecer o cortejo de desgraças ligadas à mentira, quer a precedam ou decorram delas, para concluir com alguma ênfase, vou dizer:

A mentira é a face maldita do ato criador.

Referência

Freud S. (1913/2010). Duas mentiras infantis. In *Obras completas* (vol. 10); São Paulo: Companhia das Letras

I lie, therefore I am

Abstract In this text, written originally in 2002, the French psychoanalyst Radmila Zygouris sets the lie as a psychic resource that protects the subject against the indocility of the object and of reality. Removing it from a moralizing logic, she distinguishes between ordinary lies, the mythomaniac's lies, and the psychotic's lies. Above all, she draws an essential difference between a child's and an adult's lies, placing them on separate fields and proposing a personal reading of the child's innocence, which deprives it of the ideal of purity sometimes attributed to it in social discourse. Finally, Radmila points out similarities between lying as a psychic resource, the act of creation and the ability to fantasize another reality.

Keywords lie, psychoanalysis, conception principle, creation.

Texto recebido: 08/2022
Aprovado: 10/2022

F For Fake: verdades, mentiras, ficções[1]

Sílvia Nogueira de Carvalho

Resumo Este artigo abre perspectivas para refletir sobre marcas de fenômenos sociais nos processos de subjetivação contemporâneos. A partir de uma leitura do filme *F for fake* (1973), de Orson Welles, aborda o valor da arte e da ficção na construção de projetos de vida e na geração de riqueza social.

Palavras-chave Psicanálise, arte e política. Teorias sublimatórias infantis. Ficção psicanalítica.

Sílvia Nogueira de Carvalho Psicóloga, analista institucional, psicanalista. Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, editora de seu jornal digital *Boletim Online*, professora no curso Clínica Psicanalítica: Conflito e Sintoma e articuladora da Área de Publicações e Comunicação no Conselho de Direção de 2021 a 2023. Integrante do coletivo Escuta Sedes. Foi cofundadora e integrante dos grupos Arte e Psicanálise (2007-2019) e Partilhas da Clínica (2017-2019) no Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos de São Paulo (EBEPSP).

1 O presente artigo foi elaborado a partir de apresentação na mesa redonda *Assim é se lhe parece*, composta com a psicanalista Margarida Cavalcanti e o professor Ítalo Morriconi, por ocasião da IX Jornada do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos: *Verdade e Ato*, ocorrida nos dias 16 e 17 de abril de 2010, na cidade do Rio de Janeiro. Corresponde ao desenvolvimento da intervenção realizada pela autora em 28 de novembro de 2009, na mesa-redonda *A coragem da verdade*, proposta pelos Grupos de Arte e Psicanálise (SP) e de Estética e Psicanálise (RJ) do EBEP – Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos.

F For Fake é o título original do filme *Verdades e Mentiras*, dirigido por Orson Welles em 1973 a partir de um documentário de François Reichenbach. Por meio do recurso da multiplicidade de vozes, Welles registra a história do húngaro Elmyr de Hory que produziu e negociou inúmeras falsificações no mercado de arte, entre o fim da Segunda Guerra e a década de 1970. A narrativa não linear compõe uma história sobre verdades e mentiras em que tem lugar o igualmente falsário Clifford Irving – autor do livro *Fake!*, sobre Elmyr, assim como da falsa biografia do excêntrico milionário Howard Hughes. No filme, Orson Welles também apresenta a si mesmo como farsante.

Ao questionar triunfos e fraudes, tesouros e falsificações, *Verdades e Mentiras* possibilita discutir a incidência de fenômenos sociais contemporâneos nos processos de subjetivação, assim como abordar o valor da arte e da ficção na construção de projetos de vida e na geração de riqueza social.

Dom de iludir

Verdades e mentiras se anuncia com o experimento em que Orson Welles (1915-1985) convoca o público a colocar em cena um pequeno objeto pessoal: poderia ser uma chave, fósforos, uma moeda… É um garoto –de possíveis 5 anos– quem contracena com ele, passando-lhe a chave, que, nas mãos do ilusionista, se transformará em moeda, para depois voltar ao bolso do menino em sua forma original, e assim por diante. O rosto da criança transparece a excitação que é familiar a todo

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 35 01/06/2023 08:34:36

« *fazendo coro à canção de Caetano Veloso, caberá à mulher, que assiste à cena pela janela do trem, o tranquilo dizer: "Percebi sua trapaça"*

desfrute lúdico, mas também o espanto diante do truque pelo qual o adulto revela seu *dom de iludir*. Fazendo coro à canção de Caetano Veloso[2], caberá à mulher, que assiste à cena pela janela do trem, o tranquilo dizer: "Percebi sua trapaça".

O recorte desta cena que coloca em jogo o testemunho da criança permite tomar a construção da narrativa como chave de um filme que parece deslizar da farsa à ficção artística subjetivante. Desta forma, começo por considerar a leitura freudiana das *narrativas infantis* como modo de aproximação dos lugares relativos da verdade, do equívoco e da mentira nos processos de subjetivação.

Verdades, equívocos e mentiras: constituição subjetiva e processos de simbolização

Desde Freud (1908) sabemos que a mentira toma parte crucial na construção do saber sexual pela criança. Sentimentos de perda do carinho dos adultos perante a chegada de um novo bebê aguçam sua capacidade de pensamento, voltada a responder ao primeiro grande problema da vida: "De onde veio este bebê intrometido?". À tarefa de tentar impedir a repetição de tal evento corresponde uma pesquisa em que, mais cedo ou mais tarde, o pequeno sujeito recorre ao método direto de exigir uma resposta dos adultos, que representam a fonte de todo o conhecimento. Eis então que o método falha, pois ora as respostas são evasivas, ora sua curiosidade é repreendida ou ainda, as explicações são inverossímeis. Deste modo, a descoberta de que *os adultos mentem* impulsionará a investigação infantil, caracterizada por uma série de *teorias sexuais típicas* em que, se diversos equívocos são cometidos, sempre está contido um *fragmento de verdade* (atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis, assim como o menino tem e sabe a partir de seu corpo; considerar que se o bebê se desenvolve no corpo da mãe, precisa ser expelido, como excremento, numa evacuação; conceber o coito parental como um ato imposto violentamente pelo participante mais forte ao mais fraco…).

Mais tarde, a tarefa de libertar-se dos pais farsantes que desceram em sua estima impulsionará ainda os devaneios característicos da *novela familiar do neurótico* (Freud 1909), pelos quais a criança lança mão de quaisquer coincidências oportunas de sua experiência real para fantasiar a substituição de seus pais por outros de melhor linhagem.

Quer se trate das teorias sexuais infantis, quer se trate dos romances familiares, ambas as formações testemunham a apropriação da função de autoria, pela qual a criança não ocupa o discurso apenas como personagem ou ator, "mas fundamentalmente como autor" (Dunker 2005, p. 147). Freud assinala, em ambos os casos, a presença dos elementos originários dos mitos e das ficções.

Por outra parte, a atividade *consciente* da mentira também envolve a fabricação de um relato, cujo estatuto é, no entanto, bastante específico, na medida em que visa a sua apresentação a um outro sujeito que é seu destinatário, e aos olhos do qual a narrativa procura fazer-se plausível. Como sabemos, seja na experiência direta, seja na vida mental individual, o outro comparece como *modelo, objeto, auxiliar ou adversário* (Freud 1921), motivo pelo qual nossa questão passa a ser: mentir como quem, para quem, por quem ou contra quem?

A investigação relativa ao papel deste destinatário subjaz ao texto produzido por Freud em 1913, iniciado pela referência ao *modelo* das mentiras ditas pelos adultos. Entretanto, tal explicação resulta insuficiente para a compreensão das *Duas mentiras infantis*, que ocorreriam sintomaticamente como dom a ser ofertado a um *objeto*

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 36 01/06/2023 08:34:36

que o espera daquele sujeito, e pelo qual este nutre sentimentos excessivos de amor.

Assim é que conhecemos a história de certa infantil pintora a quem o pai alegou falta de recursos para negar-lhe a módica quantia de 50 centavos, correspondente à compra de tintas para pintar ovos de Páscoa. Em seguida a esta recusa paterna, porém, a menina obtém dele uma nota de dez marcos da qual deveria retirar *o mesmo valor* para colaborar, na escola, com a compra de uma coroa de flores para a falecida princesa reinante. Ela então devolve o troco na escrivaninha do pai, não sem antes retirar o dinheiro para suas tintas. O pai supõe saber o que aconteceu e, ao perguntá-lo a ela, obtém a resposta negativa, com a qual a menina busca proteger-se narcisicamente. A tentativa de ocultar-se fracassa, porém, devido à denúncia feita pelo irmão, mais *adversário* que *auxiliar* da menina, e ela é então severamente castigada pelos pais, e por isso levada ao desespero. Freud não parece dar muita importância à identificação da origem do "crime" cometido – já com Zygouris (2003, p. 44), localizamos nela uma mentira paterna, posto que o pai podia sim dispor do dinheiro que foi afinal dedicado a uma princesa morta –, pois tem lá suas razões para voltar seu interesse à persistência do erotismo anal na vida adulta desta paciente, impossibilitada de aceitar dinheiro vindo dos outros. Entretanto, Freud não deixa de criticar a censura da cena pedagógica moralizante, protagonizada por uma família cuja ferocidade desconsiderou o amor edípico que estaria em jogo no episódio.

Mercado, fé e gozo: fantasmas e realidades nas narrativas artísticas

No esteio desta fundamental herança freudiana – que pensa "uma ética absolutamente outra que a da censura"–, Didier-Weill (1997, p. 124) estuda *os três tempos da lei*, a fim de teorizar sobre o processo analítico. Em certo momento (*op. cit.* p. 210 ss), o autor se põe a pensar sobre os dois obstáculos específicos que tendem a interromper os processos de simbolização: o obstáculo superegoico, o sujeito acredita que "o outro sabe", e o obstáculo denegativo, o sujeito acredita que "o outro não sabe". A fim de situar as condições para uma montagem subjetivante que, assim como no chiste, possibilite ao sujeito reatar com o espanto, Didier-Weill se apoia, dentre outras, na observação de uma cena escolar vivida por ele próprio na 5ª série para defender a necessidade de um redobramento da formulação: "eu sei que ele sabe". Como tema de redação, o professor havia proposto "Conte suas férias", e, ao devolver os textos, guardou um que seria exemplar. Começou então a ler a redação apresentada pelo garoto chamado Mostarda, e progressivamente a classe reconheceu que se tratava de uma das *Cartas de meu moinho*, de Alphonse Daudet. A gargalhada na sala de aula foi reforçada pelo fato de o professor fingir não se dar conta de que lia um Daudet. Era evidente ao olhar de todos que Mostarda estava em posição de poder dizer a si próprio: "Sei que eles sabem que menti", mas, de modo resoluto, o garoto negou o fato de que mentia. Deste modo, Didier-Weill aponta para o fascínio vivido pelos colegas nessa situação em que eles não vêm a saber que Mostarda sabe que eles sabem que ele mentiu, relacionando a recusa de Mostarda a confessar sua mentira à dor de uma transmutação subjetiva pela qual o garoto teria sido confrontado com a relação íntima que mantinha com a verdade.

Didier-Weill se apoia, dentre outras, na observação de uma cena escolar vivida por ele próprio na 5ª série

2 C. Veloso, *Dom de iludir,* 1986. "Como pode querer que a mulher vá viver sem mentir..." é o verso específico a que aqui referimos.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 37 01/06/2023 08:34:36

pudesse Elmyr trabalhar como um artista contemporâneo, talvez pintasse o mesmo Picasso, e, na esteira de Monet, o intitulasse "Impressão de Picasso"

Deste modo, a explosão da confissão da verdade teria a dimensão do "eu sei que (ele sabe que (eu sei que [ele sabe])[3]", como condição de sideração que pode conectar o sujeito a seu desejo.

Voltemos agora ao húngaro Elmyr de Hory (1906-1976), que pinta falsificações como ninguém no século xx, e é tanto o personagem quanto o ator principal de *Verdades e Mentiras*. Nos primórdios de sua carreira –assim como ocorreria com Orson Welles–, Elmyr foi um pintor esfomeado, até que, no pós-guerra, sua reprodução de um Picasso foi interpretada como original pela satisfeita compradora. Percebeu assim que podia vender algo por muito dinheiro, em um tempo em que era incapaz de vender algo seu. Encontrou no valor econômico um fundamento para as miragens artísticas que produziu.

À diferença do mais renomado falsário do mundo, o pintor Salomon Smolianoff (1899-1976), que, dois anos antes terminou por dedicar-se diretamente à produção de dinheiro falso para os nazistas na operação Bernhard (organizada no campo de concentração de Sachsenhausen[4]), Elmyr de Hory não dispensou a intermediação de mercadorias transfiguradas em obras de arte nas incontáveis fraudes que praticou ao rodar o mundo. 60 personalidades depois, Elmyr estabilizou-se em Ibiza, no refúgio de "uma ilha ao sol onde as almas insones encontram-se umas às outras", e onde "as pessoas fazem toda sorte de coisas estranhas".

Seu inquietante talento para "colar" o outro fez com que denvolvesse inúmeras falsificações, absolutamente plausíveis, de telas e desenhos de diferentes artistas pós-impressionistas. Sem que a percepção pudesse operar as necessárias distinções, nenhum detalhe das reproduções de Elmyr o denunciaria a compradores – que estavam prontos para recebê-las e que, a exemplo do produtor François Reichenbach, não quiseram saber do que se tratava –, mas denunciaria certas *teorias sublimatórias infantis* vigentes no mundo da arte: arte é o belo, arte é o raro, arte é o caro. Um ágil falsificador para ávidos mercadores… "Onde está o fantasma, onde a realidade"?[5]

A partir do livro *Fake!*, biografia escrita pelo falsário *auxiliar* Clifford Irving, Elmyr sabe que o mundo sabe que ele falsifica. Mas é no filme de Welles que Elmyr Hoffman finalmente enuncia: "Sim, sou eu, sou o maior falsificador de arte do século xx". Eis o redobramento: Elmyr sabe que (o mundo sabe que (ele sabe que o (mundo sabe que ele falsifica))), e desde este lugar reafirma o nome que construiu.

Pudesse Elmyr trabalhar como um artista contemporâneo, talvez pintasse o mesmo Picasso, e, na esteira de Monet, o intitulasse "Impressão de Picasso"[6], deste modo orientando a leitura da cópia tornada obra. Ou então, à moda de um Magritte, quem sabe anotasse sobre a tela "Isso não é um Picasso"[7]. Tivesse acolhido a designação de *ator* que lhe é sugerida por Welles, e talvez seguisse, como um mágico, propondo performances. Capturado, porém, pelo imaginário num mundo em que a chave é o dinheiro e prevalecem as verdades *fakes* – a verdade do mercado e da confiabilidade dos negócios, a verdade da fé no conceito de *expertise*, a verdade do gozo frente ao engano do outro – tal sideração o confronta com sua particular inserção nas narrativas artísticas, a do impostor que nunca assinou um quadro. Singular verdade do sujeito, a qual Orson Welles foi sensível.

Welles recria Picasso

"Eu posso pintar um Picasso falso tão bem quanto qualquer pessoa", teria dito Pablo Picasso ao ser

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 38 01/06/2023 08:34:36

interpelado sobre o não-reconhecimento de uma obra sua, cuja pintura foi testemunhada pelo amigo que levou o quadro até ele. A partir desta citação, começo a indicar que, em *Verdades e mentiras*, à figura de Elmyr corresponde o fundo de Picasso (1881-1973). É ele o espectador imaginário deste filme datado do ano de sua morte, é a imagem de seu rosto revelada nas fotos que ganham vida por detrás das persianas que Welles anima, para dar a ver a história *fake* em que Oja Kodar se torna musa do pintor andaluz, para depois enganá-lo com a montagem da exposição em que seu suposto avô teria realizado o sonho de falsificar um período completo de Picasso. A farsa verdadeira de Elmyr de Hory é assim remarcada pela falsa recriação de um momento da biografia de Pablo Picasso.

ao longo de sua vasta e mutante produção não somente as mulheres, mas também os mestres povoaram os trabalhos de Picasso

Ao acompanhar a movimentação da exuberante atriz croata da casa à praia em Ibiza, a cena alude às diversas mulheres nas quais os olhos de Picasso teriam encontrado algo do que ele buscava formular em sua obra. Quem saberá de cor os nomes de tais mulheres que lhe souberam mentir? Fernande Olivier, do *Retrato de Fernande Olivier com lenço de seda*, de 1906[8]; Eva Gouel, do *Violino "Jolie Eva"*[9], de 1912; Olga Koklova, do *Retrato de Olga numa poltrona*, a partir de uma fotografia, dos finais de 1917[10]; Marie-Thérèse Walter, da escultura *Cabeça de mulher* (*Marie-Thérèse Walter*), de 1931[11]; Dora Maar, da série *Retrato de Dora Maar*, de 1937[12]; Françoise Gilot, de *Claude a desenhar, Françoise e Paloma*, de 1954[13], e Jaqueline Roque, de *Jacqueline no atelier*, de 1956[14].

Ao longo de sua vasta e mutante produção não somente as mulheres, mas também os mestres povoaram os trabalhos de Picasso. Ao tomar imagens de inúmeras obras da história da arte como referência, Picasso indicou a princípio a pura cópia ou a imitação através dos títulos de seus *Retrato de Filipe IV* (cópia de Velázquez) de 1897, e *Cabeça de Homem* à maneira de El Greco, de 1899. Entre parênteses, o termo *segundo* passou a designar recriações como *O regresso do Baptismo* (segundo Le Nain), de 1917; *O casal Sisley* – segundo uma pintura de Renoir, de 1919; *David e Betsabé* (segundo Lucas Cranach), nas versões de 1947 e 1949; *Retrato de um pintor* (segundo El

3 *Idem*, p. 213.

4 Cf. o filme *Os falsários*, dirigido por Stefan Ruzowitzky, no qual a personagem de Salomon recebe o sobrenome Sorowitsch.

5 Referência ao mote da novela "A senhora Frola e o senhor Ponza, seu genro", escrita por Luigi Pirandello em 1917, matriz da peça teatral *Assim é* (*se lhe parece*). Cf. L. Pirandello 2008, p. 105, 111 e 112.

6 Referência à obra *Impressão, sol nascente* (1872) do pintor francês Claude Monet (1840-1926), marco do Impressionismo.

7 Referência às obras do pintor belga René Magritte (1898-1967) em que o artista figura, por exemplo, um cachimbo e escreve embaixo "isso não é um cachimbo", apontando assim para o contraste entre coisas e signos na vida cotidiana. Cf. G. C. Argan 1992, p. 480.

8 Guache e carvão sobre papel, obra do chamado *período Rosa*. Cf. Warncke e Walther 2002, p. 138. A apreciação de outras obras relativas a Fernande inclui os bronzes *Cabeça de mulher* (*Fernande*), nas versões de 1906 (p. 132) e de 1909 (p. 184) e os óleos sobre tela *Busto de mulher com ramalhete* (*Fernande*) (p. 164) e *Mulher com peras* (*Fernande*) (p. 165), ambos de 1909.

9 Óleo sobre tela do *cubismo analítico*. Cf. Warncke e Walther 2002, p. 197. A imagem da *Guitarra "J'aime Eva"*, de 1912, se encontra à p. 209.

10 Óleo sobre tela. Cf. Warncke e Walther 2002, p. 244. Ver ainda *Retrato de Olga* (*Olga pensativa*) e *retrato de Olga* (pastel e lápis sobre papel), de 1923 (p. 295) e *Cabeça de mulher* (*Olga Picasso*), óleo sobre tela de 1935 (p. 371).

11 Bronze. Op. cit. p. 338. Marie-Thérèse foi revisitada nos óleos sobre tela *Retrato de Marie-Thérèse Walter*, de 1937 (pp. 406 e 407), assim como nos *Mulher deitada a ler* (*Marie-Thérèse Walter*) (p. 432) e *Marie-Thérèse encostada*, de 1939 (p. 433).

12 Op. cit. pp. 404 e 405. Ver também *A camisola amarela* (*Dora Maar*), óleo sobre tela de 1939 (p. 428), *Mulher sentada* (*Dora Maar*), de 1941 (p. 441) e *Mulher com corpete azul* (*Dora Maar*), óleo sobre madeira, de 1942 (p. 448).

13 Óleo sobre tela. Op.cit. p. 516.

14 Óleo sobre tela. Op.cit. p. 530. Ver ainda os retratos dos anos 1952-54, as versões de *Jacqueline vestida de turca*, de 1955 (p. 512), ou a nova série de retratos iniciada em 1959 e estendida até a versão de 1965 (p. 631).

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 39 01/06/2023 08:34:36

> *Picasso "é o movimento feito pintura. Pinta depressa e sobretudo a pressa pinta com os seus pincéis"*
>
> [Octavio Paz]

Greco), ou *As meninas nas margens do Sena* (segundo Courbet), ambos de 1950, entre outros.

Mas depois de suas *Demoiselles d' Avignon* (1907), marco da fundação do cubismo, em que o artista se movimentou antes da Primeira Guerra, a crítica não contava com o retorno do clássico e, em 1919, estabeleceu a recepção negativa que acompanharia sua trajetória artística quando, na exposição individual realizada na galeria Paul Rosenberg, Picasso reafirma o projeto modernista da novidade através da exposição das colagens que transformavam restos em criação[15], ladeadas, porém, por pinturas como a sequência de *Balcões*[16] ou os retratos baseados em fotografias (que foram considerados pastiches). A crítica contemporânea Rosalind Krauss chama a atenção para a articulação entre essa aparência classicista e o caráter mecânico do traço pelo qual retornaram tais representações realistas –traço mágico capaz de "gerar contornos anatômicos intricados sem levantar o lápis da página"[17]. A autora compreende, assim, que *o estranho* ao cubismo seria antes seu Outro automatista, produtor de imagens instantâneas. Curiosa espécie de *ready-made* num artista que visou o olhar…

No dizer de Octavio Paz, à diferença de Duchamp, Picasso "é o movimento feito pintura. Pinta depressa e sobretudo a pressa pinta com os seus pincéis"[18]. A marca deste "tempo-pintor"[19] foi registrada pelas câmeras do documentário O *mistério Picasso*, dirigido pelo cineasta francês Henri-Georges Clouzout em 1956. Através do uso de tintas e papéis especiais, Picasso criou desenhos que foram filmados pelo lado inverso do cavalete –produzindo a impressão de que ele estava desenhando sobre a tela do cinema–, assim como óleos animados em *stop-motion*. Trabalhou contra o imperativo do relógio, pois as obras precisavam ficar prontas antes que o rolo do filme acabasse… *O mistério Picasso* nos leva a pensar que o *ato* é a melhor resposta do artista à questão suscitada pela obra, pois trata da transformação formal incessante, que gera mudança.

Das formas de viver a coisa humana

Didier-Weill chama *falso segredo* àquele que tira sua consistência do fato de estar abrigado do olhar ou do pensamento do Outro"[20]. Inversamente, o ato de Picasso, que inventa a si mesmo na função autor[21], nos ensina acerca do *verdadeiro segredo*, que não somente não teme a luz, mas que tem necessidade da luz para ser revelado: "o verdadeiro segredo não me é secreto porque eu não saberia ver o lugar onde está dissimulado, mas, ao contrário, porque vejo com toda clareza o que nele se furta à clareza do meu saber"[22].

Desta segunda forma de se viver a "coisa humana" –que institui o que é radicalmente secreto– deriva, segundo Didier-Weill, a possibilidade de ser *assim como um quadro*: não ter que *se* esconder para *estar* escondido, não precisar *ter* um segredo para *ser* um segredo. Ser assim como sua obra, cuja transitoriedade não lhe rouba o valor. Ao falar sobre a transitoriedade da arte e do artista, Orson Welles diz:

> Nossos trabalhos em pedra, pintura e impressão são sólidos por algumas décadas ou um milênio ou dois, mas tudo finalmente se despedaçará e o minério irá se desgastar na última cinza universal. Os triunfos e as fraudes, os tesouros e as falsificações. Um fato da vida é que nós vamos morrer. Sejam felizes, artistas individuais mortos fora do passado vivo. Nossas músicas todas se silenciarão. Mas o que somos? Siga cantando. Talvez o nome de um homem não signifique tanto.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 40 01/06/2023 08:34:36

Talvez o nome de um homem não signifique tanto. É deste modo que, ao dirigir esse seu último filme, Orson deixa decair seu nome e, sem querer ser melhor do que ninguém, outra vez, como em suas origens[23], uma espécie de narração radiofônica sobrepuja a montagem das imagens que a ela se entretecem.

Por fim, *Verdades e mentiras* instiga a pensar que a década de 1970 foi iniciada com a quebra, pelos americanos, dos acordos firmados em Bretton Woods no pós-guerra, a partir da qual o dólar passou a ser produzido sem que houvesse nenhum tesouro a ele relacionado. Um ano depois de rodado o filme, em 1974, através da obra *Zero Cruzeiro*[24], o artista brasileiro Cildo Meireles (1948-) colocou em circulação duas figuras marginais ao campo da moeda: numa réplica fiel do dinheiro corrente no Brasil[25] substituiu as efígies da República, de D. Pedro I, de D. Pedro II, de Deodoro da Fonseca e de uma impagável "Evolução Étnica"[26] pelas fotografias de um indígena *kraô*, sobrevivente de um massacre sofrido por sua tribo em Goiás, e de um paciente interno em hospital psiquiátrico. Em posição crítica à elitização da sociedade e da arte, *Zero Cruzeiro* tem edição ilimitada, e seus originais não estão à venda. A inutilidade da obra como dinheiro amplifica seu valor como símbolo estético. Welles é uma das influências que Meireles reconhece em seu trabalho. E *Orson* é o nome com que o cidadão Cildo chamou um de seus filhos.

Mais além de Bretton Woods[27], o ouro não é tudo o que reluz. O ato de Cildo Meireles nos impulsiona a remarcar nossa ficção psicanalítica preferida: *palavra*, *arte* e *gente* foram feitas para circular.

Verdades e mentiras instiga a pensar que a década de 1970 foi iniciada com a quebra, pelos americanos, dos acordos firmados em Bretton Woods

15 Para uma leitura acurada dessas colagens, em que cada elemento pictórico "pode significar luz, poeira, madeira ou água, dependendo da sua relação com os elementos próximos a ele" (p. 38), cf. "A circulação do signo" *in* R. Krauss 2006 pp. 41-94.

16 Referência a obras como *Natureza-morta diante de uma janela aberta em Saint-Raphaël,* guache e lápis sobre papel, 1919. Cf. R. Krauss 2006, p. 179 e Warncke e Walther 2002, p. 261.

17 Cf. R. Krauss 2006, p. 163.

18 O. Paz 2007, p. 8.

19 *Ibidem*.

20 A. Didier-Weill, *op. cit*. p. 76.

21 L. Lagnado, *in* R. Krauss, op. cit., p. 17.

22 A. Didier-Weill, *ibidem*.

23 Referência à transmissão *A guerra dos mundos,* realizada por Orson Welles na rádio C.B.S. – Columbia Broadcasting System – em 30 de outubro de 1938, na qual simulou a queda de um grande meteoro em Nova Jersey, do qual teriam saído invasores marcianos em batalha com os humanos.

24 Cildo Meireles. *Zero Cruzeiro*. Litografia *offset* sobre papel, 7 x 15,5 cm, 1974 -1978.

25 Referência à família de cédulas que circulou no Brasil entre maio de 1970 a junho de 1984.

26 São estes, respectivamente, os motivos das cédulas de CR$ 1,00, de CR$ 5,00, de CR$ 10,00 e de CR$ 50,00, lançadas em 1970, e da cédula de CR$ 500,00, que foi lançada em 1972. Fonte: http://www.bcb.gov.br/?CRUZ70

27 Na contemporaneidade, seria falsa a aspiração de conversibilidade do dinheiro em ouro, à qual visavam os acordos firmados em julho de 1944 em Bretton Woods (Nova Hampshire, EUA). Lembro aqui que essa *Conferência Monetária e Financeira das Nações Unidas* foi realizada a fim de planejar a estabilização da economia internacional e das moedas nacionais prejudicadas pela Segunda Guerra Mundial, e que envolveu a criação do BIRD (Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento) e do FMI (Fundo Monetário Internacional). 1971 foi o ano em que o presidente americano Richard Nixon suspendeu unilateralmente as garantias de Bretton Woods. Note-se ainda que, "no capitalismo avançado, a cédula monetária é um anacronismo" (Herkenhoff, *op.cit.*), pois os cartões bancários que substituem cheques já não representam depósitos de cédulas, mas informação eletrônica.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 41 01/06/2023 08:34:36

Referências bibliográficas

Argan G. C. (1992). *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras.

Bogdanovich P. (1992). *Este é Orson Welles*. São Paulo: Globo.

Clouzout H.-G. *Le mystère Picasso* (O mistério de Picasso). França, 1956. Continental. 75 min.

Danto A. (2005). *A transfiguração do lugar-comum*. São Paulo: Cosac Naify.

Didier-Weill A. (1995). *Os três tempos da lei*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Dunker C. I. L. "Discurso e narrativa na construção do saber sexual", *Educação e Subjetividade: subjetividade e modernidade/ Grupo de Pesquisa do* CNPq, Faculdade de Educação, PUC-SP – Ano I, n. I, 2º sem. 2005. P. 137-159.

Freud S. (1908). "Sobre teorias sexuais infantis". *In*: *Amor, sexualidade, feminilidade – Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

____ (1909). "O romance familiar dos neuróticos". *In*: *Obras completas*, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

____ (1913). "Duas mentiras infantis". *In*: *Amor, sexualidade, feminilidade – Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

____ (1921). "Psicologia das massas e análise do eu". *In*: *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos – Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

Herkenhoff, P. "Arte é money". Disponível em: http://ensinandoartesvisuais.blogspot.com/2008/04/arte-money-paulo-herkenhoff.html

Krauss, R. (2006). *Os papéis de Picasso*. São Paulo: Iluminuras.

Paz, O. (2007). *Marcel Duchamp ou o castelo da pureza*. São Paulo: Perspectiva.

Pirandello, L. (1917). "A senhora Frola e o senhor Ponza, seu genro", in Dias, M. S. *40 novelas de Luigi Pirandello*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Ruzowitzky, S. *Os falsários*. Áustria/Alemanha, 2007. Europa filmes. 98 min.

Rygouris, R. "Minto, logo penso ou arte povera", *Pulsional Revista de Psicanálise*. Ano XVI, n. 171, julho de 2003, pp. 38-47.

Sandroni, P. (2000). *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller.

Warncke, C.-P. e Walther, I. (2002). *Picasso*. Bonn: Taschen.

Welles, O. *F for fake* (Verdades e mentiras). EUA, 1973. Continental Home Vídeo. 86 min.

Wikipedia: http://en.wikipedia.org/wiki/Elmyr_de_Hory

"F for fake": truths, lies, fictions

Abstract This article opens perspectives to reflect on the marks of social phenomena in contemporary subjectivation processes. From a reading of the film F for fake (9173), by Orson Welles, it approaches the value of art and fiction in the construction of life projects and in the generation of social wealth.

Keywords Psychoanalysis, art and politics. Children's Sublimatory theories. Psychoanalytic fiction.

Texto recebido: 09/2022
Aprovado: 11/2022

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 42 01/06/2023 08:34:36

Da droga à palavra

as letras da sexualidade em um caso de toxicomania

Alencar Venâncio Silva Tognon
Elcio Gonçalves

Resumo Por meio do relato de um percurso de análise, o presente artigo visa apresentar a condução do tratamento de um paciente dependente de crack, discutindo a sexualidade na relação com o objeto-droga, a transferência e os manejos clínicos adotados. Destaca-se a importância da psicanálise no tratamento das toxicomanias, uma vez que ela aposta na emersão do sujeito, privilegiando o poder da palavra no processo de elaboração.

Palavras-chave Psicanálise; Dependência química; Sexualidade; Transferência;

Alencar Venâncio Silva Tognon Psicólogo especialista em "Psicanálise Clínica: o sujeito contemporâneo" pela UNIFEV (Centro Universitário de Votuporanga) e psicanalista em formação pelo GTEP (Grupo de Transmissão e Estudos de Psicanálise) do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Elcio Gonçalves Psicólogo clínico (especialização pela PUC – COGEAE) e Psicanalista, membro do GTEP (Grupo de Transmissão e Estudos de Psicanálise) pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

"Se você contar para alguém, você morre".

Uma frase que poderia causar medo e afastamento foi, na verdade, a propulsora de uma relação transferencial muito densa que culminou na análise de um dependente químico.

Inácio, nome fictício que usaremos aqui, tinha 34 anos de idade, estava sob os cuidados de uma clínica de internação particular no interior de São Paulo, custeado pela mãe. Após diversas recaídas no uso de crack, finalmente, a família conseguiu convencê-lo do tratamento.

Tinha um histórico de severas recaídas, de uso contínuo de entorpecentes desde os dezesseis anos e, nesse meio tempo, esteve envolvido com tráficos, furtos e prostituição para sustentar o vício. Havia perdido imóveis, desapropriado bens de familiares, além de ter sido detido, pouco tempo antes da internação, por roubar a casa de um cliente em um programa. Fora isso, morou por quase um ano na rua, onde sua única companhia fiel e inseparável era o crack.

No laudo da equipe técnica endereçado a mim, constava: "dependente químico", "apresenta Transtorno Obsessivo Compulsivo", e, embaixo, uma observação da médica psiquiatra afirmando que o paciente relata um preocupante discurso de ódio contra um colega homossexual.

A esperança da instituição nos atendimentos psicológicos era clara: apaziguar os exagerados rituais que Inácio desenvolvia com a limpeza do ambiente e promover uma melhora na relação interpessoal, uma vez que ele tinha uma grande rigidez com os companheiros, dando broncas, falando em tom de autoridade em prol de um ideal de organização que só existia para ele e que nunca lhe parecia suficiente.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 43 01/06/2023 08:34:36

o paciente utilizava o tempo das sessões descrevendo suas atividades do dia a dia, o quanto desempenhava bem suas funções e a incompetência de seus colegas em não executar as tarefas adequadamente

I. Palavras de início: a busca de um brilho na sujeira

Inácio adentrava a sala de atendimento ajeitando o que encontrava ao seu redor: duas cadeiras laterais, a poltrona onde se sentava e um tapete. Por último, passava a mão sobre uma mesa de canto, certificando-se sobre o seu estado de limpeza. Tudo deveria estar devidamente alinhado, bem-posicionado e… limpo. O seu discurso era rápido, ininterrupto e afobado. Parecia que tinha muito a falar, mas pouco a dizer. Aspectos que, já na primeira entrevista, destoavam de todos os outros pacientes internos daquela instituição.

Limpeza, sujeira… sujeira, limpeza…

O paciente utilizava o tempo das sessões descrevendo suas atividades do dia a dia, o quanto desempenhava bem suas funções e a incompetência de seus colegas em não executar as tarefas adequadamente.

Nada parecia calar Inácio. O outro aparentemente não existia. Um monólogo que não permitia vírgulas, muito menos ponto final. Qualquer palavra que eu tentava dizer, ele não escutava; apenas continuava seu texto como se fosse um roteiro previamente estipulado e que precisava ser cumprido.

Parafraseando Anna O.[2], sabia que aquele paciente precisava "limpar a chaminé" e que aquele espaço para falar sem ser interrompido era importante. Entretanto, algo me fez presumir que toda aquela "limpeza", tentativa de organização e controle, escondia uma "sujeira" com a qual Inácio não estava sabendo lidar.

Quanto mais ele tentava limpar, mais sujo ficava…

A relação dele com a droga era um casamento perfeito. Nada era melhor do que o crack, tanto que parecia que se definiam mutuamente. Apesar das perdas materiais e afetivas que aconteceram pelo caminho devido ao vício, isso não importava, pois ambos tinham um ao outro. Freud argumenta sobre a relação do sujeito com a droga:

> A eles se deve não só ao ganho imediato de prazer, mas também uma parcela muito desejada de independência

Eu prestava serviço no local uma manhã por semana, tinha pouco tempo para atender todos os pacientes da instituição e, perante a urgência declarada da equipe técnica sobre o caso, dei início aos atendimentos, que, de imediato, apresentaram a mim um desafio nunca tido antes. A rigidez de Inácio com limpeza era tamanha que ele não iniciava qualquer conversa se não houvesse, no consultório, sua certificação de que tudo estava de acordo com as suas expectativas. E, além disso, frisava sempre a necessidade da droga.

Trabalhando ali, eu sabia que a clínica das toxicomanias é bastante complexa por possuir diversas comorbidades a ela atreladas, além de gerar um sentimento constante de impotência para o analista. A droga muitas vezes tende a reduzir o sujeito ao consumo; e colocar analiticamente em questão a relação do dependente com um objeto imaginariamente capaz de tamponar o sentimento de incompletude é desafiador.

Como bem destaca Freud, em *O Mal-Estar da Civilização*, a droga é "o método mais cru, mas também o mais eficaz"[1] na busca de satisfação e eliminação do sofrimento.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 44 01/06/2023 08:34:37

em relação ao mundo exterior. Sabe-se que com a ajuda do "afasta-tristeza" podemos nos subtrair à pressão da realidade a qualquer momento *e encontrar refúgio num mundo próprio* que tenha melhores condições de sensibilidade.[3]

Mas… como tratar um paciente que se sente completo? Como interferir em um casamento no qual, apesar de tanta destruição, ele permanece devoto e fiel? Qual seria o modo de adentrar num mundo tão singular e com porta de acesso tão indisponível?

Frente a esse impasse, o psicanalista Jésus Santiago esclarece que, na condução do tratamento, não haveria outro manejo a não ser o da "*ajuda contra*" [4], que visa provocar no toxicômano um adoecimento daquilo que para ele é a cura, já que, na dependência química, a droga significa solução e não um problema.

E foi ali, na brecha entre tantas "sujeiras", através do significante mais utilizado pelo paciente, que encontrei uma possibilidade de introduzir a problemática da droga em sua vida. "Limpo" é uma palavra muito usada pelos grupos de narcóticos anônimos para definir a quantidade de dias ou meses que o dependente químico está sem o uso da substância e era justamente essa palavra que o sujeito vinha falando na mais absoluta vontade: "deixar tudo limpo" e "ficar limpo".

Mas… limpo do quê?

Mantive-me atento a alguma hesitação em seu discurso, alguma palavra que pudesse dar vazão para desorganizar uma fala que parecia bem amarrada e sem lacuna para que o outro adentrasse.

"Abuso", ele disse. Foi isso que enfim soou e que foi marcado na sessão, na esperança de que aquilo pudesse culminar em uma interrogação e dar início a uma análise. Um corte na sessão foi preciso: "*Abuso?!*", perguntei em uma tonalidade de voz mais alta, repetindo esse significante com ar de estranhamento.

e foi ali, na brecha entre tantas "sujeiras", através do significante mais utilizado pelo paciente, que encontrei uma possibilidade de introduzir a problemática da droga em sua vida

A sessão é encerrada antes do tempo, o paciente convidado a se retirar da sala na aposta de que aquela palavra pudesse ressoar. Finalmente, havia conseguido desorganizar um discurso bastante alinhado do qual esse sujeito se valia para esconder algo. O paciente se retira, bastante incomodado, com uma expressão parecida com a de alguém que acabara de ser pego em flagrante.

Inácio tinha relatado que se sentia "abusado" pelo seu vício, que o crack o consumia e não o contrário. Apesar de arriscado, eu nunca imaginaria que esse manejo iria provocar uma entrega tão peculiar do paciente ao tratamento. "Abuso" era uma palavra carregada de afeto, muito importante para o seu caso…

II. Palavras do meio: a outra face da sujeira

Foi assim que, na sessão seguinte, o paciente trouxe, bastante embaraçado, uma cena traumática de abuso sexual na infância. Tinha apenas sete anos de idade quando um conhecido muito

1 S. Freud, *O mal-estar da civilização*, p. 32.
2 Paciente emblemática na psicanálise por ter descrito o tratamento através da frase "limpar a chaminé", dando origem ao método da associação livre, desenvolvido por Freud.
3 S. Freud, *O mal-estar da civilização*, p. 33.
4 J. Santiago, *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*, p. 12.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 45 01/06/2023 08:34:37

havia um saber em jogo naquela relação transferencial de uma maneira muito maciça e perigosa. Neste caso, um saber exposto, claro e bem pontuado

próximo da família o teria ameaçado e abusado sexualmente dele.

"Se você contar para alguém, você morre", falava o paciente para mim na maioria das ocasiões em que a importante confissão era abordada. Frase essa que foi motivo de medo, mas na qual, aos poucos, a escuta psicanalítica pôde captar uma nova compreensão naquilo que emergia como uma ameaça…

Sem perceber, Inácio usava a mesma frase que ouviu do abusador para me ameaçar, provocando em mim, talvez, os mesmos sentimentos que lhe ocorreram na infância. Quase como um código a ser decifrado, verbalizar essa frase parecia ser a única chance daquela criança indefesa ganhar voz, num púlpito, em socorro disfarçado de ameaça, através de um inconsciente sutil, que não descansou até ser ouvido.

Enfim havia conseguido aterrissar naquele mundo tão difícil de acessar; mas, uma vez colocado os pés nele, eu, automaticamente, assinava um contrato imposto pelo único morador, cuja cláusula irrevogável era o silêncio.

A transferência se expôs às claras. Inácio me confessou algo que ele fazia questão de manter velado. Nada do que era dito ali podia sair. Um saber que, sob pena de ameaça de morte, deveria permanecer a dois.

De acordo com Lacan: "A transferência é impensável, a não ser tomando-se de partida o sujeito suposto saber"[5], ou seja, a transferência se instala quando o paciente supõe que o analista saiba das significações de seus sintomas e dos fenômenos que envolvem seu ser.

Havia um saber em jogo naquela relação transferencial de uma maneira muito maciça e perigosa. Neste caso, não era um saber suposto, como define Lacan, que colocava em marcha a situação analítica, mas sim, um saber exposto, claro e bem pontuado: "Você sabe de algo que nem minha mãe e nem ninguém sabe".

Eu sabia. E, sob tal condição, aquilo deveria manter-se encoberto, assim como foi no passado na relação com o abusador. Isso o mantinha apostando na análise, na medida em que assegurava que aquele segredo fosse mantido.

Freud alerta a respeito da repetição que os pacientes exercem na relação transferencial. Nas palavras dele: "é lícito afirmar que o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido ou reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber o que faz"[6]. Gurfinkel complementa sobre essa questão na repetição do adicto:

> [as repetições dos adictos] são repetições de situações traumáticas infantis, vividas, no passado, como muito penosas, para o eu narcisista infantil, e nunca elaboradas; na passagem ao ato, o aparelho psíquico realiza uma evacuação repetitiva de circunstâncias que não conseguiram uma representação ou elaboração adequada.[7]

Era um segredo muito bem guardado e, uma vez compartilhado pela primeira vez com alguém, firmou-se uma união sólida e de grande comprometimento. Tanto é que, após terminar seu período de internação, seu consumo pela análise passou a ser frenético, me procurando para continuar as sessões em meu consultório particular, comparecendo ao menos três vezes por semana (em eventuais momentos, quatro vezes por semana),

com sessões de muita fala, como se precisasse consumir tudo dali, sem deixar nenhuma gota.

Eu parecia ter passado a ser a nova droga daquele sujeito…

Essa passagem marca o segundo momento da análise. Livre da internação, agora com a droga mais disponível e, consequentemente, a possibilidade de recaída, o paciente escolhe a fala como um instrumento para conter a "tensão" (como ele denominava) que invadia o corpo de maneira incontrolável, levando-o ao crack.

Como residia num município vizinho, Inácio optara por viajar para continuar realizando suas sessões, pois confiar aquele segredo a outro profissional de sua cidade era impensável. O contrato de manter encoberta a história do abuso sexual permanecia e isso fez com que eu consentisse em ser a nova droga do paciente, permitindo telefonemas de madrugada, atendimentos fora do horário habitual, reajustes de valores, entre outras práticas. A fala realmente parecia eficaz na redução apaziguadora da tensão que o levava a recorrer à droga.

Mas como manter-se na posição de uma "droga boa"? Possibilitar uma nova forma de consumo para que, em seguida, pudesse trazer vitalidade e uma liberdade de novos investimentos libidinais para esse sujeito?

Do mesmo modo que a transferência sinalizava dois guardiões de um segredo, a droga, na vida do paciente, colaborava com o mesmo fim: *Silenciar um segredo*. Um segredo que, até então, só era mantido em sigilo quando ele o escondia sob toda a "sujeira" que o crack o convocava a atuar (furtos, tráfico e prostituição); desse modo, sua família e a sociedade conheciam o Inácio do uso *abusivo* de drogas e não o Inácio que foi *abusado*.

Mas por que razão o paciente parecia buscar assegurar a proteção do abusador? Mantê-lo em sigilo? Segredo este que custava seu bem-estar, sua dignidade… sua vida.

ali, a meu ver,
estava a mais pura face
da pulsão de morte.
Um evento traumático
que marcou o corpo
do sujeito como um dejeto,
algo sujo, emudecido,
que poderia facilmente
ser consumido e jogado fora

Ali, a meu ver, estava a mais pura face da pulsão de morte. Um evento traumático que marcou o corpo do sujeito como um dejeto, algo sujo, emudecido, que poderia facilmente ser consumido e jogado fora, como eram suas relações na prostituição e na moradia de rua.

De acordo com Freud, a compulsão à repetição está a serviço da pulsão de morte, pois o objetivo de todos os viventes é "retornar à *quietude* do mundo inorgânico"[8] e uma dessas formas é tentar repetir incansavelmente o ocorrido traumático, a fim de desgastá-lo por completo.

Inácio apresentava entraves com a sexualidade, sentindo-se perdido, sensação que parecia caótica. Seu prazer só estava concentrado na droga, nada mais. Na medida em que retirava esse objeto, o caos acontecia, "parece que meu corpo desmembra".

Para Santiago, o recurso à droga pode ser "como uma construção que permite ao sujeito tolerar os efeitos imprevisíveis e angustiantes do gozo do corpo"[9], ocorrendo uma desgenitalização da sexualidade, "isso ocorre porque, para este, ela [a droga] assume o valor de um objeto parcial,

5 J. Lacan, *Seminário* 11: *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p. 269.
6 S. Freud, *Repetir, Recordar e Elaborar*. p. 199-200.
7 D. Gurfinkel, *A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania*, p. 222.
8 S. Freud. *Além do Princípio do Prazer*, p. 237.
9 J. Santiago, *op. cit.*, p. 19.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 47 01/06/2023 08:34:37

"a história da origem e das relações do amor nos torna mais compreensível o fato de tão frequentemente ele aparecer como 'ambivalente', isto é, em companhia de impulsos de ódio contra o mesmo objeto"

[S. Freud, "Os instintos e seus destinos"]

capaz de fixá-lo nos estágios pré-genitais, interrompendo, assim, as circunstâncias que permitiriam o encontro com o objeto genital"[10].

Logo, é possível afirmar que a drogadição permite ao sujeito se fixar no autoerotismo, retardando a passagem para a fase genital da sexualidade, como reitera Freud na carta 79 endereçada a Fliess, notando que as adicções são substituições do ato masturbatório: "Comecei a compreender que a masturbação é o grande hábito, 'o vício primário', e que é somente como sucedâneo e substituto dela que outros vícios – álcool, morfina, tabaco etc. – adquirem existência."[11]

Durante o processo, em meio a tantos descompassos para organizar sua satisfação sem a droga, Inácio teve algumas recaídas e se envergonhava muito em confessar os ocorridos, apresentava-se muitas vezes descrente de sua melhora. Porém, minha posição sempre era neutra, de modo a garantir não cair na cilada transferencial de reprovação que todos os seus familiares tinham sempre que isso acontecia.

A respeito das recaídas, o pai da psicanálise esclarece que elas ocorrem em consonância com certos desajustes na sexualidade: "Estes narcóticos buscam compensar – direta ou indiretamente – a falta de prazeres sexuais, e naqueles casos em que não for possível restabelecer uma vida sexual normal, pode-se esperar-se com certeza uma recaída."[12]

Em meio a um discurso repetitivo em relação a droga e aos rituais de limpeza, uma fala de ódio desvairava sempre que possível… De acordo com o paciente, os homossexuais cometiam um "sexo sujo" e, por isso, o mundo seria melhor se eles não existissem. Esse ódio generalizado revelava a face contra seus próprios impulsos homoeróticos e tinha como origem a relação traumática com o abusador.

Ao abordar sua trama familiar, a ausência de um pai fez com que o paciente entendesse o abusador como uma figura de muito prestígio e autoridade. Este ajudava a casa financeiramente e frequentava as reuniões e festas familiares, sendo muito aclamado e amado por todos. A mãe o tinha como uma pessoa íntegra na religião que seguiam. Assim, expor a face abusiva do agressor, na ideia do paciente, traria uma desavença com a genitora, como também o obrigaria a lidar com a ambivalência de sentimento em relação a essa figura, pois, para Inácio, ele foi "como um pai" na sua infância.

"A história da origem e das relações do amor nos torna mais compreensível o fato de tão frequentemente ele aparecer como 'ambivalente', isto é, em companhia de impulsos de ódio contra o mesmo objeto"[13]

Ferenczi em seu artigo *Confusão de língua entre o adulto e a criança*, aborda o tema sobre a relação do abusador e a vítima da violência sexual como uma confusão de línguas, em que o adulto confunde a ternura da criança como se fosse um jogo de sedução já com alguma maturidade sexual. Nas palavras dele:

> Um adulto e uma criança amam-se; a criança tem fantasias lúdicas, como desempenhar um papel maternal em relação ao adulto. O jogo pode assumir uma forma erótica, mas conserva-se, porém, sempre no nível da ternura. Não é o que se passa com os adultos se tiverem tendências psicopatológicas… Confundem as brincadeiras infantis com os desejos de uma pessoa que atingiu a

maturidade sexual, e deixam-se arrastar para a prática de atos sexuais sem pensar nas consequências.[14]

O psicanalista ainda propõe, a respeito das consequências psíquicas de uma relação como essa, que pode haver uma *Identificação com o Agressor*, em que o abusador desaparece enquanto realidade exterior, mas torna-se real intrapsiquicamente. Assim como aconteceu com Inácio, "Obriga-as a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor dos seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas"[15]

É válido destacar que um dos momentos mais difíceis do percurso deste tratamento foi num atendimento em que o paciente pôde confessar que sentia prazer nas ocasiões em que o abusador lhe acariciava e lhe entregava pequenas quantias de dinheiro como uma espécie de "recompensa".

No percurso dessa análise, certos nós parecem ter sido desatados, abrindo-se a possibilidade do paciente falar de outros aspectos do seu desejo e de prazeres para além da droga. De todas as representações de sujeira de que o paciente tanto queria se livrar, algumas tornaram-se mais suportáveis e possíveis de enunciação e vivência.

"Eu gosto". A frase é dita seguida de um suspiro de alívio. Aquele sujeito, que pouco a pouco no percorrer da análise passou a se autorizar, anunciava, assim, sem qualquer retorno de reprova, sua orientação sexual para com pessoas do mesmo sexo.

Enfim, uma associação tão penosa entre sua orientação sexual e a figura do abusador foi desfeita. Era notável a feição de alívio de tensão que Inácio pôde finalmente demonstrar após se valer do desejo que antes ele lutava tanto para mortificar. "Parece que descarregou um caminhão de pedras das minhas costas".

valendo-se muito mais de expressões das pulsões de vida do que de repetições, Inácio cogita estudar, relacionar-se, estar inserido em projetos sociais

Com o passar do tempo, o uso de crack era cada vez menos assunto das sessões; o "caminhão de pedras" [16] realmente parecia haver sido descarregado. Na mesma medida, certas desorganizações não eram mais tão insuportáveis.

Agora, valendo-se muito mais de expressões das pulsões de vida do que de repetições, Inácio cogita estudar, relacionar-se, estar inserido em projetos sociais e utilizar do testemunho como uma ferramenta de elaboração de sua história.

A voz, que silenciava, agora parecia ter orgulho de ser enunciada.

Na mesma clínica em que esteve internado, Inácio passara a prestar serviços voluntários de apoio emocional a pacientes em reabilitação. Proclama a vida em seus diálogos e, sempre que pode, nas instituições que o chamam, bem como na igreja que frequenta, fornece testemunhos sobre sua trajetória "abusiva" e "abusada" com o crack.

A fala, que já servia como um meio de conter a tensão, passou a constituir algo além, um lugar no mundo, uma existência que pode impactar e motivar o outro que também segue na luta contra a dependência química.

"Eu encontrei uma vocação".

10 J. Santiago, *op. cit.*, p. 190.
11 S. Freud, *Correspondências de Freud a Fliess*, p. 205.
12 S. Freud, *A sexualidade na etiologia das neuroses*, p. 324.
13 S. Freud. *Os Instintos e seus Destinos*, p. 80.
14 S. Ferenczi, *Confusão de língua entre os adultos e a criança*, p. 101.
15 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 102.
16 Importante usar a referência de que a palavra "pedra" é popularmente usada pelos usuários para denominar o crack.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 49 01/06/2023 08:34:37

o crack parece ter sido usado como um antídoto contra a castração, um fechamento em si mesmo que o impedia do encontro com Outro, recorrendo regressivamente ao autoerotismo

Desse modo, pouco a pouco, não fazia mais sentido frequentar tanto as sessões de psicanálise. De três vezes semanais, passou a ser uma, quinzenalmente, até que… Encerra-se o trabalho, com a justificativa de que está bastante ocupado com outros afazeres e, pelas razões de morar fora, consumir aquela velha droga não era mais tão interessante.

Novos investimentos libidinais estavam em jogo, e a transferência, que era sustentada por um contrato de silêncio, assim se desfaz com a quebra das cláusulas que ele mesmo decidira fazer.

III. Palavras finais: a voz que anuncia

A psicanálise como um método de tratamento e investigação, diferente de outras abordagens que visam unicamente a eliminação de sintomas, aposta na subjetividade do paciente, de modo que diante de um caso de toxicomania, tende a olhar o que subjaz o consumo, fazendo emergir o sujeito.

A complexidade do fenômeno toxicômano, junto de suas diversas teorias etiológicas que podem explicar o consumo adicto, exige do psicanalista aguçar a escuta para formular suas hipóteses a partir de cada sujeito na singularidade do um a um. Não há modelos ou regras rígidas e cristalizadas; o tratamento toma a direção conforme a subjetividade do paciente e primordialmente pela transferência estabelecida.

No caso de Inácio, pode-se pensar que a droga ocupava a função de um objeto primário de satisfação, capaz de resguardá-lo no autoerotismo sem defrontar-se com a genitalidade, ou seja, sem precisar investir no outro para obtenção de prazer. A sensação ilusória de tornar-se Um – ser completo – que o crack lhe proporcionava, parece ter buscado aplacar, ao menos parcialmente, a angústia de manter o seu segredo sobre o abuso sexual.

Dentre as várias possibilidades de interpretação sobre a drogadição como um dos mecanismos de defesa utilizados pelo paciente, parece possível depreender que o uso da droga foi um artifício criado pelo paciente para tolerar ao menos parte da angústia mortífera, com suas manifestações e descargas corporais, gerada a partir do abuso sexual.

Uma desordem intrapsíquica, um prazer inaceitável frente ao trauma e seus excessos pulsionais não simbolizados, na qual a droga foi introduzida na tentativa de silenciá-los. Ainda, o crack parece ter sido usado como um antídoto contra a castração, um fechamento em si mesmo que o impedia do encontro com Outro, recorrendo regressivamente ao autoerotismo, no qual os investimentos libidinais não precisariam circular numa relação "eu – outro" e, assim, evitar o risco de se deparar com as nuances da falta e, por conseguinte, da castração.

> Diferentemente da satisfação erótica, a satisfação tóxica fecha todas as portas às possibilidades de troca […]. Nessas condições, o produto tóxico torna-se o parceiro essencial, até mesmo exclusivo, do sujeito. Daí pode-se concluir que o princípio da satisfação tóxica consiste em prescindir do Outro, particularmente do Outro sexual.[17]

Em menção ao que Freud apresenta em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, o desenvolvimento

psicossexual deve realizar uma passagem do autoerotismo para a genitalidade, permitindo que o investimento libidinal deixe de ser exclusivo do sujeito e possa também ser ofertado ao outro, o diferente, suportando a parcialidade da pulsão e a realidade da falta.

Inácio não se absteve totalmente das drogas. Até os últimos momentos desse tratamento, passou a fazer uso esporádico de maconha, tendo a redução de danos como um importante avanço na recuperação daquilo que lhe era mais destrutivo. Também não sabemos se o analisado terá novas recaídas ou se essa nova forma de existir e se relacionar será permanente.

De todo modo, parece-nos que a transferência pode oferecer uma sustentação frente ao que parecia impossível de suportar e que somente a droga era capaz de aplacar. Com a experiência, foi possível estabelecer vínculos nos quais o paciente não permanecesse posicionado exclusivamente como dejeto, numa não-vida, ou ocupando a posição de abusador. Além de *contar* a sua história e dar voz a um aspecto do desejo até então conflituoso e inaceitável, foi possível ir além, *contar com* alguém que não fosse o crack, abrindo a porta para a alteridade, diluindo, assim, as rígidas relações duais que estabelecia, através do contrato de silêncio.

Ali, na oralidade, onde fixava a zona erógena de obtenção de prazer, o sujeito se constituiu e emergiu encontrando outras possibilidades e vias de satisfação. Da boca onde ficava a droga que o fazia silenciar, saiu uma voz, que passou a possibilitar outras formas para o laço social. Um prazer na fala que rompe o contrato de silêncio que lhe era devastador e que agora pode abrir novas cláusulas para uma nova vida.

encerro o último atendimento com Inácio, invertendo aquela frase que significava uma ameaça ("se contar para alguém, você morre"): "Você contou para alguém e, agora, você vive"

Encerro o último atendimento com Inácio, devolvendo aquela frase que, outrora, preocupava e ecoava como uma ameaça – "Se você contar para alguém, você morre" –, só que desta vez de uma maneira invertida, produzindo um sentido para a pulsão que já podia caminhar em outras direções:

"Você contou para alguém e, agora, você vive".

17 J. Santiago, *op. cit.*, p. 133.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 51 01/06/2023 08:34:37

Referências

Ferenczi S. (1933). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: *Psicanálise IV*, pp. 97- 106. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Freud S. (1897). Correspondências de Freud a Fliess. In: Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. I. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1898). A sexualidade na etiologia das neuroses. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Sigmund Freud Obras completas*. Vol VI. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. (1914). *Repetir, Recordar e Elaborar. Sigmund Freud Obras completas*. Vol X. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1915). *Os Instintos e seus Destinos. Sigmund Freud Obras completas*. Vol XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1920). *Além do Princípio do Prazer. Sigmund Freud Obras completas*. Vol XIV. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1930). *O mal-estar na Civilização. Sigmund Freud Obras completas*. Vol XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Gurfinkel, D. *A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania*. Rio de Janeiro: vozes, 1995.

Lacan, J. (1964). *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998.

Santiago, J. *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. 2 ed – rev. Coleção BIP – Biblioteca do Instituto de Psicanálise. Belo Horizonte: Relicário edições, 2017.

From drugs to words: the letters of sexuality in a case of toxicomania

Abstract Through the report of an analysis course, this article aims to present the conduction of the treatment of a crack-dependent patient, discussing sexuality in relation to the drug-object, the transference and the clinical managements adopted. The importance of psychoanalysis in the treatment of drug addictions is highlighted, since it relays on the emergence of the subject, privileging the word's power in the elaboration process.

Keywords Psychoanalysis; Chemical dependency; Sexuality; Transfer;

Texto recebido: 08/2022
Aprovado: 10/2022

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 52 01/06/2023 08:34:37

ENTREVISTA

Roosevelt Cassorla

A distância necessária

Realização: Ana Claudia Patitucci, Bela M. Sister, Cristina Parada Franch, Danielle Melanie Breyton, Deborah Joan de Cardoso, Silvio Hotimsky e Tatiana Inglez-Mazzarella

O crescente número de suicídios entre jovens e crianças e o recrudescimento dos movimentos negacionistas e do fanatismo, tanto no Brasil como no mundo, são alguns dos temas que nos inquietam nos dias de hoje.

Para esta entrevista, convidamos o psicanalista Roosevelt M. S. Cassorla que vem se debruçando sobre essas questões ao longo de seu percurso clinico e teórico, tendo publicado suas ideias em inúmeros artigos e livros. Entre estes, podemos destacar Estudos sobre suicídio: psicanálise e saúde mental (2021) e O psicanalista, o teatro dos sonhos, e a clínica do enactment (2018).

Nascido no Chile, formado pela Escola Paulista de Medicina – Unifesp, Cassorla foi médico sanitarista e epidemiologista no início de sua carreira profissional. Movido pela preocupação com os problemas socioeconômicos da nossa sociedade, que se desdobraram em preocupações com os aspectos socioemocionais, lecionou no Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e se aposentou como professor titular do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria nessa mesma universidade.

Iniciou sua formação analítica nos anos 80 e, atualmente, é analista didata das Sociedades Brasileiras de Psicanálise de São Paulo e de Campinas, onde é professor e supervisor. É membro do College do International Journal of Psychoanalyis e colaborador do Dicionário Enciclopédico da International Psychoanalytical Association.

Cassorla escreve a partir de sua experiência clínica desenvolvendo um diálogo estimulante com suas reflexões teóricas. Seus trabalhos sobre adolescência, autodestruição, suicídio e técnica

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 53 01/06/2023 08:34:37

psicanalítica foram traduzidos para diversas línguas. Reconhecido internacionalmente, recebeu diversos prêmios por suas contribuições à psicanálise, em especial, o Sigourney Award for Outstanding Achievement in Psychoanalysis, o maior prêmio internacional de psicanálise, no ano de 2017.

Cassorla aprofundou a pesquisa sobre o conceito de enactment*, diferenciando o* enactment *crônico do* enactment *agudo, contribuindo para a compreensão e para o manejo de difíceis situações na clínica. Pensa que esta conceituação colaborou para retificar o aspecto moralista na compreensão de um processo analítico. Para ele, não existe o certo e o errado. Tudo que acontece na relação paciente e analista merece ser investigado e não deve ser julgado a* priori*. O mesmo valeria para a compreensão dos fenômenos da atualidade: suicídio, negacionismo, fanatismo…*

A psicanálise contemporânea tem valorizado os aspectos intersubjetivos, ampliando seu referencial metapsicológico que nos ajuda a entender a subjetividade dos indivíduos e os conflitos sociais. No entanto, Cassorla nos alerta para os riscos do reducionismo, que poderia nos levar a considerar que os fatores sociais explicam todo o sofrimento psíquico. Nos alerta, igualmente, para a difícil tarefa de mantermos o olhar crítico e certa distância quando analisamos os fenômenos complexos da atualidade.

eu tinha uma preocupação muito grande pelo aspecto social, talvez pela minha origem. Então, decidi que me dedicaria à Medicina Preventiva

PERCURSO Gostaríamos que o senhor nos contasse como foi sua trajetória da medicina para a psicanálise?

CASSORLA Quando estudei medicina, descobri que me fascinava conhecer as pessoas. Incomodava-me a medicina estritamente biológica que se dedicava ao estudo da patologia dos órgãos e das síndromes. Eu me formei na Escola Paulista de Medicina no final da década de 60 e lá encontrei pessoas que se preocupavam com o social e o psicológico. Uma influência inesquecível foi a de Mayer Snitcovsky, que é membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, e era professor de Medicina Preventiva. Ele nos orientou em um trabalho de observação de bebês e famílias. Eu tinha uma preocupação muito grande pelo aspecto social, talvez pela minha origem. Então, decidi que me dedicaria à Medicina Preventiva, que hoje tende a ser nomeada Medicina Social.

PERCURSO Como era esse trabalho com Snitcovsky?

CASSORLA No terceiro ano da faculdade ou no segundo, recebíamos uma família e íamos visitar o bebê, acho que a cada quinze dias, no começo, a cada semana. Fazíamos todo o trabalho de puericultura: vacina, alimentação, avaliação de crescimento. O pediatra e o psicólogo abordavam os aspectos emocionais, observando a dinâmica familiar, a relação entre o bebê, a mãe, e o ambiente, e como nos sentíamos nas visitas. Foram nossos primeiros mestres. Eu e um colega fazíamos visita domiciliar, que é uma coisa muito importante. Acho que isso deveria fazer parte da formação de todo profissional de saúde, mais ainda de saúde mental. Temos que saber como as pessoas vivem. Mesmo o psicoterapeuta deveria ser capaz de atender pacientes graves ou que não podem locomover-se em suas casas, sendo capazes de manter um setting interno que permitisse o trabalho com psicanálise.

PERCURSO E qual a sua origem que favoreceu o desenvolvimento dessas preocupações?

CASSORLA Acho que primeiro foi o fato de ter vindo de uma família com algumas dificuldades,

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 54 01/06/2023 08:34:37

eu nasci exatamente quando acabou a Segunda Guerra e meu pai me deu o nome de Roosevelt em homenagem ao presidente Roosevelt, um antinazista

com muitas perdas e migrações. Eu nasci no Chile e perdi meu pai lá, ainda criança. Minha mãe se mudou para o Brasil porque tinha parentes aqui. Tenho uma origem judaica, então já nascemos com toda a carga do Holocausto. Grande parte da família havia sido exterminada. Refiro-me a influências transgeracionais. Eu nasci exatamente quando acabou a Segunda Guerra e meu pai me deu o nome de Roosevelt em homenagem ao presidente Roosevelt que era o defensor da democracia, o antinazista. Minha mãe era da Iugoslávia e meu pai da Síria, mas a influência maior é da Iugoslávia, atual Macedônia do Norte, e Grécia, judeus sefarditas. Temos a língua ladina, um espanhol antigo e fui influenciado pelos costumes e, evidentemente, pela ética judaica. Estudava medicina justamente na época da ditadura militar. Iniciei o curso em 1963, e me formei em 1968. Fui testemunha de invasões de faculdades, cassação de professores, denúncias invejosas, centros acadêmicos desfeitos, estudantes perseguidos. Sem perceber, fui criando uma fantasia de que se me dedicasse à Medicina Preventiva, além de evitar doenças, eu teria condições de contribuir para mudanças sociais. Era uma fantasia onipotente – ganhar o prêmio Nobel da Paz ou algo parecido. Meu ídolo era o Dr. Schweitzer que trabalhava com leprosos na África. Quando me formei, por uma série de circunstâncias, fui convidado para trabalhar na Unicamp, na Faculdade de Ciências Médicas, no Departamento de Medicina Preventiva e Social. Lá desenvolvemos trabalhos com a comunidade, montamos um Centro de Saúde Escola, em Paulínia, e fui seu primeiro coordenador. Depois, a Unicamp me mandou para São Paulo para fazer o curso de Saúde Pública. Eu sou sanitarista, epidemiologista clínico e durante alguns anos trabalhei nessas áreas. Rapidamente minha onipotência fantasiada foi sendo substituída por impotência. Um simples médico não tinha condições para realizar esses sonhos grandiosos. Nós não conseguiríamos resolver o problema da pobreza, da desnutrição, da verminose, do desemprego a partir de trabalhos de comunidade. Fazíamos o que podíamos e tivemos muita influência da área de educação. Quase me tornei professor na Faculdade de Saúde Pública na disciplina de Educação e Saúde. Havia uma influência muito grande de Paulo Freire naquela época. Aos poucos comecei a me dar conta de que, se na parte biológica nós tínhamos alguns resultados razoáveis, na parte social era quase nada. Logo nos defrontamos com o fato de que mais da metade dos pacientes atendidos em atenção primária eram basicamente vítimas de fatores socioemocionais. Se na área social fazíamos muito pouco, os aspectos emocionais nos mostraram que precisávamos de outras áreas do conhecimento. Com base no que havia vivido na Escola Paulista de Medicina fui me interessando, cada vez mais, pelas emoções. Em 1975, depois de seis anos trabalhando em Medicina Preventiva, houve uma crise política no departamento, que foi quase desfeito, e, nessa ocasião, pedi transferência para o departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria. Nesse meio tempo comecei minha análise pessoal e lá descobri como minhas defesas onipotentes haviam desabado. Aqueles sonhos de mudar o mundo estavam muito além da minha capacidade. Passei a questionar minha profissão e especialidade, a perceber o inconsciente. Já era uma área que de alguma forma me interessava, mas ficou mais claro naquele momento. No Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria fui encarregado de montar um Departamento de Medicina Psicossomática. Nesse momento comecei minha formação analítica com o interesse de me tornar um psicanalista que também contribuísse para o conhecimento do social.

PERCURSO O senhor iniciou sua formação na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo?

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 55 01/06/2023 08:34:37

CASSORLA Sim. Fiz análise por muitos anos com o doutor Roberto Pinto de Moura, em Campinas. Ele era membro da Sociedade de São Paulo, mas rompeu porque em um determinado momento não concordou com questões ideológicas. No novo Departamento fui ajudado a me tornar psiquiatra, mesmo sem fazer residência. Fui sendo reconhecido como psicoterapeuta enquanto me especializava de várias formas. Havia encerrado minha análise, mas, passados alguns anos, resolvi procurar o dr. Roberto para uma reanálise. Ele me disse "O senhor vai fazer formação analítica em São Paulo", não me aceitando como paciente. Eu lhe disse que isso era um absurdo, era caro, outra cidade, tinha filhos pequenos, precisava trabalhar. Era uma ideia totalmente descabida para mim. O Dr. Roberto era uma pessoa fantástica, ficamos grandes amigos, faleceu há pouco tempo. Era professor de psicanálise na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Então, ele me indicou um analista didata em São Paulo, mas fui a contragosto. Depois de seis meses já estava na Sociedade de São Paulo e continuei trabalhando na Unicamp, principalmente na área de psicoterapia e psicanálise. Estou aposentado mas continuo lá como professor colaborador convidado.

PERCURSO E como o senhor se voltou para o estudo do suicídio?
CASSORLA Em um determinado momento, a universidade exigiu que seus professores fizessem doutorado, senão seriam colocados para fora. Pensei no que poderia fazer e no pouco tempo que tinha, pois atendíamos dezenas de pacientes todos os dias e a carga curricular era imensa. Como tinha boa base em epidemiologia resolvi estudar um evento discreto. O ato suicida é fácil de identificar. Com o tempo, fui vendo que a escolha não tinha sido feita ao acaso, que essa área me interessava por conta de uma série de situações. A tese teve grande repercussão e, ali, descobri que os dados obtidos por entrevistas psicológicas com referencial psicanalítico eram muito mais interessantes do que os dados epidemiológicos. Meus alunos ampliaram minhas ideias e o Departamento é, atualmente, um dos grandes produtores de pesquisas qualitativas na área médica e de estudos sobre suicídio.

o suicídio é um evento que mobiliza as emoções de todo mundo. Então, fugir desse tema é perfeitamente compreensível

PERCURSO O senhor conta que quando começou essa pesquisa sobre o suicídio existia muito preconceito e desconhecimento sobre o tema, inclusive entre os profissionais da Saúde. O senhor se debruçou sobre esse assunto por muitos anos e recentemente publicou o livro *Estudo sobre o suicídio*. Queríamos perguntar: o que o senhor viu de mudança e o que permaneceu daquela época para esse livro, lançado há pouco tempo?
CASSORLA O suicídio é um evento que mobiliza as emoções de todo mundo. Então, fugir desse tema é perfeitamente compreensível. O suicídio é visto como um ato muito agressivo em relação à sociedade, mostrando que a sociedade falhou ao não dar condições suficientes para que aquela pessoa continuasse viva. Sabemos que a coisa é mais complexa, mas o suicida acredita que é vítima da sociedade, da família, dos outros, assolado por objetos persecutórios, ressentido, infeliz. Com terrores de aniquilamento e superegos sádicos. Hoje nós sabemos que ele tem dificuldade de simbolizar, de dar significados à realidade. Quando as tentativas de suicídio tinham pequeno potencial destrutivo biológico a mobilização das equipes de saúde era peculiar. Elas se sentiam agredidas e menosprezavam o ato. O fator emocional não era considerado porque os médicos não estavam preparados para lidar com ele. O médico de pronto-socorro, na década de 1980, não sabia o que fazer. Com o tempo, a atenção primária foi se desenvolvendo. As equipes introduziram profissionais de saúde mental, o médico de família passou

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 56 01/06/2023 08:34:37

a pessoa nega a morte imaginando que eliminando o sofrimento mental ou corporal vai continuar viva

por treinamentos e com isso desenvolveu-se o interesse pelos aspectos emocionais. As escolas médicas passaram a valorizar mais a psicologia médica, disciplina na qual me tornei Professor Titular. Mas ensinar psicologia médica para as pessoas que já tinham uma capacidade intuitiva e humana era fácil. O difícil era trazer esse assunto para aqueles estudantes de medicina que tinham aversão a qualquer coisa ligada ao emocional, provavelmente por problemas pessoais. Se você, por exemplo, começar a ensinar psicologia médica discutindo os textos de Freud ou, pior ainda, do Lacan, eles não aguentam. Criam aversão, criam anticorpos, vão achar que os professores são teóricos afastados da realidade. Para conseguir ensinar, você precisa ser um clínico, precisa atender o paciente junto com o seu aluno ou residente, precisa mostrar como você atende. Como sabemos, a aprendizagem é um processo emocional que se faz basicamente por identificação. Não é por leitura. Nós psicanalistas sabemos disso. Na nossa formação, o menos importante é a teoria. O mais importante é a análise pessoal e acompanhar o atendimento de pessoas mais experientes, que são os supervisores e as reuniões clínicas. Na área médica acontece a mesma coisa.

A Organização Mundial da Saúde e a Organização Pan-Americana da Saúde começaram a investir nessa questão do suicídio face ao número expressivo de episódios de autodestruição, entre os quais se incluem o alcoolismo e uso de substâncias, a violência, os homicídios, os acidentes e todos os comportamentos que têm um componente sociopsicológico. Principalmente aqui na América Latina, nos governos mais democráticos, isso vai chamando a atenção, e começam a investir num trabalho de prevenção. Na Unicamp foi criado um grupo – meus alunos atualmente estão lá –, que passou a fazer trabalhos internacionais, com a Organização Pan-Americana da Saúde, estudando formas de prevenção dos atos autodestrutivos. Trabalhos foram publicados e aos poucos o tema deixou de ser tabu e hoje temos o Setembro Amarelo, quando esse assunto é discutido em profundidade. Pode haver um mau uso dele por grupos mais interessados em autopromoção. Mas isso faz parte da vida.

PERCURSO Existem também vários autores que pensam que o suicídio poderia ser despatologizado. O que o senhor pensa sobre isso?
CASSORLA O suicídio ocorre em situações de desespero e desesperança em um momento maníaco. A pessoa nega a morte imaginando que eliminando o sofrimento mental ou corporal vai continuar viva. O que importa é cessar o sofrimento insuportável. Sobre o suicídio ser despatologizado, seriam o suicídio racional e o suicídio assistido. Neste caso, o indivíduo teria o direito de pedir à sociedade que o ajude a morrer para evitar mais sofrimento. Acredito que será cada vez mais comum. Nós temos países em que existem leis que orientam sobre o fato. Holanda, Bélgica, Suíça, Canadá, alguns estados americanos e recentemente a Espanha. É um assunto que tem sido muito discutido e é muito importante. Corre-se o risco de o Estado autorizar a morte de pessoas que poderiam ser beneficiadas por tratamentos ou mesmo usar as leis para eliminar adversários. É um assunto muito complicado e que merece ser abordado em profundidade. E, finalmente, podemos entrar numa discussão ético filosófica muito difícil: o direito de alguém tirar sua própria vida.

PERCURSO Freud destacou a importância de nos encontrarmos com a dimensão finita da vida, o que se tornou um dos elementos mais caros de seu pensamento. No fim de sua vida, depois de muitos anos acometido de um câncer, Freud reivindica a ajuda de seu amigo, Max Schur, para

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 57 01/06/2023 08:34:37

acabar com seu sofrimento. Poderíamos pensar essa atitude como uma situação de suicídio assistido? De que forma o desenvolvimento de sua teoria contribuiu para esse desfecho?

CASSORLA Freud teve aquela capacidade de entrar em contato com aspectos muito profundos do funcionamento mental, tendo a coragem de fazer uma hipótese extremamente ousada, que é a pulsão de morte. Além disso, ele viveu lutos terríveis, perdeu o filho na guerra, teve câncer durante muito tempo; quase quinze anos. Também temos que nos lembrar de que [ele] viveu todo aquele morticínio da Primeira Guerra. Ele só não viu o Holocausto porque fugiu de Viena pouco tempo antes de morrer. A tomada de consciência da finitude de Freud é a forma como todos nós gostaríamos de poder lidar: de uma forma racional e emocional ao mesmo tempo, se é que isso é possível! Ele havia solicitado a seu médico, Max Schur, que o ajudasse a morrer quando nada mais houvesse a ser feito. Foi uma espécie de suicídio assistido.

PERCURSO Quando pensamos em seu nome para a entrevista, já vínhamos conversando sobre o aumento no número de suicídios entre jovens e pré-adolescentes nos dias de hoje, particularmente no Brasil. Mas o que nos impactou para te procurar, foi a observação do aumento de suicídios entre crianças. Essas observações coincidem com as pesquisas recentes? E como é que o senhor pensa esse fenômeno?

CASSORLA O fenômeno é tão complexo que qualquer coisa que eu fale será reducionista. Nós sabemos que complexas mudanças sociais ocorreram e elas também produzem efeitos de sofrimento emocional e físico. Em alguns casos o suicídio é visto como uma saída. Quero deixar bem claro que o suicídio não é o problema, é apenas a gota d'água de um fenômeno complexo. O problema é o sofrimento que conduz ao suicídio. Ele passa por questões traumáticas terríveis, ameaça de aniquilamento, de desagregação mental, doenças físicas graves. Como psicanalistas, teríamos que verificar como é esse sofrimento e pensar o

poderíamos dizer que as relações hoje são mais contratuais, até as relações sexuais, assim como os casamentos e a educação dos filhos

mental e o socioemocional das nossas populações. Temos dezenas de teorias sociológicas que fazem sentido: a sociedade narcísica; a sociedade de consumo; a sociedade desumanizada, que estimula o "levar vantagem", em que os seres humanos são vistos mais como objeto de consumo, objeto de uso do que como sujeitos. Essa modernidade líquida, em que as relações não são sólidas, tudo parece provisório e parcial, resultado do capitalismo neoliberal. Os cientistas sociais e nós, psicanalistas, vamos descrevendo e pensando as questões de os vínculos serem cada vez mais superficiais, do investimento afetivo entre os seres humanos ser cada vez menor. Se nós usarmos a terminologia de Meltzer sobre as relações contratuais, ocasionais e não emocionais, poderíamos dizer que as relações hoje são mais contratuais, até as relações sexuais, assim como os casamentos e a educação dos filhos, apontando para uma dificuldade de envolvimento emocional. Mas não podemos reduzir somente a esses fatores.

PERCURSO O senhor mencionou a questão da falha de simbolização. Como seria isso?

CASSORLA Quando as experiências emocionais não fazem sentido, quando não existe uma "sociedade-mãe", uma mãe como uma relação continente (todas aquelas coisas que nós sabemos da psicanálise), vai haver problema na área de simbolização. E esses problemas vão se manifestar por sofrimento mental, que em tese seria fruto de um déficit no "dar significado à realidade". Sobre a questão da atualidade social nós teríamos que saber mais sobre psico-história. Temos uma tendência a achar que no passado era melhor. Sim, havia as famílias extensas, e menos pressa talvez.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 58 01/06/2023 08:34:37

nas classes menos favorecidas, a situação pode se agravar e a criminalidade fornece uma estrutura de identidade

Mas, como seria a sociedade vitoriana? Como era a sociedade na Idade Média? E as diferenças entre as classes sociais? Não sabemos. Quando supomos que no romantismo havia transbordamento de emoções não sabemos diferenciar fatores emocionais e culturais. Houve uma epidemia de suicídios na Europa após a publicação de *O sofrimento do jovem Werther*, de Goethe. Hoje chamamos efeito Werther a essa identificação massiva. Antigamente a criança era cuidada pelo grupo familiar, vizinhança etc. Mas o quanto era cuidada? À medida que vou falando, vou ficando mais inseguro. Lembro de um Congresso de Psicanálise em Gramado, muitos anos atrás, em que fui a uma sala sobre a adolescência. Os psicanalistas estavam horrorizados com a sexualidade adolescente: os jovens estavam "ficando". "Que horror! Isso é perverso!" Achei meio esquisito, achava um progresso poder experimentar a sexualidade dessa forma. Isso aconteceu há uns 40 anos. Como psicanalistas, temos uma grande vantagem, podemos acompanhar na relação transferencial alguns fatores que influenciam o sofrimento mental do nosso paciente individual.

PERCURSO O senhor tem acompanhado os protocolos das escolas nos EUA para evitar uma epidemia de suicídio entre as crianças e jovens?
CASSORLA Não, mas não me surpreende. Essas epidemias são fruto de identificações, certo? Tanto é que a imprensa tem uma regra de que o suicídio não deve ser noticiado, ou deve ser noticiado o mais discretamente possível. Queria falar duas coisas de que me lembrei. Os fatores sociais poderiam ser bem compreendidos segundo aquele conceito de anomia, do Durkheim, sociólogo que estudou o suicídio no final do século XIX. Ele criou a classificação de suicídios altruísta, egoísta e anômico. Este último é quando o indivíduo se sente perdido na sociedade. Ele não tem referenciais ou os perde. Talvez a sociedade pós-moderna tenha um pouco a ver com isso. Fica bem evidente quando falamos de suicídios em indígenas, não só brasileiros, que são até 30 vezes maiores do que na população em geral. Pessoalmente tive oportunidade de entrar em contato com guaranis-kaiowás de Dourados, no Mato Grosso do Sul, onde há muito tempo os homens jovens, principalmente, se matam. E a descrição é exatamente esta: de perda de referenciais religiosos, familiares, a situação econômica terrível e as terras tomadas. Vão para o alcoolismo, para as drogas, para as religiões evangélicas, que enfatizam a questão do pecado, o superego. A espontaneidade, a cultura vão sendo dissolvidas de uma maneira muito rápida. O indivíduo se sente perdido no meio de identificações contraditórias e ao mesmo tempo muito violentas. Se tomarmos esse modelo dos indígenas para a nossa sociedade, principalmente para os adolescentes, isso faz sentido. Por exemplo, os adolescentes que vivem em famílias violentas, com a ausência dos pais, com figuras de identificação frágeis podem ver como saída a delinquência. Nas classes menos favorecidas, a situação pode se agravar e a criminalidade fornece uma estrutura de identidade. O que o adolescente e a criança precisam? Precisam se sentir existentes. E como? A partir do olhar do outro, do reconhecimento do outro. Quando você passa a levar drogas no meio dos traficantes, passa a ser mula, você já tem um status, recebe um pouquinho de dinheiro e pode subir na hierarquia. Existem regras, existe um líder idealizado que é o bandido-mor, que tem dinheiro, o relógio de ouro, o carrão, as mulheres. Ele vai para esse rumo porque não tem outra saída. A sociedade vai dar oportunidades perversas a algumas pessoas. Pode fazer a mesma coisa em outras áreas, talvez nas escolas, nas instituições, nas empresas em que o indivíduo, para subir, tem que ser corrupto e não o mais eficiente. Ou pode ser mais eficiente, mas

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 59 01/06/2023 08:34:37

sacrificar a própria vida, sacrificar a família. Nós poderíamos fazer uma analogia entre o menino que quer ser líder de uma facção criminosa e o menino que entra em uma empresa para se tornar um CEO. CEO é aceito socialmente, mas alguns acabam nos nossos divãs porque rompem relações emocionais e liberam, principalmente, a fantasia narcísica e perversa. Então precisam dominar, precisam controlar, precisam mandar um monte de gente embora… Isso tudo que estou falando, descobri agora enquanto falava com vocês. Dizer que os dois extremos da sociedade são muito parecidos. Poderíamos pensar que em grupos psicanalíticos isso não ocorre. Mas ocorre também, claro! Porque somos humanos.

PERCURSO Como o senhor pensa a questão do aumento do fanatismo e do negacionismo, este também um fenômeno psicossocial?

CASSORLA Acho que é a mesma coisa do suicídio. Será que aumentou ou só está mais evidente, mais transparente? Será que esses meninos que se alistam no exército quando tem uma guerra (tivemos até brasileiros se alistando nos exércitos ucraniano e russo também), será que eles não têm um componente suicida junto com o idealismo? São coisas muito complexas. O fanatismo sempre existiu. Na Inquisição, por exemplo, as pessoas denunciavam os parentes, vizinhos e rivais; no nazismo, no fascismo, a mesma coisa. O que provavelmente está acontecendo agora é que nós temos mais consciência do fenômeno. E evidentemente as redes sociais servem de caixa de ressonância. Mas não acho que ele aumentou, acho que sempre esteve aí e está mais evidente. "Eu acho", é um achismo. O que a humanidade já fez em nome do fanatismo religioso ou ideológico é terrível desde sempre.

PERCURSO Está mais evidente, mas podemos pensar que a sociedade pós-moderna tem um traço mais narcísico, mais individualista? Nas escolas é visível como a questão do projeto individual está sempre acima do coletivo. Esse traço narcísico não estaria ligado ao crescimento do fanatismo?

acompanhei a escola em que os meus filhos estudaram, uma escola comunitária que formamos, com toda a questão da liberdade, das assembleias e tudo mais

CASSORLA Acho que sim. Mas temos muito pouco tempo ainda para definir o que acontece, eu me sinto mal de falar de assuntos sociais sendo psicanalista. Nós corremos o risco do reducionismo. Mas se lembrarmos do adolescente, usando uma terminologia bem atual, quando os pais são de direita, os filhos ou netos tendem a ser de esquerda e depois ocorre o oposto. Há que se contrapor aos pais e avós para adquirir nova identidade. Estou consciente do raciocínio simplista, mas é um modelo para observar as dinâmicas emocionais. Estamos falando de psicanálise. Acompanhei a escola em que os meus filhos estudaram, uma escola comunitária que formamos, com toda a questão da liberdade, das assembleias e tudo mais. Ela continua existindo, mas vimos que grande parte daquela escola estava apoiando, agora, um presidente que não era propriamente democrático. Isso está acontecendo em todo o mundo e esperamos uma reação. Quando vejo aquela menina ambientalista, Greta Thunberg, os protestos em frente às reuniões dos grandes, pelo meio ambiente, para defender os indígenas, para combater a pobreza, será que não estamos vendo um movimento oposto? E quando vemos aquele "Abaixo Wall Street" em Nova York e depois o Capitólio é invadido, estamos novamente frente a fenômenos extremamente complexos da contemporaneidade. Precisamos de certa distância para entender melhor, mas ela é sempre limitada.

PERCURSO Mas não existem momentos em que os extremos ficam ainda mais extremos, em que essa dinâmica se agudiza? Pensando no aparelho psicossocial, (vamos dizer assim) nos grupos?

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 60 01/06/2023 08:34:37

a psicanálise pode nos dar elementos para compreender o nosso paciente individual e nós podemos ousadamente fazer uma extensão para fatos sociais

CASSORLA Nós estamos sempre em busca de um objeto idealizado que é onipotente e onipresente. Sempre precisamos reencontrar a nossa vida intrauterina, o ser idealizado. A sociedade nos fornece elementos dos mais variados para isso. Pode ser uma religião, um Deus, uma ideologia, um líder. Isso é humano. Todos nós estamos sempre nus. Esse objeto idealizado vai variar dependendo de circunstâncias. Qual é a diferença entre o objeto idealizado Stalin e o objeto idealizado Hitler? Qual é o objeto idealizado: Chávez ou Bolsonaro? Lula ou Bolsonaro? Não sei. Como perceber a realidade para além das inevitáveis projeções de objetos internos?

PERCURSO Quando no fanatismo o objeto idealizado é um político, as repercussões sociopolíticas são muito graves. Estamos vivendo isso aqui no Brasil e interfere em todo o funcionamento da sociedade. Sabemos que os fanáticos quando contrapostos aos fatos reais, que vão contra o pensamento deles, parecem se apegar ainda mais às suas ideias. Qual a contribuição da psicanálise para tentar desfazer esse fanatismo?

CASSORLA A psicanálise pode nos dar elementos para compreender o nosso paciente individual e nós podemos ousadamente fazer uma extensão para fatos sociais. De novo, com todo o cuidado. Acho que estamos ainda reféns do fanatismo de direita que continua muito presente. Não temos distância suficiente, mas é importante nos perguntarmos: "O que aconteceu com a sociedade? Por que a sociedade e os seres humanos pararam de pensar e estão sendo pensados, acreditando nas mentiras mais absurdas?". E isso pode ser de direita ou pode ser de esquerda. O que acontece para que as pessoas não acreditem naquilo que estão vendo e acreditam que estão vendo uma coisa que não está acontecendo? Quais são os fenômenos de massa? Quais são os fenômenos de identificação com o líder? A psicanálise pode nos ajudar com a constatação de que quanto mais fragilizados nos sentimos, mais precisamos de um objeto idealizado. Por exemplo o que aconteceu na Alemanha entre a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. Os alemães perderam a Primeira Guerra, ficaram com dívidas terríveis, a inflação chegava a milhões por cento, havia uma sensação de fracasso total, de anomia, talvez. Quando o ser humano ou a sociedade é traumatizada ou politraumatizada, precisa-se de um salvador – Hitler no caso. Primeiro, chega alguém que descobre quem são os culpados: são os judeus, os comunistas, os capitalistas, os negros, os protestantes, os islâmicos. Pronto, já se tem uma explicação para a sensação de aniquilamento. Porque eu não tenho nada a ver com isso; os outros são culpados. E, segundo: "vou salvar vocês". E como irei salvar vocês? Matando os causadores disso. Esse é um momento propício para o surgimento do pensamento fanático, um pensamento idealizado. Quanto mais fragilizado você se sente, maior a chance de cair na lábia de um salvador, o messias. Essa é uma teoria simples, que, quando vemos nos pacientes individuais, se fortalece. Uma criança traumatizada é muito mais fácil de ser manipulada por um objeto idealizado. O que aconteceu na Guerra das Malvinas é muito interessante. A maior parte dos jovens estava contra a ditadura militar. Aí se cria uma narrativa de que nós temos que retomar as Malvinas dos ingleses. E esses jovens vão para as Malvinas morrer para salvar o país do imperialismo. Eles não sabem que estão sendo manipulados pelos ditadores, que desviaram o assunto. Essa área é tão complicada, é areia movediça!

PERCURSO O senhor se lembra qual foi sua reação ao ler *O suicídio*, do Durkheim? Como foi o impacto no senhor?

CASSORLA Achei muito interessante. Na verdade, quando li o Durkheim, já sabia sobre

epidemiologia. Era um autor clássico. Aquelas associações diretas que sabemos que são mais complexas, mas para quem estava começando, eram geniais. Podemos lê-lo de novo tantas e tantas vezes…

Ele abriu o campo. Provavelmente foi o primeiro que estudou um fenômeno tão importante. Mas queria só falar um pouco sobre o que vocês disseram, de que quando [o objeto idealizado] é uma ideologia política é mais perigoso. Lembrem-se que os maiores morticínios ocorridos na história da humanidade foram por religião. As guerras religiosas estão sendo substituídas pelas guerras ideológicas, mas é claro que as duas estão ali. A quantidade de judeus que foram mortos, a quantidade de islâmicos, a Guerra de Protestantes e Católicos, a Noite de São Bartolomeu, as Inquisições mataram milhares. Se fizéssemos um Guinness, provavelmente a religião ganharia como o mais mortífero da sociedade. Depois, talvez, a questão racial, ou seja, de outro povo que é considerado inferior. Vocês conhecem a história do judeu que naufragou em uma ilha deserta? A primeira coisa que fez foi fundar duas sinagogas: "Uma sinagoga eu frequento, a outra, nem passo em frente!". Você já faz a cisão kleiniana: projeta o objeto persecutório e fica com o objeto idealizado. O objeto idealizado e o objeto persecutório estão sempre presentes nas nossas vidas. O objeto total é muito difícil porque vamos entrar em depressão e vamos ter culpa, teremos que fazer a reparação. Aí é melhor voltarmos ao objeto parcial de novo. A teoria kleiniana parece muito feliz para ampliarmos e entendermos os fenômenos sociais. Publiquei um texto sobre o fanatismo que termina com uma história de um motorista de táxi, em Israel. É uma história real contada pelo Amós Oz, que é um escritor judeu do movimento Paz Agora, um movimento fantástico, mas que, atualmente, com a extrema direita no poder, está muito pequenininho. O escritor está em um táxi em Israel, e o motorista está muito bravo e diz assim: "Nós temos que matar todos os árabes como solução". O escritor dá corda para o motorista e em algum momento

a teoria kleiniana parece muito feliz para ampliarmos e entendermos os fenômenos sociais

lhe propõe: "Vamos supor que no prédio onde você mora existam árabes". Vocês sabem que em Israel existem muitos árabes. O motorista responde: "Sim". Aí o escritor: "Então, imaginemos que você entra lá na casa do seu vizinho e mata todos que estão ali". O motorista fica meio vacilante: "Sei…", "E imaginemos agora que, quando você está se afastando do apartamento, ouve o choro de um bebê. O que você faria?". O motorista vira para o escritor e fala: "O senhor é muito cruel!". Na hora em que se consegue humanizar a vítima, se humaniza também o algoz. Se o algoz tiver condição para isso. Então, o que a psicanálise poderia fazer? Eu não sei se ela pode fazer alguma coisa, mas se pudermos; é valorizar as emoções, os sentimentos. Ver que aquele indivíduo que você odeia é um ser humano também. E, se você odeia, deve ser por motivos humanos. Não quer dizer que vá se submeter a ele. Eu acho fantástica, por exemplo, a internet, a globalização, em que as pessoas conhecem outras pessoas e outras culturas, fazem este intercâmbio. Num primeiro momento, [você] pode experimentar um estranhamento, mas depois vê que aquele indivíduo é igual, que é gente, tem os mesmos sofrimentos, as mesmas dúvidas, os mesmos conflitos, que podemos compreender. A globalização faz com que as coisas ocorram mais rápido, mas tanto para o bem quanto para o mal. Na psicanálise é a mesma coisa: há o intercâmbio. Por exemplo, há 40 anos, se um kleiniano visse um lacaniano atravessava a rua. O lacaniano, então, já estava no outro quarteirão. E se fosse da psicologia do Ego, se fosse junguiano nem se fala. Freud brigou com Jung, Rank e muitos outros. Hoje em dia, nós vamos ter Lacan nas sociedades, vamos ter

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 62 01/06/2023 08:34:37

para dar sentido à vida, é preciso haver uma família e uma sociedade que deem continência para a pessoa desenvolver a capacidade de simbolização

intercâmbio, congressos internacionais; vamos ter winnicottianos dialogando com kleinianos. Cada um pode se sentir superior ao outro, mas só o fato de conversar já é alguma coisa. Nós podemos até nos apaixonar.

PERCURSO Temos notado nas escolas, nos consultórios, nos equipamentos de saúde um aumento no número de jovens e crianças com atuações sobre o próprio corpo, como o *cutting*, ou no corpo dos outros, nas várias formas de agressão e violência. O que o senhor pensa sobre essas atuações sobre o próprio corpo? E o lugar do corpo nesse momento tão virtual?

CASSORLA O que tem se chamado de patologias atuais, que são as patologias de déficit de simbolização, que são as atuações que podem envolver o suicídio, os pacientes border, os politraumatizados, pacientes que têm aqueles vazios, aqueles tédios. Penso que seja isso, mas nós ficamos com o mesmo problema: será que esses pacientes já não existiam e se manifestavam de outras formas? Será que essas pessoas, em vez de se cortarem, cortavam os demais ou iam para a guerra ou entravam em uma seita religiosa e aí ficavam sob controle? Novamente, não acredito que a humanidade, a mente dos seres humanos, tenha mudado grande coisa. O que acredito é que a sociedade pode ter estimulado que as manifestações apareçam de outra forma. Imaginem se me cortasse quando eu era criança? Eu ia apanhar tanto que nunca mais ia me cortar na vida. Hoje, se eu me corto, vou para o pronto-socorro, para o psicólogo, para o psicanalista. Não estou dizendo que uma conduta é melhor e que a outra é pior. São momentos diferentes da sociedade, as manifestações são outras. A anorexia… Freud atendeu anoréticos. As meninas anoréticas eram muito populares na época do Romantismo. Quanto mais pálidas e quanto mais elas desmaiassem, mais eram consideradas atraentes. Tinha que ser bem frágil para desmaiar no colo do homem que a salvaria. Será que a epidemia consequente à publicação do "Jovem Werther" é muito diferente das epidemias atuais? Teríamos que tomar muito cuidado. Só sei que os rapazes se matavam, a ponto de Goethe ter que intervir. E as pessoas que morriam de tuberculose? Todos os grandes românticos morreram de tuberculose. Era tuberculose ou uma depressão suicida? Tenho um trabalho sobre o Álvares de Azevedo. Não sei se alguém teve chance de ler. Quando vemos a vida do Álvares de Azevedo, que morreu aos 23 anos, vemos que ele estava com uma depressão melancólica séria. Faço uma hipótese de identificação com o irmãozinho de quatro anos que havia morrido. Então, veja que, querendo ou não, voltamos para o social.

PERCURSO Essa é a questão.

CASSORLA Vamos voltar agora para um 'psicanalês' mais comum. Para dar sentido à vida, é preciso haver uma família e uma sociedade que deem continência para a pessoa desenvolver a capacidade de simbolização. À medida que as pessoas vão perdendo o sentido da vida isso vai sendo passado pelas gerações. E aí entra a educação, a educação é a coisa mais importante. A educação formal e a educação informal. Quantas pessoas se salvaram nas escolas? Eu me salvei na escola! Lá encontrei figuras de identificação que de alguma forma substituíram o meu pai ausente e a minha mãe deprimida. Depois, tive que fazer análise, claro, e continuo cheio de vazios e de buracos. Nós somos humanos, precisamos de figuras boas de identificação. Aquele professor, aquela professora que nos fazem pensar, que respeitam, que lidam com a alteridade, que nos ensinam, não a partir de palavras vazias, mas a partir do exemplo, de como se deve viver com o diferente e de como podemos nos fertilizar e fertilizar o outro no contato com o diferente sem negar que existe

a rivalidade, o ódio, a inveja e que temos que administrar isso. É importante que exista essa ética, talvez a palavra ética seja a base. A ética é muito simples. Tem um princípio judaico que diz: "Não faça aos outros aquilo que você não quer que façam com você". É a ética. Respeite o outro como se fosse teu semelhante. Tem outra frase que os católicos usam muito: ame ao próximo como a ti mesmo. É a base. Aí, assistindo uma aula da Marilena Chauí, descobri que no fundo o próximo é aquela pessoa que pertence a meu grupo, que pensa como eu! (risos)

PERCURSO Nos aproximando agora de sua pesquisa sobre o *enactment*, o senhor poderia nos contar como diferencia o *enactment* do *acting out*? E qual é a importância desse conceito como ferramenta clínica?

CASSORLA O *acting out* é uma descarga em que você não teve a capacidade de simbolizar através de palavras e descarrega através de atos. Isso evidentemente é simplista, porque o *acting out* também pode ter uma certa simbolização, comunicar alguma coisa. Nós temos a comunicação também em atos, então até aí nenhuma novidade. É o *agieren* freudiano, de 1914. O indivíduo não consegue lembrar, então ele repete. E a repetição é a base da transferência, nós atuamos na transferência, mas essa atuação sendo em área neurótica, tem um quê de simbolização. Em área psicótica, a descarga é mais pura, o sentido é mais difícil de ser identificado. Então, o que é o *enactment*? O *enactment* é quando paciente e analista se envolvem em conluios atuados através de emoções ou através de atos sem se darem conta do que está acontecendo. Poderíamos dizer que há uma atuação dos dois lados. O paciente atua e recruta o analista a ser o prolongamento dele. E o analista vai contra-atuar do mesmo jeito que o paciente. Paciente e analista não têm a capacidade de pensar suficientemente clara, eles não percebem o que estão fazendo. Ou então, eles criam uma teoria falsa, uma alucinação, sobre o que está acontecendo. O que é importante é que no *acting out* o analista percebe que o paciente está atuando e vice-versa também,

um enactment *muito comum é o de idealização mútua. O paciente projeta no analista um objeto idealizado, o analista passa também a ver o paciente como objeto idealizado*

mas no *enactment*, o paciente e o analista não têm consciência clara do que está acontecendo. Nós poderíamos classificar os *enactments* em infinitas categorias, mas se observamos os dois extremos vai ser mais fácil para entenderem. Um *enactment* muito comum é o de idealização mútua. O paciente projeta no analista um objeto idealizado, o analista o assume e passa também a ver o paciente como objeto idealizado. São aquelas análises em que os dois estão muito bem. O paciente acha o analista maravilhoso. O analista acha o paciente maravilhoso. E os dois conversam e se divertem. Mas o processo analítico fica paralisado. Por quê? Porque essa idealização mútua está encobrindo as áreas de conflito. O outro *enactment* é o de violência mútua, sadomasoquista, em que, através de identificações projetivas massivas, você recruta o seu analista a se tornar masoquista ou sádico. Você controla, domina o analista, impede que ele exerça a função analítica. E o analista se sujeita a isso ou pode inverter as coisas e também sujeitar o paciente. Então são aquelas análises em que há muito barulho mas em que não ocorre mudança psíquica.

PERCURSO Você diferencia o *enactment* crônico do *enactment* agudo.

CASSORLA A única contribuição que fiz a esse conceito foi essa discriminação entre o *enactment* agudo e o *enactment* crônico. Porque o *enactment* crônico já tinha sido descrito, só que não se usava esse nome. Por exemplo, Dora e Freud estavam em *enactment* crônico, Freud achava que fazia análise e a Dora achava que fazia análise, estavam enganados. Em um determinado momento a Dora fala: "Tchau, vou embora". Só que a dissolução do

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 64 01/06/2023 08:34:37

quando o analista imagina que errou, ele vai investigar os fatores que o levaram a essa conduta e pode tirar bom proveito desse suposto erro

enactment com a interrupção da análise não é uma boa solução. Quando o conluio se desfaz, e isso ocorre de uma maneira traumática, nós chamamos de *enactment* agudo. Os autores chamavam de *enactment* o que eu chamo de *enactment* agudo. O que os autores não tinham teorizado suficientemente é que o *enactment* agudo vem após o *enactment* crônico. É no *après-coup* que o identificamos.

PERCURSO Só temos notícia do *enactment* crônico quando acontece o agudo?
CASSORLA Só quando acontece o agudo, ou quando você teve a sorte de ter um segundo olhar, quando você está começando a ficar desconfiado de que alguma coisa está acontecendo e conta o caso para um colega. Na hora que você conta, você percebe, ou o supervisor fala. O meu *enactment*, aquele em que dou um soco na poltrona e conto para minha supervisora, Judith Andreucci, quando levei esse caso para ela, estava certo de que estava cometendo um grande erro. Mas ela me disse: "Não. Você disse chega! Chega de se submeter a um conluio sadomasoquista". Quem descobriu o *enactment* foi a Judith Andreucci (risos). E isso ficou na minha cabeça por décadas, só muito tempo depois é que eu recuperei isso. Quer dizer, ela me fertilizou, mas acho que nem ela, nem eu, sabíamos que isso iria redundar nessa teorização. Por exemplo, quando a inveja é mútua na dupla analítica, em uma relação que mistura idealização e controle, o *enactment* crônico pode permanecer silencioso. Melanie Klein descreveu a defesa contra a inveja, que seria provocar a inveja no outro. É uma das defesas mais sofisticadas. Você provoca inveja no outro, você não é invejoso, o invejoso é o outro. Normalmente é isso que acontece quando se estabelece um *enactment* crônico, a coisa fica meio paralisada, não há uma percepção clara. Aí acontece um *enactment* agudo, alguma coisa estoura e existem duas possibilidades: não tem mais conserto ou analista e paciente percebem, isso é retrabalhado, aquela área de obstrução passa a fazer sentido e o processo se desenvolve.

PERCURSO O senhor poderia nos contar um exemplo clínico para os leitores acompanharem o *enactment* a partir da clínica?
CASSORLA Todos os analistas têm muitos exemplos em sua prática. O que eu acho que aconteceu foi que com o conceito de *enactment* os analistas começaram a prestar mais atenção e, o mais importante, pararam de se envergonhar. Quando o *enactment* acontecia, os analistas negavam ou escondiam, não podiam contar para ninguém, era considerado um erro, um problema na contratransferência. Hoje sabemos que não é bem assim. O trauma que não pode ser colocado em palavras tem que ser repetido no campo analítico para fazer sentido no *après coup*. Se ele não for repetido, nunca vai poder ser simbolizado. Ele pode ser repetido de uma forma mais leve ou mais violenta. Acredito que o conceito do *enactment* humanizou a psicanálise. Quando o analista imagina que errou, ele vai investigar os fatores que o levaram a essa conduta e pode tirar bom proveito desse suposto erro. Assim, vamos eliminando o componente moralista da avaliação. Tudo que acontece no campo analítico acontece por fatores que temos que investigar. Se já partimos do princípio de que foi por um erro do analista, um problema contratransferencial, por uma patologia do analista, não entramos em contato com tudo o que acontece. Pode sim acontecer que o paciente atinja uma área mais complicada nossa. Mas por que ele a atingiu? Como a atingiu? Todos os pacientes sabem quais são os nossos pontos vulneráveis, sabem inconscientemente. Podemos aproveitar esses pontos para que o paciente projete em nós, e, ao entrar em contato e lidar com eles, ajudamos o paciente e a nós mesmos. Devemos parar com a

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 65 01/06/2023 08:34:37

ideia de que tem o certo ou o errado e pensar em quais são os fatores envolvidos, o que promove o desenvolvimento. Tudo o que acontece no campo analítico merece investigação.

PERCURSO O senhor pensa que o número de sessões pode interferir no processo de elaboração do *enactment*?

CASSORLA As sessões não têm a ver com o *enactment*, mas com a capacidade que temos de formar um vínculo mais rico. Quanto mais sessões nós tivermos, mais intensas serão as experiências emocionais e maior será a chance de entrar em contato com elas. *Enactment* é um fenômeno que ocorre em qualquer análise. É um recrutamento através do qual o paciente nos comunica a necessidade que ele tem de controlar o objeto para que o objeto não faça análise, para manter o *status quo*. Todos nós fazemos isso. A diferença é que quando o paciente neurótico projeta em nós o objeto transferencial, nós o interpretamos ou intervimos de uma forma tal que o paciente percebe que aquilo que está acontecendo, aqui e agora, não é real. É uma projeção do seu mundo interno, ou é a repetição de uma coisa lá do início, de um objeto mais arcaico. No caso do *enactment*, isso é feito de uma forma tão violenta ou tão sutil, que nós acabamos, de alguma forma, sendo o objeto que foi projetado e terminamos por participar de um conluio, sem perceber. Um exemplo simplista, que está lá no meu livro, já que me pediram um exemplo, é aquela situação em que a paciente me disse, após a sessão, que tinha esquecido o talão de cheques. E eu precisava muito que ela me pagasse porque no dia seguinte vencia a prestação do financiamento da minha casa. A inflação era grande, os juros muito altos, eu não queria atrasar o pagamento e só faltava o dinheiro dela. Quando ela me diz que esqueceu o talão de cheques, falei para ela sem pensar – porque tudo isso acontece sem pensar – é uma descarga, mas é claro que é uma descarga que tem um pensamento inconsciente por trás – que, por favor, me deixasse o cheque na portaria naquele mesmo dia, porque precisava do dinheiro. E quando o *enactment* acontece, nós

a diferença é que quando o paciente neurótico projeta em nós o objeto transferencial, nós o interpretamos ou intervimos

ficamos constrangidos. Nos sentimos culpados. Porque o *enactment* agudo, na verdade, rompe a relação dual. É o terceiro que entra. De repente, mostrei para a paciente que precisava do dinheiro dela, que eu era uma pessoa separada e não um prolongamento dela. Fiquei constrangido. Me expus. Nós não devemos nos expor aos pacientes e sobrecarregá-los. O problema é meu, não devo jogá-lo no paciente. E, para minha surpresa, ela deixou o cheque e, na sessão seguinte, conta que ficou emocionadíssima, porque percebeu que o dinheiro dela era importante para mim. Para ela, eu era um ser idealizado e tinha todo o dinheiro do mundo! Então foi um momento interessante em que ela percebeu que eu era um objeto, e ela, outro. E aquele conluio, aquela fantasia, se desfez. Às vezes, nós, incomodados, temos alguma conduta que não está nos cânones psicanalíticos. São coisas que todos nós fazemos, mas agora temos uma teorização razoavelmente potente que nos ajuda a dar sentido a elas.

PERCURSO Eu queria voltar um pouquinho àquela pergunta que acho que não foi bem colocada. O *enactment*, digamos assim, acontece em qualquer análise, seja com uma ou com cinco sessões por semana. Mas o processo de elaboração é diferente se tivermos uma sessão logo depois ou só na semana seguinte, num intervalo de tempo maior?

CASSORLA Acho que vai depender muito de cada pessoa. Teoricamente, quando você encontra o paciente no dia seguinte evidentemente fica mais fácil compreender e trabalhar o fato traumático. O *enactment* agudo é um fato traumático e, eventualmente, pode acontecer também com menos

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 66 01/06/2023 08:34:37

estamos aí, de novo, com as mudanças sociais. O que é bom ou ruim? Vamos deixar isso de lado e vamos pensar sobre o que promove, ou não, o desenvolvimento

sessões. Hoje, com o WhatsApp, por exemplo, as pessoas acabam mantendo a relação mesmo em intervalos maiores. Isso é uma percepção que tive agora.

PERCURSO Os pacientes muitas vezes escrevem alguma mensagem só para manter o contato. O senhor tem sentido isso?
CASSORLA Acho que com o WhatsApp, com as redes sociais, mudou a relação analítica. Quando a paciente me liga no meio do trânsito, logo após a pandemia, dizendo: "Estou aqui no meio do engarrafamento, não vou conseguir chegar aí". E fala: "Me desculpe. Podemos fazer virtual?". "Podemos sim". Aí, na sessão seguinte ela diz: "Nossa! Se fosse tempos atrás eu teria perdido a sessão!". Sim, nem se cogitaria um atendimento virtual. Estamos aí, de novo, com as mudanças sociais. O que é bom ou ruim? Vamos deixar isso de lado e vamos pensar sobre o que promove, ou não, o desenvolvimento. Como vamos conversar sobre isso? O que significou eu ter feito a sessão? Por que ela achou que eu não faria a sessão? Então se abre um campo para fazer psicanálise, que é a nossa profissão.

PERCURSO Estava pensando uma questão em relação à intervenção no *enactment* agudo. Geralmente ela vem espontaneamente, não é algo que você precisa criar coragem para fazer, ela toma conta do corpo. É isso que o senhor está dizendo?
CASSORLA Isso. É um evento traumático. É uma descarga impulsiva, rápida, que deixa um incômodo, por isso nos sentimos constrangidos. Mas é uma descarga que tem algum pensamento. É um elemento beta, conceito de Bion, um elemento não representado em busca de simbolização. E nós temos que transformá-lo em pensamento. Nossas interpretações também são assim. Nós não pensamos quando interpretamos. Se for pensar muito você não interpreta coisa nenhuma. É um diálogo. Você vai falando e, de repente, você descobre que naquela tua fala tem alguma coisa estranha. John Steiner fala de *enactment* contratransferencial, ele enfatiza este lado, que acho interessante. Para mim, o *enactment* é dos dois lados, do paciente e do analista. Steiner diz que, de repente, você percebe (ou não percebe) que o seu tom de voz está sedutor, ou agressivo, irado. E é ele que está indicando o *enactment*. Você não percebe, mas pode perceber no *après coup*. Ou o paciente pode revelar. Posso falar para minha paciente com um tom de voz muito calmo, sedutor, sem perceber. E ela pode me dizer: "Hoje você está sedutor, hein?". Aí eu percebo! Porque vocês sabem que quem nos mostra o que estamos fazendo é o paciente. Ele é quem valida ou invalida as nossas hipóteses. Tudo o que fazemos são hipóteses. A resposta do paciente é que nos mostra se nós atingimos e onde atingimos. Gosto de dar como exemplo uma vinheta do Antonino Ferro. Ele enfatiza muito uma frase do Bion que diz que o paciente é o nosso melhor amigo, que é ele quem nos diz por onde estamos indo. Ele conta que, uma vez, pediu um aumento de honorários e o paciente teve uma experiência visual: "Eu estou vendo uma galinha sendo depenada". Ferro tem outros exemplos muito bonitos, como quando faz uma interpretação que achou ótima. O paciente responde: "Eu me lembrei de um professor idiota que tive no ginasial que achava que era o dono da verdade!". É importante prestar atenção na resposta do paciente. Isso é psicanálise! O *enactment* agudo é agudo como o próprio nome já diz. Quando você gosta muito de um paciente deve desconfiar. Não tenho nada contra gostar do paciente. Só que se você gosta muito ou odeia muito um paciente, você tem que se perguntar: "O que esse paciente faz comigo que me provoca tanto ódio?" Aí você sai de você e vai investigar na relação com o paciente. É assim que o paciente fica interessante. E então não vemos a

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 67 01/06/2023 08:34:37

hora do paciente chegar para descobrir por que ele é tão odiado. Agora, o paciente mais perigoso é o paciente bom, o paciente de quem nós gostamos muito, porque ele esconde com mais facilidade. Um exemplo disso ocorreu ontem em supervisão. A colega falou assim: "Ele faltou quarta-feira, faltou quinta-feira porque tinha compromissos. Só tenho a sessão de segunda, mas não aconteceu nada de importante. Posso trazer outro caso hoje?". Eu falei: "Se você tem outro caso hoje que está te preocupando, você pode trazer. Mas não seria interessante falar um pouquinho da sessão de segunda-feira quando nada aconteceu?". Ao final da supervisão nós dissemos: "Quanta coisa aconteceu na sessão de segunda-feira". Nós não vimos nada porque estava tudo escondido. E preferíamos não ver. Só que o supervisor chato fala: "Não. Vamos dar uma pesquisada no que é esse nada". São coisas que todos nós sabemos que acontecem na psicanálise o tempo todo. O fato de estar incomodado às vezes faz com que nós fujamos do incômodo. Eu escrevo em algum lugar: "Quando você tiver preguiça de escrever, escreva! Porque a preguiça é indicativa de que tem alguma coisa com a qual você não quer entrar em contato. Quando você pensa em não levar o paciente à supervisão porque está indo bem, leve! Ou quando você está envergonhado: "Vai ser muito difícil, deixa. Nem consegui escrever. Nem sei como relatar". Leve e vá contando para o seu supervisor sem escrever, numa relação de confiança em que sinta que não será julgado. Nós não estamos para julgar ninguém, estamos para tentar compreender os fatores que fazem com que determinado ser humano se comporte ou sofra daquela maneira.

PERCURSO Para finalizar, o senhor gostaria de acrescentar algo?

CASSORLA Como seres humanos temos todo o direito de pensar o que quisermos, de sentir qualquer coisa, mas, quando vamos para a área do pensamento científico ou psicanalítico, temos que tomar certa distância, porque, como psicanalistas, trabalhamos com a observação participante. Os antropólogos fazem isso, moram em uma aldeia por décadas e depois escrevem um livro sobre seus hábitos. Mas tomar distância é complicado. Como dizem os autores da complexidade, Morin, por exemplo, um observador modifica o fato observado e o fato observado modifica o observador. Como psicanalistas sabemos isso: aquilo que está acontecendo no campo analítico, aquilo que observamos já deixou de ser aquilo porque já se transformou, o que identificamos já não é mais aquilo porque se transformou de novo. E nós nos transformamos porque o fato observado nos transformou. Colocar isso em palavras não é fácil! Bion fala de "K". O K é uma coisa pontual. No momento em que atinjo o K ele já é outro K, que vai ser transformado em direção ao O, que sabemos que nunca chegará. Então, temos que lembrar daquela famosa frase: a resposta é a desgraça da pergunta! Temos que saber que cada resposta é apenas uma tentativa de ampliar o desconhecido. Mais uma metáfora: quando você olha para o espaço sideral, você vê uma quantidade Y de espaço, mas existe um espaço infinito. Quando você manda uma nave e coloca um telescópio na nave, a quantidade de infinito aumenta. Quanto mais sabemos, mais *não sabemos*. E lidar com o não saber é a arte do psicanalista. Bion vai chamar isto de capacidade negativa: suportar o não saber e esperar que surjam coisas, que não nos trarão respostas, mas vão ampliar o conhecimento e o desconhecimento. A vida está sempre em transformação.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 68 01/06/2023 08:34:38

Emília Estivalet Broide e Jorge Broide
Equipe da ClínicAberta de Psicanálise de Santos
Mayarê Baldini
Tales Ab´Sáber

A potência da psicanálise como dispositivo para o (fazer) político

Realização Camila Junqueira, Cristiane Abud Curi, Gisela Haddad, Ivy Semiguem e Vera Zimmermann

Emilia Estivalet Broide é psicanalista, mestre em Saúde Publica pela FSP-USP, doutora em psicologia social pela PUCSP, pós-doutora em psicologia clínica pelo IPUSP. É autora do livro "A supervisão como interrogante da práxis analítica: desejo de analista e a transmissão da psicanálise" entre outros livros e artigos da área de psicanálise

Jorge Broide é psicanalista, analista institucional, professor do Curso de Psicologia da PUCSP, Coordenador do Curso de Especialização Psicanálise nas Situações Sociais Críticas de Educação Continuada da PUCSP. Trabalha desde 1976 com diferentes situações sociais críticas. Tem livros e artigos publicados no Brasil, Argentina e Portugal.

Mayarê Leal Ferreira Baldini é psicanalista, psicóloga pela UnB e membro do Instituto Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb). É mestre em Psicologia Clínica e Cultura pelo Laboratório de Psicanálise e Subjetivação da Universidade de Brasília e especialista em Teoria Psicanalítica.

Tales Ab´Sáber é psicanalista, membro e professor do Departamento de Psicanálise, professor no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), autor de, entre outros, "O sonhar restaurado: Formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud" (Editora 34)

Caroline Zanchi é psicóloga pela Unifesp/BS, realizou aprimoramento na Clínica das Psicoses e formação em Acompanhamento Terapêutico no Instituto A CASA. Atua na Equipe Trajetos de Acompanhamento Terapêutico e faz parte da formação clínica do Fórum do Campo Lacaniano.

Davi Cruz Miranda é psicólogo pela PUC-SP, mestrando na UNIFESP-BS, fez Aprimoramento Multiprofissional em Saúde Mental pelo "CAPS-Itapeva" e especialização em Saúde Coletiva pelo Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Primária à Saúde pela SMS Santos-SP.

Eduardo de Carvalho Martins é psicanalista, psicólogo pela UNIFESP-BS e doutor em Teoria Psicanalítica. É membro do Laboratório de Psicanálise, Política, Arte e Sociedade da UNIFESP-BS.

Gabriela Andrade Ferreira de Sá é psicóloga pela Unesp/Assis, fez aprimoramento em Saúde Pública pela DRS IX- Marília/SP e especialização em Redes de Atenção Psicossocial pela UNIFESP-BS. Faz parte da formação clínica do Fórum do Campo Lacaniano/SP.

Judith Butler, conhecida por problematizar o tema da identidade de gênero questionando o binarismo masculino/feminino e o lugar daqueles que não se enquadram nestas categorias, ampliou suas pesquisas em seu livro "Quadros de guerra – quando a vida é passível de luto", de 2015, ressaltando a ideia de precariedade e as mobilizações globais contra as desigualdades econômicas, sociais e políticas que produzem cada vez mais populações "designadas como dispensáveis e indignas de luto". Para ela, é preciso fazer uma leitura minuciosa e constante e ficar atento às pautas hegemônicas de valores que cada cultura elege, assim como ao que fica na invisibilidade – dimensão política por excelência –, a qual todos os agentes cuidadores da cultura deveriam incluir em seus horizontes. Quando ser portador de uma vida passível de luto, ser reconhecido como uma pessoa, como um cidadão, não é para todos, faz-se necessário compreender como esse enquadramento se constrói para que uma política de afirmação da vida seja possível. Em 2020, com o livro "A força da não violência" Butler retoma de maneira contundente, em meio aos efeitos nefastos da pandemia, o debate sobre vulnerabilidades e precariedades, a ideia de interdependência, os laços sociais e os limites e desafios da discussão sobre violência no debate público.

Tal debate, que, de certa forma, escancara essa mesma invisibilidade em todo o planeta, pode ser conferido também em nosso país, quando analisamos, por exemplo, o grande contingente de pessoas em situação de rua, cujo número, após a pandemia, chegou a atingir um total de quase 300 mil pessoas (IPEA). No período, não foram poucas as imagens divulgadas pelas mídias do incansável padre Júlio Lancelotti, da Arquidiocese de São Paulo, em sua tentativa de proteger e de

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 69 01/06/2023 08:34:38

Hernán Siculer é psicólogo e psicanalista. Desenvolve atividades clínicas e teóricas em diversos espaços institucionais como supervisor clínico.

Laís Barreto Barbosa é psicóloga, mestre e doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Leticia Fernanda Parreira Mangueira é psicanalista e psicóloga pela UFRJ e UNISANTOS. Participa de estudo e discussão em psicanálise lacaniana e trabalha em atendimentos de adultos e adolescentes na Clínica Transcender em Santos/SP.

Lizandra Costa Mendes é psicanalista, psicóloga graduada pela UNIFESP-BS.

Luís Gustavo Amadei é psicanalista e psicólogo pela UNIFESP – BS.

Marcela Garrido Reghin é psicóloga pela UFTM (MG), mestre e doutoranda em Ciências da Saúde e Especialista em Rede de Atenção Psicossocial pela UNIFESP – BS e integrante do Laboratório Interdisciplinar Ciências Humanas, Sociais e Saúde – LICHSS.

Marina Dória Molinari Couto é psicóloga, fez especialização em Saúde Pública pela SMS Santos e aprimoramento em Psiquiatria pela USP. É redutora de danos no Coletivo Brisa (RJ) e frequenta espaços diversos de formação e troca entre os pares, com ênfase na interlocução entre singularidade e política.

Patrícia Carvalho Silva é psicóloga de orientação psicanalítica, pós-graduada em Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama pelo Instituto Gregório Baremblitt e Mestra em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente do curso de Psicologia da Universidade Santa Cecília (Santos/SP).

Rafael Mendes Romão é psicanalista, enfermeiro e tradutor. Faz formação no Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo e no grupo Psicanálise, Territórios e Horizontes da transformação social no Brasil do Instituto Gerar.

Rubens Casal Del Rey Neto é psicólogo pela UNIFESP/BS, fez especialização em Saúde da Família e Comunidade pelo Município de Praia Grande e atua na área da educação como servidor do Município de São Vicente.

Sidnei José Casetto é psicanalista, professor sênior e membro do Laboratório de Psicanálise, Política, Arte e Sociedade do campus Baixada Santista da Unifesp e membro do Departamento de Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae.

Tahamy Louise Duarte Pereira é psicóloga, mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da USP e especialista em Rede de Atenção Psicossocial pela UNIFESP/BS. Trabalha na Equipe Trajetos de Acompanhamento Terapêutico e faz formação no Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo.

tornar visíveis as centenas de moradores das ruas, que, de forma atroz, não só são invisíveis às autoridades públicas, como alvo de inúmeras violências. É dele o resgate do termo "aporofobia": aversão, ódio ou rejeição aos pobres; assim como a proposta de lei que visa coibir a construção de intervenções – a chamada arquitetura hostil – para afastar os moradores de rua das cidades. Aprovada pelo senado, a lei foi vetada pelo então presidente da república, que, entre outras demonstrações de descaso, declarou que a medida poderia causar uma interferência no planejamento da política urbana. Política que não costuma incluir esses cidadãos.

Uma breve pesquisa com trabalhos de atendimento (institucional ou não), com populações em situação de vulnerabilidade e violência social, realizados por psicanalistas brasileiros (em conjunto com profissionais de outras áreas ou não), nos mostra como tal prática não só aumentou nas últimas décadas, como foi responsável pela construção e divulgação de dispositivos clínicos pautados pela "escuta da cidade", gerando um impacto cidadão da psicanálise no espaço urbano, quiçá, uma psicanálise pública.

Com esse caminho aberto, seria possível a psicanálise contribuir de forma efetiva na gestão das cidades, na criação de programas de atendimento e na capacitação de equipes que possam estar em contato direto com a urgência social e com as mais diferentes populações?

Convidamos nossos debatedores a refletir sobre os desafios dessa psicanálise

Emilia Estivalet Broide e Jorge Broide

A psicanálise deve estar onde a vida está.

O *trabalho psicanalítico na cidade* implica a assunção da nossa responsabilidade frente ao mal-estar na cultura, frente ao desamparo psíquico e à desigualdade social. Partindo dessa premissa é possível contribuir de forma efetiva na gestão das cidades, na criação de programas de atendimento e na capacitação de equipes de forma a colocar a clínica psicanalítica em conexão com a

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 70 01/06/2023 08:34:38

o trabalho psicanalítico
na cidade *se amplia ancorado*
na tradição freudiana e
de seus seguidores que colocaram
em operação clínicas públicas
entre os anos de 1918 e 1938

urgência social de nosso tempo. O psicanalista, em seu trabalho na cidade, coloca em relevo o inconsciente lá onde a precariedade e o drama da vida humana se apresentam e clamam pela economia do pensamento, pela burocratização dos gestos e pelo ensurdecimento dos ouvidos frente ao drama social, ao traumático da violência e da injustiça social.

O *trabalho psicanalítico na cidade* se amplia ancorado na tradição freudiana e de seus seguidores que colocaram em operação clínicas públicas entre os anos de 1918 e 1938, situando o compromisso com a dimensão pública da psicanálise. Restituir a dimensão pública da psicanálise hoje possibilita restituir o valor da palavra enquanto fonte geradora de vida política em comunidade, como fonte geradora da vida em comum, como geradora de potencialidades.

O *trabalho psicanalítico na cidade* faz com que o analista coloque o seu corpo em cena a fim de embrenhar-se nas dobraduras da cidade e fazer o que denominamos *escuta territorial*. A *escuta territorial*, no campo que temos chamado das situações sociais críticas, ou seja, no campo das urgências sociais, implica caminhar na cidade, ouvir os sujeitos e as narrativas de suas histórias, sonhos e devaneios, suas visões de presente e futuro e seus laços profundos com a comunidade e o território. Desvendar as lógicas de vidas que se tramam com os lugares de pertença, com os costumes, exige rasgar as camadas do discurso do senso comum e perceber sinuosidades, contradições expressas nas memórias faladas, nos resquícios de lembranças presentes nas esquinas, pelos fragmentos de um imaginário local.

A *escuta territorial* é, para o psicanalista, abrir-se à escuta e leitura das marcas que habitam cada sujeito a partir daquilo que a cidade lhe imprime, por isso a *escuta territorial* começa pelo andar na cidade, falando com comerciantes, passantes, pessoas que habitam o território ou que estão em trânsito. Os sujeitos são vividos pela cidade e por seu tempo, constituídos por essa complexa rede pulsante de relações conscientes e inconscientes. A proposta da *escuta territorial* é entender e trabalhar nessa/essa pulsação inconsciente presente no território a fim de criar dispositivos de atendimento clínico, uma vez que estes dispositivos clínicos não são simplesmente a transposição do consultório particular para o território, pois devem ser pensados a partir da função da urgência com a qual estamos trabalhando e a urgência nos servirá de enquadre ou setting. A escuta no território faz com que comecemos a entender quais são os significantes que se repetem, de uma forma ou outra, no território e em sua imbricação com a cidade. Quando finalmente topamos com os significantes que nos servem de guia, iniciamos a construção dos dispositivos clínicos para operar nas situações sociais críticas.

A escuta territorial também põe em questão o próprio analista, uma vez que os vínculos transferenciais revelam em ato a pulsação viva e cotidiana da vida na relação analítica, fazendo surgir novos interrogantes que colocam desafios e desacomodações ao pensamento teórico, ao exercício clínico e à práxis psicanalítica. A Psicanálise nas situações sociais críticas é uma clínica psicanalítica que opera fundamentalmente nas situações traumáticas que se dão no tecido social, tais como população em situação de rua, adolescentes em conflito com a lei, na área dos direitos humanos, nos movimentos sociais, na educação, na saúde, na justiça, na construção de projetos urbanos, na formulação e implementação de políticas sociais,

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 71 01/06/2023 08:34:38

na capacitação de trabalhadores que operam diretamente nessas áreas, na assistência social e entre outros espaços de vida.

ClínicAberta de Psicanálise de Santos

Coletivo formado por: Caroline Zanchi, Davi Cruz Miranda, Eduardo de Carvalho Martins, Gabriela Andrade Ferreira de Sá, Hernán Siculer, Laís Barreto Barbosa, Leticia Fernanda Parreira Mangueira, Lizandra Costa Mendes, Luiz, Gustavo Amadei, Marcela Garrido Reghin, Marina Dória Molinari Couto, Patrícia Carvalho Silva, Rafael Mendes Romão Rubens Casal Del Rey Neto, Sidnei José Casetto, Tahamy Pereira.

Escuta psicanalítica na rua e desamparo compartilhado

Quando chegamos o céu estava cinza, mas o tempo ainda firme. Buscamos as cadeiras de praia na Fábrica de Cultura, estendemos a faixa no pergolado da praça: "Clínica Aberta de Psicanálise – atendimento gratuito". O local estava mais vazio naquela manhã de sábado. Depois de algum tempo, uma pessoa chegou para ser escutada. Uma de nós iniciou o atendimento, enquanto a outra moveu sua cadeira para uma distância que a impedisse de ouvir o que diziam. O barulho da construção do VLT na rua que circunda a praça ajudava com a barreira acústica. Aí começou a chover. A princípio, como era apenas uma garoa, não nos importamos muito. A pessoa que falava tampouco se abalou. Apenas quando a chuva apertou, a analista propôs uma mudança de local: do outro lado da rua havia uma marquise que cobria um trecho da calçada de um comércio fechado. Ambas pegaram suas cadeiras e foram continuar o trabalho em local mais seco. A outra analista optou por manter-se onde estava, debaixo de um grande guarda-chuva. Não tardou cinco minutos e uma pessoa aproximou-se debaixo de seu próprio guarda-chuva e sentou-se na cadeira vaga. A chuva já era bem mais que uma garoa, a esta altura.

Esta cena nos ajuda a contar da experiência que temos vivido desde 2019, quando começamos a construir uma clínica aberta de psicanálise em Santos, inspirados por experiências já em andamento em São Paulo e pelo desejo de oferecer escuta psicanalítica a quem, de outro modo, poderia não ter acesso a ela. Estávamos no início de um governo aliado à morte e à destruição de políticas públicas, o que também nos motivava a constituir alguma forma de resistência.

uma das dimensões do dispositivo que construímos se relaciona com certa precariedade material do setting*, expressa na narrativa do início*

Uma das dimensões do dispositivo que construímos se relaciona com certa precariedade material do *setting*, expressa na narrativa do início. Estamos nos referindo às condições de se escutar num espaço aberto e público, exposto ao sol e à chuva, aos barulhos, ao trânsito de pedestres e carros, ao compartilhamento do espaço com outras pessoas, trabalhadores da limpeza urbana e grupos religiosos, e à exposição de numerosos olhares. Uma boa dose de imprevisibilidade caracteriza este enquadre, o que poderia ser visto como contraindicação à proposta analítica. Por outro lado, são tais condições precárias, em certa condição de desamparo, que parecem nos aproximar da cidade que queremos escutar, e ela a nós.

Há também a dimensão de desamparo teórico a mencionar. Tal elasticidade da técnica não encontra uma teoria consolidada que a suporte. Ainda que nosso trabalho aconteça por um acordo acerca do inconsciente, da transferência e da ética psicanalítica, escolhemos estar todos os sábados na praça, o que se viabiliza pelo revezamento de analistas. Como o retorno de quem

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 72 01/06/2023 08:34:38

um dos pontos a serem considerados a este respeito é a gratuidade dos atendimentos. Todos nós provavelmente já escutamos recomendações técnicas acerca de como a ausência de pagamento poderia dificultar, o processo analítico

busca o dispositivo é livre, podendo estender-se indefinidamente, é comum que cada pessoa seja escutada, ao longo do tempo, por vários de nós. Procuramos lidar com isso compartilhando o relato de cada encontro, de modo que certa memória – ao arrepio da recomendação bioniana – nos acompanhe. Não sabemos dizer ainda como se dá a transferência, embora tenhamos percebido que parece existir uma relacionada a cada analista e, simultaneamente, outra relativa ao próprio dispositivo. Mais de uma pessoa acompanhada já relatou perceber a continuidade do atendimento, como um processo composto por diversas escutas. A supervisão, em contrapartida, tem o benefício inusitado de receber a contribuição de vários que estiveram como analistas do mesmo caso, além daqueles que poderão estar nessa posição, ocupando-se da teia formada por várias relações analíticas.

Talvez o desamparo teórico, assim como a precariedade material, não resulte apenas em desvantagens. Tal condição, por ser compartilhada, estimula a percepção de nosso não saber, e sua consequente abertura. Diante de questionamentos se o que fazemos é propriamente análise, não temos ainda nenhuma resposta bem estabelecida. Percebemos que as demandas que chegam são diversas, e a proposta de acolher cada uma não nos leva necessariamente a atendê-las. Ficamos atentos a quaisquer possibilidades de situações analíticas que possam se apresentar. E elas não costumam se dar em um contínuo, mas em episódios, momentos analíticos. Nesse sentido, seria algo tão diferente do que vivemos nos consultórios?

Ademais, entre nós ninguém ocupa o lugar de suposto saber (somos todos suspeitos), nem mesmo a teoria. Temos filiações teóricas e percursos de formação bastante diversos. A solução que encontramos foi apostar na horizontalidade dos laços, naquilo que possamos perceber e construir coletivamente. Notamos e promovemos uma corresponsabilização pelo cuidado, que nos permite sustentar o que dificilmente conseguiríamos individualmente. Esta trama que tentamos tecer entre nós talvez seja do mesmo material daquela que estamos querendo estabelecer com a cidade nesse exercício de psicanálise pública: à beira-mar, contra a corrente[1].

Um dos pontos a serem considerados a este respeito é a gratuidade dos atendimentos. Todos nós provavelmente já escutamos recomendações técnicas acerca de como a ausência de pagamento poderia dificultar, senão impedir, o processo analítico. Quanto a isso, sem qualquer segurança, estamos pagando para ver. Até o momento, nenhum sinal de resistência que possamos atribuir a este fator, mesmo entre aqueles que estão entre nós há mais de um ano. Ficamos surpresos ao ler, na pesquisa de Elizabeth Danto acerca das clínicas públicas de psicanálise, que tal prática era comum e em muitos casos incentivada, inclusive em análises didáticas na Viena dos anos 1920, sem exceção das conduzidas por Freud.

Resta considerar a clínica aberta como uma interferência política na cidade. De fato, aproximam-se de nossas cadeiras de praia uma diversidade de vozes: pessoas que vivem nas ruas do entorno, viajantes à espera do embarque na rodoviária que fica ao lado, usuários dos CAPS da cidade

1 Paráfrase ao título do livro de Florianita Coelho B. Campos & Cláudio Maierovitch Henriques (orgs.) *Contra a maré à beira mar:* a experiência do SUS em Santos. 2a. ed. São Paulo: Hucitec, 1997, que conta a experiência de construção do SUS na cidade, de 1989 e 1996, durante a gestão de dois prefeitos petistas, integrantes de uma coligação de partidos de esquerda.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 73 01/06/2023 08:34:38

encaminhados por técnicos de saúde mental, gente que viu a página da clínica nas redes sociais. Muita gente vem ao nosso encontro olhando a faixa – *"bom dia, não vim me consultar, mas…"* – e passa a falar durante um bom tempo, mesmo em pé, recusando-se a sentar, às vezes justificando que sua procura é por outra pessoa que poderia se beneficiar, e não para ela. Poderíamos pensar que uma parte significativa desta demanda seria por alguma forma de reconhecimento, resultado dos regimes de invisibilidade impostos a parte da população. Ouvir longamente os delírios de um transeunte, que já chega explicando como o mundo funciona, quais punições serão aplicadas e a quem, talvez nos ajude a entender a correção imaginária que está sendo feita na realidade violenta em que vivemos.

Por vezes nos perguntamos se o lugar que estamos ocupando seria correspondente a um vazio do Estado. De fato, em Santos, não há oferta de psicoterapia propriamente dita na rede pública, o que poderia sugerir a existência de uma demanda reprimida. Por outro lado, sabemos também que a oferta constitui a demanda, e que tentativas de singularizar acompanhamentos vão na direção oposta dos tratamentos que não se interessam pelo sentido dos sintomas, visando sobretudo a recuperação funcional, a adaptação e a normalização dos sujeitos.

Há ainda uma outra dimensão política que valeria mencionar, que não é da interferência da psicanálise na cidade, mas das clínicas abertas ou públicas na própria psicanálise. Pois esta também precisa se haver com suas contradições e fazer-se contemporânea a si mesma, o que pode exigir mudanças constantes na sua relação interna de forças e resultar em alterações de rota em sua história. É

há ainda uma outra dimensão política que valeria mencionar, que não é da interferência da psicanálise na cidade, mas das clínicas abertas ou públicas na própria psicanális

neste campo de tensões que nos situamos, espécie de borda da psicanálise, experimentando nos expor ao que poderia ser considerado como o inconsciente de uma cidade. Tendo em vista que fazemos parte de um conjunto numeroso de ações semelhantes no país, que incluem clínicas e formações periféricas, a expectativa é que a psicanálise seja provocada por este contato e produza elaborações que levem a uma ampliação de sua acuidade sensível, ainda que não possamos prever qual será. Se, com isso, outras gentes puderem ser ouvidas, diversificando as narrativas psíquicas que nos interrogam, terá sido um ganho para todxs.

Talvez a inspiração nas clínicas públicas da década de 1920 possa dar margem para uma retomada contemporânea de acessibilidade e do potencial político da psicanálise. E o exercício de uma psicanálise de rua, na rua e para a rua tenha algo a contribuir para a escuta da cidade e incidência nas formas de leitura e organização dos laços sociais.

Mayarê Leal Ferreira Baldini

O inusitado encontro entre a rua e a psicanálise

"De onde vocês são?", perguntou, intrigado, um passante cujo olhar havia sido capturado pelos pares de cadeiras de praia coloridas em plena Rodoviária de Brasília.

Do outro lado, quem recebia a pergunta: Mayarê, mulher branca, cisgênero, café da manhã pulado, banho tomado, dentes escovados, habituada ao ofício da psicanálise entre as

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 74 01/06/2023 08:34:38

ninguém é dono
da rua, mas ela dá logo
a letra: é de todo mundo,
é de quem chegar, mas,
ao mesmo tempo, ela sabe
bem quem lhe
é estranho

sigilosas quatro paredes de seu confortável consultório.

Minha função neste sábado era o acolhimento – a minha favorita, cá pra nós. Objetivamente, a tarefa era me posicionar de pé numa encruzilhada entre quatro escadas rolantes efervescentes de tanta gente, segurando um quadro branco, no qual se liam os dizeres escritos com marcadores coloridos: ATENDIMENTO PSICANALÍTICO GRATUITO, DE 9H À 12H.

Surgiam diversas pessoas interessadas ou curiosas pela nossa escuta. Eu registrava um nome e um sobrenome para caso retornassem no sábado seguinte, e as conduzia a um dos cinco parceiros psicanalistas que sustentavam o setting no dia.

O ponto era disputado e eu estava acompanhada por duas senhoras evangélicas, gentis e sorridentes, de saias longas, cabelos compridos e presos, junto a um estande bem equipado, cheio de impressos bíblicos dos mais diversos; treta entre distribuidores de chips de operadoras de celular, cuja disputa estava em quem vocalizava mais alto ou de forma mais atrativa a oferta de seus pacotes de dados; cabos eleitorais de diversos partidos – o ano era 2018 – aquele dia, particularmente, decorado com um mar de bandeirinhas laranjas em movimento.

Logo no início aquele senhor me interpelou, confuso, com uma pergunta tão simples e, para mim, inesperada. Era um dos primeiros plantões e eu francamente ainda estava construindo sentidos sobre o que eu estava fazendo ali. Supus que ele quisesse entender se éramos de algum daqueles nichos que costumavam ocupar aquele espaço: um partido, uma instituição de caridade, missionários, gente da universidade, do governo. Sei lá. Não sabia muito bem como responder à pergunta dele.

Balbuciei, achando ter respondido mal, que éramos um coletivo de psicanalistas. Ele insistiu, meio impaciente, meio generoso, como só a rua consegue ser: "quero saber de qual país vocês vieram, de qual país você é".

Tomei um susto. Do ponto de vista dele, nós vínhamos de outro país.

Éramos estrangeiros.

Aqui escrevo sobre esse preciso momento em que se dá um encontro entre dois desconhecidos – a psicanálise e a rua – e sobre aquilo que nos é próprio enquanto humanos, conforme soubemos com Freud em 1919: uma certa tendência a procurar o que há de familiar naquilo que nos é estranho.

Para os psicanalistas, a rua. Para a rua, a psicanálise.

Quem são vocês, de onde vieram, o que estão fazendo aqui. Ninguém é dono da rua, mas ela dá logo a letra: é de todo mundo, é de quem chegar, mas, ao mesmo tempo, ela sabe bem quem lhe é estranho. As igrejas neopentecostais não lhe são exóticas, tampouco lhe é incomum a presença da polícia. Os vendedores ambulantes, as mães apressadas com suas crianças, as filas para tomar o ônibus, quem passa pedindo informação, o burburinho. Tudo isso lhe é familiar.

A psicanálise não.

A placa do acolhimento era, então, um aparato da maior importância. Cumpria o papel de primeiro anúncio do que fazíamos ali, apresentação daquele dispositivo bizarro de oferta de escuta. Quando algum par de olhos se debruçava sobre a placa, tudo podia acontecer.

As reações mais frequentes: sair apressado, como quem teme ser pego por um golpe; torcer o nariz com descrença ou demonstrar desprezo; fingir que não viu; demonstrar algum tipo de admiração ou de aprovação e seguir seu caminho;

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 75 01/06/2023 08:34:38

rapidamente se interessar e sem muito papo pedir por atendimento; fazer cara de ponto de interrogação ou perguntar: o que é isso? Para que serve isso?

Excelente pergunta. Caros leitores, para que serve uma psicanálise? Para que serve fazer psicanálise na rua? Num tempo em que as relações de troca são quase sempre monetizadas, uma oferta de trabalho não mediada pelo dinheiro, funciona como?

Talvez possam te ocorrer, como a mim ocorrem, uma série de elucubrações, pensamentos laboriosos, reflexões profundíssimas que costurem o pensamento político de nossos tempos com o que já tecia o velho Freud desde os esboços mais antigos da psicanálise. Mas lembrem: aqui, estamos na rua. Há um certo ritmo, o papo é reto.

Além disso, tal qual no primeiro contato com uma pessoa que chega ao nosso consultório, explicação demais pode nos fazer transbordar para uma direção pedagógica. O acolhimento já é psicanálise. Procuramos, tanto quanto possível, preservar a experiência clínica das intrusões e vieses que possam ser evitados, sem abrir brechas só porque o cenário era atípico. Fui aos poucos encontrando meu jeito de dizer que, ali, nós entendíamos que todo mundo tinha algo pra falar sobre si e que ser escutado com qualidade era um direito. Escutar era o nosso trabalho e nós o oferecíamos gratuitamente.

Às vezes a resposta bastava, às vezes não. Era preciso cuidado para não transformar aquela conversa numa espécie de pregação psicanalítica ou num canto da sereia para a criação de demanda. De toda maneira, o que acontecia ali, com pessoas que nunca haviam ouvido falar em psicanálise, era algo inaugural. E diante daquela novidade, muitos se dispunham à experiência.

Neste sentido, o convite que fazem os dispositivos de escuta psicanalítica na cidade é, de fato, revolucionário, mas é desconcertante a descoberta de que ninguém pode falar por nós o que temos para dizer. É inquietante se dar conta de que o que a palavra toca não é mais a mesma coisa. Que revelador saber que a alteridade é transformadora do que experimentamos.

Na rua, a psicanálise é estrangeira. Democratizar o acesso à escuta tem sim a ver com grana, com mercado, com transporte, com racialização, com gênero. As clínicas públicas defendem dar voz aos sofrimentos sociopolíticos: o direito a falar e ser escutado como anteparos de saúde, de cuidado, de sustentação de lutas, de legitimação de direitos e de subjetividades.

não éramos da rua e isso estava nas nossas roupas, nas nossas peles, nas oportunidades e privilégios que tivemos. A maioria de nós chegava à rodoviária de carro e tirava as cadeirinhas de praia do porta-malas

Enalteço a experiência que muitos de nós tínhamos em nosso coletivo: com pesquisas e trabalhos com pessoas em situação de rua, na linha de frente do SUS ou do SUAS, na militância, entre outras diversas formas de proximidade com a realidade das vulnerabilidades sociais e da precarização dos direitos. Junto a isso, com a extraordinária bagagem que costurava nosso respeitável grupo de colegas, havia outra coisa: nenhum de nós havia feito psicanálise na rua e, como aquele senhor me fez saber, estava na cara que ali éramos alienígenas.

Não éramos da rua e isso estava nas nossas roupas, nas nossas peles, nas oportunidades e privilégios que tivemos. A maioria de nós chegava à rodoviária de carro e tirava as cadeirinhas de praia do porta-malas. Do modo como vejo, a demarcação de nosso lugar de estrangeiro nos convocou a pedirmos licença, a chegarmos com respeito, no sapatinho. A vigiar para não perder o lugar político do nosso trabalho, não só no sentido de pensar o sofrimento sociopolítico das pessoas que escutávamos, mas de pensarmos nossa realidade sociopolítica enquanto analistas de rua.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 76 01/06/2023 08:34:38

fomos alertados,
finalmente, por estes
pensadores do outro,
de que há uma fratura real
na ordem da democracia,
sem reparação, própria
de capitalismo livre,
leve e solto

Fazer a psicanálise na rua também implica criar uma psicanálise de rua. Essa, ainda estamos descobrindo. Há que se manter viva a cautela para não embarcarmos na sedutora postura do colonizador: levar a verdade, a cura, a solução, a salvação; sair caridosamente do alto de nossos divãs para as humildes cadeirinhas de praia. A oferta de escuta pública e gratuita é terapêutica para a psicanálise, cuja necessidade de aterramento, de circulação do pensamento e de popularização é urgente.

Isso quer dizer que a infindável tarefa de nos tornarmos psicanalistas, neste cenário, fica acrescida do devir psicanalista de rua. O divã de nossos analistas segue indispensável, mas fica estabelecida a necessidade de uma escuta para os coletivos de analistas, cuidados para os grupos. A clínica nas cidades nunca é sustentada por um analista só – é sempre pelo braço da grupalidade. E a grupalidade precisa ser igualmente amparada em suas dores, em suas vaidades, em suas delícias, em seus traumas.

A boa psicanálise é feita de gente com uma certa disposição para os imbróglios, e é isso que nos tem feito ampliar nossos campos de atuação em direções antes impensáveis. Em defesa do lugar de estrangeiro e de tudo que se revela a partir dele: nesses inusitados encontros da psicanálise com a rua há que se levar a sério as nossas diferenças. Aquilo que nos faz estranhos guarda algo de força nutriz. De tudo que vivemos, sabemos que podemos experimentar transformações: da psicanálise, dos psicanalistas, das pessoas atendidas e da cidade.

Tales Ab´Sáber

De fato no mercado das ideias e da crítica, nos últimos anos fomos despertados por pensadores, filósofos, escritores que apontaram para o déficit democrático, de cidadania e de destino humano de grupos históricos inteiros que, de vários modos e em várias tradições de alienação e violência, existem como corpos, como presenças e como subjetivação, mas sempre inalcançáveis, separados, esquizo-recusados, por assim dizer, da lógica geral abstrata da universalidade dos direitos que se afirma existir. Uma lógica teórica bem-organizada, essa da cidadania e da humanidade dita moderna, que coincide inteiramente com a inserção pela produção e a reprodução da vida através do valor, das mercadorias circulando, do dinheiro se concentrando, com massas de pessoas sendo administradas nas suas vidas concretas, ou expulsas, na mesma velocidade em que as coisas circulam mediadas desta forma. A razão central de um mundo que já há muito, ao menos desde os anos 1970, se mercantilizou absolutamente – quer dizer, com a mercadoria, esta forma cheia de "espírito" e de "vida" do Capital, alcançado o status da cultura e da imagem de tudo o que existe e importa para tantos de nós. Fomos alertados, finalmente, por estes pensadores do outro, de que há uma fratura real na ordem da democracia, sem reparação, própria de capitalismo livre, leve e solto, como o Capital de fato sempre necessita ser, uma fratura que nunca alcança os sentidos de experiência e de vida, as várias humanidades diferenciadas da totalidade exclusiva da existência de e para o mercado, as várias ontologias e cosmologias alternativas: do direito a ser louco ao direito a ser indígena, do direito à diferença, ao direito "ontológico",

plural, da natureza vista por outras perspectivas, mundos talvez mais abertos do que a vida simplória para o cálculo e para a submissão de tudo ao mesmo valor de troca de todos os dias. Começamos a perceber – por fim, quando a própria terra está prestes a se dissolver em um mercado global que suga a vida para sua única lógica existente, emulando geologicamente o nosso destino como homens – as reais experiências humanas cuja marca é a vida nua social, da exterioridade do direito, exceção como norma. Quando não a do destino, sempre atualizado de novo, de ser cotidianamente massacrado, humilhado e descartado na vida do trabalho cada vez mais desumano e cada vez mais desresponsabilizado da história coletiva frente à máquina universal da produção. Sem falarmos nas longas linhagens dos deserdados da terra da modernização colonial global, gerações e gerações, das populações secularmente arrancadas de seus sistemas sociais e de vida, lançadas na vertigem de uma produção sem destino, ou melhor, para a produção de valor global, fundada no chicote, e para a morte sem representação política, sem reconhecimento e sem direito a algum país: a escravidão, que esteve de fato na base da produção da nação Brasil. A não ser a doença social permanente do racismo como justificação. Entre novas perspectivas de novas subjetivações de gênero, de longínquos sonhos eco-comunistas indígenas que nos provocam, da crítica radical do mundo liquidado na forma sem lei da valorização do valor – e o Brasil dissolvido do bolsonarismo é um bom exemplo de um capitalismo sem contrato social – da reconstrução de identidade e demanda de reconhecimento da violência oculta permanente sobre as vidas negras e trans, aumento brutal da miséria e da existência jogada na rua, precarização uberizada do trabalho sem valor de direito, depressões, anorexias e defesas maníacas coletivas de toda ordem, vício generalizado em consumo e até a atualização brasileira, como não poderia deixar de ser, de novas modalidades de trabalho escravizado, recebemos do mesmo mundo globalizado leva nova de críticos "das identidades", pós humanistas e pós estruturalistas, que tornaram um pouco mais possível para nós a nomeação da atual barbárie entremeada à civilização. Como se ela não fosse sempre visível; e de resto, como Adorno também viu, ao seu tempo de fascismo, guerra generalizada e ascensão do mercado mundial de indústria cultural, lendo a mesma coisa em seu amigo Benjamin e lendo a mesma coisa em Marx e em Freud… O capitalismo, e sua ideologia abstrata de uma democracia nunca realizada, permanentemente danificada pelas próprias necessidades de crescimento do Capital, como todos sabemos, nunca deixou de espoliar, de produzir genocídios e ecocídios, de patrocinar guerras por posições estratégicas na circulação dos valores, de inventar racismos e de incensar o código de vida do patriarcado burguês ocidental, classe dominante global, sem crítica, como a medida falsa de toda a vida sobre a terra; modulando, assim, como deficitária qualquer diferença que não se realize como riqueza, aqueles velhos valores burgueses hoje ditos brancos, héteros e de homens. Se aprendemos com Fanon – um dialético crítico periférico – , com Judith Butler ou com Paul Preciado, que recusamos destino à diferença e que a diferença existe, que forçamos o rebaixamento e a violência identitária de nossos próprios códigos de vida e de desejo sobre as nossas vítimas, também poderíamos aprender um tanto de nosso

o capitalismo, e sua ideologia abstrata de uma democracia nunca realizada, permanentemente danificada pelas próprias necessidades de crescimento do Capital, como todos sabemos, nunca deixou de espoliar, de produzir genocídios e ecocídios

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 78 01/06/2023 08:34:38

a teoria geral da ascensão mundial de neofascismos, sobre a crise de acumulação e queda permanente da lucratividade do Capital global, encontrou no Brasil uma forma única e espetacular de destruição como democracia, o bolsonarismo, tão antissocial e violento quanto heroico sem nenhum caráter

caso, de nosso lugar no mundo como descompasso, catastrófico ou produtivo, lendo o pensamento social brasileiro e o nosso próprio problema periférico de "formação" colonial, escravista, em um processo que não nos pertencia de invenção de nação. Podemos investigar o lugar sacrificial de nação dependente, que fez conviver uma codificação ideológica de primeira água central, dita humanidade, liberdade, direitos, contratos, de fato com o chicote, o desterro, a exclusão absoluta de direitos, o ecocídio extrativista permanente em cada fase histórica de nossa economia, e a inconsequência e suspensão do juízo moderno do senhor de escravos nacional, parte significativa deste espaço no mundo. O Brasil ruinoso de agora, que pode ser explicado pelos pós-modernos e pós-foucaultianos das existências em diferença, também pode ser explicado pela história periférica do capitalismo mercantil de tráfico mundial de escravizados de quatrocentos anos – e não de quarenta, como a nossa última tentativa de democracia, já quase encerrada…– de forma que nosso dentro e fora do mundo, nossa avançada tecnologia para modalidades atuais de neofascismo e nossa incongruência e lacuna no próprio pensamento, na própria dimensão da crítica – afinal sempre temos um país moderno para "construir", somos sempre positivos, nos lembra Paulo Arantes, com escravidão ou não… – também é conceito da nossa ruína, transe e tolerância para os massacres de toda natureza que continuamos a praticar. Pois, de fato, a teoria geral da ascensão mundial de neofascismos, sobre a crise de acumulação e queda permanente da lucratividade do Capital global, encontrou no Brasil uma forma única e espetacular de destruição como democracia, o bolsonarismo, tão antissocial e violento quanto heroico sem nenhum caráter, para suas próprias massas de fanáticos autoritários, bem brasileiros. Foi essa rememoração dos parâmetros de um lugar de negócios e extermínio constante no processo da modernização da ascensão do Capitalismo, que sempre foi o nosso, que busquei realizar, lembrando Joaquim Nabuco, Caio Prado, Sérgio Buarque, Antonio Candido, Paulo Emílio, Roberto Schwarz, até Beatriz Nascimento, Lélia Gonzales e Heleith Saffioti, em *O soldado antropofágico, escravidão e não pensamento no Brasil*. E é esta situação toda, em profundidade histórica, que está no fundo da decisão fundamental política de agora da clínica social e coletiva da qual participo, aberta aos caminhos e descaminhos de uma cidade como São Paulo e de um país como o Brasil, a Clínica Aberta de Psicanálise na Casa do Povo, e o seu novo objeto teórico psicanalítico, o Grupo Analista. Antes de tudo, em conjunto com os saberes psicanalíticos históricos de Freud, de Winnicott, de Bion e de René Kaës, que nos permitiram inventar tal clínica com sua modalidade muito nova de setting, ela está fundada no desejo coletivo utópico, anarquista e autônomo, de restaurar o sentido da vida e do trabalho "fora" da presença dos contratos de valor, ou seja de circulação do dinheiro, como um eixo primeiro e central da vida do psicanalista, e de seus pacientes. De nosso ponto de vista, se quisermos imaginar verdadeiros modos de acesso e de convivência com a diferença e a real outridade em nosso mundo, precisamos pensar uma clínica que parta mesmo de uma real outridade, coletiva, popular, universalmente acessível e avessa ao valor de troca de todos os valores, o dinheiro circulando sob a forma comum de mercantilização da vida e sua inconsciente

razão política. Precisamos imaginar uma cidade, uma prática e uma psicanálise que se ponha de saída fora da clivagem universal e primeira, a lógica da cisão quase invisível, o dinheiro como transparência correspondente à todas as coisas, colonial, que opera todas as cisões e organiza tudo neste mundo em que mercado e democracia definitivamente não coincidem. Por igualar tudo e qualquer coisa, no seu próprio jogo oculto explícito de poder, o dinheiro em negativo, sua ausência, é um bom revelador das multiplicidades sensíveis não redutíveis à razão deste mundo. Por isso, na Clínica Aberta na Casa do Povo, psicanálise de grupo renovada no entendimento da força produtiva do inconsciente freudiano, em que o grupo de analistas é o analista, já atendemos loucos de rua, jovens e adultos pobres, negros, pardos e brancos, senhorinhas evangélicas da periferia, homens trans, mulheres trans, estrangeiros, refugiados, indígenas perdidos em um mundo que não compreendem, membros arrependidos do PCC, nóias que perambulam pelo centro, desempregados, artistas, jovens ricos críticos da própria classe, pessoas de classe média sem dinheiro no bolso e sem parentes importantes. Evidentemente, tal deslocamento radical da clínica para fora do lugar social da clínica é um deslocamento da qualidade ontológica da voz do psicanalista na política de seu mundo, e de uma própria imagem possível do inconsciente, por vir. Porque, para nós, o verdadeiro valor da psicanálise, como política e social, é esse.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 80 01/06/2023 08:34:38

Um ninho para o segredo

Maria Helena Fernandes

Comentado por
Fábio Belo e Ruth Blay Levisky

Maria Helena Ferndandes Psicanalista, Doutora em Psicanálise e Psicopatologia pela Universidade de Paris VII, com pós-doutoramento pelo Departamento de Psiquiatria da UNIFESP, professora do Curso de Psicanálise e professora colaboradora do Curso de Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae. É membro dos Departamentos de Psicanálise e de Psicossomática do mesmo Instituto. É autora dos livros *L'hypocondrie du rêve et le silence des organes: une clinique psychanalytique du somatique* (Presses Universitaires du Septentrion, 1999), *Corpo* (Casa do Psicólogo, 2003) e *Transtornos Alimentares: anorexia e bulimia* (Casa do Psicólogo, 2006).

Fábio Belo Psicanalista, professor associado no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Autor de diversos livros e artigos, dentre os quais destacam-se "Clínica Psicanalítica ON-Line" e "Teoria da Sedução Generalizada e arte".

Ruth Blay Levisky Psicóloga, psicanalista de grupo, casais e famílias. Membro fundador e Presidente da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família (ABPCF, 2017-2021). Coordenadora do Grupo Vincular. Coordenadora técnica do Projeto Abrace seu Bairro. Membro efetivo do Conselho de Representantes e Conselho Diretivo e Fiscal da Associação Internacional de Psicanálise de Casal e Família (AIPCF, de 2006- 2014). Professora do Curso de Especialização em Terapia familiar da Coordenadoria, Aperfeiçoamento e Extensão (COGEAE PUC-SP) e do Instituto de Psicoterapia Analítica de Grupo. Bióloga, Mestre e Doutora em Genética Humana (USP). Autora de livros e artigos especializados nas áreas. Organizadora, juntamente com Maria Luiza Dias e David Léo Levisky, do *Dicionário de Psicanálise de Casal e Família* (2021), Ed. Blücher.

Para contribuir com a sessão Debate Clínico da *Revista Percurso* decidi trazer o caso de Lígia uma jovem de 23 anos que apresentava uma anorexia associada à bulimia. Um dos motivos que me fizeram, neste momento, retomar a discussão deste caso foi justamente a distância temporal desse atendimento: os longos anos que se passaram desde a interrupção da análise de Lígia[1]. Mas também, e principalmente, a intensidade do que experimentei e tudo que pude aprender durante esse processo analítico. Comunicar através das palavras o que vivemos na intimidade da clínica psicanalítica implica a meu ver, antes de mais nada, em considerar, como disse George Bataille, que: "A experiência só pode ser comunicada se os laços de silêncio, retraimento e distância transformarem aqueles que ela coloca em jogo"[2], no caso aqui, a analista e a analisanda.

Lígia foi encaminhada à análise pelo psiquiatra. Na 1ª. entrevista chega atrasada e visivelmente agitada. Apesar de muito magra, é uma moça muito bonita. Embora não faça nenhuma referência à sua magreza, diz que está extremamente deprimida: não conseguia levantar-se da cama pela manhã, permanecia deitada durante todo o dia, não conseguia tomar banho. Tinha "crises de desespero" nas quais jogava-se no chão, batia a cabeça na parede.

Vivia sob uma angústia quase insuportável, às vezes passava horas andando de um lado para o outro dentro de casa. Após iniciar o uso de antidepressivos e ansiolíticos começou a conseguir ir até o clube fazer ginástica, mas vivia com a urgência de ter que voltar para casa. Não conseguia ficar bem em lugar nenhum. Comia exageradamente e em seguida provocava o vômito. Chegava a ingerir um pote inteiro de chantilly ou manteiga e bebia litros de leite,

1 Em agosto de 2017 levei este caso para discussão na minha apresentação à Comissão de Admissão do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Tive o privilégio de contar com Ana Maria Sigal e Mario Fuks como interlocutores.

2 *Oeuvres Complètes*, v. 42.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 81 01/06/2023 08:34:38

chegando a comer e a vomitar até 8 vezes ao dia. Falava do seu desespero e de uma grande vontade de se matar para "livrar-se de tudo isso" e que só não o fazia por causa de suas convicções religiosas. A angústia e a fala em tom de voz alto de Lígia, inundaram a sala.

Apesar de falar rápido, encandeando um assunto no outro de maneira que eu não sentia nenhum espaço para abrir a boca, ela parecia ao mesmo tempo me observar com olhos bem atentos. "Eu já fiz muitos anos de terapia, mas não adiantou nada" – disse ela. Naquela época, Lígia havia acabado de concluir o curso de Economia. Era a filha mais velha, tinha um irmão e uma irmã caçula.

Vou aos poucos tendo acesso à sua história. Os episódios de comer compulsivamente começaram aos 12 anos, época em que ela chegou a pesar 70 quilos. Tiveram início no período das provas de final de ano na Escola. Porém nessa época os vômitos não ocorriam. Segundo ela, tornou-se uma adolescente gorda, feia e com o rosto cheio de espinhas. Por volta dos 17 anos, Lígia faz um grande regime, emagrece, trata da pele e torna-se uma moça bonita e atraente. Porém os episódios de comer compulsivamente ocorrem de vez em quando, "nos momentos de angústia" – diz ela. Só que dessa vez aparecem os vômitos logo em seguida e o uso de laxantes. Instala-se progressivamente uma preocupação com a comida, a forma e o peso corporal. Embora fizesse regime e os outros dissessem que ela estava muito bem, achava-se sempre gorda ao olhar-se no espelho.

Quando Lígia ingressa na faculdade, muda-se para uma cidade do interior e vai morar em um apartamento com mais duas colegas. Por volta dessa época, suas dificuldades se exacerbam. Emagrece muito e chega a parar de menstruar. Os episódios de comer compulsivamente passam a ocorrer na calada da noite, quando Lígia assalta a geladeira, se enche de comida e depois vomita. Nesses episódios comia sempre o que era dos outros. É por volta dessa época que começa a se dedicar com exagero aos exercícios físicos e relata obter "alívio" com essa atividade.

os episódios de comer compulsivamente começaram aos 12 anos, época em que ela chegou a pesar 70 quilos

Com o caminhar do nosso trabalho consegue contar que namorar sempre foi "complicado", certa vez a mãe a viu beijando um rapaz com quem já saíra três vezes e chamou-a de "puta". Conta que sempre teve receio da aproximação com os rapazes e tece longos comentários sobre a visão religiosa acerca das intimidades fora do casamento. Logo no início da faculdade começa a namorar com um colega de turma. Refere que a maneira de viver lá era muito diferente da que conhecia até então: "Todo mundo transava e era feliz, eu vivia angustiada, me sentia diferente de todo mundo. O João me dizia que eu não pensava por mim mesma, repetia o que minha mãe pensava, comecei a ficar muito confusa com tudo, a religião, a minha formação. Aí, eu resolvi ceder, fumei maconha e transei. Foi horrível, eu não senti nada, só dor".

A partir daí as dificuldades aumentam muito, Lígia chega a ficar dias inteiros prostrada na cama sem comer. "Comecei a me sentir afundando – diz ela – aí um dia tomei coragem, liguei para a minha mãe vir me buscar e voltei pra casa". É nesse momento que acontece a primeira terapia, que tem a duração de dois anos. Após esse período, Lígia retoma a faculdade, mas logo volta a apresentar as mesmas dificuldades e inicia uma segunda terapia na cidade onde estudava.

É, segundo ela, à custa de muito esforço e da ajuda do segundo namorado que conseguiu concluir a faculdade, mas não pôde levar adiante os seus planos de fazer uma pós-graduação, pois encontrava-se "desestruturada". Abandona novamente a terapia dizendo que "não adiantava nada" e retorna a São Paulo a fim de submeter-se a um novo tratamento. É nessa época que é

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 82 01/06/2023 08:34:38

busquei mais de uma supervisão para este caso, assim como levei Lígia comigo para minhas sessões de análise. Ela conseguia me inundar dentro e fora da sessão

levada pelo pai ao psiquiatra. Após mais de um mês fazendo uso de medicação é encaminhada à análise comigo.

Após algumas semanas da primeira entrevista, o psiquiatra me telefona para saber se Lígia havia ficado em análise e diz: "É uma situação complicada, um caso de anorexia. Chegou muito emagrecida e já sem menstruar. Parece apresentar um funcionamento histérico em um quadro depressivo grave, e que, ainda por cima, apresenta sintomas bulímicos. Percebo que não apresenta grande melhora com a medicação, em alguns momentos parece ficar psicótica. Enfim… tomara que ela fique em análise!". Para além da minha empatia com a breve descrição do psiquiatra, pensava: como compreender a articulação de todas essas palavras – anorexia, bulimia, histeria, depressão e psicose – em um mesmo caso clínico?

Não é isso, você não entendeu!

No início, Lígia trazia para as sessões descrições detalhadas da rotina do seu dia, incluindo a descrição dos exercícios físicos que fazia e o modo como se alimentava, ou engatava por assuntos culturais anódinos. Depois de passados vários meses de análise, embora Lígia continuasse a mostrar-se extremamente gentil e educada ao entrar na sessão, imediatamente após acomodar-se, essa "capa" se desfazia e dávamos início aos nossos minutos intensos, permeados por queixas abundantes e muito choro. No entanto, ao comunicar-lhe que o nosso tempo, naquele dia, havia acabado, ela se recompunha, enxugava as lágrimas, ajeitava o cabelo, agradecia educadamente e se despedia à distância, muito polidamente e sorrindo. Ao sair da sala trancava-se no banheiro e levava algum tempo retocando a maquiagem.

Referia que costumava ser a melhor aluna da turma. Enquanto ela passava noites estudando, os outros se divertiam, e agora era ela quem estava desempregada. Depois de ter ela mesma acabado o namoro, insistia que era uma "pessoa" atraente e que sabia que tinha muita "mulher" menos atraente do que ela e que, no entanto, "está aí com alguém do lado, enquanto eu estou aqui sozinha". Um tempo depois recebeu uma proposta de emprego. Mas tanto os empregos quanto os namorados vinham e iam, nada servia. Chegou também a abandonar o psiquiatra e a procurar outro, porque ele também não servia. Qualquer fala minha que parecia fazer algum sentido, Lígia refutava e mergulhava em profunda depressão. Minhas tentativas de interpretação não desencadeavam recordações e novas associações. Fazia questão de me contar quantas vezes havia comido e vomitado no intervalo entre uma sessão e outra. Eu também não servia.

Busquei mais de uma supervisão para este caso, assim como levei Lígia comigo para minhas sessões de análise. Ela conseguia me inundar dentro e fora da sessão. Em duas supervisões sucessivas, que tiveram a peculiaridade de serem feitas com dois supervisores diferentes, em que apresentei duas sessões distintas, ocorreu o seguinte: na discussão da primeira sessão, o grupo de supervisão apontava na direção de uma moça muito regredida, num nível de angústia muito intenso. Era difícil interpretá-la, ela se desorganizava e deprimia, precisava de um contorno. Na supervisão seguinte, a discussão girava em torno da histeria de Lígia. Como assim? Do mesmo modo que a fala do psiquiatra sobre Lígia havia encontrado eco em mim, não podia deixar de perceber que o que havia sido dito nas duas supervisões fazia sentido, ambas falavam de Lígia. E então, como compreender tudo isso?

O tempo foi passando e continuávamos com nossos três encontros semanais. Fui percebendo que após algumas sessões em que sentia o

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 83 01/06/2023 08:34:38

caminhar do trabalho, sucediam-se novos períodos tempestuosos. Queixas abundantes, choro, irritabilidade, nada do que eu falava servia. Se fizesse qualquer menção de que havia percebido que ela havia ficado irritada ou com inveja em determinada situação, ou mesmo que parecia ter ficado irritada comigo, seja por algo que eu tivesse dito seja por ter anunciado o final da sessão, era imediatamente contestada com um educado não – *"Não é isso, você não entendeu!"*

Em seguida tecia longos comentários sobre a importância de não cultivar "maus" sentimentos, pois todos deveriam buscar se aprimorar sempre, buscar a perfeição. Ancorada em ideais absolutos, fossem eles religiosos ou não, ficava evidente que os sentimentos de raiva, inveja, etc. eram inadmissíveis para ela. Não obstante, a agressividade estava ali, posta às claras na relação comigo. Sem dúvida, o educado rechaço de Lígia às minhas colocações era também como um insulto que me deixava entregue à minha própria impotência.

Ao mesmo tempo defrontava-me com seu intenso sofrimento, atormentada por imagens que, segundo ela, não tinham palavras, escapavam da linguagem – "Não sei dizer, não consigo entender!", dizia ela. Esses eram momentos também difíceis, de intensa angústia, aqueles em que as palavras pareciam não fazer sentido, aquilo que matava qualquer fala. Era como se o aparelho psíquico não desse conta de realizar o seu trabalho habitual de "digestão" das experiências vividas. A angústia se transformava em atos.

Certa vez, Lígia entra desesperada na sala e começa a falar que está passando mal, que está "péssima". Fala sem parar e começa a se agitar, repete incessantemente que não aguenta mais. Pedi que me explicasse o que estava se passando e tentei ver se alguma ligação poderia ser feita entre o que estava vivendo naquele momento e o que havia vivido antes, mas foi em vão. Inicialmente, entre momentos de silencio e retomada da palavra, continuava tentando dizer o que me ocorria e o que achava que poderia fazer sentido por tudo que já conhecia de Lígia, mas tinha a impressão de que ela sequer me escutava. A agitação continua

haveria algo que,
se tivesse sido dito, poderia
barrar a ação e dar lugar à palavra?
Estava ela me testando?

crescendo. Os gritos desesperados aumentam, ela vai mergulhando cada vez mais no desespero. Daí começa a bater-se com as duas mãos. Bate na cabeça, bate no corpo, joga a cabeça contra a parede sob a qual estava encostado o divã. Depois encolhe-se segurando as pernas com os braços. Chora sem parar dizendo que está ficando louca, pede ajuda, diz que quer morrer!

Digo-lhe quando o nosso tempo acabou, mas dessa vez Lígia não se recompõe como das outras. Parece estar disposta a ir até o fim. Mas que fim? Estaria ela disposta a não sair educadamente dessa vez? Estaria ela tirando a capa? A maquiagem? Estava me experimentando? Lentamente enquanto permaneci ali calada ao seu lado, Lígia foi se acalmando, parecia exausta e aliviada ao mesmo tempo. Até que se recompôs e disse: "não posso voltar sozinha para casa, ligarei daqui pra minha mãe vir me buscar".

Não é difícil imaginar que saí dessa situação exausta. O que eu não tinha conseguido compreender e devolver para Lígia? Haveria algo que, se tivesse sido dito, poderia barrar a ação e dar lugar à palavra? Estava ela me testando? Que significado teria para Lígia o que se passara? E para mim?

Permanecemos caminhando juntas ainda por longos anos. Entre outras coisas, fui me dando conta de que apontar para Lígia o que eu observava do seu modo de funcionamento, por mais óbvio que me parecesse, exigia uma cuidadosa delicadeza. Comecei a restringir, cada vez mais, os assinalamentos e interpretações e a substituí-los por *perguntas* que pudessem dar lugar a uma construção conjunta do entendimento do que se passava com ela. Fui notando também que Lígia nem sempre conseguia ouvir o que eu dizia. Porém, certa vez,

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 84 01/06/2023 08:34:38

o corpo de Lígia parecia não sentir a dor, nem quando ficava sem comer, nem quando se entregava a exercícios físicos exaustivos

me disse que minha voz a acalmava. Pensei que a sonoridade da minha voz, e não necessariamente o conteúdo da minha fala, tinha um lugar significativo nos movimentos transferenciais que vinham se passando na análise.

Depois de um longo tempo, cheio de tempestades e bonanças, comecei a notar que Lígia havia ganhado peso e já não me contava quantas vezes havia comido e vomitado naquela semana. Jamais fiz um único comentário sobre essas observações, ao contrário, guardei sempre em segredo comigo o que observava. Com o passar do tempo, os assuntos foram lentamente migrando da rotina alimentar, das descrições das sensações corporais e dos fatos do dia a dia para suas dificuldades de relacionamento no ambiente de trabalho e, somente depois, para sua relação com os familiares, particularmente com a mãe, e as questões da sua vida afetiva e sexual. Muito timidamente começa a partilhar comigo seus anseios e expectativas de futuro, porém nunca surge o relato de um sonho.

Só fico sabendo que Lígia não vomitava mais já havia mais de um ano quando ela começa a se queixar de dores no estômago, e, após o exame de endoscopia, acaba descobrindo uma úlcera gástrica. Temos aí o aparecimento de uma doença somática. O que vemos é uma dificuldade na elaboração psíquica que foi inicialmente compensada pelo agir impulsivo e depois pela somatização, denunciando a precariedade dos processos de simbolização. Embora suas dificuldades para se relacionar fossem bastante significativas, estava conseguindo se manter em um emprego que a agradava. É por volta dessa época que a análise foi interrompida devido à minha saída do Brasil.

Não havia me dado conta!

Ao longo da experiência analítica com Lígia, dois aspectos me chamaram particularmente a atenção: a relação dela com o próprio corpo e com a mãe.

Pouco após o início da análise ela ainda se encontrava muito magra mas dizia não entender por que todos prestavam tanta atenção ao seu peso. Parecia haver uma dificuldade de percepção não só da forma do corpo, como também das sensações que provém do interior do corpo. Isso ficava evidente, por exemplo, na ausência de percepção da sensação de fome e, provavelmente, das dores gástricas daí decorrentes ou mesmo dos efeitos da hiperatividade física, como o cansaço e as prováveis dores no corpo devido aos exercícios exaustivos.

Após o momento inicial, no qual ainda se encontrava muito deprimida, Lígia retomou os exercícios físicos de forma intensa. Com medo de perder o controle de suas próprias urgências orais e de se ver à mercê da compulsão bulímica, corria durante horas no Parque Ibirapuera, quilômetros a fio; seus pés chegavam a ficar machucados. No início da análise fiz um comentário a esse respeito e, examinando os próprios pés, ela me disse surpresa: "*Não havia me dado conta!*". O corpo de Lígia parecia não sentir a dor, nem quando ficava sem comer, nem quando se entregava a exercícios físicos exaustivos, como se esse corpo só existisse em negativo. Anos depois pude formular uma compreensão teórica a esse respeito.

Em Lígia, a obstinada recusa alimentar, acompanhada da insistente recusa das transformações do corpo produzidas pelo emagrecimento e pelos exercícios exaustivos, não deixava passar desapercebido que algo escapava aos mecanismos tipicamente conhecidos na neurose. Aliás, os analistas que se ocupam desses casos sabem bem que reconhecer nessas jovens um pendor histérico já assinala boas perspectivas para o processo analítico. Especialmente nos casos mais graves, esse inquietante *algo mais*, esse *além* da neurose, tem sido reconhecido por vários autores.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 85 01/06/2023 08:34:38

Jeammet (1991), por exemplo, fala em "arranjo perverso" (p.98)[3]. No entanto, salienta que não se trata de uma estrutura perversa estável, mas sim de um arranjo defensivo secundário. Assim, diferentemente da perversão, em que o papel da angústia de castração é determinante, nesse arranjo perverso a angústia de castração cede lugar à angústia de separação, com sua oscilação entre abandono e intrusão. Vale salientar ainda que, em Lígia, a recusa não dizia respeito a uma recusa da realidade exterior, como estamos acostumados a ver na psicose, mas a uma recusa da realidade do próprio corpo. Ficava evidente, então, que a recusa da realidade do corpo assumia não somente um lugar de destaque nesse caso como também permitia estabelecer uma fronteira com a psicose.

Jeammet (1999, p. 41) salienta justamente que uma característica geral destas jovens é não poderem se organizar sob um modo estável, seja sob o modo neurótico, psicótico ou perverso. Para Jeammet, essa instabilidade vai justificar o caráter transnosográfico da anorexia e da bulimia, amplamente notado nessa clínica. No relato do caso de Lígia, isso fica evidente tanto na fala do psiquiatra quanto nas discussões das duas supervisões. Essa instabilidade é, segundo Jeammet, uma consequência do fracasso das internalizações precoces, que deveriam assegurar a construção de bases narcísicas suficientemente estáveis.[4]

Em Lígia era evidente ainda que o ato bulímico muitas vezes aparecia privando, em graus diversos, a atividade psíquica do espaço interno ao pensamento e à reflexão. Além disso, o regime da urgência e a intolerância para com as exigências da realidade pareciam levar a uma espécie de abolição da temporalidade, abrigo do desejo, das contradições e das interdições. Desse modo, ganhava lugar de destaque também o evitamento do pensamento reflexivo, denunciando a dificuldade de contato com a subjetividade e a tendência a investir as sensações e a exterioridade do corpo, tão evidente no seu caso.

A meu ver, não se podia deixar de notar ainda uma dificuldade de discriminação entre dentro e fora. Tudo se passava como se o corpo próprio não exercesse aí uma de suas funções, que é colocar os limites entre dentro e fora, exercendo assim, o papel de fronteira entre o eu e o outro. Em Lígia, essa dificuldade de discriminação entre dentro e fora, entre o eu e o outro, assinalava a importância da precariedade das fronteiras entre sujeito e objeto, evidenciada na dificuldade de diferenciação da figura materna, observada na ausência de autonomia.

é comum, ao longo da análise dessas jovens, precisarmos administrar também as angústias da mãe, seu desespero

A minha mãe diz…

Logo no início da análise, diante da minha tentativa de conhecer sua própria teoria a respeito do que se passava com ela, Lígia me diz: "a minha mãe fala que vomito para não engordar, mas a verdade é que não posso suportar tudo aquilo dentro de mim". A mãe de Lígia nunca tentou se comunicar comigo, o que de certa forma sempre me chamou a atenção. É comum, ao longo da análise dessas jovens, precisarmos administrar também as angústias da mãe, seu desespero e sem dúvida suas tentativas de entrar no espaço analítico. No entanto, a mãe de Lígia não parecia precisar disso; na verdade não precisava vir porque já estava lá, ia com Lígia para as sessões todos os dias: *a minha mãe diz, a minha mãe acha, a minha mãe pensa, a minha mãe quer…* As sessões seguiram e continuávamos ali as três; eu, Lígia e sua mãe.

Embora, de saída, Lígia enuncie uma dissonância entre a teoria de sua mãe e a dela própria a respeito dos vômitos, inicialmente o conhecimento construído em nossas sessões referia-se, na verdade, ao saber sobre uma dupla: mãe e filha. Na literatura psicanalítica sobre a anorexia e a bulimia já foi bastante assinalada a dificuldade da entrada do pai na dualidade mãe-filha. No caso

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 86 01/06/2023 08:34:38

o difícil na condução do processo analítico era conseguir dosar proximidade e distância, silêncio e palavra

de Lígia, embora tenha sido o pai que a tenha levado ao psiquiatra naquele momento crítico, ela pouco se referia a ele nas suas sessões. Sabemos que é pela identificação paterna que a filha escapa ao conluio narcísico com a mãe, permitindo a realização da passagem da menina para a mulher. Uma das condições que permite à menina separar-se da mãe e voltar-se para o pai é que este tenha lugar garantido no desejo da mãe. Isto é, que o pai seja um representante de valor para a mãe.

Se a função do pai é desvalorizada, essas jovens não podem contar com a possibilidade de apoiar-se no suporte paterno para administrar a ligação naturalmente ambivalente com a mãe, ficando, então, aprisionadas a uma imago materna ideal e onipotente. Assim, a dificuldade de diferenciação da figura materna ameaça de dentro a integridade do Eu, solicitando estratégias psicopatológicas para garantir a sobrevivência psíquica.

Mas a pergunta persistia: o que Lígia não podia suportar dentro de si? A continuidade do nosso trabalho vai, pouco a pouco, colocando em evidência que o que Lígia não conseguia suportar dentro de si se organizava entre dois eixos: a sexualidade e a agressividade. Os meandros da relação de Lígia com a mãe começam lentamente a ganhar espaço na análise a partir da repetição dos padrões relacionais vividos na transferência.

A situação analítica: guardiã da interioridade

Parece ser justamente quando a vivência transferencial começa a movimentar-se, saindo do seu congelamento inicial, que é o próprio vínculo com a analista que se torna algo potencialmente destrutivo e ameaçador. Em Lígia a destrutividade assumiu, algumas vezes, contornos dramáticos, não apenas por colocar em evidência a potência da destruição que vem de dentro, do interior do próprio sujeito, mas também por assinalar o potencial destrutivo no interior da transferência. Na relação transferencial muito frequentemente a analista era, ao mesmo tempo, insistentemente solicitada e atacada, numa relação baseada no tudo ou nada. Esses movimentos transferenciais exigiam que pudéssemos refletir sobre as possibilidades de manejo dessa destrutividade de contornos nitidamente simbióticos.

Em Lígia, a dificuldade de percepção das sensações corporais se fazia acompanhar de uma outra, igualmente significativa, a saber, a dificuldade de percepção de seu mundo interior, suas necessidades afetivas e seus próprios pensamentos. De fato, tem sido assinalado que essas jovens se apresentam como se estivessem privadas do seu espaço interno, despossuídas de uma interioridade. Uma despossessão que, segundo Bidaud (1998), diz respeito ao corpo, ao afeto e ao pensamento.[5]

Na situação analítica, a escuta atenta do analista, que ouve com igual interesse tudo que o analisando diz, deixando-se embalar pela sua atenção flutuante, parecia representar para Lígia uma experiência nova, que encantava mas, ao mesmo tempo, muitas vezes assustava. O difícil na condução do processo analítico era conseguir dosar proximidade e distância, silêncio e palavra. O paradoxo residia justamente no fato de o interesse no trabalho analítico e o prazer no contato com a analista tornar-se, ao mesmo tempo, fonte de angústia, provavelmente porque evocava a ameaça de indiferenciação e fusão vividas na relação com a figura materna. O controle onipotente sobre o corpo repetia a relação experimentada com a mãe e era esta relação que

3 Jeammet, Ph. (1991). Dysrégulations narcissiques et objectales dans la boulimie. In Brusset, B., Couvreur, C. & Fine, A. (orgs.) *La Boulimie. Monographies de la Revue Française de Psychanalyse* (pp.81-104). Paris: PUF.

4 Jeammet, Ph. (1999). A abordagem psicanalítica dos transtornos das condutas alimentares. In Uribarri, R. (org.) *Anorexia e bulimia* (pp.29-49). São Paulo: Escuta.

5 Bidaud, E. (1998). *Anorexia mental, ascese, mística: uma abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 87 01/06/2023 08:34:38

se repetia na transferência. Uma relação marcada por ausência e intrusão, o que exigia *delicadeza* e *paciência*, não podíamos ter pressa.

Não era à toa que, nesse caso, muitas vezes foi o corpo da analista solicitado, na relação transferencial, a acolher os sentimentos e as sensações mais primitivas, que mais de uma vez surgiram na forma de dores difusas, náuseas, exaustão. Muitas vezes cabe ao corpo do analista *receber* e *conservar* essas sensações para que, através delas, possa se *reconstituir* no movimento transferencial sua história libidinal. É essa reconstrução que permite estabelecer a *ligação* entre essas jovens e seus corpos e, assim, entre elas e seu desejo.

Eu diria então que a relação transferencial com o analista pode oferecer novas possibilidades de trocas, que podem permitir a essas jovens se descobrirem sujeitos do próprio desejo. No entanto, essa descoberta, durante longo tempo potencialmente geradora de angústia, parece precisar se realizar *discretamente*, em uma espécie de *velamento* de sua importância, a fim de que possa se tornar tolerável para elas. Em Lígia isso era evidente.

A situação analítica surge aqui como o espaço privado de acolhimento da interioridade, guardiã da emergência de novos prazeres, ao mesmo tempo ligados às fontes infantis e atuais de prazer. Um espaço no qual o segredo dessa descoberta pode ser preservado todo o tempo que for necessário – *um ninho para o segredo*. É esse *ninho para o segredo* que assegura à situação analítica sua potencialidade para engendrar um movimento reorganizador da libidinização do corpo e, ainda, para gerenciar as angústias de separação, com sua oscilação entre intrusão e abandono, levando em conta, ao mesmo tempo, o corpo e a palavra no manejo da relação transferencial.

com Lígia aprendi que é por meio da delicadeza da escuta, *de uma leitura em filigrana das palavras, que o analista pode reencontrar as marcas das imagens internas dos seus analisandos*

É, assim, esse *ninho para o segredo* que, delicadamente, permite criar as condições de possibilidade para a retomada da confiança em si mesmo e, consequentemente, uma maior autonomia em relação aos outros. A abrangência dessas conquistas certamente vai variar muito de um caso a outro, afinal, quando iniciamos uma aventura analítica jamais sabemos aonde vamos chegar.

Com Lígia aprendi que é por meio da *delicadeza da escuta*, de uma leitura em filigrana das palavras, na sutileza da busca dos detalhes, dos gestos, do olhar, do silêncio, que o analista pode reencontrar as marcas das imagens internas dos seus analisandos. E isso, de tal forma, que as vivências que tocam o corpo, o afeto e o pensamento não fiquem privadas da possibilidade de ganhar a linguagem, não fiquem privadas da possibilidade de serem faladas. Sim, pois não devemos esquecer, como diz Fernando Pessoa, que

A alma de outrem é outro universo
Com que não há comunicação possível,
com que não há verdadeiro entendimento.

Nada sabemos da alma
Senão da nossa;
As dos outros são olhares,
São gestos, são palavras…[6]

Comentário de Fábio Belo

Comer é sexual: sobre um caso de bulimia

O caso Lígia, uma jovem de 23 anos, é um bom pretexto para revisitar a distinção fundamental entre o instinto e a pulsão. Os distúrbios da oralidade, tais como a anorexia e a bulimia apresentadas pela paciente, são exemplos trágicos e didáticos de como uma função biológica pode

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 88 01/06/2023 08:34:38

ali onde deveríamos encontrar o instinto, o sexual ocupa o lugar. Toda dietética humana está atravessada pelo desejo: o quê, como, com quem, por quais razões comer

desviar-se de sua suposta função natural e ser colonizada pelo princípio do prazer, isto é, pelo sexual.

A partir da teoria da sedução generalizada, fica evidente que a pulsão se apoia sobre o biológico a partir das interações entre o adulto e a criança. O *apoio* não é uma operação automática. Na amamentação e na longa história da alimentação da criança, os adultos transmitem afetos e mensagens conscientes e inconscientes. Isso levará Laplanche a dizer que a verdade do apoio é a sedução[7] (cf. Laplanche, 2015 [1970] e 1997). A oralidade torna-se, então, lugar de circulação do sexual, de escoamento e organização do pulsional, lugar também simbólico de representação das relações libidinais do sujeito.

Ali onde deveríamos encontrar o instinto, o sexual ocupa o lugar. Toda dietética humana está atravessada pelo desejo: o quê, como, com quem, por quais razões comer. A complexidade da alimentação vai muito além do nutricional. Quando Lígia, na entrada da adolescência, aos 12 anos, começa a comer compulsivamente, ela não o faz pela fome evidentemente. Comer, nesse contexto, tem mais a ver com uma resposta à angústia do que com a alimentação propriamente dita. O alimento se torna uma espécie de droga tranquilizante, um antídoto contra a ansiedade.

Não é por acaso que a origem mais evidente dos sintomas de Lígia aparece na adolescência. As exigências corporais ligadas à sexualidade e sua socialização colocam à prova toda história libidinal do sujeito. O sexual biológico encontra seu lugar ocupado pela sexualidade infantil (o pulsional propriamente dito), isto é, todo erotismo oriundo dos romances familiares do sujeito. Lígia, ao que parece, não tinha recursos tradutivos necessários para metabolizar de forma menos violenta a chegada desse corpo sexualizado e se valeu da bulimia e da anorexia para tentar representar algo inominável.

O inominável, nesse caso, é o sexual proveniente da mãe, aquilo que foi endereçado, consciente e inconscientemente, à criança nas cenas mais corriqueiras ao longo de sua constituição. Tomemos como paradigmática a cena na qual a mãe chama Lígia de "puta" simplesmente por tê-la visto beijar um rapaz. Minha hipótese é que esse excesso absurdo já estava presente desde o início, do lado da mãe. A cena do beijo, aliás, também oral, é apenas um exemplo explícito do que deve ter sido uma violência generalizada, como também fica claro ao longo do relato, pela "adesividade" da mãe no discurso de Lígia.

Num exercício de construção analítica (cf. Freud, 1969 [1939]), imaginemos os primeiros momentos de Lígia, nas cenas de amamentação. De forma geral, a cena de aleitamento em hipótese alguma é passível de ser reduzida a uma simples cena de alimentação. Há uma enormidade de fantasias e excitações, do lado da mãe, transmitidas para a criança. O mesmo irá acontecer ao longo da complexa triangulação entre mãe, filha e comida (cf. Parat, 2006 e Lanouzière, 1994). O alimento incorporado vorazmente, rejeitado de forma absoluta ou engolido e vomitado representa diversas formas de lidar com esse sexual materno não-metabolizável.

> Para a criança, uma vez terminado o desmame, os diversos comportamentos ou maneiras à mesa que se associam à complexificação da alimentação continuam a veicular mensagens enigmáticas de caráter sexual como o aleitamento fazia. Experiência originária, este último marca provavelmente de maneira decisiva o grau de erotização, no indivíduo, da sensação de fome ou de apetite, e o ato de alimentação pode reencontrar uma forte conotação sexual ao longo de toda vida. (Marinov, 2008, p. 226)

6 Fernando Pessoa, *Poesias coligidas* (1919-1935).
7 Cf. Laplanche, 2015 [1970] e 1997.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 89 01/06/2023 08:34:38

É essa longa história libidinal que torna possível a hipótese metapsicológica de que é a mãe e sua sexualidade disruptiva e mortífera o alimento que Lígia tenta controlar de forma onipotente na fase da incorporação (como se dissesse: sou eu quem quero a intrusão, eu tenho um corpo infinitamente elástico para suportar toda intrusão); depois, na fase bulímica, incorporando e expulsando (eu consigo introduzir e expulsar o que eu bem entender do meu corpo); e finalmente, na fase anoréxica (eu me recuso a me deixar penetrar por qualquer coisa que seja, sou impenetrável a qualquer representante materno). Um dos exercícios imaginativos, por parte da analista, aqui, seria imaginar como decompor a equação beijo/puta nas fantasias sexuais da mãe durante o aleitamento. A analista como guardião do enigma, veremos adiante, deve manter a questão sobre o que é comer, insistir no alimento enquanto enigma (cf. Marinov, 2008).

De fato, como apontado no relato, o pai poderia ter sido uma referência identificatória protetiva contra a adesividade invasiva da mãe. Ao que parece, isso não foi possível. E isso, certamente, aponta para a direção da análise de Lígia. Questionar ativamente essa ausência e seus sentidos é tarefa a ser feita. Pêndulos do romance familiar: nomear as invasões maternas, simbolizar a presença ausente do pai, dar testemunho da violência e da indiferença (cf. Gondar, 2017), depois (re) estabelecer processos de simbolização para que partes cindidas do eu possam se integrar, assim como auxiliar nos processos de integração psicossomática, nomeando os sentidos do corpo.

"A existência psicossomática é uma conquista e, embora se baseie em uma tendência hereditária de crescimento, não se concretiza sem a participação ativa de um ser humano que segura e manuseia o bebê." (Winnicott, 2020 [1966], p. 27). Os múltiplos sintomas de Lígia são formas um tanto desastradas dessa integração psicossomática perturbada. As dores gástricas, correr até a exaustão, as experiências com a comida: tudo isso são diferentes formas de tentar reconhecer seu próprio corpo, apropriar-se dele. Foram desastradas as tentativas de integração porque faltou manejo adequado. Ora, o manuseio / manejo do bebê deve espelhar e ser modelo para o manejo clínico. Nesse sentido, foi excelente a adaptação da técnica no caso de Lígia, modificando as intervenções da analista a partir de certo momento no tratamento. Ao invés de interpretação e assinalamentos, que poderiam ser sentidos como as invasões maternas, as perguntas não só permitiam que a paciente se sentisse mais segura para se expressar a seu tempo e a seu modo, como também a pergunta é sentida como um convite para construção conjunta dos processos de simbolização em análise.

é bem provável que casos de bulimia e anorexia envolvam a problemática da construção das fronteiras internas e externas, distinções entre o eu e o outro

Certamente, como afirma a analista, a situação clínica é um "ninho para o segredo", uma guardiã da interioridade. É bem provável que casos de bulimia e anorexia envolvam a problemática da construção das fronteiras internas e externas, distinções entre o eu e o outro. No entanto, o movimento da análise deve pendular dessa posição mais terapêutica e construtiva para uma outra, mais propriamente analítica, de desvelamento do sexual. Por exemplo insistindo em alguns momentos da análise na importância de Lígia interpretar o que efetivamente a mãe diz quando associa beijos de adolescente à prostituição… Tocar nesse ponto, entretanto, só pode acontecer se ela estiver menos fragmentada.

Laplanche (1992 [1991]) nos convida a pensar o analista como um "guardião do enigma e provocador da transferência" (p. 430). Esta última é vista como uma reabertura da situação originária. Em sua relação transferencial, Lígia pôde re-experimentar a passividade diante dos ataques internos da pulsão e, com o apoio da analista, pôde retraduzi-los de maneira menos mortífera.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 90 01/06/2023 08:34:38

uma série de sinais clínicos que mostram uma parte de Lígia comprometida com a vida e com a pulsão de traduzir os ataques internos que sentia

As traduções em linguagem oral e psicossomática cederam espaço para traduções simbólicas mais complexas. De maneira geral, essa é uma direção do tratamento para esse tipo de caso. Sempre lembrando, no entanto, que não há nenhum ideal moralista sobre a dietética ou qualquer esfera da vida do sujeito. Sempre haverá restos intraduzíveis e proteger esses enigmas é função do analista.

"Minha mãe fala que vomito para não engordar, mas na verdade é que não posso suportar tudo aquilo dentro de mim": diante do realismo denegatório da mãe – a comida é apenas a comida – Lígia sabe que a comida representa "tudo aquilo". A grande questão é nomear essas coisas internas que ela tentou controlar reduzindo-as à comida e mortificando o corpo. Não é curioso o realismo dessa mesma mãe tão afastada de uma interpretação comum sobre o beijo? Diante da cena de sexualidade infantil, comer para vomitar, ela apaga o sexual… diante da cena de carinho, ela inflaciona de maneira caricatural e hiperbólica um gesto de afeição em derrocada sexual e moral. É sobre essa "confusão de línguas", em sentido mais amplo do que aquele definido por Ferenczi (1992 [1932]), que devemos investigar.

De fato, diante de uma mãe intrusiva faz todo sentido buscar uma forma de separação dela a partir dessa operação metonímico-metafórica: a comida representa minha mãe que tento controlar de todas as formas, me recusando totalmente a incorporar ou incorporando ativamente até explodir, incorporando e vomitando. A operação segue a mesma lógica descrita por McDougall (2002) quando ela descreve a economia psíquica da adição. A conduta aditiva, para a autora, é:

> a necessidade de se livrar o mais rapidamente possível de todo sentimento de angústia, de cólera, de culpabilidade ou de tristeza que fazem sofrer, talvez até mesmo de sentimentos aparentemente agradáveis ou excitantes, mas que são vividos inconscientemente como proibidos ou perigosos. (p. 15).

O distúrbio alimentar, assim como as adições, são tentativas psicossomáticas de tentar "preservar o amor oral pré-genital com a mãe" (McDougall, 2002, p. 18). Essa tentativa de preservar essa relação primitiva tem uma de suas fontes na própria mãe, como parece ser o caso da mãe de Lígia. Uma mãe que vê no beijo da filha a derrocada para a prostituição parece ser uma mãe nada tranquila com relação à independência da filha – e o consequente afastamento dela que isso provoca.

Para finalizar, gostaria de comentar um aspecto importante: a fragmentação de Lígia. A analista nos lembra que a paciente é formada em Economia. Isso é um sinal importante de que existe capacidade simbólica na vida psíquica da paciente, além das diversas tentativas de fazer terapia e também de namorar. Uma série de sinais clínicos que mostram uma parte de Lígia comprometida com a vida e com a pulsão de traduzir os ataques internos que sentia. Por outro lado, é também evidente que a confusão, a sensação de não habitar o próprio corpo, os sintomas radicais da bulimia e da anorexia, apontavam para outra parte de Lígia, de poucos recursos simbólicos.

Fragmentações e cisões desse tipo são decorrentes de situações traumáticas. Lígia parece com o tipo de caso descrito por Ferenczi (1992 [1934]), nos quais a impossibilidade de fugir ao trauma leva o sujeito à autodestruição alcançada em parte pela fragmentação. Para o autor, "o processo de autodilaceração é a brusca transformação da relação de objeto, que se tornou impossível, numa relação narcísica" (p. 117). Desse processo, surge um "fragmento de si mesmo" que toma a forma de um outro interno cuidadoso: "esse anjo vê desde fora a criança que sofre […], percorre o mundo inteiro em busca de ajuda" (p. 117). E é no lugar desse anjo interno, fragmento cindido

do eu, que o analista pode entrar, ao reinstalar a situação originária por meio da transferência, auxiliando no processo de integração dessas partes fragmentadas. É essa a parte que "chora sem parar dizendo que está ficando louca, pede ajuda, diz que quer morrer". É fundamental, mais uma vez, imaginar essa cena como repetição de cenas originárias. Diante desse pedido desesperado, Lígia deve ter encontrado a ausência do pai e a dependência invasiva da mãe. Respostas que a mantiveram fixada à oralidade como modo de lidar com o mundo (cf. Freud, (2014 [1925]). O trabalho de análise de Lígia é construir respostas mais complexas e seguras que vão além do cuspir/vomitar as intrusões do outro. Trabalho pendular da análise em sua função terapêutica (ligação / cuidado / integração) e em sua função analítica (reconhecimento do sexual / primazia do inconsciente enquanto alteridade sexual). Fica evidente pelo relato clínico, que o acolhimento que recebeu em sua análise permitiu que boa parte desse trabalho já tenha sido feito.

casos desafiadores e difíceis costumam deixar marcas de identificações dentro de nós, cicatrizes que demoram a desaparecer e por vezes nunca se apagam

Referências bibliográficas

Ferenczi, S. (1992 [1932]). "Confusão de língua entre os adultos e a criança". In: Ferenczi, S. (1992). *Obras completas*, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1992 [1934]). "Reflexões sobre o trauma". In Ferenczi, S. (1992). *Obras completas*, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes.

Freud, S. (2014 [1925]). *A negação*. São Paulo: Cosac Naify.

Freud, S. (1969 [1937]). "Construções em análise". In Freud, S. (1969). *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago.

Gondar, J. (2017). "O analista como testemunha". In Reis, E. e Gondar, J. *Com Ferenczi*: clínica, subjetivação, política. Rio de Janeiro: 7 Letras.

Lanouzière, J. (1994). "De l'allaitement comme séduction originelle et comme scène originaire de séduction". In. Laplanche, J. e col. (1994). *Colloque international de psychanalyse*: nouveaux fondements pour la psychanalyse. Paris: PUF.

Laplanche, J. (2015 [1970]). "Sexualidade e apego na metapsicologia". In Laplanche, J. (2015). *Sexual*: a sexualidade ampliada no sentido freudiano. Porto Alegre: Dublinense.

Laplanche, J. (1997). *Freud e a sexualidade*: o desvio biologizante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Laplanche, J. (1992 [1991]). "Du transfert: sa provocation par l'analyste". In: Laplanche, J. (1992). *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier.

Marinov, V. (2008). *L'anorexie, une étrange violence*. Paris: PUF.

McDougall, J. (2002). "économie psychique de l'addiction". In: McDougall, J et al. *Anorexie, addictions et fragilités narcissiques*. Paris: PUF.

Parat, H. (2006). *Sein de femme, sein de mère*. Paris: PUF.

Winnicott, D. W. (2020 [1966]). A mãe dedicada comum. In D. W. Winnicott (2020). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Ubu.

Comentário de Ruth Blay Levisky

A ideia de colocar Debates Clínicos na Revista Percurso foi muito interessante por proporcionar a abertura de outros olhares, que provocam questionamentos e ampliações do conhecimento.

O primeiro impacto quando iniciei a leitura do caso foi o título: "Um ninho para o segredo". Ele despertou minha curiosidade para querer saber: que segredos o corpo da paciente poderia estar guardando sem conseguir elaborar? Aliás, casos clínicos costumam se apresentar carregados de segredos a serem desvendados durante o processo psicanalítico. A analista inicia seus comentários dizendo que escolheu discutir esse caso pela distância temporal desse atendimento e pela intensidade do que experimentou e aprendeu durante esse processo. Achei curioso que depois de tanto tempo do atendimento o caso ainda continue vivo e presente dentro da analista. Casos desafiadores e difíceis costumam deixar marcas de identificações inconscientes ou conscientes dentro de nós, cicatrizes que demoram a desaparecer e por vezes nunca se apagam. Buscas de elaboração. Fantasiei que o sofrimento da analista para suportar o silêncio e as incompreensões de Ligia

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 92 01/06/2023 08:34:39

a capacidade da analista de esperar para que a história emergisse espontaneamente foi fundamental. Era necessária a construção de um vínculo de confiança básico entre elas

pode explicar o título do trabalho, acrescentaria: segredos guardados no ninho vincular construído entre elas. Pelo vértice da Psicanálise Vincular, os segredos encriptados costumam emergir durante a análise no espaço "entre" analista-paciente, um espaço potencial criado pela presença, onde o Outro, com qualidade de alteridade, não é um objeto projetado.

O diagnóstico do psiquiatra impactou a analista: anorexia, bulimia, histeria, depressão e psicose; tantos quadros clínicos numa só pessoa? O acompanhamento de um psiquiatra nesses casos é de fundamental importância para dar suporte ao analista, mas com o cuidado de que ele preserve sua liberdade de escuta e de observação analítica e não se deixe contaminar por rótulos. Observações a serem captadas durante o processo.

Ligia na primeira entrevista chega "agitada, com queixas de depressão e crises de desespero. Sua magreza aparente não entrava em sua queixa". Pensei: Não consegue perceber seu corpo? Estava centrada em sua alimentação, mas não nos efeitos que ela provocava. Uma cisão entre causa e efeito, uma distância do mundo real. A analista comenta: "a presença de Ligia inundava a sala", com sua voz alta e desespero. A ansiedade de Ligia era tanta que a analista não tinha espaço para existir. Como é difícil para nós analistas suportarmos esse estado de não existência. Mexe com nossos conteúdos narcísicos, com nosso ímpeto de querer falar, de não ser ouvido, com um sentimento de aparente desprezo, um estado mental de solidão. Eram sentimentos que Ligia carregava dentro de si, mostrava para a analista, mas não conseguia nomear. Percebe-se na analista o uso da contratransferência para lhe servir de guia, para ir construindo delicadamente, com paciência, continência e sofrimento um outro tipo de vínculo com a paciente.

Os sintomas de Ligia de comer compulsivamente começaram aos 12 anos, período que marca o início de sua adolescência, caracterizado por grandes turbulências emocionais, buscas de ressignificações e construções identitárias. Engordou muito e sentia-se feia. Foi somente aos 17 anos, após um regime alimentar, que começa a vomitar e a usar laxantes. Por mais magra que estivesse continuava a se sentir gorda, distorção da imagem corporal comum nos casos de anorexia e bulimia. Os sintomas de Ligia também sugeriam ligação entre compulsão, ansiedade, baixa autoestima e fragilidade egóica.

A leitura do caso me trouxe vários questionamentos: o que teria acontecido em sua infância e em suas relações familiares? Como terá sido o seu processo de desenvolvimento? Aspectos primitivos de sua mente pareciam estar encriptados. O que estaria escondendo de si mesma? Por que teria dificuldades para namorar? Que lugar o pai ocuparia em sua vida? Que heranças familiares poderiam ter sido transmitidas? Sabe-se pela literatura psicanalítica que nos casos de anorexia dificuldades na relação entre mãe e filha são recorrentes.

A capacidade da analista de esperar para que a história emergisse espontaneamente foi fundamental. Era necessária a construção de um vínculo de confiança básico entre elas. Algo pode ter acontecido em sua história de vida que permanecia inconsciente e que se evidenciava pelos sintomas psicossomáticos. Os sintomas comunicavam algo muito indigesto que a paciente queria expulsar de dentro de si. Depois de algum tempo de análise Ligia começa a compartilhar sua história. Era o início de um processo de ela mergulhar para dentro de si e tentar dar sentido às suas memórias vivenciadas e encriptadas. Sua narrativa ainda continuava ligada à compulsão alimentar e aos vômitos, embora já pudesse externalizar seu sofrimento e compartilhar com a analista momentos

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 93 01/06/2023 08:34:39

de angústia, expressos por muito choro. A agressividade também começou a emergir, além do desprezo por tudo que a analista dissesse. O ataque ao vínculo inundava as sessões. Não diria ser uma transferência negativa, mas a possibilidade de Ligia mostrar do seu jeito, sua agressividade, que ela não sabia lidar com aquilo. A analista, apesar da dificuldade para suportar esses ataques e de seu sentimento de impotência frente ao caso, não perdeu sua função analítica e demonstrou uma capacidade desafiadora para desvendar os mistérios e segredos de Ligia. Sofreu, buscou ajuda em supervisões: "a paciente estava presente nela dentro e fora das sessões".

Abro uma reflexão sobre os comentários distintos que a analista ouve em suas duas supervisões sobre o caso. Na primeira, a paciente era vista como regredida, com nível de angústia intensa, com dificuldades para alcançar interpretações, pois se desorganizava e se deprimia. "Precisava de um contorno". Na outra supervisão "o foco girava em torno da histeria de Ligia". E qual era a percepção do analista? As supervisões abrem condições para a analista captar o que se passava entre elas. Os sintomas expressos e vividos por Ligia, apreendidos no espaço entre analista-analisanda eram comunicações que representavam estados primitivos de sua mente, ainda sem nomeações dos afetos, vazios a serem preenchidos, sentimentos de um profundo desamparo. A agressividade de Ligia poderia ser o modo de mostrar para a analista seu desespero e a possível busca de uma "força" que não conseguia expressar-se de outra maneira. Estava compartilhando suas angústias com a analista como conseguia. Suportar esses ataques ao vínculo são muito difíceis. Com o passar do tempo, a aparência de menina educada, de um falso self, se transforma e Ligia começa a mostrar nas sessões seu outro lado, revoltado, agressivo, com gritos desesperados e uma violência contra si mesma, quando se bate na cabeça. Um momento muito complexo se instalou no setting, cheio de significados a serem desvendados.

Achei interessante a percepção que a analista teve ao restringir as interpretações e fazer

as comunicações não verbais eram expressões que adquiriam sentido naquele momento da análise

perguntas com o sentido de "dar lugar a uma construção conjunta do entendimento do que se passava com ela", princípio da psicanálise vincular. A partir do viés da psicanálise vincular, analista e paciente vão construindo a história, é um ir fazendo juntos, num espaço mental que se forma "entre" sujeitos, onde os conteúdos emocionais vão sendo expressos, adquirindo sentidos e são produzidos na presença dos envolvidos. "No dispositivo vincular o analista é apenas um outro sujeito que pode intervir para abrir o amplo campo de pensar juntos. Este deve afinar sua escuta para apontar o que acontece durante o encontro" e perceber o que é vivido no vínculo entre os sujeitos (Puget, 2018, Bianchi, 2021, In: Blay Levisky e col, 2021, p.150)[8]. Berenstein e Puget, na Argentina, e Kaës, na França, foram psicanalistas que desenvolveram a teoria da psicanálise vincular[9].

A analista capta que a sonoridade de sua voz "tinha um lugar significativo nos movimentos transferenciais com a paciente". As comunicações não verbais eram expressões que adquiriam sentido naquele momento da análise. Analista e paciente estavam em sintonia numa dimensão vincular que era a possível a ser alcançada; ainda não era a verbal. A analista teve uma função catalizadora e digestiva para ajudar a paciente a abrir espaço para o mental. Com a evolução do processo Ligia deixa de estar focada somente em seu corpo e em si, para também dividir com a analista suas dificuldades de relacionamento no trabalho, com a mãe e em sua vida afetiva e sexual. Iniciava um mergulho em seu mundo interno. Começava a trazer sonhos para a análise. O vínculo entre analista e analisanda se modificava.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 94 01/06/2023 08:34:39

Lígia tinha uma mãe controladora, uma relação simbiótica que dificultava a entrada do pai na relação familiar, dinâmica comum nos quadros clínicos de anorexia e bulimia

No trabalho psicanalítico vincular procuro observar como os vínculos vão sendo construídos e transformados ao longo da análise. No início desse processo analítico diria que predominava um vínculo narcísico, que se transformou num vínculo adesivo, com qualidades de posse, ataque e controle até se desenvolver num vínculo de compartilhamento de fato. O analista que trabalha sob os princípios da psicanálise vincular vai nomeando essas transformações vinculares para o paciente ao longo da análise.

Fiquei até esse momento da leitura do caso me perguntando onde estaria o pai de Ligia? A figura do masculino representava algo difícil na vida de Ligia, figura da qual ela procurava se afastar. Esse pai era ausente ou frágil para não conseguir ocupar seu lugar e função? Suas dificuldades afetivas com o sexo oposto seriam expressões dessa possível falta desse pai? Pensei que a analista transitava entre a função de uma "mãe suficientemente boa", continente, e a de um pai que estava ausente, que a ouvia e lhe colocava limites, quando, por exemplo, dizia que havia terminado a sessão.

Infelizmente a interrupção da análise pela saída da analista do Brasil foi num momento delicado, em que se iniciava a tentativa de Ligia de ir se aprofundando em seus traumas, compartilhando vivências e fantasias que deixavam de morar somente em seu corpo. Houve uma regressão da paciente com o término da análise e o reaparecimento de sintomas somáticos. Talvez hoje, com a introdução da análise à distância em nossa prática clínica seria possível dar continuidade ao trabalho, – embora o atendimento presencial nesse caso fosse uma melhor opção pelas dificuldades de simbolização da paciente e pelos estados primitivos de sua mente. Mas, mesmo assim, seria um caminho a ser explorado.

Após a leitura da análise do caso feita pela analista meus questionamentos estavam sendo mais bem compreendidos. Lígia tinha uma mãe controladora, uma relação simbiótica que dificultava a entrada do pai na relação familiar, dinâmica comum nos quadros clínicos de anorexia e bulimia. A analista questiona o que Ligia não conseguia suportar dentro de si e afirma que ela "se organizava entre dois eixos: a sexualidade e a agressividade, pela repetição de vivências relacionais que apareciam na transferência com a analista", a isso acrescento que suas defesas poderiam ser resultado de uma resolução edípica não resolvida em seu processo de desenvolvimento, pela presença (ou não presença) de um pai que pudesse lhe oferecer limites e provocar a castração necessária em sua entrada entre a relação da mãe com a filha. O ataque e a violência de Ligia a si própria eram comunicações não verbais, de cunho primitivo, expressões de uma imagem distorcida e da revolta que tinha consigo, das dificuldades com uma organização interna e externa com seu eu. Ligia, aos poucos, no seu tempo, estava conseguindo se libertar dessa mãe castradora que a inibia de conseguir ter força para contestar como uma adolescente comum faria em seu processo de desenvolvimento. Ligia estava crescendo e criando sua própria autonomia graças à sensibilidade e continência da analista que foi capaz de acolher o silêncio, a agressividade e as contestações de Ligia durante o processo. Acredito que um

8 Puget, J. Intervir- Interpréter. *Revue Internationale de Psychanalyse de Couple et de la Famille* (*AIPCF*). N. 19-2, p. 1-9, 2018; Bianchi, A. (2021) In: Blay Levisky e col. (2021) *Dicionário de Psicanálise de Casal e Família*, Entre, p. 145-151, Ed. Blücher.

9 Puget, J. Intervir- Interpréter. *Revue Internationale de Psychanalyse de Couple et de la Famille* (*AIPCF*). N. 19-2, p. 1-9, 2018; Bianchi, A. (2021) In: Blay Levisky e col. (2021) *Dicionário de Psicanálise de Casal e Família*, Entre, p. 145-151, Ed. Blücher.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 95 01/06/2023 08:34:39

atendimento psicanalítico da família, em paralelo à análise de Ligia, poderia trazer benefícios para o caso.

Casos difíceis e complexos como esse exigem do profissional uma condição para suportar o incompreensível, conter sentimentos ambivalentes de impotência e onipotência e desenvolver uma capacidade negativa, continência, *holding* e *rêverie*. O respeito ao tempo, a capacidade de escuta, a de fazer perguntas e de aprender a lidar com os conteúdos narcísicos de Ligia foram elementos essenciais a serem trabalhados na análise, principalmente pelo fato de que a paciente apresentava um funcionamento mental primitivo, no qual a passagem ao ato e a dificuldade de simbolização estavam presentes.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 96 01/06/2023 08:34:39

A Claridade do Sol e os Brotos da Batata

João José R. L. de Almeida

Resenha de Bento Prado Júnior, *Hegel e Lacan: Cinco Conferências em Filosofia da Psicanálise*, São Paulo, Zagodoni Editora, 2022, 198 p.

Wittgenstein colocou a filosofia em correlação com pelo menos quatro campos autônomos de atividade teórica e prática: matemática, psicologia, arte e religião. Mas a característica mais notável dessas interconexões é a de que enquanto elas conseguiam manter a independência das disciplinas, redundavam, surpreendentemente, em transformações em ambos os lados da operação. Todas eram feitas, de modo invariável, à guisa da própria conexão que o autor efetuou entre filosofia e matemática, sobre a qual disse: "A claridade filosófica tem a mesma influência sobre o crescimento da matemática que a luz do sol sobre a germinação dos brotos da batata. (No porão escuro, eles crescem por metros a fio.)"[1]

O interesse dessa informação decorre, a meu ver, de duas circunstâncias extremamente importantes. A primeira é a de que Prado Jr, o autor das cinco conferências sobre Hegel e Lacan, proferidas a convite do psicanalista Jorge Forbes entre maio e junho de 1992, e agora publicadas em livro pela Editora Zagodoni, fez uso da filosofia como instrumento de esclarecimento e não de explicação. E a segunda circunstância é a de que a disposição filosófica de Prado Jr nessas palestras foi iluminadora e, por conseguinte, francamente propícia ao desenvolvimento orgânico da psicanálise. Se houvesse enxertado filosofia na psicanálise e passado a legislar sobre as propriedades da matéria, teria modificado a sua natureza e favorecido um crescimento atabalhoado e míope. Parece-me importante dizer isto logo de saída porque em filosofia da psicanálise pode-se, por um aspecto, tomar uma de duas atitudes com relação ao conteúdo com que se trabalha: transforma-se a psicanálise em filosofia para explicar o mundo, ou analisa-se a filosofia para desvelar seus pressupostos tácitos. Wittgenstein, pela crítica do uso da linguagem, não tomou nenhuma dessas duas atitudes. Incorporou em seu método, à diferença da disjunção, objetivos liberatórios de inspiração psicanalítica. O esclarecimento aplica-se exclusivamente aos *usos* das sentenças. Quando a seção § 124 das *Investigações Filosóficas* declara que a filosofia "deixa tudo como está",[2] o que imediatamente se mostra é uma maneira de realizar interconexões e ao mesmo tempo preservar a autonomia da disciplina. O ponto é que a filosofia da psicanálise que encontramos em *Hegel e Lacan* é um resultado dessa mesma espécie de interação dialógica e transformativa em que as idiossincrasias são respeitadas e o resultado importa em efeito liberador. Não me parece um acontecimento fortuito que Prado Jr culminasse suas reflexões filosóficas na década seguinte com belíssimas reflexões sobre o filósofo vienense.[3]

Mas o livro que agora sai publicado é, contudo, diferente do proferimento das palestras. Por óbvio, já não mais retém o frescor praxiológico da atitude filosófica de Prado Jr, perceptível plenamente só *in actu*. O livro embrulha aqueles atos de fala num pacote literário que constitui um novo jogo de linguagem. Este resulta, mais propriamente, de uma laboriosa arqueologia efetuada por Richard Simanke sobre os registros

1 L. Wittgenstein, *The Big Typescript*, p. 433.

2 Cf. a nova tradução bilíngue das *Investigações Filosóficas* em https://doi.org/10.55872/GOUO4768. Na introdução (p. ix-xlv), há comentários do tradutor sobre a relação da obra com a psicanálise.

3 Cf. B. Prado Jr, *Erro, Ilusão, Loucura*.

João José R. L. de Almeida é é professor de Lógica e de Epistemologia e Filosofia da Ciência, publicou vários artigos e capítulos sobre Filosofia da Psicanálise e da Psiquiatria.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 97 01/06/2023 08:34:39

fonográficos e a transcrição daquelas conferências que estavam há muitos anos em seu poder. Trata-se, sem dúvida, de um resgate imprescindível para os estudiosos, psicanalistas, filósofos, e outros interessados, que agora têm à mão um material valioso que ficaria, senão, soterrado no esquecimento. O mérito e a coragem de Simanke por esta iniciativa devem ser muito bem destacados e louvados, diga-se de passagem. Todavia, *Hegel e Lacan* é um livro publicado em 2022. Um volume composto de, pelo menos, três camadas narrativas. Passo então a descrever propriamente *este* jogo de linguagem.

A coluna vertebral do livro compõe-se das cinco conferências de Prado Jr. Elas estão no miolo, entre as páginas 77 e 150 (78 páginas do volume). Eu recomendaria que o leitor as lesse primeiro, antes de percorrer a introdução e os dois ensaios críticos de Simanke, entre as páginas 7 e 76 do livro (69 páginas). Isto porque os ensaios críticos não vão funcionar como *hors d'oeuvre*. Não são um *appetizer* para o prato principal, mas um prato anterior completo com ingredientes próprios. Isto se manifesta imediatamente não apenas pelo próprio volume do conjunto de textos, mas também pelo conteúdo, com um detalhamento de informações que vão bem além do material tratado nas conferências. Neste sentido, minha indicação seria saborear antes de tudo o prato principal para que o gosto do secundário não altere o paladar do primeiro. O juízo estético vai funcionar bem melhor assim porque, de outro modo, corre-se o risco de que a leitura dos ensaios encurte a distância entre eles e as conferências, resultando numa perda de acuidade. Pelo menos, sou em princípio favorável a que não se perca a capacidade de perceber filigranas e sutilezas na leitura do livro como um todo.

Assim, a primeira conferência de Prado Jr começa por comparar as diferentes relações que Freud e Lacan mantiveram com a filosofia. Logo em seguida, introduz uma ferramenta de leitura muito importante para todo o seu trabalho descritivo: o conceito de "anacronismo" (p. 81). Prado Jr o resgata engenhosamente da ideia de "influência retrospectiva" de Freud sobre Hegel, proposta por Jean Hyppolite, um importante estudioso do filósofo de Jena influenciado, tal como Lacan, por Alexandre Kojève. Estas são típicas heresias filosóficas francesas que se transformam, nas mãos de Prado Jr, em verdadeiros holofotes para uma compreensão mais profunda do aspecto e da fecundidade da leitura Kojèviana da *Fenomenologia do Espírito* para o pensamento francês da primeira metade do século XX.

Na segunda conferência, Prado Jr começa a trabalhar com as diferenças entre Hegel e Kojève, descrevendo, em primeiro lugar, a natureza da obra de juventude do filósofo alemão. Ele explora o fato de que a *Fenomenologia do Espírito* representa a invenção de um novo gênero literário na filosofia. Do ponto de vista de Hegel, trata-se de uma resposta peculiar, tipicamente literária, no cenário filosófico do velho continente. Trata-se também de uma transformação muito perspicaz tanto do idealismo transcendental Kantiano quanto do romantismo alemão do século XVIII.

A terceira conferência é um aprofundamento das balizas encravadas pela conferência anterior. Prado Jr fornece mais detalhes sobre as diferenças entre o idealismo transcendental, o romantismo alemão, e as continuidades e descontinuidades entre o Hegel da *Fenomenologia* e o posterior, da *Lógica*.

Somente na quarta conferência é que finalmente se chega à interpretação Kojèviana da "dialética do senhor e do escravo". Este dilema em forma de batalha, uma das duas partes do capítulo IV da *Fenomenologia do Espírito*, representa, para Kojève, a essência de todo o volume. Com base nesta hipóstase, Prado Jr estabelece as dessemelhanças entre os projetos de Hegel e de Kojève para implantar a ideia de que "Sem a intermediação de Kojève, não haveria possibilidade nenhuma de um uso qualquer da filosofia hegeliana por parte de Lacan" (p. 124). Nosso autor ressalta que Kojève não estava precisamente comentando a *Fenomenologia do Espírito*, ele a estava corrigindo e tentando expurgar o que considerava como erros de Hegel (p. 129). Nas suas

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 98 01/06/2023 08:34:39

mãos, portanto, a *Fenomenologia* se transformou numa antropologia filosófica histórica e negativizante, com relações de parentesco com a ontologia fundamental de Heidegger. O que Prado Jr avalia, seguindo ali de perto uma interpretação de Paulo Arantes, como menos um erro do que uma renovação profícua do Hegelianismo. A quarta conferência finaliza ressaltando, então, que Lacan faz um uso extensivo de Kojève até a década de 1950, quando a antropologia negativa entra, a seu juízo, em recesso na sua obra (p. 133).

A quinta e última conferência procura mostrar como o projeto teórico de Lacan já estava desde o começo, em 1932, centralizado na compreensão do sujeito pela mediação do outro e, por isto, igualmente predisposto à acolhida e incorporação da antropologia negativa de Kojève. Na sua tese sobre a personalidade paranoica, Lacan aliou a psicologia concreta de Georges Politzer, para captar a intencionalidade do comportamento, com o conceito de *Umwelt*, proposto por Jakob von Uexküll como modelo biológico do comportamento humano à diferença do animal. De modo que o meio social torna-se o patamar de referência na tese de doutorado de Lacan para a ideia de constituição da personalidade. Na realidade, Prado Jr sublinha que, ao longo de toda a sua carreira, Lacan nada faz senão realizar várias redefinições e reformulações radicais da sua concepção de sujeito, pelo que se pode sempre supor, sem muito receio de desacerto, uma continuidade metódica ou um moto perpétuo na sua teoria psicanalítica como um todo (p. 147-149).

Passemos agora para o revestimento das conferências, a outra metade do livro póstumo de Prado Jr, que são as notas, a introdução e os dois ensaios críticos elaborados por Richard Simanke. A introdução informa o leitor acerca das dificuldades, desventuras, riscos e vantagens da publicação das conferências que o segundo autor já tinha em mãos há muitos anos. O primeiro ensaio dá conta da inserção, ao mesmo tempo fundacional e ocasional, de Prado Jr no escopo da filosofia da psicanálise, e também põe em relevo a tônica da sua atuação filosófica em relação às correntes dominantes no Brasil naquela época. O segundo ensaio dedica-se a uma análise do conteúdo do pequeno curso implementado na Biblioteca Freudiana Brasileira, em São Paulo, com ênfase na demarcação do tipo de leitura que Prado Jr faz de Lacan. De que maneira Prado Jr, na verdade, assimila a discussão de Lacan dentro do seu próprio projeto de mais longo prazo de relativização das ideias de razão pelo argumento literário e pela análise dos conceitos de erro, ilusão e loucura.

As notas de rodapé, por outro lado, são uma exposição com vida própria e à parte. Embora a sua numeração seja contínua até a primeira página da primeira conferência de Prado Jr, ela cumpre funções diferentes ao longo do livro como um todo. Das notas 1 até a 81, elas servem tradicionalmente para o breve esclarecimento de termos e obras aventados pela introdução e os dois ensaios de Simanke na base das páginas do livro. Mas a nota 82 é um aviso de deslocamento do rodapé para o final da obra, tornando-se "notas de fim". Portanto, uma nota autorreferente para inaugurar uma nova cadeia de esclarecimentos, desta feita com o início de uma nova numeração. Estas, à diferença das primeiras, trazem conteúdo bem mais enciclopédico. Dedicam-se principalmente a resolver dificuldades internas da transcrição do áudio em texto, além de possíveis acréscimos posteriores do próprio autor, comentários ao seu estilo de fala, correções de citações e de lapsos linguísticos, e uma bem nutrida apresentação de termos filosóficos e conceitos lacanianos empregados pelo autor. É quase como se estivéssemos lendo uma outra dissertação. O conjunto, no fundo, ilustra o trabalho com 29 páginas adicionais alocadas depois das referências bibliográficas, entre as páginas 169 e 198 da publicação. O leitor também poderia, se quisesse, lê-las completamente em separado dos demais estratos do livro. Mas como estas notas de fim são apresentadas, a bem da verdade, no melhor estilo de "notas de tradução", acabam por tornar manifesto o empréstimo, exclusivo à porção central do livro, de uma atmosfera de texto clássico de filosofia.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 99 01/06/2023 08:34:39

Por esta mesma razão, colocaria apenas um resguardo com relação a esta obra de recuperação arqueológica que, repito, é uma contribuição muito valiosa para os estudiosos da psicanálise e da filosofia. Prado Jr avalia, em função da sua clara preferência pelo Hegel da *Fenomenologia* em relação ao Hegel da *Lógica*, que o Kojèvismo de Lacan entra em recesso por volta de 1950 (p. 133 e 145). Como bem salienta Simanke (p. 64), Prado Jr qualifica o movimento de Hegel como "uma bobagem" (p. 146). Decepcionado, Prado Jr supõe então que Lacan caminhou decididamente em direção ao último e sistêmico Hegel. O meu ponto de vista é que embora seja patente a mudança de tônica de Lacan, e há várias delas ao longo de sua carreira, não se deve cimentar o fato com a ilusão de que Lacan passou a ser mais Hegeliano que Kojèviano a partir de então. Aduzo meu argumento com duas evidências: a primeira é a de que o próprio Prado Jr reconhece que a mais lamentável diferença entre Kojève e Hegel é a de que o último, no decorrer do desenvolvimento das suas reflexões, "neutraliza a negatividade" (p. 130). A negatividade, no entanto, nunca esteve ausente dos textos de Lacan, desde o seu primeiro encontro com Kojève em 1933. Ela apenas passou a ocupar territórios e funções diferentes através de cada fase pela qual o psicanalista revirava pelo avesso suas hipóteses anteriores. Prado Jr também reconhece, como vimos, a permanência incólume da concepção de sujeito como polo central em todas as fases do pensamento de Lacan (p. 147). Mas em todas as fases do pensamento de Lacan o sujeito é tomado em negativo, como não poderia deixar de sê-lo.

E a segunda evidência é aquela que caminha em sentido contrário ao que parece sugerir a nota 63, na página 64 do nosso livro: a de que Lacan teria se voltado nos anos 1960 para uma visão Frankfurtiana de Hegel. A literatura secundária atesta que foi a Escola de Frankfurt que recolheu e assimilou uma discussão que já estava em voga na França desde a década de 1930, quando Benjamin visitava Paris e discutia com Bataille e Klossowski.[4] Ambos, como de costume nessa época, amplamente influenciados por Kojève. Nos anos 1960, Lacan, também como sempre, apenas arrebatou para dentro da sua teoria uma discussão publicada por Klossowski desde 1947.

Em resumo, como não se trata, na verdade, de um texto clássico, as decepções e cogitações de Prado Jr só podem ter valor praxiológico. Elas plantam em nossos ouvidos uma certa dúvida que, se nos comprometemos, nos obrigamos também a responder. Ele diz, por exemplo:

> Eu acho recomendável – por uma questão de método, repito – fingir que não é nem uma coisa, nem outra, provisoriamente, para fazer essa investigação e medir efetivamente o que muda, além da linguagem, quando muda a linguagem de Lacan. (p. 149).

Podemos finalizar assim, apresentando, como testemunho vivo de uma integração orgânica entre filosofia e psicanálise, essa instrução, também uma bela lição.

Referências Bibliográficas

Prado Jr B. (2004). Erro, Ilusão, Loucura. *Ensaios*. São Paulo: Editora 34.

Weingrad M. (2001). The College of Sociology and the Institute of Social Research. New German Critique, n. 84.

Wittgenstein L. (2005). The Big Typescript: TS 213. London: Blackwell Publishing.

____. (2022). Investigações Filosóficas/Philosophische Untersuchungen. Curitiba: Horle Books.

4 Cf. M. Weingrad, "The College of Sociology and the Institute of Social Research", *New German Critique* n. 84, p. 129-161.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 100 01/06/2023 08:34:39

O Caso Hermes

Marina Bialer

Resenha de David Calderoni, (2021) *O caso Hermes: a dimensão política de uma intervenção psicológica em creche: um estudo em psicologia institucional*, São Paulo: Gênio Criador, 320 p.

O caso Hermes: a dimensão política de uma intervenção psicológica em creche: um estudo em psicologia institucional oferece aos leitores a possibilidade de acompanhar a construção artesanal de um caso clínico. De maneira original, retrato do estilo clínico singular de David Calderoni, o livro é fruto da dissertação de mestrado do autor, que culmina na junção inovadora dos campos da psicanálise, da filosofia e da psicologia institucional.

Esse livro, que teve sua primeira edição em 2005, lançado pela editora Casa do Psicólogo é agora reeditado pela Gênio Criador. Traz como ponto de partida a discussão clínica acerca do caso de um menino de cinco anos encaminhado a Calderoni pelos funcionários de uma creche municipal e que se queixavam da incapacidade desta criança de realizar atividades básicas como cópia de um modelo de figura geométrica, fato que atribuíam a uma suposta debilidade mental e surdez. É diante de uma cena inicial em que é convocado a presenciar a incapacidade de Hermes de repetir modelos geométricos, mesmo após a condução de seu gesto pela professora, que o autor é demandado a falar desde o lugar de especialista. Lugar esse que ele inverte, reverte, revoluciona. Convocado a realizar um diagnóstico de uma deficiência, a partir dessa tarefa institucional ele intervém propondo justamente um *contradiagnóstico*. Aqui temos um ponto chave na posição de psicanalista proposta pelo autor; não somente uma demanda de diagnóstico é recebida para ser invertida como o que desabrocha dessa intervenção é um *contradiagnóstico* que inclui analista, criança e a instituição em que se inserem.

Uma das primeiras observações clínicas do psicanalista é então compartilhada com os funcionários da creche: era dado tão pouco tempo para que Hermes pudesse responder, à sua maneira, à demanda de cópia, que ele praticamente não tinha chance de qualquer resposta, mesmo que fosse uma errada. Assim, ele percebia que já era antecipada a prova confirmatória da suposta debilidade, sem qualquer aposta no que Hermes poderia criar. É nesse cenário que surge uma primeira intervenção colaborativa: o psicanalista sugere que Hermes possa desenhar livremente uma figura humana em uma sala separada em que estejam somente os dois, a professora acata e pede para que todas as crianças desenhem uma figura humana. Isso já nos fala muito do estilo de pensar e de clinicar de Calderoni.

No livro, várias análises dos desenhos são feitas em profundidade, mas me atenho a mencionar sua sagaz observação acerca de como os traçados produzidos por Hermes muito mais do que repetições, imitações, expressam criações espontâneas. Após essa intervenção, em que se propicia uma situação que questiona a incapacidade que era atribuída a Hermes, são as próprias professoras que um dia levam até o psicanalista outros desenhos feitos pela criança, agora já parte de uma tarefa em que deixavam a ele a possibilidade de desenhar livremente, atribuindo a Hermes um lugar de fala e uma aposta no sujeito.

É nesse âmbito que me parece plausível enfatizar o quanto a intervenção que se deu, nomeada como "revolução na sociabilidade"[1],– entre Hermes,

1 D. Calderoni, *O caso Hermes: a dimensão política de uma intervenção psicológica em creche: um estudo em psicologia institucional*. São Paulo, Gênio Criador, 2021, p. 316.

Marina Bialer é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes e membro do Grupo de Pesquisa Psicanálise Experimental USP. Endereço rua Joao Ramalho 257 cj 24 cep 05008001 São Paulo SP. Tel. 011.982797951. E-mail: mbialer@hotmail.com.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 101 01/06/2023 08:34:39

funcionários da creche e psicanalista – faz um giro em torno da relação com o saber e com a verdade: verdade/saber não mais supostos no exterior, no psicólogo que daria o atestado da incapacidade da criança e da incapacidade das professoras em mudar/transformar em competente uma criança incapaz. O que surgiu na produção do *contradiagnóstico* incitada pelas intervenções do psicanalista pode assim ser enfocada como precipitadora de uma nova relação com a verdade, e com a viabilidade da produção de um saber inédito.

Desejo de saber, abertura para transformações nas relações de poder, abertura à alteridade. Essas três marcas do livro e da clínica nele retratada são também elementos definidores do autor, que nos leva para viagens intelectuais as mais diversas, curiosas e profundas. Ao evitar os riscos dos lugares de dominação hierárquica, convida-se o outro ao genuíno encontro, ao encontro empático com o estrangeiro, com a multiplicidade de línguas em nós mesmos e na clínica.

Se hoje, décadas após a escrita deste livro, o autor se dedica à criação e ao crescimento da *Associação do Movimento das Invenções Democráticas*, já nesse texto encontramos sua busca por pensar a psicanálise como uma invenção democrática e em situar sua atuação clínica em um campo em que as relações de poder institucionais possam ser problematizadas e tomadas como matéria de pesquisa. Nesse sentido, um dos eixos do livro é o debate em torno da definição da dimensão política do trabalho clínico, notadamente da psicologia institucional. Nesse âmbito, o autor parte do pensamento da psicanalista Marlene Guirado e do cientista político Guilhon Albuquerque para discutir essa vivência institucional. Esse é mais um dos grandes méritos do livro: com precisão conceitual parte-se da metapsicologia psicanalítica – à qual os analistas já estão habituados – e se articulam estudos institucionais e políticos. Sempre ao lado do filósofo Espinosa, o autor desbrava novos campos de saber inéditos para o meio psicanalítico.

Após uma aprofundada discussão acerca das relações de poder e afeto nas instituições, o livro centra-se no caso Hermes para debater a possibilidade de intervenções – como o designado *contradiagnóstico* – em que se possa romper com relações de poder em que havia aquele que deveria formatar o outro, a criança suposta incapaz, carente de saber e de capacidade de autonomia. Ao contrário de fornecer ou validar um diagnóstico que embasaria práticas excludentes da criança suposta surda e débil, o autor propõe intervenções que acolham os saberes tanto dos funcionários da creche quanto da criança.

É a partir desse estrato institucional que o psicanalista esmiuça o *Psicologia das massas*, de Freud, centrando uma longa e densa discussão teórica a respeito do social e do grupo a partir do conceito freudiano de identificação. Nesse âmbito vale destacar a retomada desta teorização a partir da distinção entre uma identificação enriquecedora e outra empobrecedora, para pensar que quando Hermes *recusa* a mera cópia, há uma abertura transformadora para que surja um traço seu. E, nesse sentido, o autor comenta a relevância de práticas institucionais que propiciem a liberdade dos atores institucionais. No lugar da criança sem-saber que deveria copiar, ser moldada de modo imitativo ou ser excluída quando incapaz disso, é pela inversão da relação de dominação que emerge essa outra relação possível com o saber. Sob esse prisma é o desenho livre que revela a possibilidade do eixo da identificação enriquecedora, da aposta no saber de Hermes.

Tendo como pano de fundo pensar a instituição para além do modelo da soberania monopolista, e a tentativa de, a partir do exemplo da creche, "pensar a ancoragem intrapsíquica dos mecanismos institucionais de dominação"[2], um dos eixos norteadores do livro é a proposta de alternativas a esse modo de dinâmica psíquica centrada na oposição dominador-dominado. É mobilizado por essa problemática e pelo que é convocado por essa escrita, por essa clínica, que o livro dialoga com outros psicanalistas como Ferenczi e, os ferenczianos, Nicolas Abraham e Maria Torok, além de trazer para o debate Espinosa e a importância da empatia e dos afetos. Assim,

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 102 01/06/2023 08:34:39

a leitura do livro descortina uma minuciosa pesquisa acerca das contribuições psicanalíticas para pensarmos outras formas de existir e de se relacionar que sejam mais horizontais e acolhedoras da alteridade.

Outro relevante eixo de análise é a reinvenção do recurso dos instrumentos psicodiagnósticos que deveriam ser utilizados institucionalmente. Isso faz com que a aplicação do CAT-A – Teste de Apercepção Infantil com Figuras de Animais – perca todo seu formato padronizado e se torne um convite para que o analista assinale com os dedos certos elementos da prancha, convidando a criança ao diálogo, quase a um jogo de rabiscos de associações. Aliás, o leitor encontra no transcorrer das 320 páginas do "Caso Hermes" um incessante convite a rabiscar, a associar com o autor, com Hermes, com os funcionários da creche e com todos os pensadores com os quais o autor dialoga.

Retrato de seu olhar artístico e poético para o mundo, a descrição das situações clínicas contidas no livro é inspiradora. Vale mencionar o apêndice gráfico em que o leitor encontra em anexo os desenhos de Hermes impressos em alta definição. Desenhos estes que são contemplados pelo psicanalista em toda sua dimensão estética e analisados em sua potencialidade transformadora. Nesse sentido, enfatiza-se o movimento de simbolização presente nos traçados, enfocados como modalidades de elaboração do traumático e de transformação simbólica. É nessa vertente que o psicanalista desenvolve a tese de que em seus desenhos Hermes expressa a projeção expressiva de toda história implosiva da agressividade materna; e é assim, que recorrendo a Ferenczi, Calderoni teoriza o trabalho de simbolização do trauma através do desenhar.

No entanto, o livro vai além e se propõe a hipótese de que o desenho de Hermes expressa também os elementos do imaginário dos demais atores institucionais, de modo que por seu desenho ele também produz um efeito real ao demonstrar, no desenho, suas capacidades, e revelar para os demais atores o quanto eles estavam presos em um sentido único, em uma narrativa engessada de dominação e exclusão de saberes. Desse modo, Calderoni se aproxima de Espinosa para teorizar outros modos de desenhar para articular uma clínica e uma política que alicercem transformação, e não mais dominação.

Após esse convite para pensarmos um desenho de uma criança a partir de Espinosa, o autor avança ainda mais em sua articulação entre sensibilidade clínica e desejo insaciável de investigações filosóficas e psicanalíticas, avançando a hipótese de que no caso Hermes estaríamos presenciando processos de identificação enriquecedores em contraponto ao que seria uma interiorização intrusiva do ideal do outro, dominador. E é novamente com Espinosa que Calderoni dialoga ao afirmar a plausibilidade de formas políticas que não sejam fundamentadas no medo da morte, mas no desejo da vida. Assim, a escrita do caso Hermes se torna paradigmática de uma clínica psicanalítica ética, inventiva de uma intervenção que rompeu com inúmeras barreiras burocráticas e tendências à repetição excludente do aluno-criança-problema. Isto a partir dessa recusa de Hermes em realizar a atividade de copiar; e da abertura propiciada pelo manejo do psicanalista.

É a partir dessa intervenção clínica-institucional que Hermes encontra outros lugares para existir na creche e na vida. Aliás, um dos primeiros subtítulos do livro *Uma utopia em busca de lugar* pode ser uma interessante nomeação para a busca de Calderoni tanto em seu escrito, quanto na sua intervenção clínico-política. Utopia, poesia, psicanálise, filosofia, política, democracia, empatia, clínica: todas essas palavras podem ser usadas para caracterizar o que o leitor encontrará nesse inspirador livro.

2 D. Calderoni, *op. cit.*, p. 97.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 103 01/06/2023 08:34:39

Lou Andreas-Salomé: síntese, totalidade, unidade

Munique Gaio Filla

Resenha de Lou Andreas-Salomé, *Sobre o tipo feminino e outros textos*, São Paulo, Blucher, 2022, 296 p. (Pequena biblioteca invulgar).

> *Nós, que estamos durante toda a nossa vida, encerrados em nós mesmos, por uma parte, e que devemos, por outra, integrar essa massa que nos engloba, a nós e ao mundo exterior, porque ela é constituída da mesma matéria que nós; nós, portanto, que vemos necessariamente se entrecruzarem os processos de separação e de união, numa contradição perpétua.*
> *Essa associação indissolúvel não é ela posta no mundo com a criança, desde o primeiro dia de sua vida?*
>
> [Lou Andreas-Salomé[1]]

Não posso deixar de tomar como ponto de partida para a escrita desta resenha o sentimento de hesitação com o qual me deparei após a leitura e, principalmente, a releitura dos textos reunidos de Lou Andreas-Salomé. Como transmitir ao leitor algo dessas obras, de um modo suficientemente ordenado e capaz de indicar o que me pareceu fundamental em cada uma delas, diante de uma escrita tão fluida e fértil, ao mesmo tempo que conceitual e precisa? Só depois pude nomear uma das razões à qual atribuí tal sensação de embaraço, ao visitar a vasta correspondência entre Sigmund Freud e essa mulher, escritora de tantos ensaios, estudos críticos e ficções, poetisa e psicanalista. O criador da psicanálise, que não escondia sua admiração pelo talento de Lou, com quem mantinha uma relação não apenas intelectual, mas também de afeto e confiança, sinalizou uma característica fundamental do pensamento da autora nessas cartas, em mais de uma ocasião. Destaco uma delas, de julho de 1917, na qual Lou envia a Freud, como de costume, seus próprios comentários sobre um dos trabalhos do autor, junto ao pedido de que ele os devolva, talvez com a afirmação de que estão corretos ou com interrogações onde julgar necessário. Então recebe dele a seguinte resposta:

> Sou forçado a desapontá-la. Não vou dizer 'sim' ou 'não', nem colocar pontos de interrogação, mas fazer o que sempre fiz com seus comentários: deleitar-me com eles e deixar que exerçam seu efeito sobre mim. *Eles tornam evidente como a senhora se antecipa e me complementa a cada vez, como luta profeticamente para unir meus fragmentos num todo estrutural.*[2]

Para Freud, Lou apresentava a capacidade de sintetizar aquilo que ele se esforçava por separar em elementos, habilidade que não deixou de exaltar com o passar do tempo, como também atestam as palavras do autor em outra carta dirigida a ela, em março de 1922: "Sempre que eu dissequei as coisas de uma maneira um tanto crua, você foi capaz de indicar a origem comum dos vários elementos, e, logo, de sintetizá-los novamente."[3] Desse modo, a apreciação freudiana a respeito do modo de exposição de Lou ajudou-me a reconhecer porque, ao ler pela segunda vez os ensaios cuidadosamente traduzidos por Renata Dias Mundt para a série *Pequena biblioteca invulgar*, julguei ainda mais difícil escolher os pontos que traria para a apresentação de seus textos. Trata-se do desafio de realçar determinados aspectos em uma escrita que se esforça por costurar os múltiplos elementos em uma totalidade, como em um quadro em que a sobreposição de cores impossibilita sua separação na medida em que se criam novos tons a partir dessa mistura.

Tal apreço pela síntese talvez possa ser remetido a traços da biografia de Lou, dada a

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 104 01/06/2023 08:34:39

complexidade de suas experiências de vida, atravessadas por variadas influências culturais e intelectuais, e por diversas relações eróticas intensas, considerando o erotismo em um dos sentidos que a própria autora confere a ele, como uma força vital que se amplia cada vez mais, conforme vemos em um de seus artigos presentes no livro em questão. Antes de mergulhar nas obras de sua autoria, o leitor conta ainda com a tradução do excelente artigo de Cornelia Pechota, intitulado "Lou Andreas-Salomé: pioneira da Modernidade", publicado originalmente em 2020, que mostra os aspectos mais relevantes de sua história. Nele podemos acompanhar a construção de sua subjetividade e a influência mútua entre Lou e personalidades com quem conviveu, cenário que reverbera na publicação de seus mais de 130 ensaios e críticas, incluindo obras literárias e um escrito autobiográfico póstumo, nomeado *Retrospectiva de vida*.

Para recuperar alguns dados indispensáveis, Louise Salomé nasceu em São Petersburgo, na Rússia, no ano de 1861, e morreu em 1937, em Göttingen, na Alemanha. Era a única filha mulher da mãe "alemã-dinamarquesa" e do pai de "ascendência francesa" (pp. 15-16); passou a infância na Rússia, com seus três irmãos. Iniciou seus estudos com Hendrik Gillot, mentor de quem se desligou após um pedido de casamento não aceito por ela. Continuou sua formação intelectual na Universidade de Zurique, para onde partiu em 1880, mas de onde precisou se retirar por motivos de saúde pouco tempo depois. Nos anos que se seguem, imersa no ambiente intelectual europeu, conheceu intimamente alguns nomes que são frequentemente associados a ela, dentre os quais se destacam Friedrich Nietzsche, Rainer Maria Rilke e Sigmund Freud. Entre cortejos não correspondidos de alguns desses homens e outros com quem compartilhou períodos de sua vida; um "casamento platônico" com Friedrich Carl Andreas, que durou até a morte deste; e relações sensuais com outras figuras, acabou ser alçada à uma posição de "musa, amiga ou amante"[4], e por desenvolver um pensamento próprio cujo reconhecimento foi dificultado pela sombra de tais homens. A meu ver, um dos maiores méritos do texto de Pechota consiste, justamente, em conceder o devido peso a Lou enquanto pensadora com um estilo próprio, como pioneira da Modernidade.

Ter isso em vista prepara o leitor para a apreciação dos quatro textos subsequentes da autora, reunidos no livro: *O erotismo* (1910), *Sobre o tipo feminino* (1914), *Anal e sexual* (1916) e *Psicossexualidade* (1917). Os três últimos escritos se localizam no período posterior ao primeiro encontro de Lou com Freud, que aconteceu quando ela tinha cinquenta anos, por intermédio de Poul Bjerre, neurologista que conheceu na Suécia e a acompanhou até o Congresso da Sociedade Internacional de Psicanálise ocorrido em Weimar, em 1911. Sua entrada no campo psicanalítico se concretizou logo depois, quando ela pede, em correspondência a Freud, que seja recebida em Viena, nas noites de Quarta-feira, obtendo uma resposta afirmativa. Seus estudos em contato direto com o criador da psicanálise nesta cidade perduram de outubro de 1912 a abril de 1913, mas seu encantamento pelo método se estende até seus últimos dias de vida. Em suas cartas, não é raro que sejam encontradas menções ao grande prazer que Lou sentia em sua atuação como psicanalista, como em agosto de 1923, quando Freud a repreende pelo excesso de trabalho, já que estava analisando dez horas por dia, e ela responde, tranquilizando-o: "Afinal, sou uma dessas pessoas raramente afortunadas que podem regozijar-se todos os dias por trabalhar exatamente naquilo que querem – e que mais se pode desejar?".[5] Em 1931, em um texto dedicado a Freud, o qual ele pôde ler e elogiar abertamente em carta como "uma prova involuntária de sua

1 L. Andreas-Salomé, *Carta aberta a Freud*, São Paulo, Landy, 2001, p. 53.
2 J. Salomão (org.), *Freud – Lou Andreas-Salomé: Correspondência completa*. Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 86 (grifos meus).
3 J. Salomão (org.), *op. cit.*, p. 152.
4 C. Pechota, *op. cit.*, p. 47.
5 J. Salomão, *op. cit.*, p. 167.

Munique Gaio Filla é psicóloga, psicanalista e doutora em Filosofia da Psicanálise pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos. Membra do Grupo de Trabalho de Filosofia e Psicanálise da ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia).

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 105 01/06/2023 08:34:39

superioridade sobre todos nós"[6], Lou escreve: "esta realidade viva, consumada pelo senhor de uma vez por todas, tem permitido que [...] nós nos consagremos ao *mais belo dos ofícios*."[7] Como afirma Pechota: "A psicanálise, em direção à qual o seu pensamento e os seus escritos já avançavam há tempos, representaria para Lou uma reviravolta em sua vida" (p. 47). Observar a presença da psicanálise mesmo antes do encontro com Freud serviu-me como orientador para a leitura de diversas passagens do artigo *O erotismo*, de 1910, algumas das quais serão expostas aqui. Em primeiro lugar, as considerações de Lou sobre o "violento valor vital" do erotismo, cuja base ela considera ser a sexualidade:

> Assim, já o encontramos associado aos processos de nossa corporeidade que decorrem de forma quase puramente vegetativa, unindo-se intimamente a eles, e mesmo que ele não seja, como essas funções, pressuposto absoluto para a existência, exerce, no entanto, ainda a mais forte influência sobre elas. Assim, fica-lhe garantido, indestrutivelmente, mesmo em seus estágios e espécies mais elevados, até mesmo no auge dos mais complicados encantos amorosos, ainda algo dessa profunda e simples origem: algo dessa alegria benéfica que o corpóreo sente, no sentido específico de sua satisfação, como uma experiência sempre nova, jovem, como vida em seu sentido original. (pp. 69-70)

Tal imagem do erótico que povoa cada região do corpo enquanto este exerce suas funções ligadas à necessidade remeteu-me, quase instantaneamente, à noção de *apoio* freudiana, tão presente nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, desde sua primeira edição, em 1905. A sexualidade se apoia na realização das atividades que servem à sobrevivência e se manifesta como prazer à margem desses processos, adquirindo, posteriormente, a independência de buscar seus próprios caminhos para a satisfação[8], como uma fagulha que se torna poderosa a ponto de causar um grande incêndio.

Outro trecho desse artigo que chamou-me a atenção pelo teor psicanalítico se encontra na discussão proposta por Lou acerca da forma "idealizada, velada" por meio da qual os amantes se veem mediados pelo "delírio" (p. 81), responsável por sustentar o estado de embriaguez resultante do êxtase amoroso. Os enamorados se satisfazem com tal estado, experimentado em si mesmos, o que os torna incapazes de julgar objetivamente o objeto amado: "Caso eles, em vez disso, percebam a suspeita exaltação do outro de forma objetiva em excesso, logo dá-se então a conhecida queda abrupta das nuvens da adoração" (p. 78). No final das contas, o amante se deleita com a sensação de estar extasiado, mais do que com a pessoa do amante em si, e esse "egoísmo erótico" se mantém enquanto permaneça ativa, "como uma sombra dourada, a mais inacreditável construção fantasmática como mediadora entre ela e ele" (p. 79). A idealização do objeto sexual e a mediação da fantasia na satisfação da pulsão sexual nunca deixam de ocupar o rol de questões fundamentais para o problema do amor, a partir do ponto de vista da psicanálise.

Entre tantos pontos que saltaram aos meus olhos ainda em *O erotismo*, o último que realço consiste na relação entre o erotismo e a arte, explorada de modo perspicaz por Lou, entre os quais se estabelece um "parentesco de sangue" (p. 83). Ela consegue mostrar ao leitor o quanto os prazeres erótico e estético são capazes de se transformar um em outro, sem deixar de indicar suas especificidades. Passeamos por suas reflexões, entre expressões e termos que se intercambiam, como "fantasia artística" e "poesia do amor" (p. 85), ou ainda o "criador" e o "enamorado" (p. 87), os quais, com suas atividades idealizadoras e criativas, produzem suas obras – a obra artística e a obra do nascimento de um filho. Mais uma vez, questões psicanalíticas de base se mostram presentes, no caso: a relação entre a sexualidade, a fantasia e a criação artística.

A respeito dos ensaios escritos no período já propriamente psicanalítico de sua vida, escolho explorar brevemente três questões, mais uma vez procedendo a partir de uma separação artificial do tecido de cada texto, cujos fios foram fortemente

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 106 01/06/2023 08:34:39

atados por Lou. A primeira delas consiste na apresentação do feminino realizada pela autora em *Sobre o tipo feminino*. No já citado *Três ensaios…* de Freud, ele considera que a sexualidade infantil, após a puberdade, tende a adquirir novas características, a saber, a de deixar o autoerotismo para seguir em direção ao encontro do objeto sexual e ter suas zonas erógenas reunidas sob o primado da zona genital, considerando a meta sexual reprodutiva. Já a edição de 1905 daquele trabalho trata das diferenças desse percurso no homem e na mulher. Enquanto o menino experimenta um grande avanço da libido nessa transformação, a menina experimentará uma nova onda de recalque, que terá como alvo a sexualidade clitoridiana.[9] Levando em conta que a zona erógena principal na criança do sexo feminino é o clitóris, será preciso que este ceda sua excitabilidade à vagina, o que Freud sustenta até seus escritos mais tardios, como em *Sobre a sexualidade feminina* (1931).[10] Há "uma espécie de involução" no processo de tornar-se mulher[11], segundo o criador da psicanálise. Lou, ao interpretar essa tese freudiana, vê nesta involução, na verdade, uma oportunidade de expansão, "uma reconstituição do que existia antes em um nível mais elevado – como uma forma de evoluir a si, como uma forma de crescimento com a vida" (p. 145). Justifica sua posição desta maneira:

> Pois justamente dentro da própria pulsão sexual, justamente como consequência de sua "emasculação" na mulher, ela também volta a se diferenciar, de outra forma, da agressividade da pulsão do eu, ganhando assim uma peculiaridade do desenvolvimento. O "feminino" […] consegue realizar, justamente devido à sua reversão do sexual para si, o paradoxo de separar a sexualidade e a pulsão do eu ao uni-los. Portanto, ele é ambivalente onde o masculino permanece claramente agressivo; mas, em compensação, mais consistente onde a agressividade desenfreada deste último se divide em direções opostas como mais sexual ou mais relacionada ao eu.[12]

Dessa maneira, ao lançar-se novamente a si mesmo, o feminino preserva ambivalências e suporta contradições que são inacessíveis e intoleráveis ao masculino. Como comenta Nina Leite, em seu belo posfácio ao livro de Lou, esta aborda o tema da diferença sexual a partir de Freud, cujas teorias nesse campo são alvos de uma série de críticas, mas é preciso levar em conta que se trata da "escrita de uma mulher", com sua interpretação singular, também resultante dessa condição (p. 270). Na conversa que Nina Leite propõe, de Lou com outra grande pensadora, Hélène Cixous, realça que são "duas mulheres que ousaram dar voz ao que não cabe na lógica masculina" (p. 282).

O segundo assunto que merece destaque são as considerações de Lou sobre o papel do recalcamento da sexualidade anal na constituição do eu. Em *Anal e sexual*, artigo citado por Freud mais de uma vez em sua obra[13], a autora mostra a importância da renúncia à pulsão anal, imposta pelo mundo exterior à criança como a primeira proibição, o primeiro "eca!" que ela tem de introjetar e, portanto, o ponto de partida para a aprendizagem do nojo. Mais do que isso, revela como isso acontece "num período em que mal sabemos de nós; em que, de certa forma, ainda não existimos para nós" (p. 165), momento em que não há uma delimitação entre o interior e o exterior, entre as moções pulsionais e o seu entorno. Nesse sentido, ressalta que o ato contra si mesma que a criança precisa realizar, de dominar seu próprio impulso à satisfação por meio da zona erógena anal, tem consequências fundamentais, pois "o pequeno germe do eu se manifesta logo de início sob a pressão do 'ascetismo' que o eleva; de que é este ascetismo que diferencia, inconfundivelmente, seu crescimento incipiente dos estímulos pulsionais como tais que o envolvem" (p. 165). Trata-se de uma atividade muito primitiva de controle da pulsão por parte do eu, que se verá diante de tais

6 J. Salomão, *op. cit.*, p. 254.
7 L. Andreas-Salomé, *Carta aberta…*, p. 10 (grifos meus).
8 Cf. S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, 2016, p. 85.
9 Cf. S. Freud, *Três ensaios…* 2016, p. 141.
10 Cf. S. Freud, *Sobre a sexualidade feminina*, 2010, p. 372.
11 S. Freud, *Três ensaios…*, 2016, p. 121.
12 L. Andreas-Salomé, *op. cit.*, p. 146.
13 Por exemplo, na conferência "A vida sexual humana", de 1917. Cf. S. Freud, *Conferências introdutórias à psicanálise*, 2014, p. 418.

conflitos, entre as exigências internas e as imposições externas, enquanto houver vida. Essa proibição do erótico anal, para Lou, teria a ver ainda com a questão de que nosso próprio corpo seja experimentado como exterior a nós, um diferente em nós, que "nunca será totalmente idêntico à pessoa como um todo, mas parecerá sempre algo que *está nela*" (p. 186). Trata-se "do corporal que aprendemos a rejeitar como o morto, como o não-nós, como o excremento" (p. 186).

Tal discussão me leva à terceira e última contribuição de Lou que chamou minha atenção nesses textos, mais especificamente em *Psicossexualidade*. A autora parece cultivar um enorme interesse pela questão da unidade, que atravessa todos esses ensaios, desde a menção à "todunidade (*All-Eine*) que nós, no fundo, somos" (p. 97), ainda no texto de 1910, até o escrito mencionado acima, de 1917, onde encontramos expressões como "o milagre da existência em sua totalidade" (p. 260). E também afirmações como esta: "Na vivência primeva – na primeira unificação do mundo interior e exterior, que resulta na própria vida pessoal" (p. 233). Na minha leitura, esse interesse estaria por trás da importância que ela conferiu ao conceito freudiano de narcisismo. De volta a *Anal e sexual*, ao trazer a noção de narcisismo, Lou salienta os trechos do texto de Freud nos quais ele destaca que, no estado narcísico original, não é possível distinguir a libido, enquanto energia da pulsão sexual, de uma energia das pulsões do eu. Isso se tornaria possível apenas a partir do investimento de objeto. Nas palavras de Lou, o narcisismo "faz referência à obscura plenitude da reunião ainda não separada das pulsões sexuais e tendências egoicas, em vez de seu claro aguçamento em uma ação da consciência do eu" (p. 205). Além disso, ela reitera como a libido narcísica persiste mesmo diante dos investimentos de objeto e avança em sua interpretação de Freud ao conceber que investir em objetos consiste em uma tentativa de atingir a unidade daquele estado primário: "sendo assim, o investimento do objeto é um meio para a *re*-unificação, como o estágio primevo correspondia a uma *ainda*-unidade; dentro dela estaria dada [...] um arrastar para dentro de si, um incorporar, 'introjetar' o mundo" (p. 206). Parece que, para Lou, tal unidade que o narcisismo traz à tona é essencial e determinante[14], como vemos em uma nota de rodapé, desta vez em *Psicossexualidade*, na qual a autora discorre sobre este amor-próprio original, sobre a "fronteira das primeiras experiências após as quais nunca mais somos capazes de voltar a nos expandir amando, em uma totalidade que abraça o mundo, a não ser nos estados de exceção do êxtase sexual ou da criação intelectual" (nota 14 in p. 224).

Assim retornamos ao ponto de partida, já que nos deparamos mais uma vez com a relação entre Lou Andreas-Salomé e a síntese, a totalidade e a unidade, temas que atravessam seus estudos, que marcam sua forma de ser e de escrever e que tornam uma tarefa impossível abarcar tantas nuances de suas obras. Que seu pensamento e sua importância histórica como mulher, como escritora e como psicanalista possam ganhar ainda mais vida a partir da circulação desses ensaios.

Referências Bibliográficas

Andreas-Salomé L. (1931/2001). *Carta aberta a Freud*. 2ª ed. São Paulo: Landy.

Denis P. (2012). *Le narcissisme*. Paris: Presses Universitaires de France.

Freud S. (1905/2016). "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", In: *Obras completas de Sigmund Freud, volume 6*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud S. (1917/2014). "Conferência 20: A vida sexual humana", in: *Obras completas de Sigmund Freud, volume 13*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud S. (1931/2010). "Sobre a sexualidade feminina", in: *Obras completas de Sigmund Freud, volume 18*. São Paulo: Companhia das Letras.

Salomão J. (org.) (1975). *Freud/ Lou Andreas-Salomé: Correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago.

14 Vale notar que Lou é inserida entre aqueles autores pós-freudianos que contribuíram para a evolução do conceito de narcisismo no livro de Paul Denis sobre o tema, ao lado de nomes como Balint, Green e Lacan. O autor chama a atenção, justamente, para a importância concedida por Lou a esse aspecto do narcisismo como reunificação com o todo do qual não era possível se separar no início da vida. Cf. P. Denis, *Le narcissisme*, Paris, PUF, 2012, pp. 80-82.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 108 01/06/2023 08:34:39

Começar do princípio, para o bebê, e voltar ao princípio, para seus pais, interrompendo o mortífero do transgeracional

Eloisa Tavares de Lacerda

Resenha de Maria Cecília Pereira da Silva (Org), *Fronteiras da parentalidade e recursos auxiliares: pensando a clínica da primeira infância*. São Paulo: Ed. Blucher, 2022, 358 p. volumes 1 e 2.

> *"Devo reconhecer que em minha escuta coloco uma "orelha" do lado da metapsicologia individual dessa criança (perspectiva intrapsíquica), e a outra "orelha" no desejo dos pais e sua influência na formação (ou consolidação) do sintoma da criança (perspectiva intersubjetiva). Por isso dou muita importância às entrevistas prévias ao tratamento".*
>
> [Victor Guerra (p. 191)]

Fazer a resenha de um livro sobre uma temática que me é tão cara, já me diz de um enorme prazer que veio se configurando e se confirmando ao longo do andamento de minha leitura dos dois volumes. A responsabilidade revela-se também enorme, dado o rol de autores – experientes que são em seus fazeres clínicos respaldados por aportes teóricos importantes para a área – e o alcance de suas reflexões teórico-clínicas profundas e sensíveis, colocando-nos diante da possibilidade de reconhecer nesses textos que compõem o livro um *curso escrito* de altíssima qualidade!

Ao longo dos dois volumes, chamam a atenção os 9 artigos da psicanalista Régine Prat, autora que reflete sobre a parentalidade e sua *missão impossível*, sobre os primeiros debates sobre o trabalho com bebês, a observação clínica, as primeiras abordagens sobre a vida psíquica, o lugar do traumático e a página em branco que impede a inscrição do trauma. Em ambos os volumes, todos os outros artigos reiteram a possibilidade de pensar que estamos de fato seguindo um curso ministrado por autores de renome nessa clínica dos primórdios. Para falar aqui da *página em branco* – e do porquê com essa metáfora Régine Prat nos conta que a inscrição do trauma fica impedida, – vou usar suas próprias palavras para iniciar a elucidação da metáfora: a começar pelo título do capítulo "O branco do traumático: a estratégia defensiva da terra queimada", que aborda esse tema.

"…Esses pacientes viveram, no início de suas vidas, experiências de não sintonia, de não encontro emocional, e não puderam ser objeto de uma atenção suficiente do meio ambiente: a capacidade deles de se representar e de dar sentido ao mundo psíquico interno, tanto ao seu próprio quando ao dos outros, foi entravada". (p.220) "…A lembrança dos acontecimentos não é apagada e não é objeto de um recalcamento; ela pode até, ao contrário, ser de uma grande nitidez. Mas serão lembranças desencarnadas, vividas como exteriores a si mesmas… aspectos traumáticos expulsos da experiência infantil do paciente… (224)"

Nessas fronteiras para pensar a clínica da primeira infância, o livro organizado por Maria Cecília Pereira da Silva convoca os profissionais que estão se iniciando na área –e, talvez mais ainda os profissionais que já estão mergulhados nela– a ser ora interrogados pelas problematizações levantadas pela leitura, ora identificados com o que se pontua nesse percurso.

Não é por acaso que a palavra *recursos* aparece no título do livro e nos títulos de todas as 7

Eloisa Tavares de Lacerda é psicanalista, membro do Depto. de Psicossomática Psicanalítica e do Depto. de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Participa do Grupo de Psicossomática da SBPSP e do Grupo de Trabalho/Estudos com a psicanalista Diana Tabacof do IPSO de Paris. Bebê. Coordenadora do Grupo de Estudos: Clínica Psicossomática dos Primórdios do Depto de Psicossomática Psicanalítica do Instituto Sedes Sapientiae de SP. Fonoaudióloga, profa. aposentada da PUC-SP.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 109 01/06/2023 08:34:39

partes que compõem eses dois volumes imprescindíveis para nossa clínica. *Recursos* que, além do ato de recorrer, descrevem também meios de vencer dificuldades, possibilitando pela via transfero-contratransferencial do processo analítico a retomada do desenvolvimento psíquico do analisando; o bebê, a criança ou mesmo o bebê do adulto. Assim como a palavra *parentalidade*, cuja construção (como trazem as autoras Ana Maria Rosenzvaig e Eliane Muszkat) tem origem na dinâmica estabelecida pelo termo maternalidade, que, por sua vez, leva também à paternalidade.

Vale salientar aqui que sair dos lugares de filha e de mulher – de filho e de homem – para ocupar um novo lugar na vida, seja o de mãe e o de pai, não é uma tarefa nada fácil mesmo que nada de perturbador (como antecipação do parto, doença genética, trauma perinatal etc.) venha a acontecer por ocasião do nascimento. Esse bebê, geralmente tão esperado e tão temido; esse *estranho*, a partir de sua chegada vai se fazendo tão *familiar* sem maiores complicações.

A travessia dessa barreira, dessa passagem aparentemente natural para esse novo lugar, depende de um grande trabalho psíquico e gera um enorme gasto de energia. Além disso, eles têm que se deparar com a trabalhosa tarefa de reencontrar a mulher que a mãe não deixou de ser, o homem que esse pai não deixou de ser, o casal que eles foram antes de ter seu filho… Muitas vezes o homem encontra aí uma função a mais: a de exercer a função do homem – tornado agora pai – e procura não somente recuperar sua mulher como também proteger o bebê para que este não corra o perigo de ser *engolido* pela mãe. Muitas depressões paternas pós-parto comparecem quando esse homem que *momentaneamente* perdeu sua mulher, ainda não encontrou seu filho. Embora de forma e com características diferentes da depressão materna pós-parto, a depressão paterna também gera muito sofrimento para o pai, para a mãe e para o bebê. Podemos ver entre os autores desse livro o acolhimento e escuta dados ao pai. Importante as abordagens aqui expostas porque, infelizmente, ainda nos deparamos na atualidade com situações em que os pais são pouco contemplados com uma escuta que dê a eles algum contorno, como já vem acontecendo com as mães.

Os recursos teórico-clínicos que cada vez mais se mostram tão importantes e necessários vêm fazendo uma enorme diferença nesse percurso de *Tornar-se mãe de seu próprio filho*, como nos alerta a psicanalista Regina Orth de Aragão (2011)[1]. O alerta diz respeito ao fato de que, como observa a autora, o nascimento de um filho não necessariamente faz da mulher a mãe, e eu acrescento parafraseando-a que, para o pai o nascimento de um filho não faz dele necessariamente o pai daquele bebê. Regina Aragão nos diz da importante questão presente na clínica daqueles que se ocupam das temáticas desse livro tão fundamental àqueles que se debruçam sobre as *Fronteiras da parentalidade e recursos auxiliares*, a autora a coloca da seguinte forma: "como se transmitem, entre mãe e bebê, os conteúdos inconscientes que farão marca no psiquismo nascente do *infans*?" (p.11)

Cabe ao analista dispor-se à escuta de falas da criança e de seus pais de modo a reduzir os efeitos traumáticos e oferecer uma intervenção precoce, *a tempo*, isto é, preciosos recursos interpretativos nessas relações tão iniciais. Percebi, ao longo da leitura dos capítulos, como vão sendo falados, descritos e abordados esse complexo grupo de competências/recursos auxiliares preciosos e necessários à mãe, ao pai, ao bebê e aos profissionais que se ocupam deles, como a possibilidade de escutar tanto as queixas vindas dos pais como as vindas do bebê em sua sensorialidade inicial que ainda não se fez verbal. Essas queixas nos trazem seus sofrimentos mais arcaicos, marcando esse importante e intenso encontro nas cenas clínicas carregadas ou não de recursos deles, mas que geralmente precisam ser nomeados e/ou construídos e movimentados tanto na direção dos pais quanto na direção do bebê e da criança pequena. Recursos esses que possibilitam a constituição da parentalidade (maternidade e paternidade) e do psiquismo nascente do

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 110 01/06/2023 08:34:39

bebê. Resumindo, o recurso primeiro que é o de suportar a intensidade desses tempos primeiros e inaugurais.

Como nos apresentam, entre outros, o artigo da organizadora e da psicanalista Mariângela Mendes de Almeida, que mostra uma já conhecida clínica psicanalítica desenvolvida na SBPSP (Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo), a Clínica de 0 a 3 – Intervenções nas Relações iniciais pais-bebê do Centro de Atendimento Psicanalítico, desde 2005. O registro inaugural pode ser encontrado no texto "O monstro do beleléu" (p. 271), que descreve cenas filmadas de intervenções realizadas nas relações iniciais entre pais-bebê dos 0 aos 3 anos deste de uma família específica. É relatada uma experiência de vários encontros com o pai, a mãe, o filho já com 4 anos e as incidências transgeracionais – situações traumáticas das vidas dos avós paternos e maternos. Ao longo de todo o texto comparecem as transferências com seus deslocamentos, da relação de objeto dos tempos primeiros na vida para um novo objeto – no caso aqui pontuado, temos duas psicanalistas presentes em todas as cenas clínicas, que, recebendo as transferências ao longo do processo, possibilitam movimentos de mudanças importantes para a criança assim como para seus pais.

Vários artigos desse livro tão fundamental vão nos contando sobre a importância desses serviços existentes em vários lugares do Brasil, bem como em vários lugares do mundo. Sob diversos ângulos, diversos autores e diversos aspectos da Parentalidade e de seus Recursos Auxiliares que os autores nos mostram ao longo do livro, sabemos da importância de um fazer clínico que acompanhe, muitas vezes em tempo real, o desenvolvimento físico-psíquico-linguageiro dos bebês e crianças tão pequenas que nos chegam conjuntamente com seus pais, que também nos solicitam um contorno robusto para que eles possam suportar a intensidade dessa passagem à parentalidade. E é nessa dinâmica transferencial-contratransferencial que tanto os pais quanto o filho deles podem recriar ou ressignificar seus passados – o *re-curso* como caminho de volta –, movimentando o tempo do agora, graças aos manejos desses e dessas experientes analistas e dos profissionais que compõem as dinâmicas de uma clínica multidisciplinar. Importante e muito atual é a temática dos recursos tecnológicos, que, como podemos ler na Parte V, abre a questão com o artigo "andaimes construtivos ou substitutos imediatos dos cuidados parentais?" (p. 257)

Com temáticas tão importantes, *Fronteiras da Parentalidade e Recursos Auxiliares* se endereça a todos aqueles que se ocupam do bebê e seus pais, buscando transformar em narratividade os acontecimentos traumáticos que não podem ou não puderam se transformar em vivências, muitas vezes até paralisando a vida do bebê e dos adultos à sua volta…

Existe um comparecimento ético em todas as suas dimensões ao longo de todos os artigos, sempre fundamentados na teoria psicanalítica. Importante ressaltar que vários profissionais de áreas afins se inspiram nas ricas trocas com os psicanalistas das várias instituições representadas nesse livro, assim como os psicanalistas se inspiram nessas trocas interdisciplinares com os profissionais de áreas afins que também se ocupam dos bebês/crianças pequenas e seus pais; trocas essas que não implicam necessariamente a sobreposição de fazeres. Implicam, sim, consistentes diálogos transdisciplinares entre todos os autores em seus grupos de trabalho institucionais que vão nos fazendo reconhecer ao longo das leituras a dimensão do traumático, tanto nos bebês/crianças pequenas quanto nos adultos.

Nas trilhas dessa leitura, somos instados também a reconhecer a construção do laço primeiro do bebê com seu primeiro objeto e a construção do laço dos pais com os clínicos que ocupam as cenas ao longo dos atendimentos.

Cabe-me finalizar explicitando minha disposição ética de propor uma resenha de uma obra que trata de temas interdisciplinares mais

1 Aragão, Regina Orth. *Tornar-se mãe de seu próprio filho*. Curitiba: Honoris Causa, 2011.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 111 01/06/2023 08:34:40

abrangentes do que aqueles a que leitores assíduos desta revista podem estar acostumados. No cômputo geral, pode-se dizer que a diversidade pode trazer novos saberes e sabores às leituras, e pode despertar maior ou menor interesse pelas diversas abordagens, sem deixar de mais uma vez destacar a consistência teórica dos autores.

Para quem, como eu, se interessa muito pela *causa dos bebês*, valeu a rara oportunidade da leitura completa do livro, de tê-lo lido com o cuidado e com a atenção redobrados para preparar este texto. E mesmo para aqueles que têm muito claramente o critério – ou o tempo – de se dedicar mais a textos que conversem mais diretamente com suas linhas de pesquisa, ainda digo que vale a pena a leitura rica e complementar de todos os capítulos. Até porque a clínica contemporânea nos faz chegar cada vez mais perto do "bebê no adulto".[2]

Finalizo esta leitura com uma brincadeira de criança: a dança das cadeiras, re-formulada em uma dança de palavras:

clínica dos primórdios, libidinização, intrapsíquico, intersubjetivo, transgeracional, irrepresentável, narratividade, simbolização, contorno, ritmo, continuidade, descontinuidade, manhês, diálogo tônico-gestual, pele, tato, teatro das mãos, encantamento, sensorialidade, aberturas-fechamentos, função materna, censura da amante, depressão materna pós-parto, depressão paterna pós-parto, clínica transcultural, prevenção e NUNCA predição!

2 Roussillon, René. Prefácio. In: Rache, Eliana. *Travessia do corporal para o simbólico corporal*. São Paulo: CLA Editora, 2014, p. 9- 27.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 112 01/06/2023 08:34:40

Do indizível

Denise Maria Cardoso Cardellini

Resenha de Milena Davi Narchi, *Pai, você vai chorar se eu morrer?*, São Paulo, Garamond 13, 2022,111p.

Esse livro traz experiências clínicas em um hospital público em São Paulo que atende crianças, adolescentes e adultos que necessitam de cuidados cardíacos complexos. A relevância do trabalho consiste na assistência hospitalar contar com os conhecimentos e intervenções de várias disciplinas (psicologia, *medicina*, *enfermagem*, *fisioterapia*, *fonoaudiologia etc*.) na compreensão da doença cardíaca, em que o indivíduo está implicado como um todo, tendo seus aspectos físicos, psíquicos e suas relações familiares e sociais consideradas. No contexto hospitalar as diversas intercorrências clínicas requerem à atenção com as vicissitudes psíquicas dos pacientes.

Milena Narchi como psicóloga da equipe clínica narra de forma sensível a sustentação, nos encontros, dos vínculos principalmente com os bebês, as crianças e seus familiares, pois um corpo em situação de ameaça de vida, está enlaçado a um sofrimento psíquico e a angústia invade familiares e profissionais. Percebe-se que a proximidade da morte leva a muitos momentos aflitivos pré-operatórios bem como às ocorrências pós-cirúrgicas que podem chegar a desfechos positivos ou à própria morte.

Por isso, esse trabalho com temática de possibilidade mortífera, tem como referência os estudos e práticas dos Cuidados Paliativos, abordagem que promove a qualidade de vida prevenindo e aliviando o sofrimento de indivíduos e de seus familiares diante de doenças que ameaçam a continuidade da vida. Modelo de assistência que leva em conta as várias dimensões: a integração dos aspectos físicos, psicossociais e espirituais. Desde o alívio da dor, conforto do paciente e trabalho de luto dos familiares[3].

No processo entre a vida e morte, a terapeuta privilegia a subjetividade, escutando as histórias singulares e impactantes dos pacientes e acolhendo o mais profundo do sofrimento humano como os medos de perdas e morte. Ela acompanha essa travessia dolorosa do outro, ressignificando suas vivências e reanimando-os para o enfrentamento das situações que se apresentam.

As narrativas são pungentes, crianças expressando sua dor através da fala, sonhos e desenhos e seus familiares trazendo vivências anteriores com perdas e separações para o momento atual, mostrando que às vezes, as palavras são insuficientes, e há a necessidade da presença sensível do profissional para conter a desorganização emocional deles.

A autora também na sua escrita recorre ao auxilio *da poesia* para entremear com a concretude dos relatos da doença vivida nos corpos, particularmente *no coração*, órgão vital que ameaça a continuidade da existência e que gera repercussões psíquicas. *A arte poética* vem romper a aridez da realidade. Assim, desde os bebês até os adultos, esse processo de adoecimento é marcado por traumas devido às possibilidades de perdas e pelo trabalho de luto, afetando a todos os envolvidos.

Mario Quintana e outros poetas são chamados para compor com os relatos clínicos.

1 R. Tavares de Carvalho e H. Afonseca Parsons (orgs.), *Manual de Cuidados Paliativos ANCP,* 2. ed. ampliado e atualizada, Academia Nacional de Cuidados Paliativos, 2012.

Denise Maria Cardoso Cardellini é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Participa do Grupo de Trabalho e Pesquisa Psicanálise e Contemporaneidade do Departamento de Psicanálise.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 113 01/06/2023 08:34:40

TROVA

Coração que bate-bate
Antes deixes de bater!
Só num relógio é que as horas
Vão batendo sem sofrer.
[Mario Quintana]

O desejo de compartilhar seu trabalho institucional com os colegas vai além da referência citada acima, alcança uma Clínica Hospitalar humanizada, que leva em conta o mais singular e profundo dos pacientes e familiares, escutando suas histórias, sonhos e a produção não verbal. Para isso, utiliza as ferramentas psicanalíticas da escuta e dos movimentos transferenciais e contra-transferenciais, fazendo reflexões acerca do trauma e da morte com a conexão dos sonhos que aparecem na cena. Desse modo, abre possibilidades e amplia as elaborações narrativas das experiências traumáticas que afetam o físico e o psíquico dos acometidos. É um trabalho de escuta polifônica acompanhando o desdobrar dos diversos casos clínicos e contribuindo para a construção da equipe interdisciplinar na saúde, na abordagem do cuidado integral, através de múltiplos recursos, respeitando os contextos, as dinâmicas familiares e expectativas de cada um. O desafio do cuidado para a autora era poder refletir: *o que os familiares queriam comunicar à equipe naquele momento? Como foram ouvidos? Qual dor estava sendo mencionada? Qual era o pedido de ajuda?* (p.15).

No caso de uma menina portadora de uma miocardite grave, a escuta de seus sonhos, falas e desenhos entrelaçada aos movimentos transferenciais puderam lançar inquietações. Tinha sonhos sobre morte e fazia perguntas dramáticas sobre não resistir e perecer. Uma vez se dirigiu ao pai indagando: "*Pai, você vai chorar se eu morrer?*". Essa frase tornou-se o título do livro, marcando a intensidade emocional e o sofrimento psíquico que invadiam pacientes e familiares e deixavam efeitos no psiquismo dos profissionais.

Em alguns relatos clínicos, ora o corpo explodia com choros e gritos e a intervenção com a palavra surgia para acalmar e dar sentido a um sofrimento, ora o enigma da morte era tão impactante que o psiquismo do familiar se desorganizava. As mães acompanhantes de seus filhos também traziam sonhos angustiados com intensidades e transbordamentos na medida em que estavam atravessadas pela possibilidade da morte real deles, e buscavam caminhos para se desvencilharem dos tormentos ameaçadores e do possível destino trágico. Percebe-se que a terapeuta numa atmosfera de confiança procurava escutá-los e trazia os medos profundos para o entrelaçamento com as histórias transgeracionais, possibilitando novos sentidos e que pudessem criar potências de vida. São revividas situações de perdas, mortes e angústias de separação anteriores, e, agora, são reeditadas nas situações cirúrgicas.

Destacam-se aqui, os s*onhos traumáticos, que na perspectiva de Ferenczi tem um lugar* produtivo, estando presente em todas as formas de sofrimento, são repetições, como tentativa para elaboração e até podem ser curativos. Na clínica, a figuração onírica, já implica em um trabalho psíquico e com a transferência, abertura para o trabalho do analista[4].

Nesse trabalho clínico hospitalar, a equipe de profissionais é interpelada com situações diversas e por vezes, não tendo tempo suficiente para tecer os fios de uma história. Nos relatos, há situações familiares tão conflitivas em que a doença cardíaca grave de um familiar – ainda mais sendo de uma criança–, provocava situações traumáticas com rupturas que necessitavam de contorno e elaborações. As mães ficavam capturadas nos conflitos transgeracionais, dificultando eventualmente o exercício das funções parentais. São processos psíquicos e defesas primitivas que se manifestavam no enfrentamento do adoecer.

Ocorriam situações dramáticas, onde o adulto se descompensava com o sofrimento do filho, trazendo no seu relato a impotência, a culpa, o desamparo dos companheiros e etc. Alguns procedimentos às vezes são necessários, como a utilização da máquina ECMO[5], para retomar o bom funcionamento do coração.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 114 01/06/2023 08:34:40

Quais os efeitos da ECMO sobre o corpo e no psiquismo?

No caso de uma criança houve muito choro após o procedimento e os familiares desorganizados emocionalmente com o sofrimento foram acolhidos por uma rede receptiva promovida pela equipe clínica.

E vamos nos surpreendendo na leitura dos casos no livro, pois encontramos reações dos pacientes após um período de embate vida versus morte alguns acordam para a potência da vida e dão continuidade ao seu existir. O coração que pode levar à morte, também retoma seu ritmo e segue marcando a nova condição do sujeito: estou vivo.

Uma adolescente cujo enigma da morte apareceu cedo, pois, a expectativa de vida seria até os 2 anos devido ao diagnóstico de hipertensão pulmonar, que é uma doença crônica e não há cura, porém, ela continua sua trajetória com internações e medicações travando confrontos entre vida e morte, enfrentando dores e sonhando com momentos melhores.

Surgem muitas interrogações sobre o sentido da doença, evolução e prognóstico.

E são principalmente nas narrativas de mãe e bebê, nas quais os desejos e afetos são mobilizados com tanta intensidade por mostrarem muita ambivalência, medos de perda e angústia afetando até a capacidade de continuar cuidando, o que requer da equipe um trabalho de restituição do cuidado materno e a necessidade de uma rede de apoio familiar. Durante a pandemia com novas restrições nos contatos, acirraram os estados angustiantes, e a equipe teve que sustentar uma rede acolhedora em que requer um olhar interdisciplinar para as várias dimensões do cuidado.

Os sonhos de crianças e de familiares, eventos preciosos como tentativas de processamento das vivências aterrorizantes, importantes na transformação das *"impressões sensíveis"* - de Ferenczi - em figuras que podiam se desdobrar em narrativas. A mãe podia, enfim, sonhar seu filho de outro lugar, de potência e não no lugar do pesadelo da morte.

Não poderia deixar de mencionar sobre os desenhos em preto e branco que vocês podem encontrar no livro e que aludem a: *um coração, a um olho, a um berço, aos jarros com flores, às mãos que se tocam* e outros, *desenho e poesia* que, ao lado *das narrativas*, buscam a arte para traduzir o indizível dessa clínica.

2 GONDAR, J. Ferenczi e o Sonho. Cadernos de Psicanálise,35(29), p.27-39, 2013. Disponível em: https://bit.ly/34Rftva

3 ECMO "a oxigenação por membrana extra corpórea (ECMO, do inglês extra corporeal membrane oxygenation) tem sido utilizada para dar suporte a pacientes com grave insuficiência respiratória e/ou cardiovascular." PARK,M.et al. Alterações hemodinâmicas, respiratórias e metabólicas agudas após contato do sangue com o circuito extracorpóreo, da ECMO: estudo experimental.Rev.Bras. Ter. Intensiva.2012; 24(2) : 137-142.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 115 01/06/2023 08:34:40

A segunda espada, de Peter Handke

Sérgio Telles

Resenha de Peter Handke, *A Segunda Espada*, São Paulo, Editora Estação Liberdade, 2022, 176 p.

A *Segunda Espada*, primeiro livro de Peter Handke depois de receber o Prêmio Nobel em 2019, tem o título explicado nos versículos de Lucas da epígrafe - um trecho do Evangelho que suscita interpretações divergentes: há legitimidade no uso da força e da violência?

É esse um dos temas do livro. O narrador conta que, um dia, resolve finalmente concretizar uma vingança planejada durante décadas, para resgatar a honra de sua mãe, atingida por uma jornalista que a acusara de nazista.

A ação do livro se dá nas férias de Páscoa que ocorrem em maio na França ("uma história de maio" – é o subtítulo do livro). O narrador mora na periferia de Paris, naquele momento deserta pois muitos viajaram. Os que ali ficaram são os miseráveis, os imigrantes, os bêbados, os solitários, lixeiros, com quem o narrador confraternizava há muito tempo. O que é um tanto surpreendente por ser ele um homem letrado, intelectualmente distante daqueles companheiros. Tudo fica mais claro quando se entende que, na verdade, ele procurava um assassino para executar a mulher que caluniara sua mãe. Desiste da busca ao constatar que aquela era uma incumbência intransferível, somente a ele cabia realizá-la.

Para cumprir sua missão vingadora, desloca-se em caminhadas, trajetos de trem, bonde e ônibus, mais uma vez convivendo com os deserdados, os humildes e desprezados, os que já perderam toda esperança. Tendo transitado por diversas localidades nos arredores de Paris, aproxima-se de Port-Royal-des-Champs.

Sente então uma grande fome,"uma fome selvagem, violenta, a fome fome, sem um objeto palpável, para não dizer comestível, uma fome que se localizava ou que tinha seu lugar de origem, ou seja lá o que fosse, não na barriga nem embaixo dela em meio a entranhas, mas no alto, na pele da testa sob o crânio, a mais devoradora das fomes que não poderia ser acalmada e muito menos saciada, de maneira duradoura, por nada. [...] Dessa vez eu tinha fome de Port-Royal-de-Pascal". (p.125)

O que seria essa "fome de Port-Royal-de-Pascal"?

O revelador trecho parece indicar a forte carga simbólica que Port-Royal-des-Champs tem para Handke, que já ambientara ali a ação de um outro romance – *DON JUAN narrado por ele mesmo*. (Editora Estação Liberdade, São Paulo, 2019)

No século XVII, em Port-Royal-des-Champs se localizava o mosteiro jansenista em que Pascal e Racine estudaram, e onde foram produzidos importantes estudos de gramática e lógica – possível alimento que saciaria a fome do narrador.[6]

Em Port-Royal-des-Champs, o narrador relata importantes ocorrências.

A primeira delas é o reencontro com o grafite numa parede que celebra a derrota dos nazistas em 8 de maio de 1945. Isso mostra como a questão do nazismo é central no livro, desde que o motivo de sua vingança é justamente a falsa acusação de nazista levantada contra a mãe do narrador. Ao contrário do foco habitual nos efeitos destrutivos do nazismo sobre judeus e demais vítimas escolhidas, Handke – tal como Sebald, embora de forma menos incisiva - expõe o estrago que o nazismo provocou na própria Alemanha e nas gerações do pós-guerra alemão. As indagações sobre a atuação dos pais durante o Terceiro

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 116 01/06/2023 08:34:40

Reich, recorrentes também em Sebald, nos levam ao problema das transmissões transgeracionais, ao silêncio em torno de vivências traumáticas e vergonhosas, de danosas consequências psíquicas devido à formação de criptas (Torok e Abraham) (*A Casca e o Núcleo* – Editora Escuta, São Paulo, 1995). As próprias ideias que assombravam o narrador na infância, de que pertenceria a uma família de assassinos e de que ele mesmo estava destinado a ser um homicida, bem poderiam ser um sintoma da transmissão transgeracional de algo não dito do passado da família e da história em geral.

A menção à queda do nazismo e liberação da França no grafite de Port- Royal é muito oportuna por nos lembrar que a liberdade e a democracia que usufruímos hoje foram fruto de muita luta e que deveríamos tentar preservá-la a todo custo, combatendo o surpreendente surto de direita e a fascinação por líderes populistas e autoritários que surge atualmente em vários lugares do mundo.

Em Port-Royal, o narrador recorda a visão crítica de Pascal sobre a justiça, ao descrevê-la como uma pantomima – "se os juristas estivessem sem seus barretes de quatro pontas e sem suas túnicas de quatro partes, eles não conseguiriam enganar o mundo" (p. 133). Os pensamentos de Pascal sobre os homens da lei ecoam na fala do vizinho que o narrador encontra em Port-Royal, um juiz que discorre sobre a prática criminosa da justiça e a impunidade que a acompanha, evidência de que o problema se mantém inalterado desde Pascal até o presente.

Em Port Royal o narrador recorda como atormentava a mãe com seus interrogatórios sobre o comportamento dela durante o nazismo – comportamento compartilhado com Sebald, que fazia o mesmo com seus pais - o que lhe dá uma perspectiva diferente sobre sua vingança. Se ele mesmo torturava a mãe com tais acusações, como poderia se vingar da mulher que fizera o mesmo?

No correr da narrativa, ele relata que além da jornalista que atingira sua mãe ele tinha muitas outras mulheres que se tornaram suas inimigas e perseguidoras. Diz ele: "Antigamente havia uma palavra corrente para referir-se a Satã: 'o impedidor'". Mulheres assim sempre voltavam a se revelar como "impedidoras" (p. 102). As mulheres são, pois, satânicas, "demônias" (p.103) – o que é bem significativo dado o cuidado com que ele, enquanto autor, escolhe o peso e o sentido das palavras a serem usadas em sua escrita. A própria mãe aparece num sonho como um ser grotesco sem um olho: "Era ela, minha mãe, bem como uma estranha assustadora. Ou ao contrário: havia ali uma estranha assustadora que me olhava com um único olho arregalado, como se o outro olho tivesse desaparecido em meio a uma inflamação, e ela era minha mãe". (p.136)

Um leitor atento vê nesses trechos indícios de grandes dificuldades do narrador no trato com figuras femininas, que remetem possivelmente a dificuldades originais com sua mãe. Essa constatação permite uma fácil transposição para aspectos da biografia do autor, pois é sabido que sua mãe cometeu suicídio depois de longos períodos de depressão, tema de "A Sorrow Beyond Dreams" (Farrar, Strauss, Giroux – NY - 2012) um dos livros mais conhecidos de Handke.

Assim, a estrutura ficcional de uma vingança contra alguém (a jornalista "malfeitora") que atacou a mãe pode ser entendida como mais uma elaboração de seu luto, uma projeção de seus próprios desejos agressivos; a punição da "malfeitora" como uma forma distorcida de se castigar e de reparar os ataques que ele mesmo fizera anteriormente à mãe.

A passagem por Port-Royal provoca efeitos também na escrita do narrador, aspecto do livro mais interessante do ponto de vista literário. O texto é muitas vezes interrompido por um

1 As grandes e principais obras provenientes de Port-Royal são a *Gramática Geral e Razoada* (contendo os fundamentos da arte de falar, explicados de modo claro e natural; as razões daquilo que é comum a todas as línguas e das principais diferenças ali encontradas etc.) de Arnauld e Lancelot; e a Lógica de Port-Royal de Nicole. Especialmente vemos que a influência da Gramática se estenderá ao longo dos séculos, até o XX, com Noam Chomsky, em *Linguística Cartesiana* e com Michel Foucault, em *As Palavras e as Coisas*.

Sérgio Telles é psicanalista e escritor, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, autor de livros e artigos.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 117 01/06/2023 08:34:40

questionamento que discute se tal ou qual termo é o mais adequado naquele momento, a pertinência de manter ou não uma determinada expressão e, especialmente, mostra a intolerância que o narrador tem quanto à metáforas, aproximações, símiles ("outra vez você repete 'ao mesmo tempo'" – p.88; "não, nada de 'tal como" - p.91). Sabe-se que a gramática de Port-Royal tinha um distanciamento crítico da retórica aristotélica e do uso das figuras de linguagem, preconizando uma escrita limpa, que acompanhasse a lógica do pensamento. Assim, o próprio texto do narrador –com sua secura despojada, seu permanente questionamento sobre a propriedade e pertinência de palavras e locuções– não seria tributário dessas posições?

A autoconsciência do texto se evidencia também nas frequentes declarações do narrador de que, como autor, pode "decidir" os rumos da história ou como ela deve ser escrita. Em determinado momento, depois de ter percebido a própria violência e a corruptibilidade da justiça, se pergunta se cabe uma vingança sangrenta, um assassinato, na história que escreve, ou, mais ainda, se há espaço para a "malfeitora" em sua história. Como autor, num ato de escrita, poderia "decidir" simplesmente suprimi-la, extirpá-la da história. Não seria essa a melhor vingança?

Tal questionamento mais uma vez quebra as barreiras entre a realidade diegética, ou seja, a realidade ficcional criada na escrita literária, e a realidade do autor, que está produzindo o texto, criando seus personagens e definindo como eles atuarão. Além dessa ruptura estrutural, com ela o autor propõe uma outra questão. Caso "decida" eliminar a "malfeitora" que atingira a honra de sua mãe, como ficaria o próprio texto, se nele tal personagem ocupa importante papel, pois é a razão da vingança a ser perpetrada? Caso ele extirpe o personagem, a própria história não desabaria e necessitaria ser recriada sobre outros alicerces?

Num trecho um tanto obscuro, o narrador contrapõe os "objetos contemporâneos" aos "objetos originais ou clássicos", o que poderia ser entendido como uma crítica ao consumo e a obsolescência planejada que atravanca com lixo ainda mais copioso a natureza que ele tanto preza. Ao contrário de tempos outros, quando os objetos eram feitos para durar e em que se tinha uma relação afetiva com eles, o consumo impõe uma troca constante desses artefatos que mal se distinguem uns dos outros, que são feitos mesmo para serem esquecidos, abandonados, trocados.

A ideologia do consumo tem implicações mais profundas, pois preconiza o "novo" como o bem supremo, algo valorizado em si mesmo, o que implica numa desconsideração do "velho", que passa a ser visto como algo a ser descartado, eliminado e trocado. Uma das consequências disso é que a cultura – que se acumula e enriquece no correr dos tempos, passa a ser desvalorizada e descartável, pois, evidentemente, não é algo "novo" e sim "desprezivelmente" "velho".

A escala em Port Royal talvez indique o necessário resgate de nossos valores socioculturais tão penosamente adquiridos – a lenta formação e acumulação da cultura, a difícil implantação da democracia e da paz, em contraposição ao nazismo, ao fascismo, ao totalitarismo, ao belicismo, à vulgaridade do consumismo, que proporciona a avalanche do "novo" e o hábito de descarte, da obsolescência planejada. Não devemos esquecer que um objeto de arte é o oposto completo do objeto "novo", a ser descartado em breve.

Por fim, como vimos, Port Royal teria tido ainda um derradeiro efeito sobre o narrador, influenciando-o com suas propostas gramaticais.

Ao confundir a narrativa com a materialidade do texto e reflexões sobre a própria escrita, com seu A SEGUNDA ESPADA, Handke produz um livro simultaneamente incômodo e instigante.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 118 01/06/2023 08:34:40

Ovo de serpente e novelo de Ariadne: o sertão é o Brasil

Tânia Corghi Veríssimo

Resenha de Sidney Aguilar Filho, *Entre integralistas e nazistas – racismo, educação e autoritarismo no Sertão de São Paulo*. São Paulo, Alameda, 2021, 342 p.

"Ovo de serpente" é uma expressão fecunda, cunhada por Shakespeare. Em "Júlio Cesar", peça escrita pelo dramaturgo no final do século XVI, a expressão é usada por Brutus no momento em que decide matar Júlio Cesar para evitar sua coroação como imperador e a consequente destruição da república romana: "*Temos de vê-lo um ovo de serpente/Que chocado, segundo o seu destino/ Virá a ser maligno e deve então/Ser morto ainda na casca.*"[1].

No fim da década de 70, foi a vez de Ingmar Bergman (1918-2007) recuperar e disseminar a metáfora, oferecendo-a como título de sua produção "O ovo da serpente" (1977), um clássico da sétima arte, a partir da qual acompanha-se uma reconstrução meticulosa da Berlim anterior à ascensão nazista. A reconstrução serve de base para uma reflexão transcendente à Alemanha e ao nazismo quando põe em causa a complexidade de fatores participantes na fabricação do mal em diferentes tempos e contextos da história da humanidade.

Se os ingredientes reunidos compõem o ninho ou preparam a chocadeira do "ovo da serpente" para que dele possam advir as piores sevícias, a proposta de matar o ovo na casca evitaria que este atingisse condições de proliferação.

Ao analisarmos as condições necessárias que se aninham para a gestação do mal, bem como o manejo de seus efeitos, há que se entender que tal metáfora, cunhada por Shakespeare e bem utilizada por Bergman, porta, no mínimo, uma mensagem: se olharmos para o ovo da serpente descolado de seu ninho não compreenderemos os motivos que o fizeram vingar.

Sidney Aguilar Filho parece ter se imbuído do espírito dessa mensagem no momento em que decidiu dedicar-se à construção de sua tese de doutorado, "Educação, autoritarismo e eugenia: exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil" (1930-1945), defendida em 2011 pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNESP). A tese foi agraciada pelo MH-Prêmio CAPES de Tese e pelo Prêmio da Fundação Carlos Chagas e da Fundação Conrado Wessel, que testemunham sua alta qualidade. Agora, convertida em livro, esperamos que esta obra se alastre, exponha suas veias de investigação aos leitores, convidando-os a um mergulho histórico capaz de desnudar bases de pensamento cravadas nas idiossincrasias da cultura brasileira.

Podemos dizer que, felizmente, o texto contido nesse livro (antes de ser um livro) já se alastrou, contrariando tradições.

A primeira delas seria a tradicional imagem da tese empoeirada na prateleira da academia. Basta ler a contracapa do livro para saber que, por diferentes caminhos, o texto adquiriu vida própria e ganhou circulação na cultura: pelo audiovisual ganhou destaque no curta-metragem "Entre a Suástica e a Palmatória", no cinema ensejou "Menino 23: Infâncias perdidas no Brasil", na poesia e no teatro inspirou "Desfazenda: me enterrem fora desse lugar". Depois, numa fusão do texto acadêmico com a arte – algo que nem sempre acontece –o trabalho acaba por contrariar a

1 https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/francisco-escorsim/os-ovos--da-serpente-4/ acesso em 06/08/22.

Tânia Corghi Veríssimo é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestra e doutoranda pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, membro do Grupo Direitos Humanos, Democracia e Memória do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP).

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 119 01/06/2023 08:34:40

tradição brasileira obscurantista e o consequente não reconhecimento da existência de traumas formadores da estrutura do país, bem como da subjetividade de seu povo, ao se revirar na prateleira e sair do arquivo.

Será neste sentido que Seligmann-Silva (2018) denominará o campo da arte um "campo anarquivador", oferecendo destaque à posição insubmissa e artífice assumida pelo artista frente aos silenciamentos totalitários. Em suas palavras:

A palavra de ordem é anarquivar para recolecionar as ruínas dos arquivos e reconstruí-las de forma crítica. O artista se assume como demiurgo e não mais como participante submisso, como queriam os fascismos e totalitarismos do século XX, que tentaram submeter as artes e os projetos megalomaníacos de arquivamento da sociedade e de seus indivíduos. [2]

Adotada esta perspectiva, Sidney Aguilar Filho, professor, pesquisador e historiador, fez-se também anarquivador, na medida em que se dispôs a construir uma narrativa de conexão entre o campo acadêmico e o campo da arte contrária a uma política de esquecimento, ao tabu do Brasil como "nação sem preconceitos" consolidado pelo "mito da democracia racial".

A história desse anarquivamento começou em 1998 quando em sala de aula, em meio a uma aula de História sobre a ascensão do nazismo alemão, uma aluna do Ensino Médio afirmou que, na fazenda de sua família, fora encontrada, por conta do desmanche de uma construção, grande quantidade de tijolos com o símbolo da suástica. A informação, provocadora de inquietação, foi compreendida a posteriori pelo autor como "uma ponta de novelo de Ariadne" (p.21), pois o conduziu, assim como agora conduz o leitor, a um emaranhado de fios tecidos desde a conformação histórico-política do Brasil das décadas de 1930 e 1940, na Era Vargas (1930-1945).

A ponta desse novelo foi pinçada na sala de aula e o conduziu ao município de Campina do Monte Alegre (SP), nas Fazendas Cruzeiro do Sul, Santa Albertina e Retiro Feliz que outrora compunham uma única propriedade: a Fazenda Lagoa do Sino, comprada em 1916 dos espólios do Brigadeiro Tobias de Aguiar, por Luis Rocha Miranda (filho do Barão do Bananal) e partilhadas entre os filhos do segundo casamento: Otávio, Sérgio, Armênio, Osvaldo e Renato Rocha Miranda.

Das suásticas desenhadas nos tijolos e cravadas nos lombos do gado das fazendas da família Rocha Miranda – compiladas em caderno de imagens ao final do livro -, aos resquícios simbólicos reveladores de um fio do novelo da história que ligava a família Rocha Miranda à ideologia nazista e à Ação Integralista Brasileira (AIB), a pesquisa trouxe também à tona o fato de Osvaldo Rocha Miranda ter sido responsável pela transferência de 50 meninos com idades entre 9 e 12 anos, 48 deles "pretos ou pardos", de um orfanato do Rio de Janeiro (Capital Nacional) para as fazendas da família (Sertões do Paranapanema). Segundo os documentos encontrados ao longo da investigação: "A remoção dos meninos teria ocorrido entre 1933 e 1934 e, sob a 'tutela' legal de Osvaldo Rocha Miranda, foram submetidos a rotinas de trabalho sem remuneração, castigos físicos e impedidos de circular livremente" (p. 16).

Detonados o absurdo e o despautério que comportam esta história marcada pela aliança concreta com uma ideologia de extermínio e desumanização; movido pelo impacto da persistência do mal, bem como da repetição de seus mecanismos empenhados em fazer acontecer - mesmo após sua oficial abolição - a escravização de crianças negras no sertão brasileiro, o pesquisador defendeu em sua tese que:

> no Brasil das décadas de 1930 e 1940, houve política estatal de segregação para fins de eugenia. Ocorreu, em particular, na área da Educação e da Saúde; favoreceu o uso da exploração do trabalho e da violência como práticas educativas de crianças e de adolescentes, dando continuidade ao preconceito racial existente no Brasil, modernizando-o, por meio de fundamentos pretensamente científicos. As crianças pesquisadas foram vítimas dessa política segregacionista (p. 22).

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 120 01/06/2023 08:34:40

Como foi possível a estruturação de uma política tão vil? Como se deu a chocagem desse ovo de serpente?

A leitura dos sete capítulos que compõem a obra permite que respondamos a estas questões. Pois, através de uma rica retomada histórico-político-cultural do Brasil desde os anos 30-40, o autor, pautado em fontes documentais, expõe e explora os componentes que se aninharam para a fertilização e fabricação do mal nas instituições e estrutura política do Brasil. Será no transcorrer dos sete capítulos que encontraremos condições para compreender a gênese de um pensamento insistente na segregação, no autoritarismo e no racismo como componentes base de uma política de Estado legitimada histórica, política e culturalmente no país.

Os três primeiros capítulos, em especial os capítulos dois e três; "O Estado Eugênico" e "Os pensadores eugenistas e suas influências na construção do Estado", surgem pródigos na explicitação da imbricação entre o ideário eugenista que assolava o Brasil e a edificação de políticas de base educacional e outros setores. Ambos capítulos expõem o envolvimento do Estado Nacional brasileiro com o nazismo e com o pensamento eugenista dentro de uma perspectiva ampla, incluindo a aproximação de organizações políticas nacionais com a AIB, a diplomacia com o Estado Nacional alemão e os interesses de associação, concorrência ou dependência do capitalismo brasileiro com o capitalismo germânico. Há no livro um dado histórico relevante que dimensiona esse envolvimento: "O partido nazista brasileiro foi o maior agrupamento político do partido nazista fora da Alemanha, segundo Dietrich (2007)" (p. 162).

Reconhece-se também o período de elaboração intelectual em que se dialogou com ideais eugenistas na implementação de políticas públicas e elaboração de leis. Haviam as teorias raciais, a teoria do embranquecimento e de superioridade racial da brancura, praticava-se um pensamento racista que se consolidava e se modernizava gradualmente até atingir seu apogeu na ditadura. Merecem destaque os nomes de Oliveira Viana, sociólogo que fez um manual racista na década de 30 e ocupou um cargo no Supremo Tribunal Federal em 1937 e no Tribunal de Contas da União em 1940; Miguel Couto que no Congresso Brasileiro de Eugenia sugeriu a segregação como política de Estado e defendeu uma educação segregacionista para a pureza; Francisco Campos, homem forte na Era Vargas responsável pela estruturação de uma instituição educativa com fins militares; Belisário Penna que assumiu o Ministério dos Negócios, de Saúde e Educação no ano de 1931 e foi membro organizador e participante ativo de uma Comissão Central Brasileira de Eugenia.

A pesquisa mostra que, emparelhada institucionalmente, a política eugenista configurou-se em uma política de Estado no Brasil, oficialmente. A partir de teorias racistas propagadas para justificar o injustificável, recebeu mantos de legalidade (Constituição de 1934 e Código do Menor 1927) para o uso da mão de obra escravizada e para a proposta de uma educação eugênica, sob a guarida jurídica do Estado:

> A proposta de uma educação eugênica no Brasil, que consolidaria a "unidade da pátria e a homogeneidade nacional" (entenda-se a construção de uma identidade nacional harmonizada por uma "consciência biológico-racial"), transformou-se em lei no ano de 1934. Ela foi de autoria do governo provisório de Getúlio Vargas e foi apresentada na abertura dos trabalhos da Assembleia Constituinte no dia da proclamação da República" (p. 93).

Quais os efeitos da proclamação de uma lei como essa na micropolítica? Observa-se, nas palavras do autor, uma hipótese que alinhava este marco legal à retirada de crianças de uma instituição quando até então viviam sob a responsabilidade do Juizado de Menores:

> Coincidência ou não, no dia seguinte à proposição da lei, no dia 16 de novembro de 1933, o primeiro grupo dos meninos estudados foi retirado do Educandário Católico Romão de Mattos Duarte, sob responsabilidade

2 M. Seligmann-Silva, "Desloucamentos: língua errante/apátrida", *Percurso* n. 60, p. 62.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 121 01/06/2023 08:34:40

do Juizado de Menores do Distrito Federal e levado a Campina do Monte Alegre (SP), sob tutela de Oswaldo Rocha Miranda (p. 94).

Importante conhecer o ninho no qual o mal se gesta e se fomenta. Fundamental fisgar pela ponta do novelo e seguir adiante no labirinto imprevisível que se deslinda no exercício da memória e no resgate de uma história traumática obscurecida.

Reconhece-se, então, grande compromisso assumido pelo autor na construção de sua pesquisa. A memória é instrumento político em sua jornada; não se restringe à cronologia sequencial e linear dos anos e efetiva-se no trânsito entre diferentes temporalidades, na abordagem de episódios traumáticos não admitidos em sua existência, conjugando-se no passado e no presente ao mesmo tempo. Na medida em que se propõe a mergulhar nas entranhas político-culturais do Brasil dos anos 1930-40, este trabalho também se encontra com uma história de tantos traumas e tantas temporalidades que carrega o Brasil num contexto cujo passado de exploração colonial, escravização, expropriação e exploração de corpos são constantemente reatualizados.

À luz de um histórico escravocrata e racista que forjou (e forja) um modelo de cidadania brasileira, o fato de 48 das 50 crianças retiradas do Educandário Romão de Mattos Duarte serem negras ou pardas escravizadas em fazendas da oligarquia paulista, revela-se sintomática de uma ferida no país a ser tratada. Como bem sabemos, o extermínio de negros, a subalternização e a desumanização, bem como o ódio racista, infelizmente não se restringem aos anos 1930-40, mas compõem nossa realidade atual, são feridas abertas que perduram no cotidiano brasileiro.

Os capítulos seis e sete; "O cotidiano dos meninos trabalhadores" e "Os meninos do Brasil", ao lado de uma emocionante entrevista realizada com Aloysio da Silva, homem idoso que na fazenda escravista dos Rocha Miranda era chamado de "menino 23", compõem um trecho do livro que desnuda algumas destas feridas Tais capítulos, bem como a entrevista, adensam a narrativa da obra a partir de uma retórica autoral e mostram que se Sidney Aguilar Filho fez-se um anarquivador, ou, nas palavras de Silvia Rosana Modena Martini, um "descobridor desse acervo" (p.14), foi longe de qualquer heroísmo.

No fôlego necessário para quebrar com o silêncio, levantar uma história arquivística e interligar o conjunto documental e lacunar de uma época, o autor contou com diferentes fontes de acesso e diversos apoios. Dos institucionais, mereceram destaque o Arquivo Edgard Leuenroth da UNICAMP, a Secretaria da Cultura e a equipe do GEI/UPPH. Dos apoios individuais, importante reconhecer fundamentais contribuições de Dona Senhorinha Barreto da Silva, viúva de Manoel das Graças Araújo, que doou parte dos documentos pessoais de seu espólio quando recebeu a Fazenda Santa Albertina, e que, ao lado de José Ricardo Maciel (Tatão) recolheu documentos do lixo quando do falecimento de um antigo dono da fazenda Cruzeiro do Sul, membro da família Rocha Miranda.

Reconhece-se que "romper o silêncio dos detentores das memórias mostrou-se a parte mais difícil da pesquisa" (p. 142). A obra faz pensar que para cumprir o dever de memória é preciso disponibilidade para revirar o lixo da história, reconhecer as resistências nesse processo de construção oferecendo palavras aos lixos e escombros da violência, bem como nome aos perpetradores do mal e às vítimas e colaboradores desta pesquisa. São estes os verdadeiros anarquivadores.

Fez parte deste anarquivamento o resgate da dignidade dos que tiveram seu senso de humanidade e subjetividade subtraídos por uma política perversa e objetificante. Se na fazenda dos Rocha Miranda crianças foram roubadas de suas infâncias e perderam seus nomes próprios – sendo reduzidos a números tal como manda a lógica concentracionária um menino era o "dois", outro era o "quinze", outro o "vinte e três", e assim por diante – a pesquisa tratou de devolver tais meninos aos seus lugares de sujeitos. Denunciada a dessubjetivação, pudemos saber que algumas destas crianças eram Geraldo Freitas, Roque da Silva, José Alves de Almeida, Zé Carias (Zacarias) e o

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 122 01/06/2023 08:34:40

maior colaborador da pesquisa, o "menino 23", agora há de ser lembrado como Aloysio Silva.

O mesmo vale para os perpetradores da perversão. Dada a pesquisa, a despeito de ter seu nome oferecido como homenagem a uma rua de Campina do Monte Alegre, Renato Rocha Miranda há de ser lembrado, ao lado de Otávio, Osvaldo e Sérgio Rocha Miranda e dos políticos e teóricos racistas já mencionados neste texto, como contribuintes e responsáveis diretos pela construção de uma maquinaria repugnante.

Impossível não se deixar tocar pelo horror ao ler o depoimento de Aloysio Silva:

> Esta família Rocha Miranda entrou e ficou lá no passadiço, e nós estava brincando, jogando bola [...] Mandou encostar nós num canto lá, então nos separou como separa boi na mangueira [...] ele mandou a Superiora botar nós num lugar lá para esquecer dos outros. Então nós fiquemos isolados oito dias esperando o dia de vim embora [...] Ele levou um sacão de bala desse tamanho assim e de lá de cima ele jogava... Então nós corria lá catar... Na primeira vez só, mas quando foi da segunda vez nos já desconfiemos. Nós cata as balas e ele como a varinha apontava [...] "Joga esse pra lá. Bota aquele pra lá...Joga outro punhado..." (p. 144/145).

O livro destacou essa cruel seleção de crianças para a prática da escravidão: "Separar boi na mangueira" foi uma seleção; os mais "ligeiros", os de "canela mais fina", os "mais fortes" foram "apartados"; os outros foram considerados "refugos" e "abriram a porta pro pasto" (p. 145).

O depoimento causa revolta e expõe um cenário de roubo da infância de crianças manipuladas, ligeiras, negras, ligeiramente negras e usadas como objetos que deveriam fazer rodar a máquina capitalista e racista.

No orfanato diziam que estavam sendo transferidos do Rio de Janeiro para Campina do Monte Alegre (SP) como castigo: "A Madre falou: Você é muito peralta, cê vai pro meio da turma" (p. 145), assim perdiam os laços com seus familiares que viviam na cidade, pois sem liberdade individual de escolha estavam submetidos juridicamente ao patronato (tutoria e proteção). Quando perguntado sobre o motivo de terem sido levados à fazenda, Aloysio Silva respondeu "Pra trabalhá na fazenda. Como escravo. Como trabalhei" (p. 156) e foi enfático ao afirmar mais de uma vez: "não tenho nenhuma memória de brincadeira, de coisa boa daquele lugar" (p. 147).

A pesquisa comprova que "houve a militarização da infância dos 'meninos do Romão Duarte' (p. 149); "foram explorados e submetidos ao trabalho não remunerado como princípio educativo" (p. 154) sendo a "História da educação e a História da exploração do trabalho infantil indissociáveis no Brasil" (p. 159).

Os depoimentos pessoais demonstraram a potência que ganha a pesquisa acadêmica quando tem como aliada outro tipo de arte: a arte da escuta, encarada como um dos aprendizados desse trabalho:

> Escutar, nessa pesquisa, significou construir conhecimentos (de fontes históricas, teóricos e historiográficos) que demonstrassem aos entrevistados a real possibilidade de interlocução e compreensão. Afinal, por décadas, a desqualificação pública de seus relatos fora a tônica da realidade (p. 32).

Enaltecida como componente indispensável à pesquisa, a coragem ética dos depoentes compõe as últimas palavras do livro:

> A coragem ética dos depoentes em tornarem públicas suas memórias e de não permitirem o esquecimento do ocorrido, foi crucial para a conclusão da pesquisa. Esta postura permitiu a reafirmação de análises das representações, das ideologias de do imaginário que emergiram no conjunto documental. Os sentimentos expostos nas falas sobre os traumas e saudades, mostraram uma evidente preocupação com o presente e com o futuro da infância e uma esperança solidária de que seus relatos ajudem a impedir que esse tipo de injustiça aconteça novamente. (p. 172).

Se no prefácio do livro o Professor da UNICAMP, Mario Augusto Medeiros da Silva, dirige ao leitor

a expectativa de que a obra o deixe estupefato, impactado, espantado e eivado de um espírito de compromisso público com a memória coletiva, parece difícil que esta não seja cumprida. A pesquisa de Aguilar Filho, ancorada no compromisso com a memória, inspira a construção de novas iniciativas, fazendo lembrar a frase de Eduardo Galeano "Quando se está realmente viva, a memória não contempla a história, mas convida a fazê-la"[3].

Como um convite ao leitor, indico que olhe bem para a capa do livro. Não perca de vista os olhos de Aloysio Silva, os vincos de seu rosto, sua pele negra, seu olhar firme e eloquente. Repare em seu semblante e ali encontrará tantas facetas de um menino sofrido quanto de um homem narrador de sua história, que é também a cara do Brasil.

Referências Bibliográficas:

Galeano, E. (2020). Eduardo Galeano "De pernas pro ar. A escola do mundo ao avesso". São Paulo: Ed. L&PM Pocket. p. 216

Seligmann-Silva, M. (2018). "Desloucamentos: língua errante/apátrida". *Percurso Revista de Psicanálise*, n. 60, p. 59-68.

Link: https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/francisco-escorsim/os-ovos-da-serpente-4/ acesso em 06/08/22.

3 E. Galeano, "De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso".

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 124 01/06/2023 08:34:40

A vida quer viver

Renata Cromberg

Resenha de Silvia Alonso, *Ressonâncias da clínica e da cultura*, São Paulo, Editora Blucher, 2022, 194 p.

A poesia da escrita de Silvia Alonso é única naquilo que se faz ética. Ela atravessa a experiência clínica entranhada da metapsicologia dos conceitos psicanalíticos situados no tempo histórico de seu engendramento. Clinica entranhada também do tempo histórico das subjetividades sociais e políticas no presente, sempre prenhe de novas problemáticas que relançam a psicanálise que assim se reafirma na sua renovação. O olhar sensível, atento e inteligente da autora é rigoroso, pois a abertura de seu pensamento passa pela absorção das questões que animam as transformações subjetivas do seu tempo sem ceder a modismos fáceis ou novos dogmatismos. Por isso ela é timoneira firme nos espaços coletivos guiando a formação e a pesquisa em grupo há 50 anos.

O livro se compõe de nove ensaios publicados ou falados em diferentes contextos institucionais entre 2012 e 2020. Ele vem se somar a outras publicações da autora, constituindo todos eles uma obra nascida da vocação de excelente formadora em psicanálise e que prima pela afirmação de sua singularidade e da marca singular que ela deixa nos rastros cheios de sentido e significação de seu percurso na comunidade psicanalítica - como escreve Flavio Ferraz na quarta capa - afirmando o brilhantismo de Silvia Alonso como clínica, professora e pesquisadora.

Curiosamente é no nono e último capítulo do livro "A investigação na formação continuada do psicanalista: especificidades e relatos de experiência" que podemos perceber os pilares de sua posição: a afirmação da singularidade como o esteio maior do processo psicanalítico e da difícil formação do psicanalista. Aqui, como diz Mezan na orelha do livro, aparecem claramente as suas posições assentadas tanto numa contínua interrogação de seus autores de referência quanto do que vivencia com analisantes, supervisionandos e alunos. É neste capítulo também que aparece o argumento que reflete o título do livro; clínica e cultura estão sempre enlaçadas na investigação psicanalítica, pois "não há sujeito sem outro nem constituição subjetiva sem laço social" (p.180). Todo processo investigativo em psicanálise envolve a implicação do analista e sua subjetividade, criando uma forma especial de relação sujeito-objeto, na qual descoberta e transformação são simultâneas. O exercício da escuta em qualquer circunstância já introduz no campo alguma transformação.

Um eixo ético fundamental do trabalho de Alonso perpassa sua ideia da formação do analista, um difícil processo de construção. Nenhum analista se auto-engendra. As filiações são necessárias e acontecem pela transferência a alguém –analista-supervisor– colocado no lugar de suposto saber. Assim se constrói o mosaico identificatório necessário para aprender o ofício. Mas o caminho de apropriação das heranças para construir-se como analista singular passará pelo luto do Outro no lugar de ideal. É esse processo que evita os dogmatismos do seguimento cego a um mestre. Um antídoto a isso é o pluralismo nas instituições e a inclusão dos múltiplos desenvolvimentos conceituais.

Foi no intuito de constituir uma formação continuada no Departamento de Psicanálise que

Renata Udler Cromberg é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. É doutora e pós doutora pelo IPUSP. É autora de *Paranoia, Cena Incestuosa-abuso e violência sexual* e *Sabina Spielrein: uma Pioneira da psicanálise* (vol. 1 e 2).

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 125 01/06/2023 08:34:40

Silvia Alonso constituiu um coletivo de pesquisa que funciona, desde 1997, no Departamento de Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae*, sob sua coordenação com o nome de *O feminino e o imaginário cultural contemporâneo*. Pesquisas variadas em parceria com diversas instituições e campos teóricos ou a partir da clínica particular foram realizadas por vários investigadores com metodologias variadas. Alonso notou a presença de dois pontos em todas elas: o primeiro, que a interlocução com as mudanças culturais e o imaginário social requeriam o retrabalho, a ampliação, o questionamento ou reafirmação de alguns conceitos psicanalíticos. O segundo ponto é como todas as pesquisas confrontaram o grupo com diferentes faces da violência. Assim se as ondas feministas vêm tentando recuperar direitos à educação, à propriedade, à herança, ao divórcio, ao voto, ao trabalho, à vida e ao lugar de sujeito e o vem conseguindo parcialmente, ainda estamos imersos na violência contra a mulher na grande quantidade de feminicídios, estupros, abusos e violências familiares. A partir destes eixos éticos construídos através da experiência clínica, de supervisora e de coordenadora investigativa, podemos passear pelos outros ensaios do livro, interlocuções de Silvia em diversos espaços institucionais brasileiros e latino-americanos.

Em "Escuta psicanalítica e seus impasses", a autora mostra como a psicanálise inaugurou o campo da escuta com Freud deslocando-se do pensamento psiquiátrico do momento, especialmente o de Charcot, que tinha o olhar como centro de uma objetividade positivista dos dados. É a construção do campo da escuta que aparece aqui e que faz emergir a fala e seu poder metaforizante: fala associativa, escutada em atenção flutuante e demarcada pela abstinência do analista. Em uma análise, a linguagem sai do plano comunicacional consciente para embrenhar-se numa aventura rumo ao desconhecido inesperado do sujeito e à surpresa do sentido, experiência sempre singular. A autora mapeia a construção do campo também entre a sugestão e a emergência da transferência como motor da cura e instrumento de trabalho. É em seu campo que se dá "uma escuta das minúcias" em que se recupera "pedaços de tecido nos quais se alojam os lutos, as vicissitudes da sexualidade, as construções e as perdas de objeto." A autora apresenta também como o campo da escuta descortinou inicialmente um caminho de rememoração e se ampliou para auscultar o irrepresentável. Se a imagem de um arqueólogo servia para o trabalho de rememoração e interpretação, a escuta do analista passa a se sensibilizar também para a construção de um passado anterior à linguagem, alcançável pela construção que fará com que algo existente apenas como inscrição sensorial passe a poder desenhar uma figura. Há aí a abertura a um espaço na linguagem para aquilo que não tem palavra quando o analista se dirige ao lugar psíquico onde o pulsional traumático insiste, ajudando-o a se tornar figura. A autora termina o ensaio falando dos impasses da escuta e das transformações na clínica de que foi testemunha ao longo dos seus cinquenta anos de experiência. Há aqui um desenho de tempos culturais diferentes que desenham demandas diferentes e impõem modificações no setting analítico. Um conjunto de novas situações tem exigido pensar a metapsicologia dos processos psíquicos do analista na escuta. Cada processo analítico é único e inédito. É singular se o analista mantém viva a inventividade e criatividade.

O ensaio que segue no livro toma justo este mote: "O tempo na escuta do analista". Aqui, a autora escreve como analisandos, tanto com diferentes organizações psíquicas quanto em diferentes momentos de análise, confrontam o analista com fenômenos clínicos diferentes e lhe solicitam um lugar distinto na escuta. Ela destaca o eixo da temporalidade psíquica para mostrar alguns fenômenos diferentes que se apresentam na clínica bem como o lugar solicitado à escuta do analista. Nos diferentes tempos na psicanálise não se trata do tempo da consciência, nem da ideia abstrata do tempo. Trata-se, por exemplo, do tempo circular da bulimia, do tempo instantâneo das toxicomanias, da recusa do tempo nas perversões, do tempo imediato das neuroses narcísicas e das

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 126 01/06/2023 08:34:40

subjetividades contemporâneas. Já Freud falava da temporalidade atual da neurose diferenciando-a do tempo do infantil da psiconeurose. É pensando a questão de como o traumático tramita no psiquismo que a autora vai pensar sobre o funcionamento do tempo a posteriori e o tempo correspondente a seu fracasso. O *après-coup* é uma forma de entender a causalidade e a determinação psíquica em que não há um passado único. O passado pode o tempo inteiro se ressignificar. O *a posteriori* no processo analítico tem a função de limitar o excesso. O encontro analítico na transferência coloca em ação uma cunhagem de memória de um traumático que abre brechas possíveis no campo da significação e da simbolização, construindo história e rememoração a partir da procura por novas respostas.

O pensamento de Alonso é tecido na matriz de uma rigorosa leitura crítica e conceitual do pensamento freudiano. Para isso ela conta com a intensa leitura de autores, em sua maioria franceses; se destacam Pierre Fedida, Nathalie Zaltzman, o casal Botella e Jean Laplanche. Mas é o pensamento de André Green que comparece com mais frequência como aquele que propicia "bons encontros" em vários ensaios do livro. São alguns destes bons encontros que estão no terceiro capítulo do livro. Como clínico, ele ajuda a autora a pensar como pensar a clínica. Ela relata dois momentos deste encontro; o primeiro, para pensar a ligação entre marca e pensamento diferenciando dois campos: o do figurável e do não figurável, territórios do informe e do que logra forma, da positividade das formas e das marcas do negativo. O segundo para pensar a heterocronia fundamental freudiana, os diferentes tempos na obra densa e fértil de Freud e os dois modelos do sonho e do ato presentes nesta obra. Green toma como centro o eixo pulsão-objeto. O objeto se torna paradigmático na obra de Green pois a ele corresponde a excitabilidade e seu limite, a instauração da temporalidade, do prazo, da suspensão da descarga. Há uma "objetalização" transformadora do funcionamento pulsional na ideia da presença/ausência do objeto na construção do espaço psíquico e nos seus desdobramentos sobre o dispositivo analítico. Nela, quando se produz a separação do objeto na tentativa de atenuar os efeitos da ausência se constitui a "estrutura enquadrante", que abriga a alucinação negativa da mãe. O objeto primário da fusão vai se apagando para dar lugar aos investimentos fundadores do narcisismo. O ritmo da ausência deve permitir que a perda se acompanhe pelo luto do objeto.

É justamente a questão metapsicológica do luto que surge no quarto ensaio "Luto e melancolia: importância e influência do texto freudiano" ensaio comemorativo dos 100 anos de sua publicação. Alonso situa a posição deste texto entre os ensaios metapsicológicos de 1915. O interlocutor de Freud no texto é Karl Abraham. Alonso situa o texto no seu momento histórico de produção, quando a morte ocupa cotidianamente a cabeça de Freud devido à destruição que a Primeira guerra trouxe (guerra na qual seus três filhos estavam; metidos na linha de frente). Situa também o texto no momento conceitual do pensamento freudiano. É o luto como enigma de desinvestimento libidinal dos objetos perdidos, – num verdadeiro trabalho do luto, dada a resistência em abandoná-los– até sua expiração espontânea, deixando livre a possibilidade de substituição e de amor novamente. O texto freudiano antecipa a tensão existente entre ego e ideal de ego e prenuncia uma instância nova, o superego. Daí decorre a crueldade de um luto impossível na destruição melancólica que se torna uma doença do ego, produto da "desintricação" pulsional entre Eros e destrutividade, uma afecção narcísica. O público e o íntimo se juntam nos processos complexos de elaboração dos lutos.

Os próximos três ensaios abordam os temas da sexualidade, do gênero e dos feminismos entrelaçados entre psicanálise e política, temas centrais para o grupo do Feminino que coordena. No quinto ensaio do livro "Sexualidade: destino ou busca de uma solução?" (antológica abertura da Jornada "corpos, sexualidades, diversidades", de 2015) a autora advoga de saída um deslocamento que faz sacudir estereótipos que paralisam

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 127 01/06/2023 08:34:40

a potência do texto freudiano, ao colocar lado a lado duas afirmações de Freud (a primeira de que a anatomia é o destino e a segunda de que a psicanálise não pretende descrever o que é a mulher, mas como ela advém da criança polimorfa) para mostrar como há uma ênfase no processo, na construção, e não na essência, na qual o que constitui a feminilidade e a masculinidade, a anatomia não poderá apreender. Pois elencando pontos centrais da concepção teórica da sexualidade em Freud, vemos que seu pensamento não está preso ao paradigma endogenista biologizante. A própria dificuldade em definir o que sejam masculino e feminino mostra que se trata de processos complexos. Para a autora, Freud aponta na direção da alteridade e do gênero. No caminho da alteridade, a determinação sexual não se realiza a não ser na presença de outro. "A alteridade é uma condição necessária e prévia à identidade" (p.91). No texto freudiano, a alteridade que constitui a pulsão está no "a mais" de prazer da mãe sedutora, que, nos cuidados do filho vai introduzindo a excitação e abre as portas para o intersubjetivo, que inclui o sexual. Já no caminho do gênero, Alonso aponta como suas questões já estão presentes em Freud embora o conceito de gênero seja introduzido bem mais tarde no campo. Para a autora, essa inclusão radicalizou a separação da sexualidade com o biológico, começando-se a falar em masculinidades e feminilidades, entendidas como construções histórico-sociais da cultura. Entendendo-se gênero como conjunto de crenças, valores, condutas, atitudes que diferenciam homens e mulheres, os estudos de gênero passaram a pensar as diferenças na perspectiva de um longo processo histórico de hierarquias e desigualdades. Silvia apresenta então um pouco da história do feminismo desde a Revolução francesa. Neste voo panorâmico mostra como houve um desdobramento para o estudo e uma desnaturalização das masculinidades, e depois, das diversidades. "Em última instância, o conceito de gênero permite pensar as relações entre sexo, identidade e poder" (p.96). Ao longo dos tempos um eixo foi se montando: do sexo único ao masculino-feminino, das masculinidades e feminilidades e finalmente das diversidades. Assim, sexo, gênero e desejo articulam-se de maneira complexa para a psicanálise. Nela, a sexualidade não está a serviço da reprodução, mas sim da criatividade, da inventividade do sujeito para encontrar uma solução singular. A singularidade é a marca fundamental da psicanálise.

O sexto ensaio retoma "O conceito de gênero retrabalhado no marco da teoria da sedução generalizada". Aqui a generosidade da autora começa por brindar o leitor com um histórico da importância de Jean Laplanche no cenário psicanalítico por fazer trabalhar os conceitos freudianos nas suas contradições. Depois, refaz o percurso da introdução do conceito de gênero por Laplanche. Ele alerta sobre o perigo que representaria pensar em gênero sem sexualidade, o que anularia a descoberta freudiana fundamental. De que forma incluir o conceito na direção de ampliar o campo psicanalítico? É no diálogo de fronteiras entre a psicanálise e os domínios científicos do biológico, filogenético, o mecanicismo e o linguístico que ele insere a relação sexo-gênero. Mas de forma a problematizar o conceito e recuperar a sexualidade. Pois a psicanálise é principalmente uma teoria da sexualidade, que é um dos seus fundamentos porque é fundamental no ser humano. Laplanche definirá Gênero, Sexo e Sexual. Ele propõe que o Sexual é o resíduo inconsciente do recalque-simbolização do gênero pelo sexo. A autora traz o alerta de Jean Laplanche para a necessária distinção das teorias sexuais infantis das teorias adultas e das próprias teorias psicanalíticas. Vale cuidar para que estas últimas sejam sempre abertas para serem repensadas e para distinguir o quê do momento histórico de sua produção está inserido nelas.

No sétimo ensaio, Silvia finaliza a trilogia com "Feminismos, psicanálise e política". Ela começa apresentando os feminismos, historicizando as várias ondas, nas quais suas prioridades mudaram, organizando ao longo do tempo diversas correntes desse movimento social emancipatório que visa a liberação das mulheres e a conquista de

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 128 01/06/2023 08:34:40

direitos que lhes foram negados pela organização patriarcal. Alonso propõe a "outridade", ou seja, a mulher como absolutamente outro, defendendo um erotismo feminino, um saber feminino e um "falar mulher", que não é um falar *da* mulher, e sim uma proposta de mudança da própria estrutura discursiva. A autora então faz um diálogo entre psicanálise e feminismos, o que cada um pensa do outro. É toda a questão da diferença que vai ser pensada por ela em vários ângulos.

O oitavo ensaio "A vida quer viver… Reflexões sobre os efeitos subjetivos da desumanização e as proteções do psiquismo" é um passeio profundo e encantador pelos meandros da constituição psíquica entre vários tempos, entre vários autores, entre problemáticas históricas e singulares, difíceis de serem pensadas porque próximas ao impensável, e uma abertura final ao desejo vivificante. Mais uma vez, a inquieta e apaixonada busca de Silvia nos caminhos psicanalíticos confirmou a beleza de seu estilo.

Como é que nos tornamos humanos? Como é que nos reconhecemos humanos? Qual o lugar do outro nestes processos de humanização e desumanização? Silvia percorre o longo caminho que vai da condição de ser biológico à de um ser inserido no mundo da linguagem, da cultura, do simbólico que só é possível a partir do reconhecimento pelo Outro. A pulsão e o eu serão, a partir daí, os dois fundamentos da vivência de humanidade no fluxo do tempo pela narrativa histórica que inscreve um devir, para cada ser singular. Fundamentos que estarão presentes como eixos e balizas nos caminhos da reflexão da autora. Nos jogos de poder e dominação, o racismo, o colonialismo, a misoginia e outros processos que fazem parte da humanidade não reconhecem o dominado como humano semelhante, eliminando qualquer vivência de ressonância empática, dando ao outro um imenso trabalho para existir e manter a identificação com o humano, fazendo desaparecer a compaixão e abrindo o caminho para a crueldade e a violência. Alonso escolhe situações-limite de retirada de humanos do mundo do humano para refletir sobre os efeitos subjetivos e as proteções da sobrevivência psíquica. Ela se pergunta o que nos faz viver, de onde surge o desejo de preservação da vida. O que acontece com a sobrevivência do psiquismo nos processos de desumanização, nas situações-limite, o que acontece com o que fica atacado no psiquismo e como ele se protege. A partir de três autores, ela exporá as seguintes situações: dos judeus nos campos de concentração e o antissemitismo, da tortura dos presos políticos nas ditaduras militares latino-americanas no século passado e os processos totalitários do século xx (em especial na Alemanha e União Soviética), como material de seu percurso reflexivo. Ao analista, cabe um lugar no trabalho com traumatizados em situações-limite. O terapeuta quando trata das situações traumáticas reconstrói a ponte entre aquele que sofreu o trauma e outros mundos possíveis, o que permite que o psiquismo continue seu trabalho, que o desejo volte a fluir, e que se possa novamente sentir e pensar na vida. Quando a morte é colocada como única identidade possível, o que permite sobreviver é a força de um fluxo que vem da *pulsão de morte*, a pulsão anarquista, cuja função é encontrar uma saída quando o sujeito está fechado num destino de morte, em resistência ao outro, totalitário. Será ela que não permitirá a entrega à recusa ou à denegação da morte, o que levaria à própria morte. Para a autora, o trabalho de Eros como ligação intrapsíquica, como trabalho de memória, de figurabilidade ou de produção onírica recupera sempre algo das presenças perdidas e do fluxo do tempo e é vital para a sobrevivência psíquica do tempo morto do traumático, onde a dor permanece ferozmente imóvel desfazendo pela compulsão a repetição a trama simbolizante. Assim, ela pensa que do lado de quem vive os processos de desumanização, a função da pulsão de morte anarquista seria importante junto ao trabalho da pulsão de vida no processo intrapsíquico de ligação. Já do lado de quem desumaniza, ela pensa que o império da pulsão de morte é total, ao agir no movimento "des-identificante" do outro como humano. Quando a destruição se pratica em grande escala, o desinvestimento se comprova facilmente e é o único meio de prosseguir a ação

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 129 01/06/2023 08:34:40

sem se deixar deter pela culpa, e é esse tipo de destruição que concebe o objeto como uma coisa. E finalmente, o texto desabrocha na abertura desejante do fluxo pulsional para a vida através do feminino singular sem pacto algum com o totalitarismo e com a moral coletiva, o que sempre fez das mulheres – sobretudo as sábias, que desafiam a inevitabilidade da morte com o vivo – mulheres perigosas para os dominantes. Silvia nos fala do filme de onde tirou o belo título de seu texto, que protagoniza uma história de quatro gerações de mulheres. A cada nova transgressão da moral mortífera que se lhes impõe, a vida parece cobrar força e se abrir em caminhos; na maternidade por escolha, no amor, na sexualidade com força desejante, na não submissão aos ataques. E em cada passo, cada mulher parece retomar seu contorno, um feminino singular sem pacto nenhum com o totalitarismo que a moral coletiva lhes impõe. E a vida flui, e o fluxo do tempo acompanha sua leveza, mas a vida como ela é, entrecruzamento de vida e de morte onde "tudo vai continuar porque a vida quer viver..." (p.172)

Ao terminar esta resenha para Percurso, não posso deixar de registrar a emoção da lembrança do momento inaugural desta revista em que estávamos, entre outros, Silvia e eu, em 1988. O que nos movia intensamente era o desejo de promover a escrita dentro do Departamento e a escrita de uma psicanálise brasileira. E quantos de nós começamos a escrever nesta revista! Silvia agora nos apresenta seu terceiro livro autoral, editado por Flavio Ferraz – que é a marca editorial criadora da cena literária psicanalítica, entre inúmeros outros livros nos quais sua autoria foi promover autorias coletivas, expressões singulares em conjunto na promoção de um inventivo trabalho de cultura. Este mais recente livro apresenta em toda sua importância a contribuição desta psicanalista e é indicado a todo psicanalista, mas também como bibliografia obrigatória de cursos de formação de psicanalistas. Silvia Alonso é joia rara, um ícone do nosso Departamento ao qual tem se dedicado com todo amor e vitalidade, o que é expresso nas suas tecituras lúcidas, criativas e sempre inclusivas do outro, em presença, ao vivo ou na sua escrita.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 130 01/06/2023 08:34:40

Colaboradores deste número

Alencar Venâncio Silva Tognon
rua Tietê, 3788
15505-186 Votuporanga-SP
Tel.: (17) 9 9616-9087
alencartognon@live.com

Ana Claudia Patitucci
rua Prof. João Arruda, 53
05016-110 São Paulo SP
Tel.: (11) 3873-3457
anapatitucci@hotmail.com

Beatriz Martinho Azevedo
rua Cristiano Viana, 211, ap. 42
05411-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 8585-7720
b.martinho.azevedo@gmail.com

Bela M. Sister
Rua Maranhão, 584/ 42
01240-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3666-6443
belasister@terra.com.br

Caroline Zanchi
av. Ana Costa, 311, cj. 62
11060-001 Santos SP
carolinetzanchi@gmail.com

Christian Ingo Lenz Dunker
rua Abílio Soares, 932
04005-003 São Paulo SP
Tel.: (11) 3887.0781
dunker@usp.br

Cristina Parada Franch
Rua João Moura, 647/103
05412-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 3081-4386
crisfranch@uol.com.br

Danielle Melanie Breyton
rua Prof. João Arruda, 53
05016-110 São Paulo SP
Tel.: (11) 3873-3457
danibreyton@gmail.com

Davi Cruz Miranda
rua Bartolomeu Zunega, 44
05426-020 São Paulo SP
davimiranda.c@gmail.com

Deborah Joan Cardoso
rua Inácio Pereira da Rocha, 142, cj. 305
005432-010 São Paulo SP
Tel: (11) 3032.1385
deborah@santacruz.g12.br

Denise Maria Cardoso Cardellini
av. Pavão, 955, cj. 97
04517-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 5041-3287
denicard@uol.com.br

Eduardo de Carvalho Martins
rua Afonso Veridiano, 17, ap. 31
11040-120 Santos SP
martins21@unifesp.br

Elcio Gonçalves
rua Alcides Pertiga, 65
Cep 05413-100 São Paulo SP
Tel.: (11) 3086.4016
elgoliv@uol.com.br

Eloisa Tavares de Lacerda
r. Gomes de Carvalho, 1266 cj. 111
04547-005 São Paulo SP
Tels.:(11) 3846-9751 / 9 9620-5113
elolacerda@uol.com.br

Emilia Estivalet Broide
rua Ministro Godoy, 1270
05015-001 São Paulo SP

Fábio Belo
rua Prof. Arduino Bolivar, 265
30350-140 Belo Horizonte MG
Tel.: (31) 9 9951-6855
fabiobelo76@gmail.com

Gabriela Andrade Ferreira de Sá
av. Ana Costa, 311, cj. 62
11060-001 Santos SP
gabriela.a.f.sa@gmail.com

Helena Maria Medeiros Lima
Rua Bartolomeo Bandinelli, 29
05524-130 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 8332-1234
helenalima40@gmail.com

Hernán Siculer
av. Washington Luís, 316, sl. 83
11055-000 Santos SP
hernan.siculer@gmail.com

João José R. L. de Almeida
rua Aristides Lobo, 981
13083-060 Campinas SP
Tel.: (19) 9 9442-2777
jjlimadealmeida@gmail.com

Jorge Broide
rua Ministro Godoy, 1270
05015-001 São Paulo SP

Laís Barreto Barbosa
rua Gov. Pedro de Toledo, 71 ap. 74
11045-551 Santos SP
laisbarreto.psi@gmail.com

Leticia Fernanda Parreira Mangueira
av. Afonso Pena, 180, cj. 5
11020-000 Santos SP
leticiapmangueira@gmail.com

Lizandra Costa Mendes
rua Othon Feliciano, 2, cj 35
11060-902 Santos SP
mendes.lizandra@gmail.com

Luiz Gustavo Amadei
rua Bartolomeu de Gusmão, 302, ap. 74
04111-020 São Paulo SP
amadeipsicanalise@gmail.com

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 131 01/06/2023 08:34:40

Marcela Garrido Reghin
av. Conselheiro Nébias, 754, sala 1404
11045-002 Santos SP
marcela.garrido@unifesp.br

Maria Helena Ferndandes
rua Borges Lagoa, 913, cj. 34
04038-032 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9405-8091
fernandes.mh@terra.com.br

Marina Bialer
rua João Ramalho, 257, cj. 24
05008-001 São Paulo SP
Tel.: (011) 9 8279-7951
mbialer@hotmail.com.

Marina Dória Molinari Couto
av. Ana Costa, 311, cj. 62
11060-001 Santos SP
marinadmolinari@gmail.com

Mario Pablo Fuks (*in memoriam*)
a/c Lucia Fuks
rua Marquês de Itu 837, cj 62
01223-001 São Paulo SP
bflucia@uol.com.br

Mayarê Leal Ferreira Baldini
SQS 203, bloco F, ap. 303,Asa Sul
70233-060 Brasília DF

Munique Gaio Filla
av. Savério Talarico, 140
13570-090 São Carlos SP
Tel.: (19) 9 9294-0783
muniquegf@gmail.com

Patrícia Carvalho Silva
av. Ana Costa, 311, cj. 32
11060-001 Santos SP
patricia.esquizo@gmail.com

Radmila Zygouris

Rafael Mendes Romão
av. Ana Costa, 311, cj. 62
11060-001 Santos SP
rafaelromao@hotmail.com

Renata Cromberg
rua Atlantica, 776
01440-000 São Paulo SP
Tel.:(11) 9 9279-0487
renatauc@uol.com.br

Renato Mezan
rua Amália de Noronha, 198
05410-010, São Paulo SP
Tel.: (11) 3081-4851
rmezan@uol.com.br

Roosevelt Cassorla
Av. Francisco Glicerio, 2331, sl. 24
13023-101 Campinas SP
Tel.: (19) 9 9107-0071
rcassorla@uol.com.br

Rubens Casal Del Rey Neto
av. Cel. Joaquim Montenegro, 375, ap. 13
11035-003 Santos SP
rubens.del.rey@gmail.com

Ruth Blay Levisky
rua da Mata, 110, ap. 62
Tel.: (11) 9 9911-9854
blaylevisky@gmail.com

Sérgio Telles
rua Maestro Cardim, 560, cj. 194
01323-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3283-5767
setelles@uol.com.br
www.sergiotelles.com.br

Sidnei José Casetto
rua Alexandre Martins, 15, ap. 104
11025-201 Santos SP
sidnei.casetto@unifesp.br

Sílvia Nogueira de Carvalho
rua Tupi, 397, cj. 53
01233-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 3862-7557
silvia_noz@yahoo.com.br

Silvio Hotimsky
rua Ilhéus, 135
01251-030 São Paulo SP
Tel.: (11) 3862-7743
silviohotimsky@hotmail.com

Tahamy Louise Duarte Pereira
av. Ana Costa, 311, cj. 62
11060-001 Santos SP
tahamy.pereira@gmail.com

Tales Ab'Saber
rua Joaquim Antunes, 490, cj. 21
05415-001 São Paulo SP

Tânia Corghi Veríssimo
rua Manoel da Nóbrega, 76, cj. 903
04001-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9408-1518
tan.veríssimo@gmail.com

Tatiana Inglez-Mazzarella
rua João Moura, 1096
05412-002 São Paulo SP
Tel.: (11) 3891-0837

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 132 01/06/2023 08:34:40

Normas para envio de artigos e resenhas

A apresentação de trabalhos para publicação na Revista *Percurso* pressupõe o conhecimento prévio e a aceitação, por parte do articulista, das seguintes normas:

1. Os artigos deverão ser encaminhados ao Conselho Editorial através do e-mail deptodepsicanalise@sedes.org.br do Departamento de Psicanálise. Deverão também ser entregues três cópias impressas, pessoalmente ou por correio (não é necessário ser via Sedex), à Secretaria do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, aos cuidados de Claudia Dametta, Rua Ministro Godoy, 1484, CEP 05015-900, São Paulo SP, Brasil.

1.1 Os artigos enviados para publicação, sempre originais e inéditos, deverão ser antecedidos por duas páginas contendo, separadamente, os seguintes dados:

- **PÁGINA 1:**
  Título e nome do autor, sua qualificação (como deseja ser apresentado ao leitor), endereço (incluir CEP), telefones (incluir DDD) e e-mail. A página de rosto é destacada quando o artigo é remetido para avaliação, de modo a preservar, durante todo o processo, o sigilo quanto à identidade do autor.
- **PÁGINA 2:**
  Resumo do artigo enviado, com até cinco linhas, em português, e traduzido para o inglês, com redação ou revisão feita por um profissional da área. Enviar igualmente até seis palavras-chave, em português e inglês. Nesta segunda página também devem figurar o número exato de caracteres do texto, inclusive espaços, e a data de envio do artigo para a revista.

Em todas as páginas devem constar o número da página no canto superior direito, e, no cabeçalho, o título do trabalho.

1.2. Os artigos enviados devem ter até 35 mil caracteres (com espaços), incluídas as notas de rodapé e não incluídas as referências bibliográficas do final. Trabalhos que excedam esses limites poderão ser devolvidos aos autores para que possam adequá-los às normas de publicação, antes de qualquer avaliação.

2. As resenhas devem ser encaminhadas, via email, ao Conselho Editorial de Resenhas:

Camila Salles – camila_salles@uol.com.br;
Sergio Telles – setelles@uol.com.br;
Susan Markuszower – susanmark@uol.com.br;
Janaina Namba – janaina.namba@yahoo.com.br;
Lia Novaes Serra – lianovaesserra@gmail.com

2.1 As resenhas enviadas para publicação, sempre originais e inéditas, deverão observar as seguintes especificações:

- **PÁGINA 1:**
  Deverá conter o título da resenha, seguido da expressão "Resenha de", nome do autor, título da obra em itálico, cidade, editora, ano de publicação e número de páginas. Exemplo: Freud, o fio e o pavio – Resenha de Chaim Samuel Katz, *Freud e as psicoses: primeiros estudos*, Rio de Janeiro, Xenon, 1994, 274 p.

Incluir também o número de caracteres e até seis palavras-chave da resenha (não é necessário apresentar resumo ou abstract).

Em todas as páginas devem constar o número de página no canto superior direito, e, no cabeçalho, o título do trabalho.

Na última página deve constar o nome do autor, sua qualificação (como deseja ser apresentado ao leitor), endereço (incluir CEP), telefones (incluir DDD) e e-mail.

2.2 As resenhas devem ter até 20 mil caracteres (com espaços). Trabalhos que excedam esses limites poderão ser devolvidos aos autores para que possam adequá-los às normas de publicação, antes de qualquer avaliação.

3. Todos os artigos serão analisados em detalhe pelo plenário do Conselho Editorial de Artigos, que poderá, eventualmente, solicitar ao Conselho Científico Externo um ou mais pareceres.

Todas as resenhas serão analisadas pelo Conselho Editorial de Resenhas.

Uma vez aceito o trabalho, um membro destes Conselhos Editoriais transmitirá ao autor do artigo ou resenha eventuais recomendações para mudanças na forma ou no conteúdo, a fim de adequá-lo aos padrões da revista.

4. É indispensável seguir os padrões gráficos utilizados por Percurso:

- DESTAQUES: O que merecer destaque deve vir em itálico; não utilizar sublinhado nem negrito.
- INTERTÍTULOS: Colocar intertítulos para facilitar a leitura.
- PALAVRAS ESTRANGEIRAS E TÍTULOS DE LIVROS: Devem vir em itálico, sem aspas, quando mencionados no texto.
- TÍTULOS DE ARTIGOS: Devem vir entre aspas, em estilo normal, sem destaque.
- CITAÇÕES: Devem vir entre aspas, com chamada de nota de rodapé contendo a respectiva referência bibliográfica (ver tópico 5 para mais detalhe sobre as notas). As citações de até três linhas devem ser incluídas no corpo do texto; citações de quatro linhas ou mais devem ser destacadas do texto, em parágrafo escrito em fonte menor.

5. As notas deverão vir no rodapé da página em que figura a respectiva chamada, e ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos. Podem ser explicativas ou bibliográficas; neste caso, seguir o formato europeu, como indicado abaixo:

- NOME DO AUTOR:
  Em ordem direta, com maiúsculas somente nas iniciais do nome e do sobrenome. Exemplos: S. Freud; M. Klein; D. W. Winnicott.
- CAPÍTULOS DE LIVROS:
  Título entre aspas, seguido do nome do livro em que aparecem e página citada precedida apenas da letra "p." Exemplo: N. Bleichmar e C. Bleichmar, "Os pós-kleinianos: discussão e comentário",

in *A Psicanálise depois de Freud*, p. 286. Para livros sem menção a capítulo, apenas o título do livro em itálico e página.

- ARTIGOS DE REVISTAS OU PERIÓDICOS:
  Título entre aspas, seguido do nome da revista em itálico, indicando número ou volume, e página citada. Exemplo: R. Zygouris, "O olhar selvagem", *Percurso* n. 11, p. 12. (Não se usa *in* antes do nome de um periódico).
- TEXTOS CITADOS MAIS DE UMA VEZ:
  A partir da segunda vez inclusive, colocar apenas nome do autor, a expressão op. cit. em itálico, e a página citada. Exemplos: R. Zygouris, *op. cit.*, p. 73; Bleichmar e Bleichmar, *op. cit.*, p. 289. Se entre a primeira e a segunda citação for citada OUTRA obra do mesmo autor, escolher uma forma simples de distinguir entre ambas. Exemplo: primeira citação, Marcia Neder, *A arte de formar*, p. 45; segunda citação, Marcia Neder, *Psicanálise e educação: laços refeitos*, p. 70; terceira citação, Bacha, *Laços…*, p. 90; quarta citação, Bacha, *A arte…*, p. 134; e assim sucessivamente.
- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:
  Ao final do trabalho, deverão constar as referências bibliográficas em ordem de sobrenome dos autores, seguidas pelos dados da obra. Exemplos: **Levisky D.** (2007). *Um monge no divã*. São Paulo: Casa do Psicólogo; **Mezan R.** (2002). *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.

6. Procedimentos finais:

6.1. Para artigos:

Uma vez atendidas as recomendações do Conselho Editorial de Artigos, o artigo finalizado deve ser enviado, via e-mail, para o seguinte endereço virtual: artigos.percurso@gmail.com. O próprio Conselho Editorial se encarregará de encaminhar o arquivo definitivo do artigo para a Coordenação Editorial.

6.2. Para resenhas:

Uma vez atendidas as recomendações do Conselho Editorial de Resenhas, o texto finalizado deverá ser enviado, via email, para:

Camila Salles – camila_salles@uol.com.br;
Sergio Telles – setelles@uol.com.br;
Susan Markuszower – susanmark@uol.com.br;
Janaina Namba – janaina.namba@yahoo.com.br;
Lia Novaes Serra – lianovaesserra@gmail.com

que se encarregarão de encaminhar o arquivo definitivo da resenha para a Coordenação Editorial.

7. Uma vez publicado, cada autor receberá um exemplar do número em que o trabalho figura. Também receberá por e-mail o arquivo do seu texto no formato em que é apresentado na revista, e o arquivo da capa do número. Isto lhe permitirá imprimir separatas e a capa do respectivo número. Os trabalhos recusados não são devolvidos.

8. O *copyright* dos textos publicados em *Percurso* pertence aos seus autores. Caso venham a ser publicados em coletâneas ou outros periódicos, inclusive eletrônicos, solicita-se mencionar que a primeira publicação se deu na Revista *Percurso*, número tal, ano tal, páginas x-y. Os autores declaram aceitar a divulgação de seus trabalhos no *site* da revista: <http://revistapercurso.uol.com.br>.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 134 01/06/2023 08:34:41

Bloco de notas

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 137 01/06/2023 08:34:41

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 139 01/06/2023 08:34:41

Dr.Contábil®

A Dr. Contábil consiste na prestação de serviços contábeis, tributários, trabalhistas e societários e é composta de profissionais qualificados em constante atualização com o objetivo de atender com segurança nossos clientes.

Nosso objetivo é fornecer serviços de qualidade, com postura ética, diferenciada, competência e eficácia.

Acesse nosso site:

www.contabil.net

Avenida Caxingui 94 Butantã
CEP 05579 000 São Paulo Capital
Telefone (11) 3724 9440
menossi@contabil.net

Um produto desenvolvido por:

MENOSSI
CONSULTORIA CONTÁBIL

Para assinar *Percurso*

- **Assinatura anual:** R$ 220,00* (dois números).

Por telefone: ligue para (011) 3081-4851, das 9:00 às 16:30, de segunda a sexta-feira. Você receberá uma ficha de compensação, que poderá ser paga em qualquer agência bancária.

Por cartão: ligue para (011) 3081-4851, nos mesmos horários. Tenha em mãos o número de seu cartão. Aceitamos Mastercard, Visa e American Express.

Por cheque: envie seus dados pessoais e cheque nominal para

Sociedade Civil Percurso
a/c Setor de Assinaturas
R. Amália de Noronha, 198
05410-010 São Paulo SP

Autorização para assinar *Percurso* por cartão de crédito

NOME: _____ DATA: ____/____/____

ENDEREÇO: _____

CEP: _____ CIDADE: _____ ESTADO: _____

TELEFONE RES.: ( ) _____ COM.: ( ) _____

CIC: _____ RG: _____

E-MAIL: _____

Mastercard: nº ☐☐☐☐ ☐☐☐☐ ☐☐☐☐ ☐☐☐☐ ☐☐☐ val.: /

Visa: nº ☐☐☐☐ ☐☐☐☐ ☐☐☐☐ ☐☐☐☐ ☐☐☐ val.: /

AmEx: nº ☐☐☐☐ ☐☐☐☐ ☐☐☐☐ ☐☐☐☐ ☐☐☐ val.: /

Quantidade de Parcelas: ☐ 1 ☐ 2 ☐ 5

Remeta este cupom por fax ou ligue, informando seus dados, para:

REVISTA PERCURSO — SETOR DE ASSINATURAS
R. Amália de Noronha, 198
05410-010 São Paulo SP
Tel/Fax: (11) 3081-4851

Você também pode nos enviar um e-mail (percurso@uol.com.br) autorizando-nos a debitar em seu cartão o valor da assinatura. Neste caso, seu cadastro será feito pelo telefone. Por favor, tenha em mãos os documentos necessários.

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 143 01/06/2023 08:34:41

Impresso em São Bernardo do Campo SP,
no parque gráfico da Paym Gráfica e Editora,
para o Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

P69 PR-3 (LIVRO) Percurso-dez22.indb 144 01/06/2023 08:34:41